No Presídio

MEMÓRIAS DUM "CONSPIRADOR,,

POR

Manuel Boaventura

1913

EDITOR: O AUTOR

Depositária: LIVRARIA CRUZ & C.ª

BRAGA

No Presídio

Memórias dum "conspirador„

Do autor:

Solar dos Vermelhos, romance, 1909 — 400 reis

VIDA ALHEIA:

I — **Crimes dum Usurário** (romance dum brasileiro) — 1911 — 300 reis.

No Presídio

MEMÓRIAS DUM "CONSPIRADOR,,

POR

Manuel Boaventura



1913

MUNICIPIO DE BARCELONA
BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº 73157
Barcelona

FAMALICÃO
Typ. Minerva de G. Pinto de Sousa & Irmão
20, RUA 5 DE OUTUBRO, 24
1913

I

O dia 16 de agosto em 1912 foi numa sexta-feira — dia de magro, dia fatidico.

Não esquecerei nunca esta data. Ela marca na minha vida íntima um sulco profundo, uma nova étapa.

Nas vesperas, 14 e 15, realizaram-se em Esposende e Marinhas as festas da Saúde — dois arraiais de retumbancia que chamam á foz do Cavado alguns milhares de forasteiros.

Marinhas dista de Esposende apenas tres quilómetros. E' uma aldeia bonita, rica, bastante extensa e populosa.

A Saúde é uma festa muito pitoresca como afinal o são todas as romarias do Minho. Nas Marinhas, o terreiro, ensombreado pelas australias e acariciado pelo canto monótono duma fonte de boa água, tem a vizinhança amiga de copadas bouças de pinheiros. Rodeiam-no campos de cultura, quintais cuidados, onde os lateiros de pâmpanos verde-louros formam caramancheis impenetraveis ao sol ardente do estio; casas brancas destacando na verdura dos milharais e moi-

moinhos de vento, de aza aberta sempre a correr. Depois o quadro é emoldurado dum lado pela montanha do Faro, com o poético penhasco de S. Lourenço a cavaleiro e a pequenina capéla — aguia branca ha seculos pousada no alcandorado montilhão, — servindo de remáte, de guia, de fanal.

E em frente, do outro lado, a dois quilómetros, o mar glauco, espumante, reluzente. A's vezes mostra a serenidade tranqúila dum lago. E não é raro tambem vê-lo erguer-se alteroso, em convulsões titanicas, urrando desesperado, num estertor, numa demencia de monstro — gerando cataclismos, naufragios, mortes, ou arremessando á praia sargaços côr de purpura e limos, os grandes limos amarelos, que os lavradores correm a colher, para estender nos campos.

E' esse adubo marinho que, espalhado no sólo, torna fecunda a terra estéril, e faz germinar e desabrochar os vegetais amigos pejádos de boa seiva — déssa seiva abençoada que se transforma em pão e que é a riqueza do lavrador.

*

Senhora da Saúde!

Nas Marinhas a grande romaria é esperada com anciedade; é o grande acontecimento anual.

Começam logo a tratar dela em setembro — onze mêses antes.

Quando chega o S. Miguel, quando nas eiras banhadas de sol ardente séca o grão, e nos eirados se enfileiram as mêdas esguias e os palheiros côr de oiro se destacam junto aos cobêrtos — começam os peditórios pela aldeia.

De porta em porta os mordomos, vão enchendo os sacos de linho alvo. Ele é o milho, o melhor milho da colheita; o trigo gordo, muito limpo; o centeio das se-

menteiras do outôno; o feijão de mistura; o linho de boa fêvera . . . Que mais? A's vêzes uma moéda de ouro duma promessa; o produto duma subscrição no Brasil; um vitelinho muito gordo, luzidio e brincalhão...

Soma total: algumas centenas de mil réis.

Por isso os das Marinhas permitem-se o luxo de chamar musicas caras, regimentais e paisanas, que lhes deliciem os ouvidos nos dois dias festivos. Caprichosamente o terreiro é ornamentado com galhardetes e mastros vestidos de papeis multicolores. Das australias e das cordas pendem balões venezianos e cópinhos de iluminação. Ao fundo está o bazar; e aos lados e nos extremos, dentro das bouças, junto aos portais dos lavradores — as pipas do vinho verde, as cozinhas ao ar livre, as mêsas de tábuas soltas . . .

Drapejam as bandeiras multicolores acionadas pela nortada; e os balões e os cópinhos, e os festões em dança interminavel rodopiam, rodopiam até se esfrangalharem.

A' sombra convidativa dos pinheiros ou no abrigo protector duma ramada da vizinhança grupos alegres, duas ou tres familias em boa camaradagem, merendam, realizam *pic-nics*. Ha rapagões fortes como traves; raparigas gentis de olhos gaiatos, provocadores; e velhos joviais, chalaceantes, que oferecem aos que passam da borracha do vinho rubro, fresco, saboroso.

E não é preciso ser-se conhecido para participar da pândiga. O Minhoto é franco, hospitaleiro. Se passa um velho, antigo conhecimento:

— «O' velhote? O' amigo? Uma pinga do nosso. E' de casa . . . lá do lugar, daquele sequeiro . . .

Mas o interrogado vai procurar tambem local para a sua merendóla. Serve-lhe bem a sombra ali ao lado. Recusa, pois, a borracha com um — «muito obrigado, obrigadinho».

Os do grupo insistem. Tem que aceitar. Então, limpando os labios grossos, estralejando com a lingua, encaréce: — Rica pinga!

Entretanto as raparigas requebram-se em meneios amorosos, fitando os moços que lhes ficam ao lado. Ha idilios simples, cheios de promessas, noivados em perspectiva. E tambem frases picantes, ditos gaiatos; trocam-se beijos á furtadela, olhares marôtos, provocadores . . .

Campeia a alacridade por toda a parte. Estralejam foguêtes. Dos corêtos, pedaços de óperas, valsas, sonátas espalham-se, enchendo o ambiente de harmonías suaves, que se unem ao *bruáá* da multidão que formigueia de fôjo a fôjo.

Ouvem-se os pregões dos vendedores ambulantes; das mulheres que vendem limonadas e tremôço; e a voz esganiçada do leiloeiro que se supõe espirituoso neste dia . . .

Aqui e ali ha grupos de danças e descantes ao desafio. Harmoniuns choramingas, violas e cavaquinhos, ferrinhos e pandeirêtas fazem a parte instrumental e concorrem para aumentar o bulicio.

Os «cantadores» desafiam-se em voz esganiçada. A's vezes insultam-se. E não é raro saír dessa avalanche de versos, quadras bem medidas, feitas com arte e sentimento.

O repentista Boucinha, freqüentador assiduo de quase todas as romarias do Minho, é verdadeiramente um inspirado. Ha versos dêle que podiam, sem desdouro, ser assinados por qualquer dos nossos bons poetas.

Quantas banalidades não correm impressas!

E quantas verdadeiras joias literárias não estão perdidas entre as massas populares a quem devem a paternidade, no anonimato, no esquecimento!

A's vezes, poetas semi-geniais, plagiam nos seus livros a ideia e a fórma dêsses versos singelos e vastas vezes filosóficos que um anónimo cantador, um dia, numa romaria, soltou ao vento.

*

EM ESPOSENDE os festejos teem outro aspecto. São mais urbanos, mais brilhantes. Não os caracterisa o bucolismo das Marinhas; mas em compensação tem iluminações deslumbrantes, vistoso fogo de artificio, serenatas e regatas no Cávado.

Coisas caras!

Este ano as decorações eram dum bom gosto notavel. Toda a avenida fronteira e a rua que lhe serve de prolongamento estavam engalanadas com desusado luxo. Havia arcarias bizantinas pintadas sobre forro de pinho; bandeiras nacionais e galhardetes drapejando em mastros esguios pintados a óca; e festões de flôres pendendo das hastes das flâmulas.

Depois tudo isto estava pejado de cópinhos, de balões multicolores, de tigelinhas formando um tunel luminoso que de noite produzia um efeito magnificente, cheio de feérismo e magia.

No passeio central formigava uma multidão, onde senhoras de *toilettes* vistosas, punham uma nota fina de distinção.

*

Ora, neste dia 14 de agosto, eu fui a Esposende vêr a regata. Achei-a interessante. O Club Fluvial Esposendense desafiava o seu congénere de Viana. Houve tambem uma corrida de profissionais entre marinheiros da armada e maritimos.

Muita gente assistiu a esse certame, em verdade

digno de ver-se. Findo êle, o povo, com a musica á frente, encaminhou-se para o terreiro.

Tardejava. O sol decaía no poente, em fogacho. Uma léve nortada tremia na folhagem das faias e das australias; nas bandeiras e nos balões venezianos.

Durante uma hora deliciei-me com a audição de boas peças de musica. Entretanto cavaqueava com amigos. Dizia-lhes as minhas impressões e ouvia as dêles.

Se não quando vi perpassar uma personagem, cuja presença, naquele momento, e naquele local, me pareceu tirar á festa 50 % do seu merecimento. Os meus nervos movimentaram-se numa excitabilidade irritante e percebi que a alguns dos meus amigos sucedêra outro tanto.

Pois que! Esse malvado, em cuja fronte sinistra se viam salpicos de sangue filial, atrevia-se a flanar numa praça publica, um ano depois de ter estrangulado uma indefeza criatura de 18 anos, que, para mais, era sua filha?

E o cínico filicida, ria-se, num alegrão demente, porque tinha conseguido os seus criminosos designios. Não era verdade que Giesteira, Anibal e João Néto e outros estavam entregues ao poder militar e convenientemente *preparados* para 20 anos de degredo em Angola?

Notei que êle me fixava com certa insistencia e se sorria imbecilmente. Presagiei mal daquela atitude sorridente. Tive a sensação de que um cão hidrófobo me assaltava as canelas. Aquilo queria dizer:

—«Amigo, ámanhã vais tu. Queres ser jornalista? Queres dizer coisas que me não convinha que se soubessem?... Pois bem: irás fazer companhia aos outros. Tu não tinhas nada com que eu tivésse lançado fogo á minha casa para receber algumas centenas de

mil réis da companhia seguradora. Cada qual arranja a sua vida conforme póde... E que tinhas tu com a morte da rapariga? Se fui eu que a gerei e creei, não tinha tambem direito de lhe tirar a vida, quando me aprouvesse? Tanto tinha que o tribunal absolveu-me... Ora, pois! Por seres indiscreto, vais até Braga. Mesmo porque, se eu tiver necessidade de arranjar *outra vez* a minha vidinha, ou reduzir um pouco a familia... escuso de o fazer ás escondidas, com receio da lingua multíloqua dos jornais. Dez anos de Penitenciaria, para ti, não é muito!»

Senti intimamente um terror indiscritivel. Estavam suspensas as garantias. Para me prender e acusar de conspirar bastavam dois malandrins da força daqueles que falsamente tinham acusado Giesteira e seus dez companheiros!

Debaixo desta impressão dolorosa fugi, fui procurar o conforto da minha casa, em Palmeira — longe das festas e da alegria expansiva das multidões.

II

A coisa começou assim.

Em 25 de julho uma força de infantaria 5, de envolta com uma densa nuvem de poeira, entrou em Esposende. Eram 40 praças comandadas por um alferes, um sr. Publio de Oliveira, rapaz novo, inexperiente, parcial, dêstes a quem é perigoso investir num cargo de responsabilidade.

Porquê? Ve-lo-emos.

Muita gente ficou intrigada com tal aparato guerreiro. Para quê tanta carabina, tanta mochila, tantos homens?

Esposende foi uma das poucas terras onde se não deu a mais insignificante alteração da ordem publica. Não apareceu cortado um fio telegrafico; não foi impedido o transito das estradas por arvores propositadamente derrubadas; não houve um grito de revolta.

Tanto assim que 15 dias depois da incursão o administrador do concelho, interrogado pelo de Barcélos ácerca do procedimento do Padre Giesteira, declarou nada haver contra êle, nem contra pessoa alguma.

Regosijava-se até com tal facto e dêle tirava a ilação de que os seus administrados respeitavam as instituições. — Se é que se não convencia mesmo, que Esposende estava republicanisado.

Por isso gente de boa fé supoz que a força se enganára nos caminhos. Talvez que demandasse a Povoa ou Viana?! Em Esposende, todos sabiam, não se carecia de tropa.

Todos sabiam... Mas Esposende é a terra dos homens previdentes... Era verdade que nada tinha sucedido. Mas havia lá coisa mais natural, do que dum momento para o outro, naquele fim de julho, se restaurar a monarquia nesta linda foz do Cávado?!...

Foi com este receio que o administrador do concelho solicitou 40 praças de infantaria, 2 sargentos e 1 alféres...

Não que o caso não era para menos.

*

No dia 8 de Julho o Padre Giesteira, conjuntamente com o seu amigo Rodrigues Alves, de Barcelos, depois dêste ter realizado uns negocios na repartição de finanças, em Esposende, tomaram o carro da carreira e foram de longada até Vila Frescainha, suburbios de Barcelos.

Por lá se demorou dois dias. E como no dia 11 havia feira, resolveu-se a esperar. Qual não foi o seu espanto quando, nesse dia, lhe anunciaram que o delegado de marinha, com tres ou quatro soldados da armada, lhe assaltára a casa na vespera, ás 11 horas da noite!

Conhecedor da vizinhança que tinha, previu logo como as coisas se teriam passado.

O taberneiro Duarte — taberneiro e camarista! —

era seu figadal inimigo. Esta inimizade nasceu do facto do reitor Giesteira ter alugado á familia do professor Néto uma casa, para nela estabelecer uma mercearia.

Duarte declarou-se logo republicano. E começou a maldizer daquele que até ali fôra seu desvelado protector.

Tempos depois a filha do taberneiro encetou, secretamente, namoro com o filho do professor Anibal — o João Néto. Isto mais uma vez confirma que as inimisades dos pais nem sempre se transmitem aos filhos. Tivesse o Duarte juizo que talvez êle e os seus, fossem bem mais felizes.

Um dia a infortunada Tereza deixou de existir. Apareceu, num fim de tarde de estio, enforcada numa trave do sótão da sua casa. Mas a aparencia de suicidio era tão fraca, que o Delegado do Procurador da Republica mandou prender o pai da vítima como presumido assassino da inditosa rapariga.

Relata um dos peritos medicos, que na ocasião em que se procedia á autopsia, lhe exprobára o facto de êle, por seu livre alvedrío, ter cortado a corda que a suspendia, fazendo assim desaparecer certos vestigios muito convenientes para elucidamento da justiça e do trabalho medico-legal.

O cínico com gesto de carrasco, respondeu:

--«Ora essa! Eu queria lá ver *esse salpicão* ali dependurado!...»

O salpicão era a filha!...

Ela apresentava um ferimento na cabeça — ferimento que o advogado de defeza, dr. Mota, disse ter sido causado, na ocasião em que a pobre rapariga «deu o salto para meter a cabeça no laço!»

A defêza era tão ingrata!...

Dum diario portuense, que relatou o caso, transcrevemos o que segue:

«FILICIDIO

Pai que mata a filha por estrangulação

Prisão do criminoso — Notas

Esposende, 8 — Continúa a ser assunto das conversações diarias nêste concelho e arredóres, o inaudito e monstruoso crime perpetrado na freguesia das Marinhas, em 12 do mês passado.

Já relatamos parte das circunstancias horrorosas que acompanharam o enforcamento da infeliz Tereza Duarte, barbaramente levado a cabo por seu proprio pai.

Horroroso crime sem dúvida. Outro qualquer povo que não fosse a pacata gente das Marinhas teria naquela ocasião linchado pai tão feroz. Mas ainda bem que, devido, como já dissémos, á canceira e deligencia inexcediveis do digno Delegado do P. da Republica, o criminoso depois de pronunciado deu entrada na cadeia desta vila no dia 26 de julho pretérito. E como agora, já terminado o sigilo do corpo de delito, alguma coisa mais poderemos referir ácerca de tão nefando crime, vamos fazer em resumidas palavras o relato dos pormenores antecedentes e das circunstancias em que êle se deu.

O criminoso

Antonio Duarte, natural de Gouveia, veiu para este concelho como operario das obras do Estado, exercendo o mister de pedreiro. Depois duma curta demora no Brasil, estabeleceu-se nas Marinhas, ha annos, com loja de mercearia. Por causa do seu genio irascivel gozava poucas simpatias.

Ultimamente para combater o páraco da sua freguesia fizera-se republicano, ascendendo, apesar da sua nula cultura intelectual, e do seu insignificante préstimo, ao logar de vogal da comissão municipal administrativa dêste concelho.

Ha mêses, por causa dum namoro, o mais platónico possivel, que a vítima tinha com um filho dum seu inimigo pessoal, começou a maltrata-la impiedosamente, com pancadaria, alegando a razão de que era preciso que ela terminasse com essas relações. Daí veiu que, alimentando assim o negregado pai o seu ódio á familia pelo simples delito deste namoro banal, se chegou ao momento em que os baixos sentimentos, que nêle dominavam, tiveram a sua explosão fatal na tarde trágica de 12 de junho, em que se resolveu pôr cobro á vida da inerme e infeliz criatura.

Socorrendo-nos agora dos elementos fornecidos pelo relatorio médico e pelo auto do corpo de delito indirecto, passamos a reconstituir o crime tal qual foi acusado pelo ministério publico, e motivou o douto despacho de pronuncia que levou o criminoso á cadeia.

Como se praticou o crime

Cerca das 5 horas da tarde do mencionado dia, mulheres que iam para a feira de Barcelos, a realizar no dia seguinte, ao passar em frente á casa de Antonio Duarte, que fica á margem da estrada, e outras que entraram no proprio estabelecimento, ouviram os gritos aflitivos da filha para o criminoso, dizendo:

— «Ai meu pai, não me mate!»

Coincidem estes depoimentos com os de uma testemunha que momentos antes ouvira o pai chamar pela filha para o interior da casa, ao que se seguiu rápida altercação, instantes depois sufocada.

Foi nesta ocasião que o pai, segundo varias testemunhas ouviram dizer a um seu filho, numa hediondez inaudita, arrastando a filha com uma corda para um sótão, a estrangulou bárbara e rapidamente, suspendendo-a com essa mesma corda duma trave á altura de 1,^{m}82. A seguir, numa fleugma de criminoso nato, volta para a loja e com a maior desfaçatez continúa a servir os seus raros freguêses.

Só depois ao entardecer é que foi avisar o regedor, para que com duas testemunhas, e debaixo do maior segredo, viesse verificar o *suicidio* e dar ordem para que o cadaver fôsse removido. O regedor, ao presencear o horroroso espectaculo da rapariga enforcada, havia quasi 3 horas, e medindo a responsabilidade que tinha na ordem que désse para a remoção, opôs-se a que tal se fizesse, sem autorisação do administrador do concelho.

A isto, o pai, com o intuito bem manifesto de fazer desaparecer as vestigios do crime, rapidamente cortou a corda pois que para nada queria ali «aquêle salpicão dependurado» — segundo a sua propria expressão.

Como se soube do crime — A autópsia

Nesta ocasião é que começou a ser toado o facto na freguesia, levando-o todos unanimente á conta de homicídio. E a tal ponto se avolumou este boato, pouco a pouco transformado em certeza, que apesar duma delonga que só prejudicou a rapida instrução do crime, o administrador do concelho no dia seguinte ás 3 horas da tarde participou ao M. P. o ocorrido «embora estivesse convencido de que não se tratava dum crime».

Procedeu-se á autópsia. E esta vem confirmar e reforçar a prova testemunhal, já pelo relatorio médico,

já pelas respostas aos quesitos. A rapariga, que se encontrava virgem, apesar das dúvidas opostas pelo pai num requinte de incompreensivel maldade, além do sulco causado no pescoço pela estrangulação, apresentava uma equimóse profunda feita no occipital com instrumento contundente. E ao quesito formulado sobre se este ferimento teria alguma ligação e seria concomitante com a estrangulação, os médicos aventaram a hiptóese de que, por ter precedido esta em curto praso, poderiam os factos terem decorrido da seguinte fórma:

O pai com esse ferimento atordoou a filha, servindo-lhe assim este meio para depois sem resistencia alguma estrangular e suspender a inérte criatura. (Hipótese aventada tambem por Lopes Vieira a pag. 251 do seu livro *Medicina Judiciária e Pericial*).

E frisa-se desde já que os médicos que fizeram a autópsia, tendo procedido com a maior imparcialidade, se não puderam constatar imediatamente o homicídio, foi porque, com o retardamento com que a ela se procedeu, desapareceram alguns elementos importantes. No entanto, como acima dissemos, a prova testemunhal, que por demasiado longa não podemos transcrever toda, veiu confirmar que se trata dum dos mais hediondos crimes cometidos em Portugal.

A prisão

O criminoso, logo que foi pronunciado, veiu sob prisão, ao tribunal desta comarca afim de prestar declarações.

Aí, com um cinismo indiscritivel, ao referir-se ao trágico acontecimento, negou por completo o facto, não sabendo nós qual mais para horrorisar: se a hediondez daquela alma, se o depoimento que lá fez, cheio de

ódio contra os seus inimigos pessoais. Acrescentou que todo este processo crime era tambem uma perseguição movida contra êle pelos seus inimigos politicos!! Isto dispensa comentarios».

Esta correspondencia foi-me atribuida a mim pelos protectores de Duarte. Ora já o leitor fica sabendo por que me alcunharam... de conspirador!

Pois se quem me acusava era o proprio Duarte e quejandos!

III

As primeiras prisões efectuadas foram as de Aníbal Neto e Eugénio Rego.

O escrivão de finanças, Eugénio Ferreira, desempenhando o papel de Judas — que bem lhe está! — chamou-os á sua repartição a propósito de prestarem umas declarações. À saída, o alféres lançou-lhes a mão e enfiou-os na casa da guarda.

Neste mesmo dia — 26 de julho — ás 11 horas da noite, mandaram prender em Gueral, em casa do abastado proprietario sr. Domingos Carvalho, o padre Giesteira, que lá tinha ido assistir ao casamento daquele seu amigo. Chegou a Esposende de madrugada, acompanhado por empregados da fiscalização dos impostos — êle e o Rodrigues Alves. No domingo de madrugada, 28 de julho, chovia, quando lhes intimaram ordem de marcha para Braga. E o caso é que os quatro para se livrarem de ir a pé até Barcelos tiveram de alugar carros para êles e para as praças que os acompanhavam!

Diz-se que, durante a viagem, Giesteira foi empurrado e insultado grosseiramente pelos soldados. Alguem o viu com lagrimas nos olhos, quando os galuchos, motejando, lhe diziam:

— «Anda, meu padréca, que a 10 annos de degredo já não fójes!

*

Entretanto efectuaram-se mais prisões. O filho do professor Néto, o João, sabendo que o procuravam veiu de Ponte do Lima expressamente apresentar-se ás autoridades.

João Domingues, um pobre diabo, que passava a vida na praia colhendo sargaço, ou nas feiras vendendo hortaliças, foi tambem preso.

Depois, numa busca que passaram em casa do reitor das Marinhas, encontraram um postal do padre Rodrigo Guerreiro, de Caminha, que acusava a recepção duma quantia de dinheiro.

Tate! — disseram os homens. Isto foi dinheiro enviado para as tropas realistas... Prenda-se o padre. E o padre Guerreiro foi preso em Caminha e conduzido a Esposende, escarnecido e ultrajado por meia dúzia de malandrins que se diziam republicanos...

E em 4 de agosto, na romaria da Barca do Lago, um cidadão chamado Celestino, fiscal dos impostos, cujo procedimento fez com que todos os contribuintes o ficassem odiando, chegou-se sorrateiramente ao pé do José Sá Pereira, irmão do paroco de Caminha, e pediu-lhe, jesuiticamente, «se podia chegar num instante a Esposende, afim de prestar umas declarações.»

Sá Pereira acedeu. O pedido era feito tão meigamente! De mais êle prometia virem ambos assistir ao final da festa...

E foi assim que o prenderam.

*

Nas Marinhas assaltaram tambem a casa do padre Carquejo. Não o encontraram. Prenderam um creado, que dias depois soltaram. O padre fugiu para o monte. Ignora-se o seu paradeiro.

Em Gemêses, o padre Gaiolas sofreu igual assalto da policia judiciaria do Porto em 20 de julho. Não o encontraram. Depois os marinheiros e infanteria 5 deram em casa dele varias buscas. Tambem se ignora o seu paradeiro.

Ambos fugiram. Ambos fizeram bem.

*

No dia 8 d'agosto, de manhã, recebi um cartão do oficial da administração, José Bento — o popular *Zé-Duro*, que teima em ver-se retratado fielmente no *João Redondo*, dos *Crimes dum Usurario* (1) — que trazia estes dizeres:

«Queira estar hoje aqui á uma hora da tarde que foi a ordem que me deu ontem o alféres, ás 11 horas da noite».

Eu disse cá com os meus botões: — que me quer o homem? E de mim para mim pensei: — naturalmente deseja ouvir-me ácerca do padre Gisteira. Irei lá.

Fui. A's quatro da tarde o homem não tinha aparecido. Disse-me então o *Zé Duro* «que inda estava a dormir».

— A dormir? Então que faz êle de noite?

— De noite trabalha. Faz interrogatórios. Deitou-se ao romper do dia.

---

(1) «Vida Alheia — Crimes dum Usurario», por Manuel Boaventura. Edição da Livraria Central. Lisboa. 1910.

— Mau! Serviço feito de noite . . . Prisões arbitrarias . . . Este diabo quererá prender-me?

Mas tinha sua graça! Quem me havia de acusar de conspirador? Não era verdade que eu passava por ser um avançado? Não havia tantas provas da minha crença politica, que era talvez mais que republicana?

Oh! se havia!

A's cinco horas o homem chegou. Apresentei-me, sorridente, mas respeitoso perante o principio da autoridade.

— E' o Boaventura? — perguntou com ar entediado.

— Sim.

— Espere lá em baixo um bocado.

Dali a momentos vi chegar entre dois soldados armados, de baioneta calada, o João Néto. Embrulhava um cigarro e caminhava serenamente, como um justo que tinha a consciencia tranqúila.

Um quarto de hora depois tornou a saír, caminho da casa da guarda.

Entretanto eu esperava, lendo os jornais. Vi então que os soldados que tinham levado o Néto traziam agora a par dêles o pobre João Domingues, triste, acabrunhado, mudo. Passou por mim e mal me viu.

Que jogo era êste? O meu espanto subiu quando vi que o João Néto era de novo conduzido á presença do alferes inquisidor.

— Temos acareação — pensei.

De facto começou logo uma violenta altercação. O administrador do concelho entrou, demorou meia hora e saíu. Tempos depois tornou a aparecer. Eu passeava no largo fronteiro. O sol declinava já. Escurecia. Dentro continuava a ouvir a voz do alferes que chamava aos presos malandros, patifes e coisas varias.

Pasmei, indignado. Então êste figurão trata assim

dois cidadãos portuguêses, honestos e dignos? Fiquei logo a fazer mau conceito do homenzinho.

Tambem daquêle tipo de rufía que outra coisa esperar?

Até que, farto de passear e de aguardar a hora de ser chamado, pedi ao administrador para conseguir do oficial que eu viésse no dia seguinte prestar as minhas declarações.

E o meu pedido obteve o desejado deferimento.

IV

No dia lá estava eu. Fui pontual e o alféres tambem.

Os interrogatórios eram feitos no gabinete do administrador. Era uma pequena sala, forrada a papel, com quatro cadeiras e uma secretária. A um canto a espada.

Um sargento muito penteado, e na aparencia muito estúpido, servia de secretário. Note bem: o alféres é quem lhe chamava estúpido e burro — de quarto em quarto de hora! Entretanto êles pareciam irmãos.

Introduzido na saléta o instrutor do processo com um gesto estudado de gran-senhor, mandou-me sentar.

— Conhece o padre Giesteira?

— Muito bem. Sou até muito amigo dêle.

— E o Anibal?

— Igualmente.

— João Néto, Eugénio Domingues . . .

— Conheço-os de vista. O Eugénio Rego é meu primo. Esse ha muito tempo que o conheço.

— Que sabe ácerca desta gente?

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE BARCELOS

— Pouco. Talvez nada. Dizem que os acusam de conspirar contra as instituições. Suponho que isso não tem fundamento absolutamente nenhum. Que conspirador póde ser o Domingues? — um pobre diabo que talvez mal saiba distinguir republica de monarquia. E o Eugenio? — outro que tal. Com o João Néto falei duas ou tres vezes. Duma délas disse-me que fôra chamado ás fileiras do exercito. Tinha tenções de ir para a fronteira onde de bom grado se bateria pela patria. Suponho que tem ideias republicanas. O pai, o Anibal, esse ha muitos anos que é sincero democrata — um bom republicano.

Notei que o homem me fitava com um olhar duro, que talvez quizesse dizer:

— «Este homem é tolo! Pois êle atreve-se a dizer que os meus prisioneiros não são conspiradores! Que são até republicanos alguns! Forte descaramento! Deixa estar que eu já te arranjo! . . .»

Ora em verdade senti um extremecimento quando êle me perguntou á laia de inquisidor:

— Onde esteve o senhor na noite de 7 para 8 de julho?

Tranqúilamente respondi:

— Em minha casa. Pois onde havia de estar? . . .

— Então o senhor não foi ás Marinhas?

— Não. A tarde do dia 7 passei-a em Antas, numa festa. A's 9 da noite estava numa mercearia em Curvos, com varios amigos. A's 11 deitei-me.

— Póde provar isso?

— Com certeza.

— E' extraordinario! Ha quem o tivesse visto em casa do Anibal e do reitor nessa noite.

— Gostava de conhecer o individuo ou individuos que tal dizem. Estou certo que o não afirmarão deante de mim.

— Verêmos.

— Sim: verêmos.

Durante mais duas horas expús tudo o que sabia ácerca dos prisioneiros. O alféres mandou escrever as minhas declarações ao sargento secretário.

O homem começou a escrever. Escreveu, escreveu... té que o alféres irado pelo quer que fosse lhe tirou violentamente o papel, apodando-o de estúpido e creio mesmo que lhe disse:

— Então! então!... Arre! já é ser burro! O sr. não sabe escrever?... Sempre é muito estupido!...

O pobre sargento, coitado, não tugiu nem mugiu. Avermelhou como um pimento. O alféres começou então a redigir a lápis o meu depoimento, resumido em meia folha de papel de carta. Depois disse-me com um gesto amigavel, assim á moda de protector:

— «Eu não escrevo hoje as suas declarações. Dou-lhe tempo de pensar. Vá para casa, escreva o que tem a dizer sobre o assunto. Mas repare bem: Você não tente defender o Giesteira! Quanto mais o defender, peór é para si. Informe-me de tudo o que sabe, como se organisou o *complot*, o que foi êle, Giesteira, fazer á Espanha, etc. e ficará em sua casa tranqúilamente. De contrario, vêr-me-ei obrigado a detê-lo tambem.

— Mas eu nada sei, meu caro senhor! Eu nunca ouvi falar de semelhantes coisas. Não tenho conhecimento que na casa dêle se fizessem reuniões politicas, nem o ouvi criticar desfavoravelmente do regime. Unicamente dizia certas verdades ácerca dos politicos indígenas que se diziam republicanos, mas que êle não supunha como tais. Era até um ferrenho admirador dum republicano ilustre — o dr. Antonio José de Almeida!

— Sim!? O sr. faz uma calorosa defeza do padre.

Isso, para, êle de nada sérve, e para si cada vez é peór.

— Mas então chamam-me para dizer a verdade ou para acusar individuos que suponho inocentes? O sr. decerto confunde-me. Eu não pertenço, felizmente, ao numero dêsses sujeitos que dizem aquilo *que é preciso dizer*... Peço a V. exc.ª que me não confunda com tal gente. Direi a verdade, conte que direi a verdade.

— Bem. Como quizer. Eu podia prendê-lo... Mas... Emfim... Vá-se embóra, escreva lá o que quizer e venha cá domingo.

— Sim. Virei.

Ia retirar-me. Ele susteve-me com um gesto:

— Não fuja!—Pousou o dêdo sobre o nariz:—Você não fuja!... Isso depunha contra si. Mostrava a sua cumplicidade...

Não pude deixar de sorrir:

— Fugir!? Ora éssa! Porque? Os que estavam comprometidos rasparam-se a tempo. Só cá ficaram os que nada tinham a recear. V. ex.ª pensa que o Giesteira, se tivésse alguma cumplicidade nos ultimos acontecimentos, se deixava por cá ficar?

Fitou-me com um olhar duro.

— Mau — disse comigo — lá estraguei tudo. O homem espéta-me já na casa da guarda...

Pois enganei-me. Mandou-me urbanamente pôr ao fresco, recomendando-me que preparasse a minha defeza — «porque eu estava tambem bastante comprometido».

V

Quando, no domingo, acompanhado de dois ou tres amigos, me dirigia para Esposende ia pensando comigo:

— Porque é que eu hei de estar comprometido? O homem quer aterrorisar-me... Tenho provas de sobêjo para testemunhar a minha estáda em casa, néss a noite! Para que hei de preocupar-me?

E de fato arrumei tais pensamentos. Entretanto veiu a talhe de fouce falar-se desse «*complot*» organisado nas Marinhas e do qual eu — sem o saber — era um membro!

Ora eu, como homem, sei raciocinar o meu bocado. Por isso comecei a dizer que assim como se afirmava que eu estive presente, e isso era uma falsidade palpavel, assim deveria ser falso que tal *complot* se tivesse organizado. E muito menos que se tivesse feito uma reunião para auxiliar a incursão realista dois ou tres dias depois de facto consumado!...

Porque a realidade era esta: os parvos delatores inventaram a reunião e o *complot* depois de se ter

dado a incursão, de se terem cortado fios telegraficos e linhas férreas por quase todo o paiz!

E gastaram perto dum mês para fantasiarem tudo isso . . .

*

Em Esposende encontrei-me, na rua, com o alféres.

— Cá estou — disse.

— Bem. O sr. fez o que lhe disse?

— Por certo. Está aqui o meu depoimento.

— Mas eu hoje . . .

Olhou distraído pela rua além. Bocejou. Passava um soldado, sardento, com umas enormes sapatólas na mão.

— Donde vens, rapaz?

— Saberá o meu alféres que venho do sr. sapateiro.

— Tu estás cá em cima ou lá em baixo?

— Cá em cima.

— Rompe!

Esteve meio minuto calado, gingando e vendo o caminho que o soldado levava.

Depois disse-me:

— Hoje, sabe? não posso estar com isso. Vá para sua casa. Pense muito . . . Quando eu o mandar chamar, apareça. Trate-me da sua defeza! . . . Acautele-se . . .

Era meio-dia. Fazia um sol agradavel. Fui procurar os amigos que me acompanhavam. Encontrei-os na *Cóva da Onça*.

A *Cóva da Onça* é um tasco, muito próximo da repartição de finanças e da administração do concelho. Convinha-me muito entrar lá. O seu proprietário é o regedor da terra. E não é mau rapaz.

Por lá costumam tambem passar o tempo: o célebre Celestino, o odiento malsim que conjuntamente

com o malvisto secretário de finanças tanto mal teem feito com as suas multas e outros condenaveis processos aos desprotegidos contribuintes de Esposende. Por lá demorava tambem, em quanto golejava o seu quartilho, o delegado de marinha. Enfim freqùentavam a casa alguns dos personagens que nesta historia desempenham papeis mais ou menos infames.

Tinha sêde. Pedi um refrêsco. Subi para cima, e na sala de jantar deparei com um sujeito a quem dei o nome de amigo, e que, na ocasião, era a pessoa que me convinha entrevistar.

— Olá! — saudou êle. — Ergueu na mão o copo de louça de meia canada e ofereceu-me vinho.

Declarei que ia beber um refrêsco. Teimou. Tive de aceitar.

Abanquei ao lado dêle. Conversamos. Da cozinha vinha um cheiro ácre a peixe frito. E do saguão erguia-se um fétido asfixiante. Ia propôr-lhe que mudassemos de local.

Entrou um freguês. A criada correu a servi-lo. Nós retiramos para um quarto interior, onde pudemos conversar á vontade.

— Já sei que o quizeram enrascar.

— Parece que sim.

— Dizem que o meu amigo assistira á reunião em casa do Giesteira.

— Ha quem garanta que isso é verdade.

— E' falso! E' falsissimo!

E o meu interlocutor franziu o sobrecenho, deu um formidavel murro sobre a mesa:

— E' falsissimo!... Arre malandragem! Nessa noite eu estive em serviço de vigilancia nas Marinhas. Em casa do páraco havia luzes, falava-se muito, ouviam-se grandes gargalhadas... Rondei a casa toda a noite. Não o vi entrar para lá. Como o viram

outros de lá saír?... Demais eu sei que o meu amigo é um bom democrata. Conheço-o bem.

— Muito obrigado.

— Esses individuos Esses... tipos... Arre malandragem!

E assentou mais um murro sobre a carunchosa mêsa:

— Mentem como cãis! Eu não gosto de padres, você sabe! Mas...

A porta abria-se. Era a creada que ao chamamento dos murros, acorria solícita:

— Os senhores chamaram?

— Não.

A rapariga ia retirar-se. O meu interlocutor chamou-a com um gesto:

— Traze vinho, azeitonas... qualquer coisa mais. Olha? uma lata daquilo...

E continuou em voz baixa:

— Padres que os léve um raio! São todos uma corja! O Giesteira está preso? Que importa? Deixá-lo estar... Mas o Anibal? O filho? e outros, e muitos outros... estão inocentes. Não fico satisfeito em quanto os não vir em liberdade.

A creada entrou. Pousou sobre a mêsa uma canéca de vinho, o prato das azeitonas, uma lata de atum.

Logo que a rapariga saíu, eu disse:

— Mas, meu caro: é necessario um pouco de justiça. O sol quando nasce é para todos. Sejâmos homens! Um pouco de Fraternidade e Igualdade. O Anibal será conspirador?

— Não! Tenho a certeza disso.

— E o Giesteira?

— E'. — Quer dizer não sei. Dizem que é.

— Eu tenho motivos para crêr que êle não é conspirador.

— Mas é monarquico.

— Talvez.

— E é padre.

— Sem dúvida.

— Logo, portanto . . . conspirador.

— Fraco raciocinio.

— Tem dito mal da republica e dos republicanos.

— Creio que não. De quem êle tem dito mal é dos falsos republicanos, de certos malandrins que por'i há.

— Pois por isso mesmo é que êle padece. Tem lingua de mais . . . E' padre . . . é padre! . . . Esteve arriscado a um tiro, sabe? Por um tris que escapou . . . Hei de contar-lhe isso mais tarde.

Tinha já abérta a lata do atum. Pediu para dentro um prato. Entretanto, esvaziamos os copos. Esburguei duas azeitônas emquanto êle ia preparando a salada.

— Conte lá isso, homem!

— Oh! isso depois. E' segredo.

— Que diabo! *Inter amicos* . . .

— Mais tarde, meu caro! mais tarde.

Eu, simulando distracção, relanceei a vista pelas paredes. Havia umas oleografias com assuntos cinegéticos, postais ilustrados, estampas religiosas . . . A um canto um lavatório. Pela janela, pequena janela, tão baixa que ao abeirar-me dela topei com a testa na padieira, entrava o sol, retratando no solho carcomido o caixilho da vidraça.

Para continuar palestra voltei á carga:

— Então por ser padre é conspirador? Não me paréce. Ha tantos padres republicanos . . . Olhe o padre Gil, o padre Manuel Guimarães, o padre Camilo de Oliveira . . . E o abade de Gemêses tambem . . .

— Quê? Você atréve-se a comparar aqueles ilustres republicanos com o abade de Gemêses? Isso é uma ofensa para a republica, meu caro. São bons re-

publicanos aqueles; mas este *Cavaleiro da Triste Figura*, de Gemêses, não é mais que um arranjista, uma ventoínha, um homem sem caracter definido. Olhe: êle era regenedor. Depois deu-se a scisão dêste partido: ficou com os henriquistas algum tempo; vilhenista alguns mêses; venscelanista alguns dias; e teixeirista ficaria alguns anos, se o teixeirismo durasse muito tempo. Logo que a república chegou, o *Cavaleiro da Triste Figura* montou no seu corcel e principiou a quebrar lanças pela dama do barrete frígio, pela Dulcineia da ocasião.

— Sim: mas pediu logo a ração para o rocinante.

— Já se vê! Pois o que êle queria era sustentar a besta á custa do estado!

— Mas é um defensor da república . . .

— E' um trampolineiro politico. Vale muito menos que o Giesteira . . . Você sabe que eu não gosto do Giesteira . . . Mas aquele é dos tais que em vez de enobrecer a república com a sua colaboração, a imporcálha. Não me torne a dizer que esse homem é republicano! Você bem sabe que, se a monarquia se tivesse restaurado em 7 de julho, êle era já hoje um defensor acérrimo do trono. A menos que os outros lhe não enchessem o fundo das costas com pontapés. Que talvez fosse o mais çerto!

— Pobre *Triste Figura*. Que mau conceito você faz do homem! . . .

Eu ia enchendo os cópos. Era já meia tarde. O prato das azeitonas estava vazio. A canéca já tinha sido esvaziada pela terceira vez. Notei que o meu companheiro estava animado. Os olhos muito vivos começavam a toldar-se. Tinha a face rubra, incendiada pelo calor latente do alcool.

Eu bebia pouco. Mas ajudei valentemente:

— Bébe-se mais?

— Bébe-se mais, pois então! — Rapariga? Margarida? O' sr.ª Mariquinhas?

E quando a patrôa da casa correu apressada:

— Vinho! Estamos mortos de sêde.

Depois chegou a cadeira para junto da minha e começou a dizer, a dizer umas coisas, umas trapalhadas...

— Que diz você? Isso é lá possivel?

Era de facto possivel. Entrou no dominio das confidencias e contou-me o que vai lêr-se.

VI

Você sabe quanto os empregados das finanças odeiam o padre Giesteira. Decerto tem conhecimento duma correspondencia, mandada daqui para um jornal da Póvoa, e onde, valha a verdade, se diziam umas coisas muito justas a respeito dessa gentinha?

— Pois se o secretário de finanças me atribuiu a paternidade dêsse artigo... A mim e ao reitor.

— Exáto. De si não sabia eu. Êles queixavam-se contra o Giesteira. Alguem os aconselhou a querelar do jornal. Mas como tudo aquilo era verdade, não puderam faze-lo. Cada vez haveria maior escandalo! O secretário de finanças — o mais alvejado — e o Celestino, a quem o jornal chama o Sósia do Eugénio Ferreira...

— Sim: realmente parecem-se tanto no fisico como no moral. Olhe como êles se entendem bem quando se trata de explorar o contribuinte? Dois que parecem um só!

— Deixe lá o raio da parlenda! Agora falo eu... — berrou êle impaciente.

Emborcou outro cópo de verdasco, limpou os labios á toalha e, pondo-me uma mão sobre o ombro disse, amigavel:

— Hein! Não tome a mal.

— A'gora! Continue, continue.

— Pois os dois das finanças e outros que por'i há constituiram-se em *comité* e resolveram dar cabo da péle ao padre das Marinhas.

— Matal-o?

— A' pistóla, olá! Dois balázios.

— Assassinos!

— Um prontificou-se a fazer a execução. Mas queria que lhe salvassem o costado do poder judicial. E a coisa esteve bem combinada. Os potentados cá da terra já habituados a esse genero de *sport*...

— Que *sport?* — fiz eu simulando ignorancia.

— Esse de livrar assassinos do poder da justiça. Você sabe!... — prometiam-lhe segurança.

— E onde foi isso combinado?

— Em casa de X, numa noite. O plano era o seguinte: Espreitava-se-lhe a casa. Agarrava-se o homem, dois tiros nos miolos, e pronto. Mas depois deu-se a incursão e êles então planearam outra coisa: — amarrá-lo a um poste telegráfico, préviamente cortado á serra, e deixa-lo lá ficar com duas ameixas na cabeça.

— Medônho! — fiz eu horrorisado.

— Depois o homem aparecia morto e toda a gente diria que foi encontrado em flagrante. Passava por estar a cortar o poste e ser alvejado, néssa ocasião, pelas balas do *Grupo de Defeza da República.*

— E você chama defensores da República a essa gente?

— Não, senhor. Chamo-lhes assassinos.

*

Como era domingo, nesse dia, a *Cova da Onça* regorgitava de freguêses. De baixo, da loja, e da cave, saía uma algazarra formidavel. Havia gente por toda a casa, bebendo. No quintal uns marinheiros da armada jogavam o fito. Uns cantarolavam, outros diziam palavrões. Ouviam-se fragmentos de palestras; alusões politicas a êste ou áquele caudilho; apreciavam-se os vinhos; chacoteava-se...

O sr. Joaquim, da *Cova da Onça*, como regedor que era, não levava a mal que lhe apreciassem os vinhos, mas gostava pouco que provocassem desordens.

— Bah! Façam barulho, mas em ordem!

Oh! o principio da autoridade!

Barulho... em ordem! Entretanto o bulício aumentava. Começou uma espécie de altercação. Eu e o meu companheiro, sorvido o ultimo gole, descemos para baixo. Êle vinha um pouco carregadóte, mas movia-se bem. O chapeu lançado para a núca, a face morena muito avermelhada, os olhos muito movediços, eram sinais externos da animação interior.

Ancioso por me raspar, despedi-me.

Procurei encontrar-me com os dois amigos que tinham vindo comigo. Soube que, fartos de me esperar, tinham resolvido ir-se embora. De mais a mais faziam tenções de ir pela festa das Néves, nas Marinhas.

Tomei a direção de Palmeira, onde cheguei sobretarde.

Pelo caminho fui reflectindo á cêrca das confidencias que ouvi na *Cova da Onça*.

Que homens! que caracteres! Para mim estava explicado tudo. Precisavam de se libertar dum homem que não os deixava fazer trampolinices. Era necessario abater o valimento dum homem que politica-

mente valia mais que todos os outros. Como se havia de solucionar o problema?

— Matá-lo a tiros de pistóla.

Reflectiram depois:

— Duas ou tres ou uma duzia de testemunhas, acusando o homem de conspirador, levam-no á Penitenciária ou a um degredo, na Guiné. E' mais facil e menos perigoso.

Num processo cheio de balôfa retórica escreveu-se então com tinta de fel e de vingança:

—«Giesteira, é um traidor á patria, um conspirador»!

VII

Foi então que chegou o 16 de agosto de 1912 — o tal dia fatídico, a magra sexta-feira do calendario católico.

Um cartão do *Zé Duro*, quase com os mesmos dizeres do primeiro, fez-me tomar o caminho da vila.

Acompanhou-me nesse dia o estudante Martins de Faria, uma das pessoas com quem eu estive no dia 7 de julho, ás nove horas e meia da noite — e portanto uma boa testemunha.

Mal entrei na administração do concelho vi, na cozinha que serve de sala de espéra, uns soldados armados.

Augurei mal de semilhante guarda de honra. O meu coração deu um baque, quando *Zé Duro*, com cara de comprometido, me disse, mastigando as palavras:

— O alféres já está á espera há tanto tempo!

— Sim! Pois cá estou.

Passei por entre os soldados, sentados em bancos, com as carabinas encostadas aos joelhos, e entrei no gabinete.

O homem, mal me fitando, ordenou:

— Sente-se.

Relanceei os olhos pela casa. O mesmo aspecto de ha dias. Sobre a mesa papel azul, escrito. Eram os processos. Tinham umas capas de papel almásso branco onde estava traçado a lapís de côr, os nomes dos *criminosos*, dos *grandes criminosos politicos!*

O homem principiou o interrogatório. Quís saber primeiro o nome, idade, naturalidade, etc. E logo a seguir estas palavras sinistras:

— O sr. tem de ficar cá hoje!

Fingiu que arrumava uns processos. Lançou no cinzeiro a ponta dum cigarro.

Eu fiquei abismado intimamente, mas serêno. Creio que na minha face não se movimentou, não se contraíu um musculo. Talvez a ela não aflorásse um gesto de terror, uma convergencia de sangue sob a epidérme. Respondi:

— Sou respeitador da lei. Tem-me ao seu dispôr.

Quís saber, se eu trazia escrito o meu depoimento. Mostrei-lho. Estava redigido em meia folha de papel azul de marca.

O militar franziu o sobrecenho, leu, foi lendo sempre. Quando concluiu perguntou:

— Então é isto?

— Sim, senhor.

— Não tem mais nada a dizer?

— Nem uma palavra.

— Veja lá!...

— Está visto.

Voltou-se para o sargento, o penteado sargento que tinha um aspecto não sei de quê:

— Está pronto?

— Sim, senhor.

E começou a ditar o meu depoimento. De duas em

duas linhas saía o estribilho «mais disse o declarante» «mais disse o declarante» . . .

O caso não era para rir; mas eu intimamente ia rindo e pensando: «Olha que instrutor de processos, que não sabe ridigir, com limpeza, uma declaração destas!»

De quarto em quarto de hora o militar voltava-se ameaçador para o seu secretário:

— Então, então! Não sabe, heim! Sempre é muito estúpido! . . .

Como da outra vez o pobre não tugia nem mugia! Aceitava o que vinha.

Quando findou a copiagem, o alféres perguntou-me:

— O sr. tem comsigo algum canivéte, ou papeis?

Mostrei um pequeno canivéte, que êle pousou sobre a mêsa; depois dei-lhe a carteira onde tinha algumas notas do Banco. Revistou tudo. Lá encontrou um cartão de identidade do importante diario lisbonense — *Republica*, acreditando-me como correspondente em Esposende.

Eu não tirava os olhos da minha querida carteira. Lembro-me que logo que me cacei a sós, no pequeno cacífo da casa da guarda, a primeira coisa que fiz foi vêr se lá estavam as minhas duas notas do Banco de Portugal! Não que a gente não sabe se as mãos por onde ela andou seriam limpas ou capazes de limpar alguma coisa . . .

Mas não havia dúvida. Lá estavam. Carteiristas paréce que não eram os homens. Gente séria! . . .

Depois de feitas as minhas declarações como testemunha, tive de fazer outras como acusado. Começou então outro depoimento, onde o «mais disse o argúído» aparecia em todas as linhas. Aí declarava eu que não tinha ido a casa do reitor das Marinhas, naqueles dias; que nunca lá tinha visto reunião alguma com caracter

politico; que esse fantastico *complôt* fôra inventado por uma *coterie* sem escrupulos, etc., etc.

— Néga então que lá tivesse ido?

— Sim, senhor: afirmo convictamente que nunca lá assisti a semilhantes reuniões.

— E se eu lhe apresentar alguem que o lá tivesse visto?

— Quem se atreverá a afirmar isso na minha frente? Venha lá êsse alguem!...

Levantou-se o nosso homem, abriu uma porta intermédia e chamou:

— O' sr. Duarte? venha cá.

Um calefrio de horror gelou-me o sangue. Pois iam-me pôr em confronto com essa féra! Eu senti um terror semilhante áquele que deve sentir um viajante quando atravessa um país de antropófagos.

Estava a vêr quando êle se lançava sobre mim e me começava a roer os ossos numa glutonaria de canibal.

O alféres inquiriu-o:

— O sr. viu êste homem nas Marinhas na noite de 7 para 8 de julho?

— Sim, senhor! Este era um dos que mais freqùentava a casa. Estava lá, estava, sim, senhor. — E dizia isto com um contentamento visivel, acenando muito com a cabeça, gesticulando como um matoide numa casa de doidos.

Eu sentia ganas de me erguer, lançar as mãos ao pescoço daquele perjuro e arrancar aquela lingua mentirosa... E quando o alféres me perguntou o que tinha eu a contestar, eu bradei indignado:

— Este homem é um monstro, é um poço de mentira e falsidade!... Só um malandro dêste estôfo e outros de igual jaez poderiam vir aqui dizer semilhantes infâmias. Protesto contra a aleivosía: mente como um cão.

O filicida, livido como um cadáver, cortou-me a palavra:

— Sim, senhor: esteve lá. Era muito amigo do padre. Era um dos que mais freqùentava a casa. Quer dizer... quer dizer...

Eu, então, indignado:

— Sim, senhor. E' verdade que sou muito amigo dêsse homem. Creio que vale mais a pena ser amigo do reitor das Marinhas, inda que êle seja conspirador, do que sê-lo dum assassino nojento como você...

Foi um raio! O instrutor mandou-me calar:

— Cautéla, senhor de Palmeira, cautéla.

— Falo verdade. Posso dizer isto.

O taberneiro, gaguejando saíu: e logo atraz dêle, outro, o *Cantoneiro,* entrou.

E' um tipo incaracteristico. Magro, derreado, com um pequeno bigode côr de estopa, olhos avinhados de alcoólico — uma fisionomia extremamente antipática. Dá a ideia típica dum apache. Ou êle não fosse um íntimo do Duarte!...

Tambem o borracho declarou que me tinha lá visto, na célebre noite.

Eu tive até vontade de me rir.

— Então tu vistes-me lá, ó patife?

— Vi, sim, senhor.

Advoguei-me eu a mim mesmo:

— A que horas?

— A's duas da manhã.

— A essa hora eu provo com testemunhas que estava em minha casa.

E para o desnortear:

— O Duarte não diz isso.

O homem gaguejou, gaguejou:

— Pois eu vi-o. A hora não sei bem. Saíram de casa do Anibal 7 homens,... 9 homens... Acho que eram 9...

— Forte mentiroso! Malandro! Eu sou capaz de te provar que estavas nessa noite em tua casa, aqui em Esposende!

— Não, senhor. Eu andava em serviço da República. A minha vontade até, era chegar lá, onde vocês estavam e lançar uma bomba á casa. Iam todos c'os diabos! A verdade é esta: eu andava em serviço da República.

— Em serviço da República?... Provavelmente estavas a compôr aquela bandeira nacional, que em domingo de carnaval, quando déste vivas á monarquia, e a Paiva Couceiro, rasgáste em tiras!...

Não pude bem dizer isto, porque o alféres impoz-me silencio, e mandou saír o malandrão.

Quando o sargento acabou de escrever tudo, o instrutor do processo perguntou-me se queria que ouvisse as minhas testemunhas.

— Já se vê que sim. Lá em baixo deve estar uma delas: o Martins de Faria.

— Quem deseja mencionar mais?

Indiquei mais dois. Êle disse-me que os ia mandar chamar e que, se fosse verdade eu estar em casa, como afirmava, iria em paz. De contrário...

Depois com um gesto estudado, em que desejava mostrar que era meu amigo, um amigo de mão cheia:

— Sargento? mande a escólta embora. Este senhor vai na sua companhia até á casa da guarda. Eu vou vêr se lhe arranjo um quarto no hotel.

VIII

Depois que ouviu o depoimento do estudante Martins de Faria, o alféres encarregou-o de prevenir as duas outras testemunhas, para, ás 8 da noite, estarem em Esposende, sem falta.

Eu, acompanhado pelos dois, ia procurando a porta da rua através de corredores e descendo a escadaria. Eram 5 horas da tarde.

O alféres, como homem que maduramente pensa as coisas, ia-me dizendo:

— Mal foi vocês terem-se importado com o Duarte, que tem sido uma vítima das vinganças clericais... Êle é um homem honesto, sério, como afinal o são todas as testemunhas de acusação que o seu amigo Giesteira tem perseguido... E o sr. administrador de concelho...

Eu não pude resistir:

— E' tão sério como êles, já se vê!

— E é um homem de quem esta terra muito tem a esperar.

— E nós tambem...

— O senhor?... que diacho! Êle é seu amigo.

— Bem vejo. Um amigo dos diabos.

— Eu lamento que o senhor se deixasse subjugar pelo padre. O Giesteira é um grande criminoso. Já ha muito que devia estar na costa da África... Torno a repetir-lhe: O senhor se sabe mais alguma coisa ácerca dêle, diga-o sem medo! Olhe que nunca mais o vê em liberdade! Garanto-lh'o. Escusa de o recear...

E depois de uma pausa:

— Pois foi pena. Você deve ser um rapaz inteligente, e de grande força de vontade. Não se deixe subjugar pela padralhada!...

— Vejo que v. ex.ª faz um péssimo conceito de mim. Não está nos meus habitos deixar-me subjugar seja por quem fôr. O facto de eu ser amigo do Giesteira, não quére dizer que lhe hipotequei a minha inteligencia. Não, senhor: nem a êle, nem a ninguem. Merece-me uma grande amizade esse homem, porque é um padre liberal, franco, muito generôso — amigo do seu amigo. Se fôsse um fanático...

Chegavamos á porta da rua:

— Diga-me: o senhor é então o correspondente da *Republica*, cá em Esposende?

— Sim, v. ex.ª leu o cartão...

E acrescentei:

— Ha muito que trabalhavamos para a fundação dum Centro republicano evolucionista. Gente da mais grada de todo o concelho tinha já oferecido a sua colaboração.

— Ora adeus! Antonio José d'Almeida foi um bom republicano. Hoje... todo o talassa tem entrada no partido dêle. E' o refugio, é o refugio.

— Pois a republica é para toda a gente...

— Sim: bem sei. Mas... — Olhe: o nosso sargento vai acompanha-lo até á casa da guarda. Eu vou ver se lhe arranjo um quarto no hotel, para não estar lá no meio das praças. Agradeça-me isso a mim.

E seguiu, rua fóra, em sentido inverso, gingando, com ares de rufia, caminho da casa do administrador do concelho, onde tinha a manjedoura.

*

Da casa onde provisóriamente está instalada a administração do concelho, á casa da guarda, são meia dúzia de passos.

A rua, naquele fim de tarde, estava deserta. Creio que apenas passei por uma mulher. Ao chegar ao quartel, em frente á casa do meu dilecto amigo dr. João de Barros, cruzei com o distinto médico Barros Lima que montava um mótociclo.

Era quase o pôr-do-sol. Nas arvores fronteiras ao quartel uma léve arajem rumorejava.

Soldados de face glabra, sentados nos bancos de pedra, sob a cópa das arvores, espreguiçavam-se, dorminhocos.

Começou a invadir-me um grande desalento. Porque me prendiam? Que requinte de maldade movia essas desalmadas criaturas?

Eu era preso porque dois malandrões, dois infames perjuros tinham nisso especial interesse. Entretanto, íntimamente, a minha alma revoltava-se contra os homens, contra as autoridades, contra a lei — porque tudo se conjurou contra mim, e eu inocente! — Estava preso por ser amigo dum homem que merecia a minha amizade, e por dizer as verdades quando os outros, para isso, não tinham coragem.

Eis tudo!

IX

16 de agosto.

Foi então ás 5 horas da tarde que dei entrada no casarão vermelho, que serve de quartel a infantaria 5.

Deram-me um quarto quadrado, de 9 palmos por lado, escuro — um cacifo mal cheiroso, habitado por pulgas.

Recebi uma cadeira que o penteado sargento foi buscar dentro, a outra sala.

O quarto que eu principiei a habitar neste comêço de vida nova, dava para uma sala com o soalho astrádo de palha, que servia de dormitório aos soldados.

A porta ficou um pouco aberta. Pela frincha entrava uma luz dúbia. Podia lêr. Tirei do bolso um jornal: era a «Republica».

Mas o meu espirito distraía-se. Desalentado, dorido pela injustiça talvez tivésse chorado a sós, se uma grande esperança em ver-me restituído á liberdade, por momentos me não iluminasse o cerebro. Sim: eu esta-

va um pouco esperançado! Não me tinha o alféres prometido isso?

O cacifo onde eu estava encerrado tinha uma portinha de comunicação para outro quarto. Percebi que dentro dêle estava gente.

Quem seria? Talvez o João Néto, talvez o Domingues... — Ouvi tilintar louça lá.

Fóra, a soldadesca, na sala, estirada sobre a palha, dormia. Eu atrevi-me a espreitar á fechadura. Foi então que por baixo da porta uma pequena cinta, destas que servem de involucro aos cigarros fortes, aos *Kentucki* — me veiu revelar o nome do pobre que ali jazia.

Trazia estas palavras escritas a lapis.

«A inocencia nos salvará».

Pareceu-me que a letra era do João Néto; mas na dúvida perguntei no mesmo papel «quem era».

A resposta veiu prestes: — «E' o seu amigo João Néto».

Como fóra se dormia a sono solto entabulamos palestra:

— João? Olha que cilada! Ha quantos dias estás hospedado cá na casa?

— Ha 17. Então nem o sr. escapou, heim!

— Nem eu escapei.

— Malandros! — bradou indignado o pobre rapaz. — Até você, um avançado... Raios os partam!

Expliquei-lhe, resumidamente, o que se tinha passado comigo. Quando lhe falei na acareação, êle atalhou-me:

— Aquilo só um tiro! Um tiro para cada um! *Que pena* um de nós, ao menos, não ter os instintos sanguinários dum desses gajos!... Haviam de ir todos. A principiar pelo chéfe da malta...

— Sim: o chéfe primeiro.

— Canalhas! Bandidos!

Depois duma pausa, João Néto estendeu-me um cigarro por baixo da porta e pediu-me um fósforo. Chamou á fechadura.

— Olhe lá?

— Ouço.

— Sabe que esta casa que nos serve de prisão, pertence ao administrador!...

— Oh menino! Que tem isso de extranho? Não é êle o nosso carcereiro? Não é êle o carrasco?

— Sim, sim. Diz bem. O carrasco... o carcereiro...

Entanto entravam e saíam soldados. Muitos dos que dormiam quando eu entrei, estavam já de pé. Uns lutavam em experiencias de fôrça. Outros experimentavam as carabinas. Um vi eu que carregou e descarregou tres ou quatro vezes a sua espingarda. Tive meu receio duma bala perdida! Um cabo, mágro, baixote arruidava-me os ouvidos tocando corneta.

Um espirituoso acordando, asseverou, jovial, apontando para o meu quarto:

— Ha mais um hospede no hotel.

Os outros riram.

*

Duas horas depois, escurecia já, quando o alféres Oliveira apareceu, dizendo ter-me arranjado um quarto limpo, aceado, no Hotel Central.

Acompanhado por êle e por uma praça segui rua Direita fóra, dobrei á esquina da Misericordia, largo Fonseca Lima...—(o cacique já tem um largo por conta dêle! Afinal tudo isto pertence ao tiranête!... Não é assim?)— até que entrei no hotel. O meu quarto é o da entrada, á esquerda. E' espaçoso e decente. Tem uma janela abrindo para o sul.

A porta foi fechada á chave; e a sentinela, fóra, desarmada, guardava-me, sentada numa cadeira.

Pedi o jantar que me foi servido, já tarde pelas 9 ou 9 $^{1}/_{2}$ da noite.

Foi um soldado, que, depois de revistar o taboleiro, mo veiu entregar. Eu ia para acender uma vela, mas o galucho, autoritario e ríspido não consentiu:

— Eh lá! Schiu! Não póde acender luz.

— Bem, rapaz, está bem. Mas hei de comer ás escuras?

— Arranje-se.

Retirou. Ia já para fechar a porta. Tornou atraz:

— Olhe lá! Você tem aí uma faca? Veja se tem.

— Como diabo hei de vêr, sem luz...

Apalpei o taboleiro, encontrei-a:

— Não ha dúvida, meu rapaz. Cá está ela. Não é preciso outra.

— Deixe vê-la. Não póde ter faca cá dentro.

— Hom'essa! Então...

E fiquei espantado com o rigor inquisitorio, usado num regime liberal. Por isso, gracejando, perguntei-lhe se queria tambem levar o garfo. Não queria. O garfo podia tê-lo. E que comêsse depréssa.

Eu tinha uma fóme ugolina, mas pouco pude comer. Finda a refeição, chamei para retirarem o taboleiro.

O soldado entrou e recomendou que não me chegasse á janella:

— Vai logo um tiro, que o leva um raio!

— Tu és parvo, rapaz! Um tiro com quê?

Pois se êle não tinha espingarda!...

Deitei-me. A cada passo esperava que o alféres, depois de ter interrogado as testemunhas que lhe indiquei, me viésse restituir a liberdade. Tal não sucedeu. Eu passei uma noite de insónia, sobresaltado, cheio de pesadêlos horriveis.

De vez em quando a sentinela desandava a chave, abria a porta. O *criminoso*, deitado, com a consciencia tranqúila, mas com o coração dilacerado pela injustiça de que era vítima, voltava-se, fixava, espantado, os olhos naquelas caras desconhecidas, indiferentes á sua dôr — e ouvia as recomendações que ordenavam vigilancia, muita vigilancia.

E mostravam á nova sentinela os pontos vulneraveis da prisão: a janela e umas portas intermédias.

X

Sabado, 17 de agosto.

Até que enfim rompeu a manhã.

A janela abriu-se. Esfreguei os olhos e comecei a recordar pedaços dum sonho. Os perjuros vinham pedir-me perdão da injusta acusação... O seu fito tinha sido apenas uma pirraça, uma vingançasinha, para me ralar. Sentiram sobre a consciencia um peso de toneladas. Sam-Miguel Vingador perseguia-os de espada em punho, uma espada que faíscava, cortava e queimava. Ia-os enxotando para a porta fatal onde o divino Dante viu escrito o

«LASCIATI OGNI SPERANZA».

Então as suas almas católicas, sentindo-se perdidas, recuaram espavoridas e vieram volitando, como borboletas nocturnas, sobre lagos de pez, pelos caminhos ínvios traçados na «Divina comedia», até á terra-mãe,

suplicarem o meu perdão, pedindo uma gôta de agua para lavarem as suas almas pecadoras, precitas...

E eu, bonacheirão, perdoáva, aconselhava-os á pratica do bem, a renunciar á mentira. E mandava-os lêr Tolstoi, e o divino apostolo, Ieschu-bar-Iosséf que prégou a fraternidade e a igualdade socialista, ha pérto de dois mil anos. Exortava-os a procurarem os bons e a seguir-lhes os seus exemplos. Mas já então nesse longe futuro o Bem imperava sobre a terra. O Vaticano e o Quartel arrasára-os um cataclismo social: a fôrça da razão. O padre e o soldado deixaram de existir por desnecessarios. Já não havia conspirações retrógradas. O ultimo inocente perseguido tinha sido eu....

Perdão! pediam essas almas negras dos meus carrascos.

Ao criminoso que reconhece o seu erro perdoa-se. E o martir que perdôa nobilita-se.

No entretanto o sol subia paulatinamente, e inundava-me o quarto duma luz doirada, alegre, muito viva. Na vidraça iam-se derretendo, evaporando, as gotas de humidade liquefeitas.

E eu estirado na cama, á falta de outro entretenimento, fitava o tecto caiado de branco onde havia umas pequenas fendas, uns orificios de nós. Primeiro contei as tabuas: eram trinta e uma. Depois contei em separado, primeiro os mata juntas e verifiquei que eram dezasseis. Depois o fundo: eram quinze. O tabique do lado do poente era de tabuado e formavam-no vinte e seis tabuas. Almocei, jantei e ceei tranquilamente. A's 10 horas a sentinela veiu dizer-me que á 1 hora da manhã partiamos para Braga. Fiquei estupefacto! Então eu que ia fazer a Braga? O alféres instrutor do processo não tinha ja compreendido que eu era vítima duma vingança estúpida ou, pelo me-

nos, dum pseudo engano? Por certo que sim, mas leis são leis. *Dura lex, sed lex.*

Mais 2 horas de insónia, de mal estar, de dôr de alma. Eu partia para Braga; e, em casa, dois filhinhos, a essa hora, dormiam socegadamente em doce tranqúilidade, ignorando toda a dôr que então compungia o coração do pai.

XI

Domingo, 18 de agosto.

A' uma hora e 10 minutos a sentinela que estava á porta do hotel veiu dizer-me que me vestisse para seguirmos para Braga. Os carros esperavam-nos. De facto, em frente ao improvisado quartel estacionava toda a fôrça em redor de 3 carros com as lanternas acesas, iluminando o terreiro. Eu e o padre Guerreiro, de Caminha, entramos no primeiro e melhor carro. Nele seguiu tambem, a nosso lado, o alféres Oliveira. Chegamos a Barcélos ás 4 horas. A noite estava fria. Chuviscava. Em frente ao mercado Pedro V, a fôrça formou. Tinha de seguir a pé até Braga. Eu e Sá Pereira iriamos pelo caminho de ferro. O padre Guerreiro, João Néto e João Domingues seguiriam a pé, em meio da tropa, até Braga. O carro foi-nos levar ao caminho de ferro. Comandava a escolta o cabo Chaves, bom rapaz, como afinal o eram tambem as duas praças. O comboio partia ás 6 e 20.

Rompia o dia. Esperamos ainda uma hora. Até que chegou o comboio. Em Nine houve 45 minutos de espera. Aproveitamo-los, mandando preparar um bife para cada. Na mesma carruagem em que seguiamos para Braga ia uma escolta de 10 praças de infantaria 12, conduzindo 2 presos: um imberbe, aparentando 15 ou 16 anos, outro barbado: tipo de pobres, meio descalços e rotos. Eram, ao que parece, conspiradores de Cabeceiras.

No quartel General, antigo paço dos bispos, aguardamos uma boa hora que nos fôsse designado o local da prisão. Até que foi designado o presidio politico de Sam Barnabé — antiga casa dos jesuitas: um casarão sofrivel de 3 andares, construído com certo luxo, pinturas frescas, paredes limpas. A mim tocou-me o melhor quarto, com janela para a entrada. De mobilia — uma pobreza, não de jesuita, mas de franciscano mendicante: um cântaro de barro negro, um pucaro, e um testo tambem de barro. A um canto, solitario, com o aspecto concentrado dum burguês que não dá confiança, um respeitavel váso da noite, com 2 traços azuis paralelos.

Nem uma pobre enxerga, nem uma cadeira. No quarto contiguo Sá Pereira, manguejando, passeava e ria-se da minha pobreza, porque, alêm de tudo, que eu já tinha, êle tinha a mais uma enxerga, um travesseiro e uma manta côr de cinza.

Solicitei do chaveiro, um soldado linfático, de aspecto doentio, e de face glabra, picada das bexigas, apenas com 4 pêlos num bigode caído, labios grossos, flacidos — a fineza de me fornecer uma enxerga.

— Logo, tenha paciencia, o senhor. Mas descance que ela vem.

E veiu. Duas horas depois eu tinha ja esse luxo raro. E soube-me bem melhor deitar-me nela, do que no

soalho — como me tinha acontecido durante meia hora. Com efeito. Para não caír com uma síncope refastelei-me no chão. Como tinha declarado que desejava alimentar-me á minha custa, veiu um taberneiro que mora em frente, tratar a comida. Meia hora depois trouxe o almoço. Mal lhe toquei. Como não tinha dormido de noite, deitei-me.

Nesta altura chegou a força do 5, de que nós nos haviamos separado em Barcélos. No meio dela vinham os 3 presos: padre Guerreiro, João Néto e João Domingues. O padre limpava as lágrimas, dorido, envergonhado.

A's 5 horas da tarde jantei, fumei o meu cigarro, e para não pensar em coisas tristes levei o meu pensamento para longe — para as belas concepções da Arte, para a filosofia dos grandes pensadores; e embrenhei-me na floresta, das obras de Camilo, nos perfumados canteiros de Julio Dinis e na prosa mascula, flaubertiana do grande Eça.

E adormeci. Porque felizmente não tenho a pesar-me sobre a consciencia um crime por minimo que seja. Nunca matei uma filha... Nunca roubei nem ao menos um usurário!... Por isso adormeci como um justo, pensando que todo o meu crime é ter sido amigo dum inimigo do Duarte Saturno — o devorador dos filhos.

A's vezes, de noite, acordava, ouvindo o *álerta*, dorminhoco, das sentinelas.

Dormi menos mal.

XII

Segunda-feira, 19 de agosto.

Na segunda-feira de manhã, quando acordei eram 6 horas. O dia estava humoso, ameaçando chuva. Fiz a minha *toilette*. Do cântaro negro e do alguidar amarelo de Prado improvisei um lavatório a que nem faltava o jarro, que era o pucaro, nem a saboeira — o têsto do cântaro.

Quando ás 11 horas me chegou o almoço, devorei-o com um apetite equivalente áquele lendário apetite do conde Ugolino, no Inferno de Dante.

E como eu préso sobremodo a posição horizontal refastelei-me na minha enxerga de 3 palmos, cobri-me com a manta cinzenta que cheirava a ratos. Chovia já. Nuvens pardacentas estendiam-se ao longe sobre as montanhas do norte, e acumulavam-se parecendo *icebergs* movendo-se nos mares árticos. Subitamente desfez-se tudo em névoa, um nevoeiro cerrado, impenetravel.

Avassalou-me um tédio medonho. Eu fugia de pensar na família, porque tristezas não pagam dívidas.

A's 5 foi-me servido o jantar. Comi de excelente humor. Finda a refeição, dei um passeio de algumas centenas de metros — no âmbito curto duma área de 10 m²! . . .

Escurecia. Deitava-me, quando uma guizalhada de chaves, vozes de homens fóra da porta do meu quarto se fez ouvir. Era o meu regedor, o Marques, de Palmeira, que, acompanhado pelo meu hospedeiro, pelo chaveiro e um militar, me trazia roupa branca num grande saco, e o meu varino no braço. Rejubilei de alegria. Êle disse quatro palavras: minha mulher que desejava saber se eu carecia de mais alguma coisa . . . Amanhã que voltava cá.

Comecei a desensacar roupa, e na meia penumbra, fiz a cama. Por cima da coberta lancei o varino. Deitei-me; ouvi as 8, 9 e talvez as 10 que numa torre próxima caíam cadenciadas.

XIII

Terça-feira, 20 de agosto.

Indubitavelmente dormi bem. Porque esta noite pude despir o meu fáto e ficar em ceroula e camisola. Ergui-me, fiz a minha *toilette* e solicitei da sentinela que faz serviço num corredor contiguo, a graça de implorar do chaveiro — do Sê-Zé — que me abrisse a porta e consentisse que eu fôsse satisfazer uma necessidade instante. O chaveiro não estava. Tivesse paciência. Quando viesse... estava ás ordens. E uma hora depois cá estava Sê-Zé todo atencioso, dando razões. Como o almôço só nos era servido ás 11, solicitei um cafézito. «Ah! mas era proíbido; quere dizer: os doentes podiam requisitar!... Sim só para os doentes... Mas sendo o oficial da guarda bom, humanitário...»

— Oh! mas eu sou doentissimo, Sê-Zé. Imagine: que magrizel! que espinafre!...

Isto passava-se no corredor, e Sá Pereira ouvia. Logo começou de lá a gemer, a gemer, tambêm doente, cheio de debilidade, apesar de já ter comido um naco de borôa que lhe sobejára do jantar da vespera, e um

bolinho de bacalhau. Eu por mim, confesso que do jantar, de ontem, apenas deixei a louça sobre o peitoril da janela. E essa por economia e para não ser alcunhado de louçófago — vá lá o neologismo.

Enfim, Sê-Zé chaveiro, reconhecendo-nos doentes conseguiu que a mulher do café viesse até nós. Baratissimo! Uma chavena enorme, e um pãosinho...

— «Quanto é minha tia?»

— 30 réis!

Um cabo da companhia de metralhadoras, que parecia ser um rapaz simpático denotando ter alguns conhecimentos, disse-me que podia lêr livros «que não falassem em santos».

— Santos — disse êle, desdenhoso — de santos está o inferno cheio e o céu pejado.

Êle estava de relações cortadas com esse povo divino, cuja existência o seu positivismo de homem do seculo punha em dúvida.

Do lado um sargento de olhar mefistofélico confirmou, impondo erudição:

— Os santos são para padres e beatas uma óptima instituição. Dá a uns de comer e a outros alimenta-lhes a ociosidade. Mas para um bom racionalista nem há deuses, nem diabos, nem santos. Só se póde reconhecer a existência daquilo que se vê: a matéria. Só se póde reconhecer como existente imponderavel a Força e o Movimento. E estes predicados pertencem ainda á matéria. Deus e o Mundo são uma e a mesma coisa. O Universo é o corpo externo de Deus. (Terra, Sol, Estrêlas — todo o Cosmos.) A força que movimenta tudo isto, a alma do Cosmos, a Vida em suma, que será para os crentes Deus; mas para os racionalistas nada mais é do que mundo e as leis que regem a matéria. Concordava eu com tal pensar?

Eu disse que sim, que tinha razão, pois então!

Ah! agora me recordo; eu estou detido numa casa que foi de jesuitas, como conspirador e reacionário... Como póde semilhante animal pensar assim?

Almoçou-se valentemente uma carneirada com batatas que o nosso respeitavel hospedeiro garantiu ser da melhor vitela bragueza. E até ao jantar dormitei e passeei na fórma do costume. A diagonal do meu quarto tem 5m; descrevi-a 50 vezes prefazendo assim um passeio de 1/4 de quilómetro!... Aqui viaja-se! A's 3 horas chegou uma escolta com 4 presos desconhecidos. Como a sentinela que está ao portão de entrada me fixasse, com insistência, recolhi para dentro e deitei-me.

Quando ás 5 veiu o jantar, eu não tinha grande apetite. Pescada cosida com batatas, um salpicão que eu tinha trazido de casa, um caldinho de vaca: — eis o *menú*. Debiquei um pouco de salpicão, bebi-lhe meia garrafa de bom verdasco. Dei depois o meu habitual passeio de 1/4 de quilómetro, fumando um cigarro, e deitei-me.

Cá estou refastelado no meu leito, estilo *conspirator*, como um nababo!...

Mas como para adormecer, eu careço de um pouco de leitura lancei uma vista de olhos para a minha bibliotéca, dependência que aqui fica situada entre a enxerga e o utensilio indispensavel numa mesinha de cabeceira. — tinha metade da 5.ª pagina dum «Diario de Noticias». Por sua vez Sá Pereira tambem queria lêr. «Meu rico temos a dividir o mal pelas aldeias». Rasguei pois, o pedaço de jornal em 2 partes iguais e enviei-lhe metade por baixo da frincha da porta intermédia. Eu por mim devorei aqueles anúncios com tanto interesse, como se fossem as paginas mais sugestivas de Hugo ou Flaubert. Na verdade havia romances em 4 linhas. Exemplo. «Senhora nova estrangeira precisa

de cem mil réis para desenvolver um negócio. Só trata com o próprio» . . . Depois havia: uma — *jeune femme, 28 ans, serieux et actif, désire s'associer à une personne trés serieuse ayant quelque argent . . .*», etc.

Não falhava a carta de namôro; o piano que se vende; a drogaria que se trespassa; os automoveis Peugeot que vencem sempre; o dentista que extrai dentes sem dôr; o calicída medicinal — o unico que tira o calo até á raiz . . .

Dês que se esgotou a mina de leitura resolvemos fazer a permuta; isto dava mais meia hora de intertenimento. Sá Pereira tinha-se deleitado com os anúncios das Companhias de Navegação. Era o *Cordelliére* que saía no dia 16, o *Amazóne*, no dia 27. Depois a *Pacific Line* que tinha vapores para Las Palmas, San-Vicente, Rio, Montevideu; a Agencia Havas que recebia anúncios para o jornal; o emprestimo do Governo Português; a Quinarrenina para anemia e fébres palustres, etc., etc. . .

E que variabilidade de estilos! Havia mesmo anúncio em verso e cartas de namôro que similhavam uma página de algebra com sinais de raizes, igualdades, números, letras dispersas, um embroglio, uma coleção de ferro velho . . .

Nesse quarto de jornal havia de tudo: Sciencia, Arte, História, Literatura, Geografia, Poesia, Matematica . . . — tudo em anúncios.

XIV

Quarta-feira, 21 de agosto.

Rompeu uma manhã majestosa. O sol doira a parede que faz angulo recto, com o meu quarto. Ao norte e leste serranías, cinzentas, longiquas, talvez o Gerez. Pelas ravinas, evolam-se fumosinhos niveos que se perdem no espaço. Alveja uma igreja, ao longe, numa recta; em volta espalham-se casas, que brilham como estrêlas num céu. Ha pedaços verdes escuros; grandes quadriláteros verde-garrafa, numa encosta longínqua: são bouças de pinheiros, isoladas.

Cá, junto a Sam Barnabé, enxergam-se as arvores dos campos próximos, torres de igrejas, telhados novos de boa telha de Marselha, outros obsoletos de telha comum, já muito denegridos.

Sobre uma trapeira, dormitando, preguiçoso, um gato pardo.

Estou a contempla-lo com deleide. Que placidez! Que serenidade! O pobre bichano, não receia que o

denunciem como conspirador. E' que na grande familia dos gatos não ha Duartes que enforquem as filhas, nem jornalistas, nem reporteres que noticiem o caso com todos os pormenores. Que felizes são os gatos! Não terem quem os acuse de conspiradores... E no entanto o país dos gatos anda *ab initio* em guerra sem treguas, com o país dos ratos... Essa luta é tambem fraticida porque á face da lei deísta todos os animais são irmãos, e á face do Mónismo toda a Matéria é una.

Gato! Tu és conspirador! Nada ha inutil sobre a terra. Se a Natureza produziu o rato é porque êle é necessario. Repara, bom Gato. Vai á bibliotéca publica, requesita a História e vê o Cêrco de Paris. Se não fôsse o teu instinto raticída os bons parisienses não teriam de comprar ratos a 10 francos para o seu jantar e todos os habitantes se poderiam alimentar durante mais alguns mêses com ratos da cabidéla, fazendo assim desesperar os prussianos. Já vês, respeitavel gato, que o rato, o obscuro rato que habita os celeiros e os buracos das paredes é tambem um benemerito — porque durante semanas alimentou a mesa rica dos nabábos de Paris.

Nesta altura, o excelentissimo Gato da trapeira de Braga, ergueu-se, abaúlou o dorso, estendeu as garras para mim. Sentou-se depois e começou a dizer com um bom senso, só digno dum altíssimo filósofo:

— Meu caro acusador: tu és de uma ignorancia crassa. Tu não percebes absolutamente nada destas coisas da Vida. Pois tu não vez que eu, como parte integrante do Universo, sou pelos menos tão necessário como o rato!... E se eu sou necessário á harmonia material do mundo, não tenho direito a alimentar-me? Que estultícia! Eu procedo exátamente como o homem. Careço de alimentar-me, procuro o meu ali-

mento predilecto. Depois deixa dizer-te mais verdades. O rato pertence ao gato. Os habitantes de Paris só se lembraram do rato, quando lhes escasseou a vaca, o carneiro, os alimentos de primeira necessidade. Antes disso, não. E ai do gato que não cumprisse fielmente as suas obrigações raticídas!... Tinha o Sêna por sepultura. Depois tu deves saber que Paris para sufocar a sua voracidade, não só comeu quantos ratos povoavam os grandes canais subterráneos por onde andou Jean Valjean...

—Quê? Tu conheces Vitor Hugo? Lêstes os *Miseraveis?*

—Sim meu caro. Nós os gatos não sômos nenhuns ignorantes. O analfabetismo, em Portugal, só pertence á tua raça e á raça ínfima da escala zoológica — o burro. O meu vigéssimo nono avô pertenceu a Mr. Hugo. Era um gato letrado que lia Plutarco e conhecia toda a literatura da época. Eu vim para Braga há três anos mas nasci em Paris. Bem deves compreender que sou francês, ao menos pelo espirito. Deixa que eu últime o meu pensamento: — Eu dizia-te que no Cêrco de Paris não só se comeram ratos como afinal se esgotou quase toda a minha raça. A princípio o gato passava por lebre. Depois ía para a mêsa descaradamente, como gato e todos os achavam muito superíor ao rato. Portanto o teu raciocinio é falso e banal. Parafraseando o que dissêste tambêm te afirmo que se a Natureza produziu o gato, é porque êie é necessário, util, indispensavel. Tu achas que eu faço mal em matar ratos? E se eu de comum acôrdo com todos os outros gatos resolvêssemos fazer gréve como há pouco a fizeram em Lisboa os operários das fabricas e dos elétricos? Sim: supõe tu que durante um certo periodo de tempo, um ano, por exemplo, nós não caçariamos nem mais um rato...

—Diábo! isso era sério — disse eu distraído.

—Ah! então concordas?

—Sim... Não... quere dizer: prevenindo um segundo cêrco.

—Vocês, são egoistas! Um cêrco!... Só se Couceiro vier cercar Braga!... Ah! mas isso tem infinita graça! O pobre viu-se só; fugiu. E a estas horas está já em Londres. Vocês é que se amolaram. Tu tambêm és conspirador?

—Não, meu sábio Gato. Eu só conspirei há um ano contra um patife que matou uma filha. Politicamente sou republicano, socialista, quase anarquista. Tu sabes o que é anarquismo?

—Perfeitamente. Nós os gatos, todos os animais que vocês os homens chamam irracionais sômos partidários dêsse sistema social. Nada há melhor do que isso. Ser anarquista é ser partidário duma sociedade sem governo. E' cada um saber governar-se por si e não carecer de ser dirigido por indivíduos estranhos, que quase sempre só fazem disparates, endividando os países, fazendo favores aos ricos e deixando morrer na miséria os pobres que trabalham.

—Muito bem.

—Nós os gatos sômos todos anarquistas e vivemos tranqúilamente.

—E tendes bombas? dinamite?

—Não: temos garras. Mas eu estou ancioso por ouvir essa estranha história dum pai que matou uma filha. Dize lá.

E eu contei, tim, tim por tim tim, a história triste daquela que morreu de amor e do seu carrasco abominavel. Quando acabei o filósofo arqueou de novo o lombo, bocejou, estendeu a pata e perguntou solonento, entediado.

—A que raça pertencia esse animal que matou a filha?

— A' raça humana.

— Supuz que fôsse ainda meu parente afastado, que pertencesse á familia do tigre ou do leopardo. Congratulo-me, porém, por isso. Ainda bem que o homem continúa a ser a maior féra do Universo. E vocês que pertencem á vanguarda do Progresso, que fazem parte duma sociedade que protege os dignos de protecção e castiga os merecedores de castigo... que fizeram ao filicída?

— Nomeamo-lo vereador da camara e vamos conseguir-lhe a Cruz da Legião de Honra...

Nesta altura o gato voltou-me as costas e afastou-se aborrecido. Eu supuz que isto era falta de delicadeza da parte do filósofo. Envergonhado, recolhi para o escuro do quarto e deitei-me. Eram 10 horas menos 20 minutos.

*

Hoje, ao almoço, mestre João Alves, o meu hospedeiro, presenteou-me com uma esplendida cadeira, que o digno Manuel Marques, meu conterraneo e regedor da minha paróquia, me enviára. A minha mobilia vai crescendo. E' natural que ainda possa conseguir um leito Luiz XV, a minha secretária e a minha minuscula bibliotéca. Obrigado Marques. Cá registo o facto. Depois do almoço, fumei alguns cigarros e dei um passeio de meio quilómetro.

O filósofo da trapeira inda não apareceu.

XV

Quinta-feira, 22 de agosto.

O dia de hoje, como o dontem apresentou-se admiravel. São 8 horas e meia; a mulher do café já nos veiu fazer a visita matinal. Sobre a superficie irregular dos montes, alêm, um poalho branco de nevoa ergue-se vagarôso. Enxergam-se já, através da tenue gaze, a igreja da serra, e os casais esparsos pelos cêrros. Ao norte, exátamente em frente da minha janela, ha uma mancha clara no meio do verde escuro dos pinhais. Deve ser uma grande barreira, talvez um areal da margem do meu Cávado. Que nostalgia! Que saudade me trouxe agora a recordação do Cávado!... Relembro o bom Celáno, sereno e manso, a deslisar por entre pinhais e campos de cultura. Lá baixo, muito a baixo, a ponte majestosa de Barcélos com as suas azenhas encostadas aos pilares, as suas fabricas de serração, os engenhos do peixe... Na margem direita a vila com o seu paço dos duques, as guaritas

medievais, a sua chaminé esguia erguendo a elegante *silhouete* para o espaço muito azul. Depois as casas alcandoradas, onde claraboias faiscantes, imitando formidaveis pedras preciosas, fazem lembrar os olhos daqueles gigantes que Jonatam Swift encontrou, depois de saír do país dos liliputianos.

Seguindo sempre, rio abaixo, por entre montes de urze e bouças de pinhais, lá vai banhar o Marachão a Rio Tinto, fertilisar as veigas de Fonteboa e os campos de Gemêses. O areal da Barca, côr de péle de Leão, onde o sol faz scintilar as palhetas de mica dos terrenos de sedimento, retrato-o eu, na minha memória, como se o visse, no momento . . . Lavradores impacientes aguardam a barca que do lado oposto, do cais, vai largando suavemente, com duas raparigas dentro.

Depois o pinhal da Lapéla e as casas de Fão dum lado, a quinta de D. Maria Eiras e as charnecas de Gandara, da outra.

Um traço negro, suspenso sobre o rio em pegões de granito — a ponte de Fão. Além, quase escondida pela vegetação raquitica do areal, a capelinha microscópica da Bonança. E Esposende, na margem direita, branqueja ao sol, mostrando, como «cocote», as suas graças e dizendo, baixinho, ao Cávado os seus devaneios poéticos e amorosos.

A' noite, quando o luar pratear ss aguas serenas do espaçôso estuario, as Celánidas nuas imergirão das cavernas subterraneas, onde, como as Walkirias do Rêno, guardam, não o fatídico anel dos Nibelung mas o encantado talismã de esmeraldas, cujo contacto traz a suprema felicidade do Amôr e o sentimento altíssimo da Poésia e da Arte.

As filhas formosissimas do Cávado! Como eu as adoro . . .

Ninfas encantadoras! Vós sois a suprema encarna-

ção da Beleza. E que trindade simbólica! Arte, Poesia, Amor . . .

Arte! Guia-nos por essas misteriosas profundidades até ao portal das tuas magnificentes residências! Deixa que o espirito se extasie ante a beleza desses pórticos de mármores e alabastros; que contemple o rendilhado das cornijas e cimos; e admire o perfil de todos os grandes conjuntos arquictetónicos de que os teus palácios são pródigos. Verá tambem a extensa galeria, onde se expõem obras primas de pintura e escultura; os cofres preciosos onde se guardam as joias de incalculavel valor e cujo faiscar ofusca nas trevas como na luz. E tu, Poesia, tu não te recuses de abrir, por momentos, o cofre perene das tuas graças á inspiração grandíloqua dos teus mais caros cultores . . .

Quando acabava de escrever estas palavras, um quebranto momentâneo, uma espécie de embriaguez de perfumes, fez-me abstrair da Vida Material e senti-me conduzido ao País do Sonho. Atravessava florestas de arvores grandiósas, onde aves de exquesita plumagem gorgeavam canções sentidas. Parques cuidados onde havia estatuas de jaspe em meio de verduras paradisícas: jardins magnificentes, onde, á variabilidade de arbustos raros, se aliava a fragancia odorifera duma multiplicidade de flôres vistosas e de perfumes embriagantes. E eu vi ante mim erguer-se enorme, colossal, uma figura estranha cujas barbas escorriam ouro vegetal dos limos amarelos. Tinha uma musculatura desenvolvida e nas suas veias transparentes corriam regatos dum fluido fresco, prateado e luminoso. O seu corpo de gigante estendia-se ao longe, por entre esse arvoredo virgem, pelas montanhas alêm, a perder de vista. Era o velho Celáno. Dormitáva. Por entre as suas barbas seculares brincavam joviais donzelas fi-

diescas, esculturas primorosas, de cabelos doirados, caídos sobre as espaduas niveas.

. . . . . .

Mas o conto irá noutro lugar. Isto aqui é apenas o diário, umas memórias sem feição literária, escritas mais por passatempo que pela vaidade da publicação.

O dia de hoje decorreu normalmente. Almoçou-se e jantou-se na fórma do costume. Mestre João Alves, que tem uma cozinheira muito sofrivel — pelo menos é esta a opinião de Sá Pereira — tratou-nos hoje a frango: uma esplendida arrozada de frango, capaz de tentar santo Onófre, nos desertos Líbicos.

O oficial da guarda, cêrca das 21 horas, veiu dar uma vistoria aos quartos.

E', ou denota ser, um homem de bons sentimentos. E' uma figura simpática, e atraente, mas militarmente aprumado.

No cubiculo de Sá Pereira ha uma friesta de 3 palmos de alto, por 0,^{m}10 de largura. O digno oficial examinou bem aquela abertura de gaiola de grilos e aconselhou-o que se não debruçasse... Seria-lhe perigoso. Sá Pereira prometeu que sim e que não se esgueiraria por ali... Estivesse Sua Senhoria descançado. Tambem êle desejou saber quem fôra o autor duns escritos arcádicos pendurados a lapis ao longo das paredes. Sá Pereira declarou, a tremer, que aquilo era do de Mesão-frio, do outro...

Entretanto eu, na cela adjacente, encolhido como um rato, sob um lençol de linho, tremia como varas verdes, na suposição de que aqueles homens me iam pregar a janela e tapar a estuque a porta intermédia. E quando a minha porta se abriu, eu fitei espantado um grupo de cáras desconhecidas á frente dos quais estava o alféres e o respeitavel Sê-Zé — o Sampêdro cá deste rico paraíso.

— Tambem é de Esposende?

Tambem eu era de Esposende, declarei. E pedi logo, como um naufrago agarrado a uma tábua da nau desconjuntada, que o meu processo fôsse revisto e me mandassem em paz. Eu cá não era conspirador... Era livre pensador, combatia a igreja...

— Quê? O snr. é livre-pensador?

— Livre pensador.

— E combate a igreja?

— Combato a igreja.

— E então...

— Acusam-me de ser amigo dum padre, e dizem-me reacionário. Não obstante eu sómente conspirei contra a atitude de homens sem escrúpulos que protegeram um criminoso.

E logo a seguir... — zás — lá vai a história do crime, a história do filicídio...

— Está bem: se é assim, o sr. conte que lhe farão justiça. Mas desde lá de baixo, cá até cima, todos dizem que não são conspiradores; todos estão inocentes.

E sem me dar confiança, verificou a janela, o unico ponto vulneravel da fortaleza, deu dois empurrões á porta intermédia e aconselhou-me paternalmente que não fugisse pela janela, porque chegaria lá baixo, a 14 metros de profundidade sem vida... Garanti-lhe que não fugiria. Um salto dum 3.º andar — ainda mesmo como *sport* não me tentava.

Êle retirou com os seus ajudantes em peregrinação por todos os cubículos e eu adormeci profundamente.

De resto esta vida aqui é decididamente uma vida de porco: Comer e dormir.

XVI

Sexta-feira, 23 de agosto.

Faz hoje precisamente 8 dias que eu comecei a ser hospede do Estado. E isto de ser hospede dum grande Senhor não desagrada nada mas em determinadas condições. E' chic, é de bom tom. Qualquer *dandy* alfacinha que consiga beber uma cerveja como *groom* do velho Dr. Arriaga julga-se logo da privança do Presidente da Republica. O burguês que entrou já no palacio da Horta Sêca acredita-se de pronto familiar de Sua Ex.ª Suprêma. Mas eu, com franqueza, prefiro a mediania da minha casa de aldeia á hospedagem principesca dum Grão Duque, nalgum castelo do Réno ou da Provença. Não obstante continúo, aqui, de bom humôr, apesar da apertada pragmatica que me vejo obrigado a seguir.

Como estou incomunicavel, só posso ter por interlocutor o sabio filósofo da trapeira — o Gato. Mas esse, pobre de mim, não tornou a aparecer desde que

eu lhe narrei o estranho caso do filicídio e a recompensa dada ao criminoso. Ficou com certeza a odiar-me, não por mim, mas pela minha raça — o homem, que êle classifica a maior féra do Universo.

Deligenciei encetar relações com uma vetusta chaminé que ali perto, sobre um telhado denegrido, se sustinha com dificuldade. Implorei dois dêdos de caváco, um fiosinho de conversa, qualquer coisa... Nada! Vim depois a saber por uma claraboia, nova, muito linda que ao lado, sobre um prédio elegante, brilhava como um diamante monstro, que a pobre chaminé padecia de surdez senil...

Coitada. Na verdade ela corcundava já muito. Pelo sul estava cheia de remendos a cal; e as queixadas apresentavam um prognatismo que sobremodo a desfeava. Depois o fumo saía-lhe tanto pela bôca como pelas fraldas. De sorte que não tive dúvida alguma em acreditar, que a corcunda e vesga chaminé fôsse coéva de Dom Froila I.

Mas encheu-me bem as medidas a claraboia faíscante do prédio novo ao lado. Ah! Essa, sim. Se o Sá Pereira soubesse da minha nova conquista!... Que ciumes, que ciumes não sentiria. Eu tive porém a prudencia necessária para me conservar discreto. Ela tinha uma tunica de graná tufada que lhe ficava a matar; e o seu transparente chapéu de cristal tinha oito faces: era um octaédro enorme, donde iradiava um brilho iriado, de joias raras.

— Eu sou muito nova ainda — disse ela — mas gosto muito de conversar. De noite, quando a lua se retrata em mim, eu travo com ela e as estrêlas e os soturnos planetas que andam lá muito longe pelo espaço, palestras interessantes que me deleitam e instruem. Eu sou, modestia á parte, a mais letrada e sábia de todas as claraboias de Braga, mesmo do Porto,

mesmo de Lisboa... Sou até a fundadora da benemérita sociedade protectora das claraboias e chaminés, e desempenho na sociedade o cargo de presidente nata. Estou em boas relações com quase todas as sociedades congéneres da República Portuguêsa e do estrangeiro.

Eu estava intrigado com semilhante verborreia. Por isso quís logo saber quais eram os fins da sociedade, o que lhe diziam os astros e sobretudo como é que ela conseguia comunicar com as outras sociedades do estrangeiro.

— Ora essa! Os fins da nossa associação são variadissimos. Tomamos por divisa as fórmulas sintéticas Fraternidade e Igualdade. Sômos partidários da Paz Absoluta e do Progresso. Como o nosso fim nas superficies altas dos edificios é iluminar — espalhámos luz. Protegemo-nos mutuamente umas ás outras. As nossas companheiras e próximas parentas — as chaminés — merecem-nos especial cuidado. Algumas, coitadas são extremamente ignorantes; conhecem apenas a cozinha e as congéneres da vizinhança. O nosso fim é ilustrá-las, fazê-las compreender o que é o Bem e o que é o Mal, — o que é a Fraternidade e o que é Igualdade. Vê tu: aquela que se ergue altaneira, ali ao lado, é uma anti-clerical temivel. Ha muitos anos que préga, em noites de tempestade agréste, a luta contra o jesuitismo e o congregamento de todas as energias sob a bandeira da democracia.

Eu olhei espantado. A chaminé visada ficava próxima e era um velho conhecimento de Sá Pereira...

Admirado contei-lhe a ignorancia que ela tinha manifestado sobre certos assuntos...

— Ah! Não sabe de mais nada. Anticlericalismo e cozinha.

— E os astros? que dizem os astros? Falas com a Lua?

— Sim. Os luminosos habitantes das regiões sidéreas são de uma ilustração, e de um bom senso admiraveis. Êles conhecem tudo. Foram êles os meus mestres. A Lua sobretudo, com a sua cara palerma, denotando microcefalia — é uma soberba inteligencia!... O que ela sabe de Arte?... E de Sciencia... Sobretudo de Viagens... Ha dias falou-me do Canal de Panamá. Que soberba obra de engenharia! Contou-me que estava arrependida por ter pregado aos homens de sciencia a pirraça de alterar a seu talante os niveis das marés, dos dois Oceanos. Falou tambem da enormidade dos edificios de Nova-York. Ha lá casas de 60 andares onde ás vezes se dá o extranho caso meteriológico de chover para os primeiros 30 andares, estar nublado e nevoeiro nos dez andares seguintes e fazer bom sol nos restantes. Tem-me falado muitas vezes sobre as belezas da Arte. O que ela diz da Batalha e dos Jeronimos. De Notre Dame de Paris e da Catedral de Reims! Do Hotel de Vile e do Louvre! Dos Castelos da Provença e dos Parques de Paris! Conhece sábios da terra. Fala-me muito de Camilo Flamarion, com quem conversa muitas vezes. Este sábio nas suas digressões pelo infinito é mesmo hospede dela. Anda quase sempre na lua.

— Cara amiga: como consegues tu falar com os astros e mesmo com as outras tuas companheiras? A distancia que vos separa...

Ela então, tomando ares catedráticos, explicou-me esse segredo. Eu devia ter ouvido falar dum certo Marconi, que inventára o telégrafo sem fios. Pois na Lua tinha havido muitos anos antes um selenita ilustre, que inventára um aparelho semilhante, mas muito mais perfeito e simples. A transmissão operáva-se por ondas elétro-luminosas e havia a faculdade de dirigi-las para um só ponto á vontade do transmissor. Mais tarde me explicaria o segrêdo do funcionamento.

Falamos depois á cerca da fraternidade humana. Disse-me, desdenhosa, que isso era uma coisa que ainda não existia senão no Socialismo. E para prova da sua asserção falou da minha prisão. Com espanto nem ela conhecia toda a minha vida íntima. Falou dos meus livros, dos meus artigos dos jornais, dos meus contos. . . Felicitava-me pelas minhas ideias progressivas, mas preveniu-me de que era uma asneira acreditar neste momento, em Fraternidade e Igualdade entre os homens.

— Se houvesse fraternidade, tu, que estás inocente, estarias a esta hora em tua casa tranqúilamente. E se existisse a igualdade perante a lei, o teu principal acusador, que é uma testemunha perjura, estaria na Penitenciaria por ter morto uma filha.

Eu quís logo saber quem lhe fizera semilhante revelação.

— A Lua — respondeu — a minha boa amiga, aquela que sabe tudo.

Mas eu estava extenuado. Pedi alguns momentos de descanso. Ela acordou. Demais a mais tinha de fazer a sua prelecção diária ás suas companheiras. Dissémos um adeus fraternal e eu vim estirar-me na cama.

*

O dia passou normalmente. Tomou-se o cafézinho de manhã, almoçou-se ás 11 e ás 5 o jantar estava papado.

XVII

Sabado, 24 de agosto.

Faz-me mal ver crianças. Ontem, ás 5, depois de ter sido servido o rancho aos soldados e aos presos pobres do presídio, as fachinas fizeram a distribuição dos sobejos por uma multidão de crianças que aguardavam na rua, em redor da carroça, a chegada do caldeirão.

Umas eram pequeninas, de 3 a 4 anos; outras mais espigadotas dos 6 aos 8. Havia tambem alguma velha andrajoza que conduzia ao cólo um netinho, ou uma mãi palída famélica, que aleitava um infante de mêses de vida, apenas. Todos tinham na mão uma vasilha. Uma tigéla de barro vermelho, uma sopeira pequena, uma malga ou uma panelinha de folha. Entre êles eu vi, — sentindo as lagrimas nos olhos — duas criancinhas loiras, por certo irmãos, que encostados á parede, de mãos dadas, aguardavam que lhes chegasse a vez de serem contemplados com uma pequenina ração

que fôsse. Devia ter o mais velho 5 anos e a irmãzinha de cabelos louros caídos, não tinha mais de 3 ou 4. Por um sentimento de amôr paternal eu comecei a interessar-me pelas duas crianças, a analiza-las, a estuda-las. De cima da minha janéla de 3.º andar, eu não podia erguêr a voz e suplicar em nome da igualdade, que fôsse dado áqueles desprotegidos, que não sabiam ainda lutar pela vida — o quinhão a que tinham jus. Vencem os mais fórtes. Os maiores e mais atrevidos, aqueles que tinham a mãi ou avó ao lado puderam conseguír o seu desideratum e lá iam saltitando, contentes, com a sua escudela cheia. Mas os dois, os irmãosinhos loiros que se encostavam á parede, apesar de terem feito tentativas de estenderem suplicantes a mão onde brilhava uma pequena panéla nova ainda não conseguiram fazer-se notar. A carroça abalou, dispersaram-se os outros, os felizes, que conseguiram um jantar para si e talvez para desogar uma familia inteira.

E os pobres engeitadinhos da Fortuna lá ficaram no mesmo sìtio, doridos da injustiça que lhes fizeram, talvez roidos de fóme...

As lagrimas caíam-me dos olhos, escaldavam-me a face, perolavam-me já no casaco. A comoção embargou-me então a garganta, sentia o coração contrair-se de dôr. Porque, naquele momento, comecei a achar extraordinárias semilhanças entre êles e os meus dois filhos. Sobretudo a pequena. Era o mesmo cabelo loiro, a mesma face risonha. Os seus olhos meigos deviam tambem ser azuis como dois fragmentos do céu. Era bem um retrato da minha pequenina Idalina, que a essa hora, por certo, em casa, perguntava pelo seu papá, supondo-o, talvez perdido para sempre. Minha pobre filha! Como a tua recordação me enche de saudades. A minha memória está a fazer sobresaír

toda a tua pequena existencia de 3 anos. Sobre a téla da imaginação, como em fita cinematográfica, vejo-te pequenina, com 6 mêses, fugindo do cólo materno para os meus braços amigos. Depois, quando ensaiavas os primeiros passos, procurar o amparo paternal das minhas pernas, nos corredores e nas salas, no pateo coberto de vinha, ou na eira banhada de sol.

E ha dois mêses ainda, quando a doença te prostou, e a morte se quís instalar á tua cabeceira, a tua mãosinha côr de cêra segurava a ába do meu casaco para que eu me não ausentasse e te prodigalisasse carinhos; te distraísse com brinquedos e te aliviasse das aflições crueis dos padecimentos. Meu pobre anjo! Se estás hoje doente, quem te presta esses cuidados? E' bem certo que te não faltam as carícias maternais, nem os afagos dos avós, nem os inocentes beijos do Anselmo, do teu pequenino irmão, que tem já propósitos de homem. Mas o que tu não poderás vêr é a face amiga do teu papásinho que te trazia todas as tardes bôlos, quando vinha de Esposende, ou dos passeios habituais. Essa, ha 9 dias que a não vês, e quem sabe mesmo se a tornarás a vêr?

Tu já sabes, minha filha, o que é Bondade e o que é Maldade. E's muito pequenina ainda, mas o teu cerebrosito em formação, faz já ideia do Bem e do Mal. Como tu te deleitavas quando vias as pombas brancas esvoaçarem em volta do pombal com bicadas para os filhos! E, como te entusiasmavas, vendo na macieira as avesinhas forrar os ninhos de penugens finas! Isto para ti são exemplos práticos de Bondade.

Mas quando o cão amarelo do vizinho mordia o pobre que pedia esmóla, e o gato pardo do caseiro arranhava o Anselmo, o teu irmãosinho querido — tu encolhias-te, contristada, buscavas o abrigo protector do teu papá e, no teu cerebro, registavam-se tais acções como Maldades crueis!

Pois, filha, assim como ha animais bons e maus, ha bons e maus homens.

Foi um destes últimos, um homem tão perverso que não poupou a vida duma filha, que te privou das caricias do teu papá. Sim, filha: o teu progenitor foi-te roubado e enclausurado num quarto duma prisão por ter dito em público, como afinal toda a gente o dizia, que esse mau homem que matou uma filha era peor que uma féra dos bosques e que o seu lugar legal era numa casa horrorosa chamada Penitenciária.

Mas esse instinto de Bondade que tu denótas insuflei-t'o eu com a vida. Por conseqùencia possuia-o. E ao mesmo tempo que a minha razão marcava o destino final desse mau caracter, o meu coração recordava-me que êle tambem era pai — resultando disto um conflito íntimo entre a razão e o sentimento. Por último, quando chegou o julgamento do filicída, conheci que tinha vencido o coração. Eu desejava íntimamente a sua absolvição, não por êle, mas pelos filhos que ficariam órfãos.

Não obstante isto, o vilão pagou como aquela cobra ingrata que um menino agasalhava no seio e que por fim o mordeu.

Agora deixa-me falar ao nosso querido Anselmo, ao teu companheiro dos brinquedos, a esse teu irmãosinho que já pensa e quase que já lê aos 5 anos.

Filho: Esse pequeno menino que eu ontem vi da janela do meu quarto devia ter a tua idade. Como tu tinha tambem uma cabecinha loira, era igualmente gorducho, andava descalço, e vestia um fatinho á maruja, esfiado, já desbotado. Talvez um menino rico de bom coração lh'o tivesse dado, depois de o supôr sem préstimo para si...

Esta caridade será cristã, mas, com certeza, não é humanitária. Dar aos outros aquilo que nós não queremos, por ser velho ou rôto, cabe nos limites da esmóla,

mas vai de encontro á sã moral do socialismo bem compreendido. Um menino rico que encontra um seu companheiro de folguedos esfarrapado deve, mas sem o vexatório aspecto da esmóla, ceder-lhe um dos seus fatinhos, repartir com êle os seus bôlos e os brinquedos. Isto é que é a grande moral do futuro que tu em parte já tens praticado inconscientemente, é claro, mas por um instinto ináto de bondade imanente e de humanitarismo infantil. Quantas vezes te não vi eu fretar os bolsos de fruta, meia dúzia de vezes ao dia e ires distribui-la fóra, no largo coberto de vinha, da nossa aldeia pela colónia de pequeninos vizinhos que te rodeava? Depois correres ao fôrno ou á masseira onde a abundancia abençoada do nosso pão era certa, e pedires duas fatias cheirosas da boa borôa que a tua mãizinha havia fabricado — uma para ti e outra «para um menino que não tinha pão ha dois dias». Afinal, dois minutos depois, ninguem sabia já o fim que havias dado á tua fatia...

Isto repetia-se todos os dias três, quatro vezes. E no entanto nada nos fazia falta e eu rejubilava com o teu procedimento. Praticavas, na escola da Vida, a bela moral do socialismo humanitário.

Bem hajas, filho! Não esmoreças nunca na prática do bem, porque a tua franca liberalidade nada tem de pródiga.

Mas eu queria falar-te desse menino que, com uma irmãsinha pela mão, pedia a uns pobres soldados uma esmolinha de rancho para mitigarem a fóme.

Quem sabe se o pai desses meninos estaria, como eu, prisioneiro do Estado, e talvez como eu vítima dum engano ou duma vingança infame, dum perjurio.

Quem sabe se a mãi deles não estaria em casa estendida numa enxerga de trapos, minada pela tuberculose ou escaldada pela fébre de muitos dias?

Eu tive o pressentimento disto. Por isso as lágrimas me saíram dos olhos candentes e abundantes quando vi todos os outros contemplados, e êles esquecidos!

Se de facto êles tinham de sustentar uma mãi doente, que dia de fóme nesse lar desolado!

Lamentei então que a nossa casa não fôsse ali perto, e que tu não estivesses presente a esta scêna, gozando a grande liberdade que á tua infantil meninice te ortorgam as leis. Por certo tomarias-lhe as mãos, conduziria-lo a casa, vaziarias todo o conteúdo do teu prato na pequenina panéla, atufarias-lhe os bolsos de fruta e partirias duma borôa um pedaço de pão tão grande, quanto fôsse compativel com as suas forças aguentar-lhe o pêso...

Depois, notando as semilhanças que havia entre a desconhecida menina e a tua irmãzinha, era natural que pedisses á tua mamã um vestidinho limpo para substituir por aquele outro, rôto, que ela trazia. E, já na rua, quando os viésses acompanhar, despirias a tua *blusa* e obrigarias o pobre a envergá-la.

Tenho a certeza que farias isto.

Agora falêmos da nossa vida, da nossa casa, das nossas coisas.

Tens regado o nosso jardim e sachado a hortinha onde cultivamos a couve-flôr, os espinafres e as cenoiras? Tens ido á nossa quinta, a Cedofeita, vêr o vinho e as fruteiras?

Provavelmente á quinta não tornaste. O teu companheiro de viagem era eu, que com tais passeios tinha em vista insuflar-te o gosto pela agricultura e pela vida pacata da aldeia e das industrias campesinas.

Porque, filho, da agricultura é que sai o pão, o vinho, a fruta, o azeite; o linho dos nossos lençoes e toalhas e o dinheiro com que havemos de comprar o arroz, o açúcar, o bacalhau e a carne...

*

O dia hoje apresentou-se sombrio e taciturno. A' tarde, depois de jantar, começou a chover e de noite a água caíu com impetuosidade. Nada ocorreu de anormal durante o dia. Apenas mestre João Alves nos amedrontou com um prato a mais ao jantar—a conta.

De resto ja se esperava e deve dizer-se que o honrado hospedeiro é comedido e não explóra.

Desejei escrever a minha familia e ao Manuel. Emilio. Mas... desisti do intento. Pois se inda estou incomunicavel!...

XVIII

Domingo, 25 de agosto.

Toda a noite choveu torrencialmente. Nuvens baixas, cinzentas, informes, toldam o céu por completo. Nada se vê para alêm das arvores dos campos convizinhos, Toda a imensa massa de serranias de norte a léste está envolvida em nevoeiro denso.

Levantei-me tarde tomando o cafésinho habitual e, feita a *toilette*, recolhi aos meus aposentos privados.

Hoje estou nervoso, frenético, insatisfeito. Fumo consecutivamente e tenho a impressão do vácuo. Almocei regularmente, mas assediou-me um tédio enorme.

O meu espírito divagava. Errou durante horas por ignoradas regiões da metafisica. Em seguida avassalou-me a mais cruel hipocondria. Sentia o corpo dorido, tinha falta d'ar e o coração batia-me, apressado como um expresso em marcha. Depois, o meu cérebro esvaía-se; umas nevralgias crueis mortificavam-me. Deitei-me. Durante minutos experimentei umas sensa-

ções agradaveis — tranqúilizei os nervos. Mas logo uma reacção violenta me sacudiu. Tornou-se-me insustentavel tal posição. Ergui-me de chofre e passeei no quarto descrevendo dezenas de vezes a diagonal. Cansado tornei a deitar-me. E ia fazer um cigarro, quando subito, inesperado, o cabo Ribeiro abriu a porta:

— «Venha já lá baixo. Não demóre.»

Ergui-me lésto, dum pulo. No corredor, adeante, a fôrça do 5, que guarnéce o presídio, formava álas; e no meio dela muitos presioneiros já: uns sérios, risonhos outros. Faltavam apenas dois ou tres.

Mas precisamente nesta altura um quebranto de fôrças, um enfraquecimento cerebral, começou a prostrar-me. A vista turvou-se-me. Dir-se-ia que eu estava possuido do *delirium tremens* dos alcoólicos. Tudo andava já á roda de mim, numa vertigem... Era uma síncope — talvez a seqùencia do meu estado de espirito, desde manhã.

Sei que me amparei ao ombro amigo de Sá Pereira. E vi tambem que do meio da fôrça se adiantou para mim um dos prisioneiros — um rapaz gordo, alto, simpático, trajando com certo esmêro. Depois...

Numa aberta reconheci, de relance, que estava junto a uma janéla — foi quando me chegaram aos lábios uma gota de água fresca que absorvi, inconsciente.

Mas o ar fresco e a água fizeram a reacção. A vida voltou, normalisou-se a pouco e pouco o meu estado de espirito. Sentia ainda sobre a cabeça um pêso de toneladas, mas ia paulatinamente recuperando o sentido da visão. Primeiro via a grade da sacada inda informe, de varões muito grósses, tremelicantes... Depois a folhagem dum lateiro, em baixo, redemoinhando, como varrida de violento tufão. Mais ao largo as casas, os telhados, as chaminés pareciam-me as vagas altaneiras dum mar a erguerem-se e a abaixarem-se em

espaços compassados. Tinha a fronte inundada de suores.

A meu lado estavam uns soldados e um corneteiro que tambem esteve em Esposende e que me amparavam, fraternalmente, carinhosos, como amigos. Bons rapazes estes do 5 de infantaria! O corneteiro era inda muito novo e imbérbe. Quando viu que eu voltava a mim, começou a falar-me de Esposende e da «grande injustiça de que todos nós eramos vítimas» Êle conhecia o nosso acusador, «o matador da filha» e sabia bem, podia afirmar áqueles seus camaradas, que nós eramos tam conspiradores como êles que andavam a defender a pátria. Eu podia estar tranqúilo, pois sabia que talvez nem julgado fôsse. Tinha tenções de ir brevemente fazer uma visita a Esposende. Gostava da terra e não queria ir para Lisboa, sem lá tornar. Punha os seus serviços á minha disposição.

Eu agradeci-lhe as suas palavras amigas. Já então a grade da janela tinha na minha retina a verdadeira grossura e a devida estabilidade; as folhas da vinha, luzentes da chuva, jaziam serenas; e as casas, as trapeiras e as chaminés tinham finalizada a sua dança fantastica no *sabbat* da minha imaginação doente. Erguime. Absorvi ar fresco — enchi bem os pulmões. Esfreguei depois a fronte: sentia latejar as arterias sobre as temporas e os lóbulos esquerdos do cerebro, movimentando-se de encontro, as meninges originavam-me nevralgias dolorosas. Não obstante estava bom e declarei poder seguir, ir lá baixo, ao primeiro pavimento, vêr o que me queriam.

No cubículo que serve de secretaria, o sargento escriturava o rol dos prisioneiros: dia e hora de entrada, nome, estado, naturalidade e profissão. Ao lado numa cadeira, o oficial fiscalizava. Eramos 16 no 3.º pavimento. Depois de cumprida esta formalidade re-

colhemos novamente ás célas fradescas de Sam Barnabé.

Eu estava ainda extenuado, por isso deitei-me, agasalhei os pés e deligênciei dormir. Sentia de quando em quando umas vertigens momentâneas. Não consegui sequer dormitar. O coração pulava sobressaltado, parecendo querer desprender-se do peito. Os músculos distendiam-se e encolhiam-se em convulsões nervosas e as articulações começavam a anquilosar-se.

Decididamente, a neurastenia apodéra-se de mim. A síncope de ha momentos preocupa-me. Julgo que estas dôres de coração são prenúncio de mau agoiro. Começo a supôr-me cardíaco. E as nevralgias agudas fazem-me pensar na pavorosa alucinação mental! . . .

Que sofrimento atroz! Não posso passear. As pernas vergam-se-me e a vista turba-se ennevoada . . . E então, de novo deitado, outro fantasma me procurou. Aos sofrimentos físicos vieram aliar-se os padecimentos morais: as saudades da família e a nostalgia da minha aldeia. De pensamento em pensamento, comecei a mergulhar nos pantanos da hipocondria e fui até ás alucinações da nevrose — como diz algures o genial Junqueiro.

No entanto, eu não sei qual a origem de tal intranqúilidade. A minha consciencia continúa serêna, não a atemorisa o perjúrio dum homicída e dum alcoólico. A minha inocencia encoraja-me e fortalece-me. Mas hoje perdi até a noção da minha situação, nesta casa.

Não posso mesmo escrever. Sinto dificuldade em retratar o meu verdadeiro estado de espírito.

. . . . . .

A's 14 horas, porém, o meu estado psicológico tinha melhorado. E já não sentia padecimentos físicos. Apenas uma moleza, um quebranto, que me prostravam em sonolência invencivel. E ás 15 quando findei de

jantar estava perfeitamente bem disposto e a harmonia imperava em todo o meu organismo — fisiológica e psicológicamente falando.

*

Sá Pereira foi hoje roubado. Enquanto fômos a baixo, á secretaria, palmaram-lhe 500 réis de cima duma cadeira. Aflicto, chamou pela sr.ª sentinéla para dizer ao sr. chaveiro se mandava cá o sr. cabo . . . Sá Pereira é o homem das senhorias cá na casa. A's vezes até, inadvertidamente, chega a dar senhoria . . . á sentina:

— «Sr.ª Sentinéla! faz-me o favor de dizer ao sr. chaveiro que desejava ir á . . . senhora sentina»!

O cabo afinal veiu:

— Roubaram-lhe cinco tostões? Logo ha de fazer a sua queixa.

Escurece já. Depois duma palestra íntima sobre mulhéres, saboreada de rastos, por baixo da frincha da porta, eu de cá, Sá Pereira de lá — adormecemos.

A queixa de Sá Pereira passou á história.

— Os cinco tostões? Êles vêem . . . êies vêem . . .

XIX

Segunda-feira, 26 de agosto.

Hoje estou de excelente humor.

Passou totalmente toda a nuvem negra que ontem me ensombreou a alma.

Posso mesmo reflectir um pouco sobre esse estranho estado de espírito, essa cruel neurastenia, mortificadora e dolorosa que tam subrepticiamente se apoderou de todo o meu sêr.

Eu já estava colocado entre duas filas de soldados armados de Mausers. Tal aparato bélico fez impressão sobre os meus nervos então extremamente sensiveis. Creio que um homem que é colocado entre a força armada é um indivíduo que a sociedade excluiu de si. Por conseqùencia um homem fóra da lei. Fóra da lei estão os ladrões, os assassinos, os vadios os bandoleiros — os criminosos de toda a ordem; mesmo o conspirador que, de arma na mão, deligenciou derruir uma pátria incipiente — se quizerem.

Um homem que perde, ainda que por momentos apenas, essa regalia legal — é um ser inutil, desprezivel, sem direito ao vértice luminoso do triangulo democrático: Liberdade... Nem mesmo aos dois outros da grande base social: Igualdade, Fraternidade...

Não me restava a menor dúvida de que eu tinha perdido a suprêma regalia, — a Liberdade. E, momentâneamente, a minha razão revelou-me que aqueles soldados analfabétos, de alma rude, que me guardavam como um criminoso nojento, deviam supôr-me um sêr muito inferior a êles. *Ipso facto* perdida estava a Igualdade. E ainda como «criminoso» eu não mereceria a comiseração deles nem o seu trato afável, nem as suas palavras amigas. Logo, o último vértice, a Fraternidade, estava tambem para mim perdida... De nada valeu, naquela ocasião, a grande placidez da minha consciencia que me relembrava a velha frase do tambem velho alfageme de Santarem. «Quem não deve não téme!...»

Na íntimidade da minha alma, de todo o meu sêr, eu continuava a ser um homem honesto, respeitador das leis pre-estabelecidas, acreditando-me protegido por elas e por todas as regalias sociais.

Mas aquelas consciencias estranhas sabiam apenas que eu era um prisioneiro, um «conspirador»!... Se eu pretendesse fugir, seguia-me uma descarga de 15 tiros ou igual número de coronhadas.

De que me valeria alegar que eu era vítima duma infame vingança, que era um autentico democrata, que era um livre pensador, que combatia a igreja, que negava os dogmas e a infalibilidade pontifícia?

De que serviria dizer que para provar o meu republicanismo poderia apresentar como testemunhas um concelho inteiro, exceptuando apenas uma dezena de in-

divíduos, meus provados inimigos pessoais, e cujos baixos processos politicos eu condenava com denôdo? Ora foi por ventura esta série de pensamentos, que ennovelando-se, saíndo de roldão, em estranha promiscuidade, produziu essa reacção orgánica que me alterou a circulação, insensibilisou os nervos, tornou flácidos os músculos e adormeceu o espírito.

O meu sêr — fisiológica e psicológicamente falando — cometeu, apesar de tudo, uma estúpida asneira. Mas quem poderia evita-la?

A força de animo? Essa lá estava comprometida, cumplice principal dessa fraqueza de espírito. E contudo era a primeira vez que me abandonava. A minha constituição orgánica? Mas fisiológicamente eu sou fraco. A minha caixa toráxica é de diminuta circunferência e os meus pulmões teem muitas vezes carencia de ar. Mágro, pouco abundante de carnes, tambem não tenho uma musculatura excepcional. Daqui resulta que o meu organismo, se pudésse operar independentemente do espirito — dessa força imponderável que movimenta a matéria — não sustentaria o chóque sem sossobrar.

Por conseqùencia essa asneira da síncope cabe sómente á instabilidade da Natureza que a mim me dotou duma fraca compleição, enquanto que a esse bom rapaz, alto, gordo, simpático, que me amparou fraternalmente e me conduziu até á janela — o dotou duma corpulência atlética, máscula, bela — como a de um lutador romano!

XX

Terça-feira, 27 de agosto.

O dia hoje começou bem. Logo de manhã principiei por receber as saudações gráceis da minha querida claraboia, e os bons dias miádos a preceito do filósofo da trapeira.

O respeitavel gato não estava zangado comigo. Declarou até que me achava bastante agradável — coisa, afinal, rára entre os homens — segundo o seu modo de pensar. De resto, continuava a odiar a humanidade. E as minhas revelações tinham-lhe feito tal impressão que resolvera ir esquecer para longe, mesmo para muito longe, lá para os lados do levante, esse nefando crime e o estúpido procedimento dos homens que recompensavam criminosos. Depois disse que corrêra pelos olhos a «História Geral do Crime» e que poucos congéneres encontrára. Contudo relembrava Néro, o matricida e uxoricida. Quís saber se haveria algum parentesco entre êles. Eu ignorava-o. Mudamos de

pois de assunto. A gentil claraboia meteu bedêlho na conversa, perguntando-me quais eram as minhas impressões acêrca dum artigo célebre que António José de Almeida, o grande tribuno, a alma generósa da República, tinha publicado no seu sensáto jornal.

Declarei ignorar tudo. Estava incomunicavel ha 11 dias como se fôsse um enorme criminôso. Não sabia nada... Então ela, emquanto o filósofo se estendia junto á sua túnica tufada e dormitava — começou a falar, a falar, com tão sensáto jogo de palavras, com elevações de pensamentos tão felizes que eu tive a impressão de que escutava um cérebro super-humano... Chamava-se o artigo «Pela Verdade». E era tão verdadeiro todo êle, e era tão saído do ámago da alma, e representava uma aspiração social de tal fórma humanitária, grandíloqua — que ela, a boa claraboia — chorára internecida...

Começou então a dar a súmula desse primoroso escrito. «Era a condenação formal do sistema penitenciário que só poderia existir numa monarquia retrógrada e retintamente reaccionaria. E a sua opinião vinha a par da do velho e santo dr. Arriaga, essa outra alma boa e carinhosa que em Portugal representa o Suprêmo Poder, chamando á Penitenciária «monstruosa máquina de fazer imbecís desventurados e doidos». Os presos politicos não eram rigorosamente criminosos de delito comum. Eram, sim, grandes culpados, porque tinham atentado contra a Pátria, fazendo mortandades e pondo em risco a sua independência. Tinham prevaricado, fatalmente deviam sofrer o castigo do seu erro — mas humanitáriamente, mas de fórma que não seja tirado ao prisioneiro politico o contacto com o mundo, para êle se poder regenerar. Demais o delito destes homens é um delito de opinião. Êles teem uma crença politica diferente da nossa e querem combater por ela,

querem restaurar um regime que caíu de podre, cheio de pústulas e maldições. Embora. Os tempos actuais são de Progresso. Não ha inquisição. Torquemada, o de asquerosa memória, nunca mais acenderá fogueiras... Esses homens alucinados que pretendiam aniquilar os nossos esforços de regeneração nacional tinham de ser castigados pela sua rebelião — mas sem crueza, sem desumanidade... Havia a alternativa do degrêdo? Levassem-nos para Angola, para a escaldante Guiné, para o longinquo Timôr. Que longe da Pátria na nóstalgia mortificante, que dilacéra a alma, sofressem as conseqüencias do seu erro...

«Agora meter numa céla tumulo — depois de o numerarem como um fardo de mercadoria, e lhe enfiarem na cabeça um capuz infamante — um homem cujo delito primordial é pensar diferentemente de nós — nunca a retrógrada monarquia o fez... Isto é a suprêma expressão do castigo. Então o que deixavam para os parricídas, para os incendiários, para os invenenadores?

«Depois quase todos esses desgraçados eram vítimas da influência do cacique e das alucinadas fantasias, do culpado mór de tudo isto: o dementado Couceiro. Este, o cabecilha feroz padre Domingos e outros chéfes e sub-chéfes, andam em liberdade, vão a caminho do Brasil — disfrutarão ámanhã posições lucrativas e honrosas. E os pobres analfabétos, os camponêses da Azoia e Cabeceiras que inconscientemente pegaram numa carabina e a desfecharam sobre o exército fiel, hão de ser inclausurados na Penitenciária — máquina infernal que os transformará em imbecís e doidos? E em casa os filhinhos, morrendo de fóme e frio, mendigarão pelos portais dos lavradôres...»

Eu estava estremecido. Ah! essa grande alma de homem é bem republicana, bem humanitária. Que

contráste entre este altíssimo procedimento do republicano de 30 anos e esse outro reptilino dos espiões sabujos que, sem opinião definida, foram ha dois dias clericais, ontem monárquicos e hoje republicanos... «Republicanos, não!» diz essa nobre alma de António José de Almeida. Republicanos, não! Esses são os piores conspiradores, esses são os que comprometem a república e a tornam odiosa perante os indiferentes e os sensiveis corações daqueles que só desejam Paz e Fraternidade.

E eu íntimamente comecei a reflectir. A despeito da minha atual situação não devia odiar a República porque ela não era a culpada dos meus azares. Culpados eram esses vingativos espiões que se aproveitavam da anormalidade em que a Pátria estava mergulhada para perder os inimigos.

Que mal fez Esposende á República? Por acaso, no 6 de julho, houve lá um grito de rebelião, convocando ás armas? Eu não tive disso conhecimento. E contudo não ignorava que haviam lá monárquicos. Talvez alguns empregados publicos fossem monárquicos; muitos lavradôres e proprietarios são-no com certeza. Mas eu creio que se póde ser partidário do realismo, sem se ser conspirador. E era o que sucedia em Esposende.

Eu tive sempre uma grande simpatia pelas ideias avançadas. No tempo da monarquia com que deleite eu apreciáva as páginas sugestivas da «Alma Nacional», do grande caudilho António José de Almeida! E como eu admirava essa nobilissima alma que já então desejava uma república para todos os portuguêses honestos que quizessem cooperar no resurgimento da Pátria!

*

A' uma hora tive uma visita agradável: foi a do meu velho amigo Costa, de Vila Chã, que se ofereceu a minha família para me vir trazer roupa branca e de côr e um sáco de fruta — maçãs e pêras.

Com que prazer abracei aquele bom amigo de muitos anos! Trazia-me noticias da família. Os pequenos estavam de saúde e brincalhões como sempre. Minha mulhér tinha ficado boa e assim tambem meus sogros. Havia lá saudades, lágrimas, chôros... Enfim corações sensiveis de mulhéres... No entanto, por mim não havia o minimo perigo. Um próprio tinha ido a Gaia falar com meu tio. Tudo estava já prevenido. Na terra toda a gente estranhava a minha prisão, porque todos sabiam ser eu um republicano de principios. Tambem ninguem ignorava qual a causa verdadeira... Vingança. Enfim uma pouca de paciência. São coisas da vida. Se eu tivesse de ser submetido a julgamento, o que era provável, já havia advogado — um da Cóne ga, da Boavista... Falára com o dr. Fonseca Lima, que estava na melhor disposição de me «salvar». Fôra êle quem indicára o advogado, porque não lhe convinha vir defender-me ao Tribunal Marcial... Nada de receios. Tranqúilidade... Meu tio estava já em Caldélas. Com certeza me não desampararia tambem. Brevemente eu saltaria em plena liberdade... Ànimo, pois.

Filosóficamente, eu disse-lhe que estava bem, comia bem, dormia bem e fumava bem. Filosóficamente ainda disse-lhe que consolasse a minha família e que não se incomodassem com a minha detenção...

Quanto a esse grande amigo de Peniche que me indicava advogados de defeza, disse ao ingénuo Costa que o mandasse bugiar, tudo isso era farça.

Costa obtemperou:

— Crê que é teu amigo. Foi o ladrão do Duarte que o obrigou a fazer o que fez. De resto, até me disse que se não fossem «os outros», já cá tinha vindo buscar-te. Bem sabe que estás inocente. Mas como cá está o Reitor... De resto êle disse-me que não tinha culpa nas prisões que se fizeram. Foi o alféres, a pedido do patife que matou a filha...

— Quem tudo manda é o administrador.

— Pois é, não ha dúvida. Mas cala-te!... Nem pio. Não dês á lingua. Êle é homem de te pôr na rua, querendo. Demais garantiu-me que tu eras republicano. Tu. Os outros, não.

— Olhe, meu caro! esse seu amigo Lima é um farçante, um grande comediante. Só meréce os meus desprêsos. E' um tirano cheio de maldade. Dou-o ao diabo de bom grado. E fraco traste lhe dou. Não me fale mais nêle.

Com isto amigo Costa despediu-se, e lá foi a caminho da terra — enquanto eu punha em ordem as roupas e colocava sobre o peitoril da janela as odoriferas maçãs e as ricas pêras de Palmeira.

A' tarde, depois de jantar, uma palestra íntima sobre muitas coisas, saboreada á frincha da porta, estirados no meio do chão — eu de cá, Sá Pereira de lá. Falamos baixinho porque a sentinéla, um brutamontes cabeçudo e ruivo, bateu-me á porta e disse num vozeirão:

— «Nem pio, ó amigo! Pouco palanfrório!»

Eu respondi, prestes:

— Estou a rezar, camarada! E o ruivo cabeçudo, a resmungar, lá foi outra vez para o corredor central.

Eu e Sá Pereira continuamos com a interrompida... reza.

Quando as 9 caíram cadenciadas, numa torre pró-

xima, e lá para longe outro relógio mais rouquenho repetiu a operação, eu deitei-me serenamente, e pouco depois adormecia como um justo ...

Até ámanhã.

XXI

Quarta-feira, 28 de agosto.

Não tenho hoje assunto para as minhas impressões diárias. Por mais que rebusque, cá dentro, nos misteriosos escanos da alma; por mais que a minha inteligencia forceje por produzir alguma coisa — não sái nada com geito, nem mesmo sem geito...

Portanto vou pousar o lapis e fazer um cigarro.

Depois do cigarro feito, acendi-o... Pronto! E agora, que o incêndio lavra já na extremidade e a carbonização principia, vamos divagando alguma coisa, em virtude da falta manifesta de assunto.

Deste fogosinho lento do cigarro sái um ténue fumo branco a subir, para cima, para o espaço. Fumo! Encarnação do Nada, do Não-Existente, do Não-Ser... Que paradoxo!

O Nada é o prolongamente misterioso da Vida. Eu creio até que há certo parentesco entre o Fumo e a Vida!

Este fumosinho azulado, transparente, que sóbe ennovelado em espirais graciosas, e que lembra pela sua tenuíssima contextura a túnica transparente duma sílfide da mitologia escandinava, não se perde, contudo, no espaço.

E' a lei da conservação da matéria. A soma de matéria que enche o espaço infinito é constante. Em parte alguma da natureza nós vêmos matéria nova produzir-se; como em parte alguma veremos a matéria existente ser aniquilada ou desaparecer. Não ha no Universo uma partícula de força motriz que se perca; nenhuma partícula nova se ajunta á que já existia.

O fumo que se evóla deste cigarro e que parece ir perder-se no espaço, mistura-se como o oxigénio do ar e transforma-se em ácido carbónico gazozo.

O fumo é substância, é matéria; e as alterações, que nós verificamos nela, não são senão mudanças de fórma.

Mas... fugiu-me o lapis para as sciências fisicó-naturais, e eu preferia fazer um pouco de literatura ligeira, sem assômos de erudição, que não possuo.

Eu comecei por comparar o Fumo ao Nada. E o Nada disse ser a sequência da Vida.

Depois da Vida a Morte, e a morte é o mistério. Desagregam-se as células, corrompem-se os músculos, desfazem-se as ossaturas. Transforma-se tudo segundo a lei da constancia da matéria, que os filósofos do Réno apregoam como a pedra angular das sciências humanas.

Para alêm do túmulo, depois da morte o que há?

A Eternidade Católica? A Vida Futura?

Dizem os monistas que, se a matéria não póde agir sem a energia, o espírito igualmente não póde subsistir sem a matéria. E acrescentam:

— « Como conceber um paraíso onde os crentes espíri-

tualistas esperam encontrar todos os requintes duma civilização super-adiantada? E como póde ela ser gozada por um espírito sem fórma antes da ressurreição da carne? Depois, esta crença eclesiástica da ressurreição é puro materialismo. Como póde um corpo material ressuscitar para ir habitar um céu imaterial?

O corpo finda, finda a alma. Esta é a teoria dos racionalistas que os filosofos e scientistas modernos julgam a «Suprema Verdade». Mas a doutrina da Igreja Cátólica renega tudo isto e faz afirmações opostas. Quem tem razão?

*

Eu e Sá Pereira habitamos duas celas na ála leste do edificio junto ás retretes: A vizinhança parecerá á primeira vista não ser convidativa. Todavia é-o e muito.

Bastas vezes temos a noção de que estamos perdidos num deserto, esquecidos do resto da humanidade. Não ha sentinéla, não passa um soldado nem um oficial: A sentinéla do 3.º, ás vezes, por desfastío, dá aqui duas voltas e sáfa-se.

Entretanto eu estendo-me na cama, filosofando; ou então debruçado sôbre a minha secretária—a cadeira—e sentado no chão como um bramane hindu, escrevo o diário, as minhas impressões de ocasião.

E Sá Pereira, no cubiculo adjacente, passeia, manquejando, soltando imprecações contra o maldíto contrabandista que lhe deu a pistóla e desejando o enforcamento de todos os couceiristas—razão, motivo e causa de toda a sua carência de liberdade.

—«Sim porque senão fossem os malditos conspiradores, os nossos inimigos não tinham tido ocasião de

se vingarem». «Não era isso verdade?» De facto que era verdade. Grande verdade até.

*

Outra coisa ainda, confirmação do que acima disse:

A prova de que estamos perdidos numa dependência de Sam Barnabé é que perdemos a tramontana.

Sá Pereira afirma que o norte é para ali, para aquela banda... E aponta-me um ponto no espaço que eu suponho ser o nascente. Outras vezes varia de pensar e então gesticula, teima, grita que o norte fica para ali, para o... sul...

E não ha argumentos que o demovam.

Entretanto a verdade é que nenhum de nós tem a certeza onde ficam os pontos cardeais.

*

Hoje o 5 de infantaria foi rendido pelo 29. Era oficial da guarda o alferes Oliveira, o instrutor do meu processo. De manhã, ao ser servido o almoço, recebi a sua visita! Por volta da 1 ou 2 horas foram rendidos pelo 29 e seguiram para Lisboa.

Deixá-los ir. Nunca cá deviam ter vindo.

XXII

Quinta-feira, 29 de agosto.

Hoje é quinta-feira. Isto não é novidade nenhuma porque está na razão cronológica das coisas; e tambem porque ontem foi quarta e ámanhã será sexta.

Cá na casa ás 5 horas começou um estranho movimento. Batia-se ás portas. Eu, acordando sobressaltado, ouvia falar em «Porto», vagamente. Que era? Os que já tínham sido julgados e condenados que seguiam para o Porto. Foi encarregado desta missão matutina, um preguiçôso emérito, que tem grande prazer em dormir até ás 8 ou 9 horas—o 1.º cabo Ribeiro do grupo de metralhadoras n.º 1. Com que custo não deixaria êle o conforto morno da sua cama quente para correr quatro pavimentos, subir e descer escadas, com o fim de acordar e mandar fazer a *toilette* áqueles que tinham de seguir a viagem fatal? Eu adivinho. Primeiro um sobressalto instintivo sacudiu-o, depois esfregou os olhos, dorminhoco; em seguida bocejou.

Espreitou pela frincha da porta e viu luzir o dia frouxamente, ainda. Pousou outra vez a cabeça, fechou os olhos e lançou uma perna fóra das mantas afim de, á laia de termómetro, experimentar a temperatura do ambiente. Achou-a fria. A perna recolheu ao tépido calor das mantas e o busto ergueu-se de novo. Foi forçoso bocejar outra vez, esfregar outra vez os olhos, fricionar outra vez a cara... Mas a disciplina é o diábo!... Rouba-nos até o conforto e as comodidades.

Enervado, mole, sonolento, sempre a bocejar lá se ergueu, lá correu ao lavatório comum da casa a fazer a sua ablução matinal. Depois prendeu os suspensórios, vestiu o dolmam, poz o boné e ei-lo de porta em porta:

— «Ponha-se a pé. Tem de seguir já para o Porto».

Entretanto o desgraçado que ouvia estas palavras, acordando estremunhado, sentia-se perder a vida, lembrando-se dos horrores do futuro que o esperava.

Alguns haviam de achar bem fórtes as consequências inesperadas das suas aventuras. Outros talvez achassem iníqua a sentença que os condenára. E quem sabe se alguns não iriam inocentemente, vítimas da vingança infame dum mau homem, dum perjurio, ou dum engano?

Talvez, talvez...

Esses são dignos de comiseração. Que só os aventureiros sofram as funestas consequências dos seus erros. Porque exactamente por êles terem anormalizado a Pátria, foi que o estado de sitio se proclamou. Se tal se não tivesse dado, não poderiam tambem os meus inimigos enclausurar-me e acusar-me — flagrante patifaria — de ter ido a casa dum homem de quem de facto sou muito amigo, e de assistir a reuniões de carácter politico que nunca se deram!

Que insensatez! Acreditará alguêm nesse embuste

de eu, homem de princípios, e de ideas avançadas, ser partidário do retrocesso, da reação da autocracia?

Sei positivamente que ninguem dará credito a tal.

Até os meus acusadores, mesmo. Lá num recanto da sua negra consciência o espinho do remorso picará, fazendo-lho compreender. Haja vista as declarações do meu amigo Costa, que o é tambem do meu carrasco.

Pica remorso! Pica!

*

Ás 7 horas veio uma força buscar os condenados. Lá seguiram 17 para o Porto. Entre êles iam alguns bem trajados, denotando distinção. Um «brazileiro» envergando um fáto azul, de sobretudo ao ombro, com uma pequena mala na mão, lá seguiu na leva para cumprir 20 anos de degrêdo... Disseram-me que se chamava Bastos, era de Cabeceiras e tinha uma fortuna de centenas de contos.

De que valeu a este desgraçado as centenas de contos de réis que possúi nos Bancos e em propriedades? E se o obrigarem a entrar na Penitenciária como João de Almeida e o padre Barroso, se o obrigarem a alimentar-se do rancho, a envergar uma fardêta e o capuz infamante?

Não obstante, parecia tranqúilo. As linhas da sua face não tremiam: ia de viseira alevantada. Talvez julgasse que a pena fôra ainda pouca... Talvez! Que ao menos isso lhe servisse de consolação.

Quantos não seguiram nessa leva que deixavam na sua aldeia a mulher e os filhos que estremecia, entregues á impassivel natureza, lutando com as fómes que produzem degenerescências, e com as enfermidades que

corrompem o organismo e matam. E êles? E êsses infelizes, que os caciques arregimentaram, o que os esperará? A Penitenciária e o degrêdo.

A Penitenciária com os seus horrores e o degrêdo, os trabalhos forçados, durante anos, na esbrazeante Guiné, em Angola, entre os indigenas ferozes, ou no longínquo Timor—noutras terras tão longe da Pátria, e da família.

Coitados! Senti uma dôr de alma, quando os vi pôr em marcha, como se entre êles fôsse um parente meu, um amigo.

XXIII

Sexta-feira, 30 de agosto.

A's 7 horas méstre João Alves chegou com o taboleiro do café.

O mata-bicho, ás vezes, tem aspectos interessantes.

Eu tomo uma chávena de café simples. Custa-me um vintem. Mas quase sempre, a despeito de só gastar comigo um vintem, deixo de receber troco duma moeda de 100 réis. Ao fachina que faz a limpeza — um café. Ao outro que vai buscar a água — um café. A algum soldado de presença agradável, que palestreia com a gente — um café ou um calice de aguardente. E a algum preso pobre que passa a tratar da sua limpeza — uma ração igual ás subseqúentes. Total: quatro e meio a cento e dez.

Isto não acontece só a mim. Sá Pereira gasta quase tanto como eu — mas aproveita tudo . . .

Logo que lhe abrem a porta sái da toca, e, como o coelho, méte a cabeça a espreitar o corredor. Junto á

janela méstre João do café; dum lado o chaveiro — que umas vezes é Sê-Zé, e outras o cabo Ribeiro; e á minha porta, encostado ao ombral estou eu a sorver a minha chávena, que João diz ser de bom café, mas eu suponho ser de pura fava.

Sá Pereira olha para o hospedeiro e o hospedeiro olha para Sá Pereira.

João é perspicaz, compreende: apalpa o bolso do casaco e lá sái a garrafinha.

— Um calicesinho.

Enquanto Sá Pereira segura o calice e o entorna no sorvedoiro do seu estómago, *O Vendeiro Republicano* enche-lhe a chavena de café:

— Um cafezinho.

Sá Pereira bebe um gole; e logo, risonho, com um gracejo diário, já estafado:

— Não falta nada Sê-João?

— Ah! sim . . .

Tira a garrafa outra vez do bolso, enche o calice e vaza-o dentro da chávena. E isto chamam êles «matar o bicho ao café» . . .

Um minuto depois a chavena está vazia.

— E agora Sê-João?

— Ah! Sei.

João torna a meter a mão no bolso, torna a tirar a garrafa, torna a encher o cálice. E' para lavar a chávena. Mas como a chávena é grande, um só cálice não chega a nada. Dois e ás vezes tres. Soma total:

Um cálice — 10 réis.

Um café — 20 réis.

Mata-bicho ao café — 10 réis.

Lavagem da chavena — 20 ou 30 réis.

Total — 60 ou 70 réis.

A's vezes, por delicadeza, oferece um cafezinho a Sê-Zé.

Mas Sê-Zé, para o não obrigar a mais despezas, declara que não aceita, que lhe faz mal.

Se a demóra ás vezes é grande, se as fachinas se atrazam a fazer a limpeza, e João retarda mais alguns mínutos, Sá Pereira inigmaticámente, sem que ninguem perceba, acéna a João.

A garrafa sái do bolso e o cálice do taboleiro . . . Depois ambos nos voltam as costas . . .

E'-nos impossivel vêr o que se passa. Mas compreendemos. Sá Pereíra limpa os lábios, corado, como um colegial apanhado com a bôca na botija. João torna a introduzir a garrafa, já vazia, no bolso interior do casaco e desaparece.

Dali a meia hora, Sá Pereira, no quarto, passeia impaciente, declarando que morre de fóme e que João é o tipo mais desmazelado deste mundo . . .

Se ás dez em ponto o almôço não está já servido, deita-se cançado, a morrer de fóme e rogando pragas ao *Vendeiro Republicano*, por o não desfaimar a tempo e horas . . .

Que ratão este Sá Pereira!

*

Hoje, enquanto se fez a limpeza, usufruiu-se um bocado de palestra ás portas. Um bocadinho que agradou. Quando se repetirá? Custa tanto estar fechado á chave! . . .

*

Sá Pereira anda hoje com uma bôlha formidavel. De manhã assobiou e de tarde cantou o fado.

Passeava ao longo do quarto e marcava o compasso com a perna côxa. Cada vez se sentia mais

inspirado. Fez versos. Mas não sei porque, talvez porque êles herdassem os defeitos físicos do seu pai espiritual — saíram igualmente côxos. Quer dizer saíram ainda mais defeituosos: — andavam até de muletas . . .

Pobres versos de Sá Pereira!

Ao fim da tarde estava insuportavel. Depois de ter cravejado a sua vizinha a chaminé dos alexandrinos mais desastrados — desandou a berrar a «Vassourinha», assobiou a «Chula», pigarreou o «Vira da Maia» e uivou com muito sentimento o fado Hilário e a «Caninha Verde» . . .

Enfim não tive remédio senão adormecer.

Quando acordei, supu-lo morto de fadiga. No quarto dêle havia tanto silencio como num túmulo!

XXIV

Sábado, 31 de agosto.

Mal diria eu ontem, quando falava do proverbial mata-bicho de Sá Pereira, que êle havia de ter hoje uma decepção inesperada.

A méstre João Alves faleceu uma pequenita e por tal motivo foi a criada que nos veiu trazer o café. Mas a misteriosa garrafinha, aquela querida garrafinha que o Sá Pereira tanto admira, tinha esquecido em casa . . . A conseqüencia disto foi o meu pobre vizinho ter perdido a côr, tornar-se sério como um burguês indinheirado, e tomar dois cafés em substituição. Mas ao entregar a chávena que desconsolo não a vêr ir lavadinha como do costume! . . .

Até teve vergonha. Até córou. Supondo, é claro, que nós lhe lançariamos em rôsto a sua falta de limpeza . . .

Mas a culpa não era dêle. Ficou, coitado, contristado todo o dia. Desde que recolheu ao seu aposen-

to, começou a passear e a soltar imprecações contra João Alves, contra a garrafa e especialmente contra a negligencia da criada que... prejudicava os negócios do patrão.

Dali a momentos calava-se. E eu comecei a sentir rilhar qualquer coisa, um jôgo de mandíbulas que trituravam apressadas como mó de moinho.

Intrigado, colei o ouvido ao tabique. Seria rato nalgum buraco interior da parede? Depois pareceu-me que o ruido mandibular partia debaixo, do 2.º andar. Colei o ouvido de novo ao soalho. Tive a percepção de que ouvia partir macarrão em fragmentos.

Depois lembrei-me dessas fómes ugolinas de Sá Pereira e fui espreitar pela fechadura.

Que vi? — O pobre barnabiáno, sentado na cadeira de pau, levava a mais de meio caminho uma enorme regueifa de Valongo com que, ha 8 dias, o tinham presenteado umas primas!... Ela tinha já a dureza do marmore; mas Sá Pereira só deu por isso desde que se saciou, quer dizer: desde que a comeu toda...

Quando chegou o almôço declarou não poder comer visto ter-lhe faltado o seu mata-bicho matinal. Calculava até que nem poderia jantar. Tinha um estômago muito sensivel que estava já tão habituado a certo regime que...

— Oh! senhor — disse a criada — côma um bocadinho de frango, um arrozinho...

— Frango? Ah! mas é frango? Arroz de frango? — Quer não... o meu estômago... Enfim deixe ficar. Verêmos se lá para a tarde poderei comer alguma coisa.

A criada saíu contristada porque se julgava culpada do escangalhamento daquele estômago.

Mas eu, curioso como uma mulhér, fui logo direito ao buraco da fechadura.

Vi o fundo da garrafa obliqúando sobre a boca de Sá Pereira e ouvia o gorgolejar apressado. Depois destapou o prato, pegou em meio frango e devorou-o...

Eu, para não deixar arrefecer o meu almôço, sentei-me e comi tambem o meu frango e o meu arroz — porque o meu estômago não tem as exigencias e as sensibilidades do de Sá Pereira.

Dali a momentos no quarto contíguo comecei a sentir tintelar um garfo. Pé ante pé, lá fui outra vez ao buraco espreitar.

Estava tudo limpo!... Sómente ficaram alguns ossos mais duros, mais ruins de rilhar e a louça!... Pão, vinho, arroz e frango — foi tudo.

Que voracidade!

E sobretudo, que estômago mentirozo!...

XXV

Domingo, 1 de setembro.

Ora hoje é que ela foi...

Nem méstre João, nem a rubicunda criada apareceram cá com o café. De sorte que o meu estômago, debilitado, ás 10 horas, pedia socorro. E no quarto de Sá Pereira até se ouviam tocar sinos a rebáte...

Soube depois que não eram sinos, mas sim êle a rufar desesperado na pequena terrina com os dentes vibráteis do garfo.

No entanto ninguem acudia. No nosso deserto não ha viva alma que nos acuda nas aflições.

Mesmo o chaveiro hoje era um do 8, muito atencioso, cheio de delicadeza — mas rigido no cumprimento dos seus deveres. Abria uma porta de cada vez e impacientava-se, se a demóra ia alêm dalguns minutos.

Dei ao diábo o claviculário.

Eu só me entendo bem com o Sê-Zé ou com o cabo

Ribeiro. Estes, sim. Cumprem «legalmente» o seu dever a troco duns tostões, lá de dias a dias... o que os faz ser humanitários. Nada teem de crueza. Reconhecem que todos são homens. A questão são os tostõesinhos! Sê-Zé, sobretudo, tem uma habilidade de exigir...

Ora para acudir aos nossos debilitados estômagos tivemos que lançar mão de toda a reserva da nossa dispensa. Eu tinha sobre a janela um pedaço de pão e um meio palmo de regueifa, já muito dura. Fiz como Sá Pereira tinha feito na véspera: comi tudo!... O meu vizinho fez tambem como eu: comeu tudo quanto encontrou: sete maçãs, meia borôa de pão e um palmo de regueifa com que outra prima o presenteára. (Êle tem uma enorme coleção de primas).

Ficou quase satisfeita a sua voracidade...

Póde-se dizer mesmo que ficou alégre porque assobiou e cantou.

*

Eram 11 horas quando nos serviram o almôço.

Ao abrirem a porta, dei de cara com o cunhado de Sá Pereira, que lhe vinha trazer dinheiro. Fiz entrega de um oficio ao chaveiro para que depois de ser visto pelo sargento pudésse seguir seu destino.

O sargento chama-se Graça Dias. E' um rapaz muito novo ainda, simpático, bem parecido. Faz a barba na cara toda como um «Iankee» de distinção e tem o aspecto dum «gentleman», dum «dandy» de «boulevard». De resto tem linhas aristocráticas. Não me falou ainda. Ha dias entrou-me no quarto, fitou-me muito, mas não me dirigiu senão duas ou três palavras. Eu mesmo não falei, porque estava nervoso e mal disposto. Por isso não posso retratar, ou melhor,

esboçar a traços largos, as linhas do seu modo de ser íntimo, o seu caracter, enfim a sua psicólogia. Dizem-me que é boa creatura, mas que tem dias mal humorados e cheios de rompantes. Não obstante é duma delicadeza extrema.

Isto veiu a propósito do meu ofício, dum recibo e dum cartão que eu desejava enviar ao meu inteligente amigo dr. Artur Barros Lima, para que êle, lá em Esposende, lançasse ao correio o oficio, e com o recibo apanhasse os meus cobres na recebedoria. Durante o dia esperei debalde a decisão da censura. Ao jantar tornei a falar ao chaveiro do 8.

«Sim: êle falaria ao nosso sargento e depois viria dar resposta».

Continuei a esperar. Sê-Zé não apareceu e o cabo Ribeiro eclipsou-se de tal fórma que ninguem logrou vê-lo em todo o dia.

A' tarde, o mesmo chaveiro asseverou-me que a coisa seguira. Pelo menos já não estava em cima da meza do «nosso sargento» ...

— Diábo! mas eu é que devia mandar isso!... Receio que êle metesse tudo dentro do envelope e o enviasse para o correio.

— Não! o nosso sargento sabe o que faz.

Eu quís saber se estava já comunicavel.

Prontificou-se saber-me disso.

XXVI

Segunda-feira, 2 de setembro.

O 150 é um tipo original — *sui generis*. Tem uma cara que provoca o riso. E' de mediana estatura, magro, derreado. Tem um nariz de rabino e um pescoço delgado de girafa.

E' do 5 de infantaria e esteve em Esposende. Conhece-me já, desde lá. O seu metal de voz provoca a hilaridade.

E' um misto de algarvio, alentejano e transmontano da raia. Disse-me ser de Lisboa, mas a Sá Pereira declarou ser da aldeia.

De que aldeia?

Talvez de Paio Pires ou de Grimancélos — nem sabia donde era!...

Na quarta-feira passada esteve cá de guarda. Soubemos disso porque o ouvimos granzinar em baixo, no pátio — porque êle onde estiver ou há de estar a fumar ou a palrar, e ás vezes, quase sempre, faz as duas coisas á uma...

E' insuportável. Mas desopila para um dia inteiro.

Êle era já um grande amigo de Sá Pereira, desde Esposende. Comeu-lhe algumas sacas de pêras, bebeu-lhe algumas garrafas de vinho e fumou-lhe muitos cigarros. Sá Pereira, nesse tempo, era prodigo em favores de toda a ordem.

Por isso o chatissimo 150 desde que se caçou de guarda ao presídio começou a percorrer todos os andares, a espreitar por todos as fechaduras, a vêr onde estavam os «d'alêm, d'Ipusende». Té que veiu dar á porta de Sá Pereira.

— Psiu! Mancê não ouve? Forcêjo por dar uma ideia da sua estrambótica pronúncia.

— Que é lá. — E Sá Pereira correu á porta: — Quem é?

— Mancê não me conhece? Sou o 150...

— Tu és o 150?

— Sou, sim, sinhôrr...

— Tu queres um cigarro?

— Quero, sim, sinhôrr.

— Olha:

—Sinhôrr.

— Tu sabes quando nós seremos julgados?

— Mancês vão aminhã. Disse o nosso alférre.

— Oh raio! Isso é verdade?

— E' sim, sinhôrr.

— Raio! Tu não me enganes!

— Não sinhôrr, não engano.

— E é com certeza? Então tu a quem o ouviste dizer?

— Foi lá no quarté. Ouvi dizer a nosso sárgênto...

— Foi ao sargento ou ao alféres?

— Foi a êles ambo... Foi a nosso oficiá...

— Raio! Tu mentes.

— Não minto, não sinhôrr. Olhe: mancê não tem dé réis p'ra cumprá fósfe...

— P'ra quê?

— Pa cumprá fósfes.

Sá Pereira procurou nos bolsos e lá saíu um vintem que lhe estendeu por baixo da porta:

— Toma, raio! Se me enganas, morres!...

Dois dedos discretos rufaram-me á porta. Eu vim espreitar. Enxerguei uma pupila amarela como gêmas de ovo, desconhecida, que tinha vagas semiihanças com a de um esplendido perdigueiro que eu tive — o Rober!...

De fóra disseram-me.

— Olá...

— Quem é?

— Não me conhece?...

— Pareces-me o Rober...

— Quem?

— O Rober.

— Não sou, não sinhôrr. Sou o 150 que estive lá em Ipusende...

— Que mais ha? Sabes alguma coisa?

— Mancês são julgados aminhã.

— Bem. Está bem. Se saírmos ámanhã, apanhas uma taxada formidável e p'ra'í 10 dias de detenção motivados pela borracheira.

— Sim, senhôrr. Tem por'í um cigarrinho?

— Toma lá um cigarro.

— Tá brigado.

E retirou. Tivemos depois noticia que o 5 retirara todo para Lisboa, no dia seguinte. Esperavamos não tornar a vêr o 150. Na quinta-feira aguardamos que nos chamassem.

A meia tarde Sá Pereira tinha já desencadeado meia centena de pragas sobre os lombos estreitos do 150.

— Raios o partam! Inda o comboio descarrile! Esborrache êle o nariz ao desembarcar em Lisboa... E por'í fóra uma ladainha prolongada, onde faltavam os «Ora pronobis», mas sobejavam as imprecações.

E até ontem raro era o dia em que Sá Pereira não chorava o mau destino duns pobres cigarros e de uns miseros vintens que tinha dado ao 150.

Se não quando, ouvimos uma granzinada medonha no corredor do corpo principal do edificio.

Sá Pereira correu logo ao telefóne (buraco da fechadura) e asseverou que semilhante espalhafato só podia partir dum 150.

— Dum 150?

— Sim.

— Como? O 150 partiu.

— Ficaria.

Corri á janela. No 2.º andar a sentinéla ostentava no boné um 5, um autêntico 5...

Fiquei admirado! Então o 5 não tinha seguido todo para Lisboa?

Mas de repente olho para a janela do 3.º Encostada á grade da sacada estava uma carabina só... fazendo sentinéla!

Depois, no meu corredor rugiram umas sapatólas; parou-se junto á minha porta. Segundos depois, mais duas passadas; parou-se á porta de Sá Pereira. Eu comecei a ter suspeitas. Levantei-me e fui espreitar á porta. No pequeno corredor que dá para as sentinas andava um soldado a passear, fumando. Mas foi-me impossivel ver-lhe a cara. Tornei a ir espreitar á janela. A carabina no mesmo sitio, só — continuava de sentinéla!... Não podia deixar de não ser o 150!

Um quarto de hora depois a carabina tinha desaparecido. Dali a momentos eu pude confirmar as minhas suspeitas. Num relance pude enxergar-lhe o cos-

tado, a cabeça pequenina, o pescoço de girafa. Não lhe vi o rosto, mas reconheci-o logo.

Meia hora depois batia-se-me á porta.

— Que é lá?

— Sou o 150. Mancês já fôro julgados?

— Não: tu és um excomungado que me enganáste. Mentiste como um pêrro.

— Eu ouvi dizê a nosso oficiá...

— Intrujaste-nos.

— Mê esquerreva num biletino o seu nome. Vou ao quarrté generá sabê quando são julgados.

— Vai p'ró diábo.

— Dê-m'o biletino.

Resolvi escrever o bilhete. Ia a sentar-me quando êle torna a chamar.

— Que queres?

— Então dê-me um cigarro. O maldito supunha já que eu lhe não queria dar o bilhete por isso disse ao que vinha.

— Nunca o diábo mais leve; toma lá.

E o bilhete?

— Xe vê-lo.

Escrevi num bilhete o meu nome e dei-lh'o.

— Logo já o sei...

— Quero vêr isso.

Foi á porta do Sá Pereira e repetiu-se identica scena.

— Queres um cigarro?

— Não, sinhôrr.

— Então que raio queres?

— Tem por'í déreisinhos?

— Toma, raio!

— Bigado.

E desapareceu. Lá levou na cartucheira dois bilhetes para nos indagar no quartel general dos nossos negócios.

Eu deitei-me e li algumas páginas dos «Enigmas do Universo», de Haeckel.

Dali a momentos, Sá Pereira, ao telefóne, veiu-me contar que «aquele raio» já tinha a cartucheira cheia de bilhetes e cigarros...

— Ágora!

Mas era verdade! Vira-o estar no corredor a emmaça-los. Provavelmente tinha-se oferecido a todos os presos para os elucidar acêrca do andamento dos seus processos.

Ouvi chamar.

— O' 150? — Era Sá Pereira.

— Sinhôrr...

— Tu que raio estás a fazer?

— Ando a fazê garda.

— Não te esqueças?

— Sim, sinhôrr.

Depois ouvimo-lo seguir para alêm, sapateando muito, de carabina á tiracólo e fumando como uma chaminé...

Dali a momentos tornou a aparecer. Vinha a falar só e gesticulava. Sentimos depois abrir a culatra da carabina, cartuchos caíram no chão.

Sá Pereira correu aflito á porta.

— 150?

— Sinhôrr.

— Que raio estás tu a fazer?

— Ando a fazer garda.

— Raio! tu matas-nos.

— Não mato, não sinhôrr.

— Descarrega a espingarda diábo.

Eu corri tambem á porta.

— 150?

De fóra veiu o estapafurdio «sinhôrr».

— Uma espingarda na tua mão é um perigo.

— Não é, não sinhôrr.

— Inda a tens carregada?

Não veiu resposta.

— Toma um cigarro, diábo e descarrega isso.

— Bigado.

Logo que apanhou o cigarro descarregou a espingarda e foi ter com Sá Pereira.

— Mancê não ouve?

— Que é?

— Onde tá o pade?

— Qual padre?

— O Pade.

— O que veiu com nós?

— Sim, sinhôrr.

— O Padre Guerreiro?

— Sim, sinhôrr.

— Está'í adiante, no corredor. A essa primeira porta. Inda lhe não apanhaste o bilhete?

— Não sinhôrr.

— Vai lá então. A' mão direita, sabes?

— Sei sim, sinhôrr.

De espingarda a tiracólo como um caçador do pólo e fumando como o cano duma locomotiva chegou ao corredor e espreitou á primeira porta, á esquerda.

— O' Pade? mancê não ouve?

Ouviu gaguejar dentro. Conheceu que não era êle. Pôz-se então a refletir qual era a ála direita, porque voltando-se para a janela a direita era uma e voltando-se para o interior, a direita era outra. Veiu á minha porta desfazer as dúvidas.

— Mancê ouve?

— Que raio queres? Estou farto de te aturar.

— Onde está o Pade?

— Quem? Qual Pade?

— O de Ipusende.

— Aí adiante já; a primeira porta á direita.

—A' dirreita? A da banda de cá ou de lá?

— O' raio? tu não sabes qual é a direita.

Pensou um bocado:

— E' esta.

— E então?

— Mas é que a gente voltando-se para uma banda a mão direita é esta; mas virando-se para a outra já não é . . .

— Que bélo raciocinio! Tu sabes o que é jumencia?

— Não, sinhôrr, não.

— E' uma doença que tu tens.

150 quase envergonhado foi bater á porta do padre Guerreiro:

— Mancê ouve?

— Quem é. Quer alguma coisa?

— Sou o 150.

— Qual 150?

— O de Ipusende.

— Ah! sim. Quer alguma coisa!

— Mancê vai respondê agora breve.

— Sim.

— Disse nosso oficiá.

Padre Guerreiro, interessado:

— Mas isso é verdade?

— E' sim, sinhorr. Tem por'í um cartão?

— P'ra quê?

— P'ra eu ir sabê lá baixo ao quarté generá — á certa.

Padre Guerreiro ia procurar um cartão, já alegre por se vêr livre de Sam Barnabé — porque padre Guerreiro, apesar de padre, gosta pouco deste santo — quando de novo, 150 tornou a chamar:

— Olhe?

— Que é?

— Tem por'í um vintênsinho?

O Padre não respondeu. E feito o bilhete mandou sobre êle por baixo da porta um niquel, um autêntico niquel de 100 réis.

— A'manhã já vou sabê a quarté generá.

O padre ficou tranqùilo e dali a pouco o 150 fumava um charuto de tostão.

XXVII

Terça-feira, 3 de Setembro.

Sete horas dadas e eu a pé. Fóra, no corredor, a caminho das sentinas e da torneira da água arrastavam-se chinelos, batiam tacões de bótas, falava-se . . .

Ouvi uma voz conhecida, e chaves a tilintar fóra da minha fradesca céla. Depois um rutar de dedos sobre a porta. E logo uma voz.

— Boaventura?

Dum salto colei o ouvido á fechadura. Era João Néto, o namorado da inditosa Tereza Duarte, e a vítima segunda do carrasco sanguinario e perjuro.

— O' João! . . .

— Quando seremos nós chamados?

— Sei lá, homem!

— Eu hei de sabê-lo hoje.

— Bom. Depois transmite á gente.

— O 150 vai saber disso — Você conhece o 150?

— O 150? Toda a gente conhece o 150. Mas êle intruja-nos. Mente como um pêrro.

Logo que as chaves deixaram de telintar, uma voz muito conhecida cheia de rr arrastados, muito cantada, vagorosa:

— Não minto, não sinhôrr.

— Estás aí 150?

— Estou, sim, sinhôrr.

— E's a sentinéla?

— Sou, sim, sinhôrr.

— Tens a espingarda carregada?

— Não sinhôrr.

— Já fôste ao quartel general?

— Logo vó lá.

— Queres um cigarro?

— Quero, sim, sinhôrr.

— Aí vai.

Sentiram-se passos, ao largo, no outro corredor. Êles seguiram adiante.

Eu então ouvi o seguinte diálago:

— 150? Tu sabe disso. Gratifico-te, tem a certeza que te gratifico.

— Vó logo. Sim que a gente fôrmos rendidos, vó logo ao quarté generá. Tem de dá um biletino com o seu nome.

— Eu arranjo já.

João veiu á minha porta e pediu-me para lhe escrever o nome num bocado de papel. Satisfiz-lhe os desejos, mas avisei-o logo de que 150 o que lhe desejava era um cigarro e dez réis p'ra «fósfe».

João Néto deu-lhe o bilhete e pôz-lhe um contrapeso de 60 réis. A tira de papel entrou na cartucheira e os tres vintêns foram parar ao bolso das calças.

— Tá bigado. Mancê fique descansado. Vó ao quarté logo.

— Tu vai... olha que aqueles ali dizem que...

— Vó, vó. Vó, sim.

— Tu sabes onde ficaram aqueles presos ontem ?
— Sei, sim, sinhôrr.
— Em que pavimento estão?
— Lá em baixo.
— No primeiro ?
— Sim, sinhôrr, no segundo.
— Conhecêste-los?
— Não sinhôrr. Vieram do Porto.
— Não vieram tal: são os de Esposende.
— São, sim, sinhôrr. Vieram do 29.

Sá Pereira berrou do cúbiculo dele, ali ao pé, impaciente:

— Esse diabo nem sabe o que diz.

Ele respondeu imperturbavel:

— Sei, sim, sinhôrr.

Mas Sá Pereira queria a porta aberta, queria lavar-se e não tinha agua.

— 150?
— Sinhôrr.
— Abre-me a porta.
— Não posso abri já. Esperre um isquinho.
— Toma um cigarro, raio, e abre a porta.

Dois segundos depois graças ao cigarro, a porta estava aberta. Mas eu tambem quís a porta aberta, chamei logo:

— 150?
— Sinhôrr.
— Tens «fósfes» ?
— Não, sinhôrr, não tenho.
— Toma lá um vintêm e abre a porta. A porta abriu-se logo. E êle, risonho, de arma a tiracólo e o cigarro, um «Incrivel», atravessado na bôca, encareceu logo:
— Por sê a si. Só posso abri uma porta de cada vez. Não sou o chaveiro . . .
— Já se vê, 150. Só podes abrir uma de cada vez.

Em todo o caso tu és bom rapaz. Estou certo que um masso de cigarros e dez réis para lumes faziam com que tu libertasses a gente.

— Lá isso, não.

— Ora! . . . Deixa-te disso.

Eu fui á sentina. Quando quís saír, a porta estava fechada por fóra!

— 150 correu logo a abrir e declarando que era da ordem.

— Tu receias que eu fuja, maldito?

— Não sinhôrr.

Entretanto chegava o café. E o Manuel Santos, do Campo de Sant'Ana, que tambem é hospede de Sam Barnabé ha dois mêses — contou com uma graça inata que lhe é peculiar que, de noite, a certa altura, acendêra um cigarro. De fóra a sentinéla viéra logo á porta, autoritária «que não podia acender lume dentro do quarto; era proíbido».

— Sentinéla! Não ha cá luz. Fui eu a acender um cigarro.

— Ah! lá isso sim. Cigarros póde fumar mas lume não póde acender . . .

Nós rimos muito, e eu notei que o 150 córou.

— Ah! ladrão.

E dei logo o meu parecer. Essa calinada não podia ter outra paternidade — o 150 era infalivelmente o autor dela. Todos o olharam. Êle declarou:

— Não sinhôrr, não foi eu, não.

— Foi o 150! apoiaram muitos.

— Por fim declarou que de facto se enganára, déra raia, calinára.

E fugiu envergonhado.

*

Ao almôço cá apareceu o Manuel Marques. E então hoje trazia-me um caixote de fruta: úvas, maçãs, pêras. E um saco com salpicões, rajões de lombo e fiambre. Era minha família que se não esquecia. Tinha talvez receio de que eu morresse á fóme... Nada de receios: méstre João Alves tratava bem. Informou-me de que minha família tinha saúde, que tudo estava bem.

Mas que surpreza me estava preparada! Meia hora depois, ao meio dia — quem me havia de entrar pelo quarto? O meu dilecto, o meu inteligênte amigo dr. Artur Barros Lima, com um braçado de livros para eu lêr «nessas interminaveis horas de prisão». Era um acepipe de que sabia eu gostar, por isso se lembrára de me trazer alguns volumes. Indicou-me, como sendo interessantissimo a «Educação da Vontade», de Payot e o «Elogio da Ignorancia», de Luiz Rebelo. Alêm destes vinham outros de merecimento. «*A Emancipação da Mulher*» de Novicow, «*Feminario*», de Sousa Pinto, na *Fermosa Estrivaria*, de Joaquim Madureira, etc. De fórma que eu ficava sofrivelmente couraçado contra o tédio.

O alféres da guarda, uma excelente creatura, mandou perguntar ao sargênto Graça Dias, director do Presídio se eu estava já comunicavel. «Estava já comunicavel», foi a resposta. Então falámos muito da minha questão. Toda a gente ficava espantada. Sabia-se que eu era um homem de ideias avançadas. Enfim mais tarde eu saberia tudo. Tinham vindo d'Esposende o Anibal Néto (filho), Anselmo e Eduardo Rêgo e o José Vieira, o Vieira do «Esposendense» que desejavam visitar-me, mas que tinham ficado fóra, receando que os não deixassem entrar.

Afinal, dês que souberam da minha comunicabilidade, entraram-me no quarto todos. Abracei-os efusivamente. Falámos sobre varios assuntos. Eles constataram que eu tinha excelente humôr e vivia filosóficamente como Diógenes dentro do tonél.

Despediram-se, e eu fui continuar a leitura.

*

A' tarde, depois de jantar, conversei muito com o meu vizinho Sá Pereira. Está muito esperançado que o 150 resolva a questão. Amanhã, provavelmente, cá o temos, com as novidades — «á certa»!

XXVIII

Quinta-feira, 4 de setembro.

Faz um calôr de rachar!

Logo de manhã tudo apareceu em trajes de verão.

Sorvido o cafézito, galrou-se um bocado. Das janelas admirou-se o panorama. Viu-se Braga por um canudo!

Depois de recolhido, principiei a lêr o livro *Na Fermosa Estrivaria.*

Tinha eu lido meia duzia de páginas quando senti subir as escadas com estrépito desusado. Depois, no corredor umas sapatólas cardadas que vieram até á porta de Sá Pereira. Eu ouvi de fóra uma voz já muito conhecida, vagarosa, cheia de rr. Era o 150!

— Ouve? Mancê ouve?

— E's o 150?

— Sou... Sim. Mancês vão no dia 15.

— Isso será verdade? Como soubeste?

— Fui a quarté generá. Disse um camarada meu. A' certa.

E correu logo á minha porta:

— Untura?

— Que queres tu?

— Dia 15, sabe?

— Tens a certeza?

— Tenho, sim.

— Bem: se fôr certo conta com a taxada e com os 10 dias de detenção pela borracheira.

— E' certo. E' dia 15.

— E' mentira.

— E' dia 15 ou antes. Disse um camarada meu que está em quarté generá.

— Esteve aqui o meu advogado e disse que era no dia 9 ou 10.

— Não é, não. E' no dia 15 ou antes.

— O dia 10 é antes de 15 ou depois?

— Não é.

Sá Pereira tornou a chamar. Falaram lá.

Eu ouvi dizer:

— Olha: anda cá logo, agora não tenho a geito.

Tornou para a minha porta:

— Untura?

— Que raio é isso de *Untura?*

— Mancê não chama-se Untura?

— Eu e Sá Pereira soltamos gargalhadas estrídulas. O 150 sentiu a sentinéla e fugiu. O meu vizinho perguntou:

— Será verdade o que êle diz?

— E' falso.

— Mas êle foi ao quartel general.

— Foi, mas intrujaram-no.

— Ou até lhe diriam que não sabiam.

— E' claro.

— E êle para arranjar a gorjeta veiu-nos dizer que era no dia 15.

— Exáto.

— Você dá-lhe alguma coisa?

— Dou. Êle é um tipo esplêndido. Dois minutos de palestra com êle valem um tostão.

— Não tem dinheiro trocado?

— Não.

— Eu tenho.

Nisto, senti que paravam outra vez á minha porta.

— Mancê ouve?

— Não.

— Untura?

Que é?

— Póde dá aquilo?

— O quê?

— Aquilo que perrometeu.

— P'ra «fósfes»?

— Sim.

— Vai ali ao Sá Pereira. Êle paga por nós ambos. Aguentas com um tostãosito?

— Aguento, sim.

— Vai então aqui ao meu banqueiro, ao lado. Já está autorisado.

Logo que caçou o tostão á mão desandou a cantar e lá foi — «cumpá fósfes»...

*

Sá Pereira veiu ao telefóne a rir como um perdido.

— Você ouve?

— Que?

— Então a noticia do 150 era falsa?

— Falsissima.

— Pois amigo — a noticia falsa...

— Um tostão falso! — terminei eu adivinhando-lhe o sentido.

— Exáto: lá foi o meu niquel, o meu tostão falso.

— Oh! . . . Sá Pereira. Que ideia admirável! Isso é o que se chama dar a Cesar o que é de Cesar . . . Ótimo, esplendido.

Entretanto nós tinhamo-lo ouvido bater á porta do padre Guerreiro. Dada a noticia, pediu um cigarro.

— Já sabes que não fumo.

— Então déreisinhos pá fósfes.

Lá saltou um vintêm.

Depois por li adiante a todas as portas.

— E' no dia 15, sabe?

E rematava:

— Tem por'i um cigarrinho?

Ou.

— Tem por'i dé-reis prá fósfes?

— E o caso é que quem não tinha cigarros tinha dez réis para os «fósfes» do 150.

*

O 150 — contou êle — foi um familiar do P.e Matos, do célebre padre Matos, do «Portugal». Era êle que o ajudava á missa e que lhe escorripichava as galhetas. Mas êle pediu que não revelasse cá no livro isso . . . Nem mesmo queria que se soubésse que já tinha vivido no Quelhas, meio frade quase.

Prometi que sim. Mas só me recordei do prometido dês que escrevi isto.

150 desculpa esta falta. De resto êle é o primeiro indiscreto e di-lo a toda a gente.

XXIX

Quinta-feira, 5 de Setembro.

A manhã não teve os atractivos da de ontem.

O chaveiro hoje é aquele pobre maluco — o Ribeiro. Anda de fraca catadura. Só abre uma porta de cada vez. Sorumbático, de vista turba, algazarreia com o seu vozeirão de tempestade e ralha, ralha sempre.

O tribunal marcial mandou para aqui umas testemunhas de Vimeiro e Priscos, por, durante o decorrer do processo de Ferreiros, se ter provado que tambem elas estavam comprometidas.

Pois Ribeiro, o cabo do Presídio, o malcriadão, temnas enchido de insultos soêses. Por treta-e-meia sái logo uma descompostura diatibríca, um amontoado de asneiras, destas de fazer correr um almocréve.

Entretanto, quando chegou á minha porta, estava quase manso. Mesmo nós somos amigos...

Pela primeira vez o 8 de infantaria veiu para cá fazer guarda. Parece que não é má gente. Sempre são minhotos estes rapazes!

Hoje, como ontem — um calôr asfixiante. A' tarde quando os raios caloríficos, incidindo sobre o zinco exterior que reveste este 3.º andar, deu aos interiores uma temperatura de forno — alguns dos meus infortunados companheiros, lá dentro, para o outro corredor, começaram a berrar, que morriam, que asfixiavam...

Em verdade as célas são muito pequenas. E dentro não se renóva uma molecula de ar, a não ser quando se abrem as portas. E' um horror! Teem-se aqui dispepsias dolorósas. Muitas vezes temos a sensação de que uma máquina pneumática, colocada ao bocal da fechadura, nos extrai o ar de dentro.

Que berreiro, lá para dentro!

Um fogueteiro, repazote imberbe, que auxiliou o pai a dinamitar uma ponte — uma das tais testemunhas de Priscos — gritava cheio de aflição «que lhe acudissem, que já deitava sangue pela boca e pelo nariz».

A sentinéla, chamou o cabo da guarda que viesse a cima, depressa, porque os presos morriam com o calôr e já deitavam sangue pela bôca.

O *Fogueteiro* é um pandego! E tem seu bocado de espírito, o maganão! Logo que sentiu o cabo, fóra, no corredor, começou a berrar, denotando uma grande aflição, «que queria a porta aberta, que tinha o quarto alagado de sangue».

De tudo resultou que o chaveiro veiu abrir as portas. Deparou com os barnabianos hospedes semi-nus, estirados no pavimento. O *Fogueteiro*, esse, para dar razão ás suas simuladas aflições, continuou prostrado com a cabeça numa pôça dágua que lançou no soalho e que êle declarou ser... o sangue!

— Que sangue, seu figurão? Onde está êle? — inquiriu de fraca catadura o cabo.

— Ai, sr. cabinho: que calôr!... Uf! O sangue?... o sangue já o lavei...

Tinha lavado o sangue! Restava só a água que para isso espalhára.

O comandante da guarda, um aspirante, mandou despregar as bandeiras — que são moveis — e ergue-las para o ar entrar a jôrros e refrescar o ambiênte.

Que alegrão!

A' noite, o Manuel Santos, do Campo de Sant'Ana, «corpulento lutador romano», encostou uma cadeira á porta e veiu espreitar pela bandeira o que se passava no corredor.

Vis-a-vis lá estava o *Fogueteiro*, que para dar publica prova da sua profissão, começou a simular a ascenção dum foguete e o estampído. Era o principio da festa. A tal chamada logo muitas cabeças apareceram *á janela*, como dizia Sá Pereira. João Néto foi dos primeiros. E o padre Guerreiro não foi dos últimos!

Eu e Sá Pereira, no nosso isolamento, não podiamos vêr o que se passava, mas ouviamos tudo!

Aquilo era uma feira! Para mais o cabo Chaveiro tinha lá, no quarto dele, um cachorrito branco pintalgado de preto que gania com fóme.

O encadernador Fonseca começou de cá a ladrar... e com tal perícia o fez que o cãosinho conseguiu soltar-se e veiu ter com aquela voz irmã.

Riam-se muito. Fonseca imitava tão bem, que eu mesmo me convencí que era realmente um cão que ladrava.

O cachorrinho gania sempre. O Manuel Santos, para o obrigar ao silencio, lançou-lhe um pedaço de carne que o *Fogueteiro*, desejou trocar por um ôsso que tinha lá no quarto. Porque êle era de opinião que a carne pertence ao homem, e o ôsso ao cão!...

*

São onze horas. Lá para dentro ouve-se ainda João Néto conversar com o Santos.

Os outros já dormem. Eu vou fazer o mesmo.

XXX

Sexta-feira, 6 de Setembro.

Hoje é um dia de canícula como ontem.

Logo de manhã um calôr insuportável como nunca julho quís mostrar, quando dele se carecia para o desenvolvimento normal dos frutos, nem o agosto peneirou sobre os vinhedos e os milharais para os sazonar convenientemente.

Tivemos um inverno no verão. E' natural que tenhamos um verão no outôno. Está na moda.

Ao mata-bicho matutino, tudo apareceu encalmado! Eu saí para o corredor em camisóla e descalço. Sá Pereira meio nu... João Néto e padre Guerreiro em mangas de camisa.

Néves dos Santos e João Gonçalves, homens da cidade, *gentlemans*, diplomaticamente vestiam os seus casacos como se tivessem de ir para a rua.

Hoje houve um completo *rendez-vous*. Nos corredores, durante mais duma hora, palestrou-se, contaram-se anedotas, estirou-se um pouco a lingua.

Lêram-se trechos das minhas memórias.

No melhor da festa o oficial da guarda trepou a escada. E ao sinal dado, lá da escada, pela sentinéla — tudo recolheu ás tócas.

O 150 cá esteve de guarda. Continuou a fazer promessas. Dentro de 8 dias somos postos no meio da rua!

Das bandeiras, os papagaios, no corredor, galraram todo o dia.

Sá Pereira em sinal de regosijo por ter a *janela* aberta bebeu mais cinco garrafas de vinho *á saude* da nova regalia! . . . Pois se êle é um dos sacerdotes de Baco! Como êle aprecia o divino roxo . . .

*

D. Gato promete para amanhã uma intrevista.

XXXI

Sábado, 7 de setembro.

Até meia tarde não houve novidades.

Depois de jantar, ás 6 horas, apareceu o Gato.

Vinha cumprir, declarou logo, a sua promessa da véspera. Êles, os gatos, eram animais de palavra. Nem mesmo aos ratos faltavam com o prometido. A sua palavra de honra era sagrada — não se violáva por coisa alguma. Disse-me então qual o fim da sua palestra. Ouvira ha dias toda a minha conversa com a claraboia e declarava que concordava com essas doutrinas. Em sua opinião uma república que possuia ainda uma penitenciária jesuítica — era uma monarquia absoluta . . . Era de opinião que só em Marrócos é que poderiam existir esses sistemas penais.

— Mas atende, respeitável Gato. Ha criminosos de tal jaez, por exemplo, um matricída, um filicída, um envenenador . . .

— Nem para esses, meu velho. O espírito socioló-

gico da lei é regenerar o criminoso. Como compreendes tu que um homem metido 20 anos num cubiculo, sem ar e luz, sem convivio e ocioso, possa transformar-se num sêr útil á sociedade? Como poderá êle no futuro querer bem á lei e aos regimes que adotam tais castigos, sem dúvida crueis e desumanos?

— Visto isso, és tambem de opinião que se deve dar a cada criminoso um palacio e uma carruagem!

— Não. Um campo de trabalho e uma oficina. Tu querias confundir-me com os teus conterraneos? Imbecil!... Eu não sou tão estulto como isso. Quem cometeu crime ha de lhe sofrer as conseqüências. Mas por fórma que ao concluir a expiação apareça em liberdade um ente regenerado e bom. O analfabéto deve saír a saber lêr; o ignorante deve saír sabio; o preguiçoso, trabalhador; o vadio com um oficio manual...

— Òtimo! ótimo!... Tu és um admirável observador. Tu pensas como um homem...

— Fraca comparação. Se os homens pensassem como eu — tinham já ha muito concretisado a minha ideia.

Eu fiquei envergonhado: Córei. Entretanto êle, o filósofo, foi expondo o seu plano. Em vez de prisões, grandes colonias agricolas, grandes oficinas, grandes fabricas. Os condenados trabalhariam ali até expiar o seu crime. Os que se fôssem regenerando iriam recebendo um pequeno salario com que poderiam prover a subsistência da família. E aqueles que denotassem arrependimento, que não tivessem instintos de maldade, e fôssem diligentes, dar-lhe mesmo toda a féria.

Os maus e reincidentes, os criminosos nátos que não procurassem regenerar-se não se premiariam senão com uma parcéla minima de fruto do seu trabalho. O restante iria reverter em favor do Estado. E este por sua vez sustentaria a família do prisioneiro quando fôs-

se pobre. Haveria escolas onde se ministrasse instrução, desde as primeiras letras até aos estudos secundários. Depois, os que se fôssem notabilisando pela sua inteligência e denotassem arrependimento, daria-se-lhe a liberdade em recompensa, mesmo antes de terminar o praso da expiação.

Mas aproxima-se a noite. O filosófo declarou que tinha de retirar. Ámanhã, ou na primeira ocasião, continuaria na mesma ordem de ideias. Despedimo-nos, pois.

*

Está aqui preso um pobre homem, o ex-policia Abilio. Este desgraçado tem um sofrimento intestinal que o tem posto na espinha.

Hoje á noite, houve um reboliço medonho cá no 3.º pavimento. A mulhér do pobre Abilio supoz que o infeliz não duraria muitas horas—tal o estado de prostração que êle denota.

Veiu de fóra muito mulherio. O Manuel Santos—que habilidade êle tem!—mandou pedir ao sargento do Presídio para o deixar estar junto do doente. Concedido. Santos andou numa róda viva pelos corredores. Ora trazia um cópo de água, ora uma chávena de leite. A's vezes dava uns passeiositos com o doente pelo braço.

E nas horas vagas — dois dedos de palestra comigo.

Depois que a parentalha do Abilio saíu, o silencio voltou.

Sim: os senhores sabem: onde estiverem mulhéres...

XXXII

Domingo, 8 de setembro.

D. Gato foi pontual. Hoje, de cauda alevantada e miando amorosamente, rodeava a claraboia, que o fitava desdenhosa. Comprehendi. O velho filósofo desejava pagar ainda o seu tributo ao amôr. Quando viémos á fala, gracejei, disse-lhe das minhas suspeitas...

— Enganas-te — atalhou-me — tenho-lhe sómente uma afeição de irmã. A's vezes discutimos muito, falamos de sciencia, de arte, de muitas coisas... Mais nada.

A faiscante claraboia confirmou.

Os ron-rons de ha momentos eram por a supôr zangada. A noite passada tiveram uma discussão acalorada. Ela, como encarnação do belo sexo, disse-lhe as últimas. E êle, como filósofo, agüentou tudo e inda por cima lhe vinha pedir desculpa! Era o que era!

Concordei, é claro.

D. Gato quís concluir o seu pensamento da véspera. Em sua opinião deviam estabelecer-se grandes colónias agricoló-penais no Alentejo e nos locais onde houvesse grandes tratos de terreno inculto. A cada condenado seria dado para cultivar uma determinada extensão de terreno: um, dois, tres ou mais hectares. O Estado forneceria as alfaias agricolas, gados, sementes, etc. Abrir-se-iam canais de irrigação, construiriam-se estábulos e casas rústicas, para habitação dos colónos penitenciários e de seus guardas. Cultivada uma certa extensão de terreno, o Estado poderia aforá-la ou vendê-la a particulares e mandaria estabelecer outra colónia noutro local. E assim obrigaria os culpados a irem expiando a sua culpa á força de trabalho, e conseguiria simultâneamente agricultar grandes charnecas improdutivas, arborisar montanhas, irrigar sequeiros, desviando em diversos pontos as águas dos grandes rios, como o Tejo e seus afluentes, o Sado e o Guadiana...

D. Gato desejou saber se eu concordava...

— Plenamente, meu caro filósofo. Isso é que se chama um meio prático, sociológico e humanitário de regenerar criminosos. A claraboia interveiu tambem:

— E ha de ser o sistema penal do futuro. A República vai com certeza adoptá-lo. Eu sou até de opinião que quando as famílias dos condenados os queiram acompanhar, o Estado os admitirá nessas colónias, como livres, bem ententido. O país cada vez lucrará mais. Isto faria cidadãos e trabalhadores. A penitenciária e as cadeias, alêm de acarretarem ao Estado grandes despezas, só produzirão ociosos imbecís, vadios, e a muitos alterará até as faculdades mentais... Isto é lógico.

O filósofo confirmou:

— E' lógico.

— E' lógiquíssimo — superlativei eu.

E despedimo-nos com um «Até ámanhã» muito afectuoso.

XXXIII

Segunda-feira, 9 de setembro.

Ha meia hora, que, no quarto vizinho ouço uns murmúrios, uns ais abafados, com frases entre cortadas com imprecações e expressões idilicas. Era o pobre Sá Pereira que atravez duma frincha, namorava uma chaminé da vizinhança... E ela muito séria, muito digna, ouvia-o atenciosa, fumando como uma *tsigana* e expelindo pela sua bôca negra, rolos espéssos de fumarada. Mas a honrada chaminé quís logo saber se o seu admirador era conspirador. Ela era uma autêntica respeitadora da lei e das instituições. Era de Braga mas odiava os frades e arcebispos. Conhecia toda a vida devota da Roma Lusitana e sabia quanto ela tinha de hipocrisia e tartufismo sacrista. Os conspiradores eram filhos do Retrocesso politico e social e seguiam a bandeira jesuítica da reacção clerical.

Mas não: Sá Pereira declarou logo que não era conspirador. Fôra prêso por ter tido uma pistóla.

Mais nada. Demais o indivíduo que o prendêra tambem tinha uma e ficára em liberdade na terra, á beira-mar, na foz do Cávado.

Foi assim que começou o idilio deles. De quando em vez, da frincha esguia que dava luz ao quarto de Sá Pereira saía uma catadupa de logares comuns, repassada de lirismo que ía de encontro á *silhouette* graciosa da chaminé imóvel.

E o que ela de lá lhe dizia, no meio de turbilhões de fumo pardacento!... Que dom da palavra e que sentimento! Ela contava com precisão toda a vida íntima da casa onde servia: os desmasêlos da cozinheira, as tagarelices da criada das compras, os ditos gaiatos do *groom* que servia á meza. Logo a seguir narrava—mas isto ofendia sobre modo a pituitária sensivel de Sá Pereira—o paladar dos acepipes!... Como estava um certo guizado; o aroma que saía do forno do fogão onde assava um nédio cabrito; como era louro um certo arroz açafroado e que soberbo paladar o do guizado.

O pobre habitante de Sam Barnabé, quase caía com uma síncope:

—Oh! querida, fala-me de outra coisa. Noticias dos jornais, alguma coisa dos livros, noticias da terra... Nada! não sabia nada disso. De jornais só sabia o fim que a cozinheira lhe dava que era limpar as panélas e consumi-los lá em baixo, no fogo. De livros ouvira falar, mas ignorava o feitio desses bichos que ouvira dizer serem perigosos como faladores.

—Mas, querida chaminé, fala então de outra coisa; tu deves saber alguma coisa de arte... De rios, pescas alguma coisa? Sabes? Sou empregado das Hidraulicas.

—De arte declarou saber apenas da sua. Ha 25 anos que ininterruptamente trabalhava na expedição

do fumo que se evolava do fogão. Afim de rios, não pescava nada.

O prisioneiro de Sam Barnabé inda arriscou uma pregunta, mas a mêdo, receioso:

—E de mulhéres? Conheces algumas mulhéres bonitas, interessantes...

Aqui foi Troia pelos ares. A honrada chaminé, exalou uma baforada de carbóneo que saíu de rompante como de bôca irada. E ciumenta, terrivel, amuada, declarou ao seu interlocutor que não se metia em vidas alheias. E cerrou-se em tal mudez que o solitário namorado desandou para dentro raivôso, por imprudência sua ter perdido aquela amiga que falava muito em questões de cozinha e dizia alguma coisa sobre politica, com certo geito. Era crassa a sua ignorancia sobre questões de jornais e livros. Mas isso que importava? Êle precisava de quem lhe entretivesse o cavaco fôsse com o que fôsse.

Que imprudência preguntar-lhe por mulhéres...

Chegou ao postigo, chamou, acenou, suplicou...

Nada. Deixára até de fumar: tornára-se hirta, muda, silenciosa.

— Querida, perdôa.

Foi então nesta altura que apareceu sobre ela, olhando serenamente para cá o respeitável Gato, o filósofo que descendia ainda dum velho gato do, tambem velho, Vitor-Hugo.

—Esta dama, disse êle, tem razões de sobra para estar zangada contigo. Para que lhe falaste em mulhéres. Não sabes do que é capaz a rivalidade de sexos iguais?

E Sá Pereira, do seu cubiculo, batia no peito e entoava «o mea culpa, mea maxima culpa».

A's 15 estavamos jantados e ás 17 em val de lençois.

Até ámanhã.

XXXIV

Terça-feira, 10 de Setembro.

Abilio, aquele pobre Abilio, que inda ontem esteve á morte foi hoje chamado ao comissariado e mandado em paz — por nada haver contra êle!

E esteve este infeliz prêso sessenta e tantos dias, e incomunicável!

O Manuel Santos foi tambem chamado, mas este, como o corvo, voltou á arca. Cá o temos. Profetizei-lhe que dentro de dois dias o veria pelas costas.

*

Tenho aqui, á mão, uns apontamentos escritos a lapís. Ao alto da pagina, um diz assim:

Terça-feira, 10 — «... triste destino de 7 litros de vinho e duas garrafas de espumôso».

Olá! Houve então orgia?

E' verdade. O mesmo apontamento diz enigmática-

mente — Sá Pereira é de opinião que se comam 4 codornizes numa canja.»

Pois foi uma ceáta opípara! Comeram-se as quatro avesinhas, que nos tinham chegado da terra, dentro dum saco, comeu-se um excelente salpicão do meu fumeiro, fiambre cheiroso, de ótimo paladar — enfim mais tres ou quatro pratos á portuguêsa, regados com 7 litros de verde e duas de espumôso!

E o chaveiro, lambendo os beiços, lá por essas 2 horas da manhã dizia-nos que valia a pena mandar vir mais umas codornizes... Mas muitas, de fórma que tocassem 4 ou 6 a cada um!...

Ora o gulôso!

Como era proíbido haver destas pandegas cá dentro, o chaveiro recomendou «que isto não era para prantar no livro... Cautéla, muita cautéla».

Por isso não digo o resto. Não que cautéla e caldos de galinha nunca fizeram mal a doentes!

*

Quem lêr o que acabo de escrever e varios trechos que para traz ficam, ha de supôr que isto aqui é uma pagodeira pegada. Pois não: é um inferno, um verdadeiro inferno! Outro qualquer que não tivésse o génio folgazão e irrequieto que eu tenho; que fôsse mais concentrado e meditativo, teria dado a estes apontamentos uma feição diametralmente oposta. Escreveria paginas de meter pavor sem saír fóra da verdade. Mas, que diábo! Eu vejo isto por um prisma diferente, quer dizer, faço uma amálgama das côres e não quero vêr toda a verdade! Mesmo eu se começo a encarar esta vida a sério, enlouqueço. Deixemo-nos de asneiras.

Para um homem, costumado a correr livre, pela

terra inteira viver bem, estupidamente encerrado num cubiculo onde bastas vezes falta o ar, é necessário revestir-se duma sofrivel camada de filosofia e bom humôr. E' o que eu faço. Muitas vezes invade-me uma tristeza indefinida, avassaladôra, nostalgica; mas como posso conversar atravez da frincha ou pendurado da bandeira da porta, diligencio sacudir de mim o que me atormenta, e pôr-me alégre, ao menos aparentemente.

Depois, para poder passear meia hora no corredôr não olho a dinheiro. E' um reflexo de liberdade, uma miragem enganadôra; mas ao menos absorve-se ar fresco, vê-se o sol dos céus, e o azul do firmamento.

Essas cordonizes déram-nos origem a uma noitada extra-ferros. Quere dizer: eu, oferecendo do meu jantar ao chaveiro, tive em mira não só cativá-lo, como tambem poder ter alguns momentos de aparente liberdade. Depois conseguir que de vez em quando um dos meus companheiros de infortunio jantasse comigo.

O chaveiro, na ocasião, concorda com tudo. Mas depois abusa da nossa bolsa. Ha dias João Néto, na ocasião em que vinha buscar água, contou-me que nos primeiros dias mandára comprar um masso de cigarros por um soldado chaveiro. Quando o homem chegou com o tabaco, quís dar-lhe um vintêm.

O claviculário olhou para êle e disse meio sério:

— E' um pataco! E deviam ser tres vintêns, fique sabendo para o futuro.

Ora por tais motivos a gente tem que amansar as féras.

A mim um jornal custava-me apenas 200 réis cada. E ás vezes com que impressão dolorosa eu ficava, ao vêr o relato do que se passava pelos tribunais de guerra! Condenações a torto e a direito, julgamentos onde se não consentia a defêsa dos acusados e vinte anos

de degrêdo para remate! Um horrôr que me avassalava para muitos dias. O que vale que raras vezes eu conseguia lêr um jornal. O chaveiro tinha mêdo; só quando necessitava muito de dinheiro é que fazia a franqueza de me trazer um jornal, de 6 ou 8 dias antes. Creio que inda me não trouxe nenhum publicado no mesmo dia, ou véspera.

*

Ora hoje tive com Sá Pereira, João Néto e o cabo uma ceia no meu quarto. No fim passeamos no corredor e demos vinho aos soldados da guarda para podermos viver, respirar um pouco. E' o tal «triste destino de 7 litros de vinho!» Mas em compensação tenho já certas regalias, que os outros, coitados, não usufruem.

Ah! se me caço livre desta masmôrra!...

XXXV

Quarta-feira, 11 de setembro.

Ha 3 semanas que não fazia a barba. Solicitei hoje um barbeiro. Cá apareceu. O *Figaro* era um rapazito novo, linfático, buço a apontar, cabêlo gadelhudo, penteado á marialva. Um barbeiro completo, na aparência.

A operação principiou pela barba; com uma ensaboadéla em fórma, branqueou-me as queixadas. Eu devia então parecer um prédio novo, caiado de fresco!...

Depois de dois fios á navalha, na palma da mão, começou a escanhoar com rapidez. O meu espelho era duma transparência admirável..., Mas faltava-lhe a amálgama reprodutora das imagens: — era a janela.

Eu falava, distraído da operação a que me tinha sujeitado, com o operador e com o cabo Ribeiro sobre vários assuntos e inclusivamente das minhas memórias, de que já lêra alguns trechos. Ribeiro ria muito e achava ínfinita graça aos meus interlocutores — o gato filó-

sofo, a claraboia e a chaminé. Pois, se a minha incomunicabilidade me não permitia falar com outros! Alêm de que êle é um rapaz «que aprecia literatura»... Freqüentou o liceu, (duvido!) era da Figueira, sentara praça em Leiria, estivera em Peniche. Conhecia tudo aquilo por onde eu já tinha andado. Agora pertencia ao Grupo de metralhadoras n.º 1 — e fazia serviço em Sam Barnabé como claviculário — uma espécie de Sam Pedro Barnabiano!

A's vezes sente-se um banzé medonho ao longo dos corredores, que faz lembrar o som longínquo do trovão, uma descarga de morteiros ou um estampido de artilharia. E' êle que com o seu vozeirão de bons pulmões ralha com o mulherismo que vém vêr os presos ou que teimam em passar algum isco de contrabando: um bilhete, uma cartinha, um jornal . . .

A pouco e pouco, a tempestade vai serenando. A voz irada baixa, e com uma delicadeza saloia começa a palestrear com aquelas ou aqueles que ha minutos descompôs e atemorizou. No fundo uma altissima bôlha, um idiota. E deve mesmo fazer honra de amigo... mas a outro de igual jaez! Enfim um espírito doente.

Agora, o barbeiro. Era tambem crítico de arte. Falava de Machado dos Santos e dos herois de Chaves. Em sua opinião uma balança em cujo pratos fossem colocados — dum lado Machado dos Santos e os seus 3 contos de réis, e do outro lado os 3 herois de Chaves, estes deviam pesar muito mais.

Na realidade isto nada tinha de fenomenal. Era perfeitamente acorde, com a física e a lei dos pêsos específicos. Tres homens devem pesar mais de que um só! E os tres contos de réis em ouro pesavam, apenas 3 ou 4 quilos . . . Não havia pois fenomeno algum a admirar.

O Figaro sentiu-se derrotado. E então declarou

que o pensamento não era dêle, era do «Zé», do «Zé» das caricaturas, do jornal... Eu, sempre distraído, quando vi que a barba passou dos meus queixos para um quarto de papel, e depois — que destino! — para dentro dum vaso que estava próximo — pedi quatro tonsuradélas ao cabêlo. «Sim: não havia dúvida. Era um instantinho.» E a tesoura começou a trabalhar, a tilintar alegre sobre a minha cabeça. Depois seis vintêns. E eu tive a ilusão de que fiz a barba e cortei o cabêlo, mas na realidade, méstre Manuel, era ainda aprendiz, meio barbeiro ainda. Passei a mão na cara — piquei-me. Corri-a depois ao longo da cabeça — senti os relevos da escadaria. E que havia a esperar? De meio barbeiro, meia barba e meio cabêlo... Não é isto lógico?

Estou de excelente humôr. O filósofo da trapeira marcou-me uma entrevista para ámanhã.

Esperemos o que vem.

*

Hoje o 29 foi rendido pelo 32. Vamos subindo. A'manhã, decerto temos cá o 64...

*

O Santos, o jovial Santos, lá se foi embora. De novo chamado ao comissariado, mandaram-no em paz — tambem por nada haver contra si.

67 dias de incomunicabilidade! Que horrôr!

O *Fogueteiro,* quase que chorava com pena:

— Oh! sê Santos! que pena o sr. ir-se embora!... Agora nem cá temos quem faça rir...

Pois eu estou contente: a minha profecia saíu certa. E' mais um que escapa aos horrôres da Penitenciária.

XXXVI

Quinta-feira, 12 de setembro.

A's 4 horas da manhã, eu e Sá Pereira acordamos sobressaltados com o tiroteio que no jardim faziam as sentinélas.

Ia um reboliço pela casa toda. Berrava-se ás armas. Que alarido! Que fogo cerrado!...

Soube depois, já dia alto, que assaltaram a sentinéla do jardim a tiro e á pedrada!

A guarnição do Presídio, que era do 32, respondeu á provocação com mais de duzentos tiros!

Sá Pereira, no quarto gaguejava, assustado:

—Ai que morrêmos aqui todos!

—Qual morrer!

— Acaba-se o mundo hoje!

—Ágora.

—Morrêmos. Estes raios são tôlos! Se vem uma bala desgarrada!... Ah! isso morrêmos!

—Homem! estará você já morto?

—E você a brincar! Cale-se pelo amor de Deus. Seria algum prêso que queria fugir?

—Talvez!

Quando o tiroteio serenou, eu levantei-me, pé-ante-pé, e fui espreitar á janela. Ouvi então que no corredor adiante o aspirante ralhava muito com um dos prêsos:

—Se acende aí mais lume, arrebento-o com esta pistola!

—Foi a acender um cigarro—disse de dentro o pobre de Cristo, a tremer com o susto.

—Arrebento-o! Ouviu?

Eu tambem, receando que me arrebentassem, ia procurar outra vez o conforto da minha cama—senão quando tropecei numa coisa que tilintou:

—Que seria?

Lembrei-me então que na véspera, á noite o chaveiro procurára um mólho de chaves «que não sabia onde deixára».

Pareceu-me que ouvi tilintar chaves no corredor.

—Oh! se veem aqui e dão com as chaves cá dentro.

Consultei Sá Pereira que foi de opinião que me poderiam meter no *segrêdo*.

—«Podiam pensar que você era o que queria fugir».

—E meterão-me no *segrêdo?*

—Ah! isso é o mais certo.

Estendi-me na cama a pensar no caso. Dês que começou a dealbar fui á janela. Em baixo, no páteo, os soldados alvoraçados entravam e saíam de carabinas ao ombro, indisciplinados, sem ordem.

Vi que dois conduziam um popular, que afinal, foi posto em liberdade meia hora depois.

A' hora da limpeza, pude contemplar das janelas os estragos causados pelas balas.

Havia janelas dos prédios vizinhos com os vidros estilhaçados. Paredes cravejadas de balas, beirais de telhados esborcinados...

E' convicção minha que ninguem atacou a sentinéla.

O rapaz inadevertidamente lá descarregou o seu tiróte. Logo as sentinélas próximas quizeram saber do que se tratava. De dentro tambem o cabo da guarda correu apressado. E o aspirante, á janela do seu quarto, de pistola engatilhada, indagava com a vista, a espreitar na tréva.

E então o finório, lá do fundo, do jardim, carregando a arma, num atrapalhamento:

— Atiraram-me pedras! Deram um tiro! Inda vi fugir o gajo...

Tudo convergiu ao jardim. O aspirante, sem boné, com o cinto numa mão e a pistola na outra, quís saber isso detalhadamente:

— Era um ou mais?

— Eu vi fugir um, mas parece que por'í abaixo correram muitos.

Logo a sentinéla de cima, que dormia descançadamente quando soou o primeiro tiro garantiu que «pareciam mais de tres... pelo barulho que faziam!»

— Tu ouvistes o tiro, ó sentinéla?

— Ouvi, sim.

— Vê, meu aspirante! Até a sentinéla lá de cima ouviu.

— E tu, ó do 3.º?

O do 3.º tambem dormia. Mas se os dois de baixo ouviram — já se vê que êle tambem ouvira...

— Sim, meu aspirante. A pedra quase que dava na sentinéla. O tiro esse... não vi onde deu. Quere dizer: eu ouvi... eu ouvi o tiro...

E foi então que a descarga saíu a valer! O *gajo* que atirou a pedra e deu o tiro ficava bem arranjado,

se servisse de alvo ao 32 de infantaria! Nem a alma se lhe aproveitava!

Bem dizia o meu vizinho Sá Pereira!

Safa! Da que nós escapamos!

*

Tambem hoje foi mandado pôr em liberdade o sr. João Manuel Gonçalves, empregado do banco de Portugal. Mas 67 dias de incomunicabilidade!...

XXXVII

Sexta-feira, 13 de setembro.

Hoje ao jantar méstre João Alves trouxe-me uma nova garrafa, com o vinho. E' uma qualquer garrafa comum, destas de vinhos do Porto que tem apenas digno de menção o facto de trazer a seguinte etiqueta escrita sobre um quadrado de papel pautado, a letras garrafais...

João Antonio Alves
Vendeiro Republicano
R. de Sam-Vicente, 150

Ora o respeitável hospedeiro é de Braga, e Braga é a terra dos talassas. Depois a cara dele... Tem as linhas mais puras, do puro monarquismo. Até o bigode, caído, espesso, é talassa! Os olhos mesmo... Não obstante, é sério e o melhor dos homens. Tem uma só ambição: fazer negócio. E um só desejo: que nós estejamos por aqui muito tempo...

Ora isto é ainda uma flagrante confirmação do seu talassismo.

Sobre o rótulo eu escrevia a lapis estes dois versos:

Tem uma pistola dum cano
E' «vendeiro republicano»
E... diz isto todo o ano.

Creio bem que o respeitável João Alves é incapaz de se zangar comigo por causa do meu irreverente desrespeito pelas suas tremelicantes opiniões politicas.

Claro: êle não gostará que eu diga que o supônho tão republicano como o arcebispo. Mas sou seu amigo e só receio que num futuro próximo, qualquer dia, o tenhamos cá de parceiro, e seja a sua respeitável consorte que a êle e a nós venha depois trazer a trincadeira. Mas que esta minha hipotética profecia se não cumpra.

Esse é o meu desejo.

O dia apresentou-se turvo.

Não choveu, porém; e até durante espaços raiou mortiço e sonolento um sol de inverno que eu vi reflétido sobre a cal do angulo poente do presídio.

Ao fim da tarde discreteei sobre caça com Sá Pereira. Relembrei episódios. Uma raposa que no picôto do Faro levou 15 tiros e se safou; um tiro célebre que do alto penhascôso de Sam Lourenço matou um coelho junto ao cruzeiro, um esplêndido duo feito por meu tio na caça ás perdizes, nas agras de Vila Chã.

Uma caçada nocturna ás lebres em que um lebreiro fugiu espavorido por ter visto «*Coisa má*», na quinta de Barbeitos; um gato que caíu nas rêdes á meia

noite, á cancéla da Cêrca; e um fenómeno meteorológico que ha oito anos observei nos campos dos Cubêlos, ás 2 horas da manhã. Foi um bolide ou meteorólito enorme que durante segundos eu vi correr no céu de norte a sul, crescer muito, e como um globo luminoso, clarear o espaço e a terra. Depois arrebentou, e eu recordo bem que nessa altura tive a sensação de que ouvi um estampido medonho, semilhante áquele que produziria um trovão apocaliptico.

XXXVIII

Sabado, 14 de setembro.

Eu tinha, quase sem o saber, uma duzia de postais ilustrados de Esposende. Foi um intertenimento. Revi-os um a um, e tirei efeitos de perspectiva de algumas vistas.

A ponte de Fão, sobretudo, deu-me bem a ilusão de que a via no natural. E a romaria da Barca do Lago, cheia de pitoresco, atraíu-me. Sá Pereira teima que um personagem de guarda-sol aberto que está dentro da barca de passagem é êle proprio a receber sete tostões, no dia 4 de agosto, meia hora antes de ser prêso. E documentou a sua asserção com tal força de argumentos que me vi forçado a acreditál-o, a despeito de saber que a fotografia foi tirada ha 10 anos!...

«Era êle, não havia que vêr. Então não via o guarda-sol branco? O chapeu cinzento? A perna um pouco torta? O mesmo local, exátamente o mesmo onde êle recebêra o dinheiro» ...

Sim, sim! De facto era êle, a véra efígie de Sá Pereira. Fixando bem a vista, cheguei mesmo a vêr os sete tostões na palma da mão e pareceu-me até que uma moeda de cinco tostões era falsa... Enganaria-me? Seria ilusão da minha vista?

*

Os cinco tostões que Sá Pereira recebeu na Barca eram realmente falsos. Logo vi que me não enganavam os meu olhos prescrutadores. Foi João Alves que deu por isso, quando êle lhe pagou a hospedagem.

Sá Pereira declarou logo que os tinha recebido na Barca, no dia da festa, dum homem gordo de Esposende, talvez méstre João conhecesse, que até era cunhado...

Mas João não conhecia: desejava apenas a troca da moeda de níquel por uma autêntica de prata de lei. Sá Pereira satisfez o pedido e jurou vingar-se do homem gordo, logo que chegasse a Esposende.

Assim seja e breve...

XXXIX

Domingo, 15 de setembro.

«Em politica o que hoje é crime ámanhã é virtude... O prêso politico em todos os tempos tem sido objecto de menos comiseração que o criminoso de direito comum».

«Os castigos imerecidos são, entre nós, uma grande causa de desmoralização...»

Eu li hoje essas palavras, que ficam transcritas, num livro adorável de E. Richebourg—*A Toutinêgra do Moinho.*

Diz muito bem o popular romancista.

Ha três ou quatro anos era crime dizer-se que a república era melhor fórma de governo que o regime monárquico. Um *viva* á república levava um homem ás esquadras da policia. Hoje, numa época de liberdade, quem garantir que a república não satisfaz, quem asseverar que alguns dos que a dirigem são nulidades — vai parar ao Reduto-norte do Forte de Caxias.

E ninguem cáia na asneira de dar vivas á monarquia... Lá tem a Penitenciária á espéra. Cautéla!

*

Alguêm que leu as minhas crónicas diárias advertiu-me que o meu «modo de vêr», social e religiosamente falando, feriria talvez as crenças e as convicções de grande parte dos meus leitores, caso elas chegassem um dia a serem do dominio da publicidade.

Expôs-me assim as suas considerações:

— «Nada de sectarismo. Ponha de parte as suas ideias tão avançadas. Você tem aí capitulos destruídores. Olhe esse X — esse de 17 de agosto. Ha aí o desejo manifesto de arruinar o Vaticano e de aniquílar o padre por desnecessário. Isto, em verdade, num certo futuro, que, você diz inda vir longe. Logo adiante no capitulo XIII, motêja dos santos a quem chama «povo divino» e ótima instituição para padres e beatas e cuja existencia o seu positivismo de homem do seculo põe em dúvida». No capitulo XXI, a propósito dumas quaisquer divagações, faz você uma pública prova da sua descrença, e quase se declara um fervoroso adepto do monismo. Quere um conselho? Tire isso do livro para não ferir as crenças religiosas da maior parte da gente que ha de lêr o seu livro, e tambem para que lhe não chamem materialista e ateu».

— Meu caro — respondi — a sua acusação é cerrada e completa. Tudo isso é verdade. Mas... *quod scripsi, scripsi* porque prezo-me de ser sincero. Nas convenções sociológicas e religiosas da nossa actual civilização ha coisas que bolem com a razão dum homem que tenha por habito pensar pelo seu próprio cérebro. Você acha-me livre-pensador, e isso é para mim motivo de orgulho. Ser livre-pensador é não ter hipo-

tecada a inteligência a dogmatismo de qualquer ordem, é deixar operar a razão, é apear a Superstição e tributar culto á Sciencia...

Creio que isto não deslustra ninguêm! Entanto você parece confundir. Para si o livre-pensador é um revolucionário, um dinamitista capaz de matar e esfolar. Não é isso. Eu, pelo menos, sou pela evolução, pela transformação gradual, tanto em sciencia, como em arte, como em politica. A revolução desconjunta e é violenta; a evolução opéra-se paulatinamente e aperfeiçôa. A primeira cria muitas vezes abôrtos; a segunda origina sempre exemplares mais perfeitos. O facto de eu vêr por um outro prisma o «pre-estabelecido», não quere dizer que deseje desde já o aniquílamento de tudo com que não concordo. Se acho que a Igreja no futuro será desnecessária, igualmente acho desnecessário, e desde já o Quartel. Se digo que o padre, então será um sêr inutil, a mesma ideia faço do soldado. Nisto, é claro, não ha o desejo de ofender, nem o sacerdóte, nem o militar. Ha mesmo no exército e no clero quem partilhe da mesma opinião. Desejo a paz das consciências e a paz dos Estados. A guerra é uma crueldade desumana, é a ferocidade ancestral a operar nos seculos de civilização.

Felizmente não sou como muitos um clerófobo e um anti-militarista que deseje enforcar padres e estripar soldados. Não. Discordo mas sem violências. Depois, eu mesmo me honro com a amizade de alguns padres, porque o facto de termos opiniões diametralmente opostas sobre muitos motivos, não nos torna inimigos.

E que penso eu do padre? Julgo-o necessário? Julgo-o inutil no momento presente? Para o povo inculto e tradicionalista das aldeias, por enquanto, o padre é indispensável.

Quando é um caracter limpo, generoso, é o protector,

o irmão e amigo de todos. Êle é padre para lhes ministrar baptismo ao nascer, o casamento na mocidade, e a extrema-unção na hora derradeira; é médico para os aconselhar nos tratamentos e para lhes dar régras de higiéne quando as enfermidades os perseguem; é o advogado constantemente consultado e o juís em muitas questões de somenos importância. E' o conselheiro, é o procurador é, o méstre... Por tais motivos o camponês ganha afeição ao seu páraco. Depois ha padres tão bons, tão simpáticos. Como é adorável aquele bom reitor de Julio Dinís! Não. Enquanto o povo quizer o padre, deixemos-lho; enquanto o camponês não dispensar a missa, consintâmos-lha. Mesmo a multidão carece bastas vezes dum freio para lhe sopear os impetos de anarquia destruidôra. E a divindade é esse freio. Já Voltaire o reconheceu. Para finalizar. Sou um indiferente em matéria religiosa. Alguns achamme excessivamente panteísta. Talvez estejam próximos da verdade. Fui educado nos principios da fé religiosa. Ha em mim, portanto, um fermento de crença que opéra ainda bastas vezes. Pressinto em mim uma dúvida avassaladôra que me trás momêntos fugidíos de religiosidade, de mistura com lampêjos de forte descrença.

Em verdade, o que eu desejo é um futuro de igualdade social, um futuro de bem-estar e de justiça para todos.

XL

Segunda-feira, 16 de setembro.

O Padre Giesteira, Anibal Néto, Eugénio Rêgo e Rodrigues Alves, quado de Esposende para cá vieram, foram recolhidos ao quartel do 29 que é no edificio do antigo seminário.

No dia 3 do corrente, quando o regimento partiu para os exercicios de repetição, êles, os quatro de Esposende, com mais dois ou três, foram para aqui mandados. Estão alojados no 2.º pavimento.

Já por duas ou três vezes falei para êles, de furtadéla, quando de manhã se procedia á limpeza dos quartos. Mas hoje graças a *liberalidade* do cabo do Presídio — que agora nunca me sái do quarto — pude descer abaixo, ao 2.º, e falar demoradamente com o Giesteira.

Conversámos muito. Êle declarou-me ter ficado sériamente surpreendido com a minha prisão — de que só tivera conhecimento no dia 29 ou 30 de agosto.

— Mas porque te prenderam? Por seres conspirador? Ora adeus! Gastaram-se 20 dias para isso — sinal evidente de que contra ti nada havia. A tua detenção estava no programa do *tiranête*. Tu tinhas a hombridade de te não curvares diante dêle em subserviências humilhantes. Eras um livre! Depois revoltavas-te contra os *capáchos* do cacique. Tinhas por isso as mál-querenças da quadrilha. Disseram-me há dias que a tua prisão fôra motivada pela publicação dum artigo num jornal que lá se publicou em Esposende — «O Povo Livre». Esse artigo era intitulado *Figados de chacal*. Recórdas-te!

— Recórdo, sim.

— Pois lá a matulagem atribúi esse artigo á tua penna. E como recentemente o *Poveiro* inseriu tambem uma correspondencia de Esposende, pondo a nú os processos calabrêses, usados pelo secretário de finanças & C.ª...

— Bem sei; já me disséram. O autor disso — dizem — é um de nós.

— Ora eis a causa da tua prisão.

— Dado de barato que fôsse eu o autor desses artigos — fui portanto prêso por *conspirar*... mas contra uma quadrilha que engorda á sombra da República, e não contra o regime!

— Nem mais. Nem tu, nem o Anibal, fôste a minha casa no dia 7 de julho. Lá apenas estava meu compadre Queimado, o Patusco e meu cunhado. Porque os não prenderam êles, estes dois que lá estavam?

E por aí fóra, Giesteira disse muito. Que não imaginasse eu que foram os depoimentos dos dois patifes quem me atirára a Sam Barnabé. Êles tinham sido forjados para justificar o fim. O chefe da quadrilha, o autor de toda a malandrice, para conseguir seus fins não se prendêra com a classe de meios. To-

dos eram lícitos! Por isso constituíra-se em sindicato com o secretário de finanças, com o Duarte, o Néves, o Celestino, etc., afim de arranjarem testemunhas e forjarem os depoimentos. Por horas tardias da noite organisára-se o processo na administração do concelho com as testemunhas de *chancela* que eram as de defeza no *filicídio* e de acusação nos 11 processos que desde o advento da República lhe tinham movido e ao Anibal.

—De noite organisava o processo, e de dia dizia que nada havia contra mim!

—Oh! diábo! isso tem facil explicação. Como foi de noite que você conspirou!... Sim: porque de dia, á luz do dia, ninguêm o tinha visto conspirar. Ah! o administrador do concelho é fino!

Fino! Muito espérto!

Depois de ter organisado assim um processo *adhoc* chamara o alféres para casa, oferecêra-lhe lauta mêsa e os ordenados e emolumentos da administração. Sugestionado por tantos tagatés, o pobre alféres pôs de parte a imparcialidade e fez tudo quanto o despota desejou.

Quem fôra chamado a depôr? Os interessados na acusação e outros instrumentos por êles arranjados! Um sindicante que quizésse dar aos seus trabalhos o cunho da seriedade, não ia hospedar-se a casa do acusador-mór e executar todas as suas maquiavélicas trampolinices.

Não me parecia a mim isso? Sim: eu era exátamente da mesma opinião. Se o homem fôsse imparcial devia chegar a Esposende, desprender-se do ôsso administrativo e da hospedagem interesseira do *tiranête*, inquirir a gente mais considerada da terra, independentemente de côres politicas, entrar nas aldeias a ouvir esses simples e bons lavradores...

Giesteira indignado, colérico, atalhou-me:

—Que fez êle? Procedeu assim? Ouviu a boa gente? Os médicos, os advogados, os comerciantes, os proprietários, os lavradores... — Não senhor: — ouviu o Duarte, o patibular assassino, o Belo, gatuno profissional, o Celestino e o Alexandre, malsins imeritos, o *Nécha* uma testemunha já onze vezes falsa, o *Bertolino*, um ferreiro bêbedo, e um *Cantoneiro*, um malandrão que rasgou a bandeira nacional e deu vivas á monarquia...

— E por conseqüência o unico conspirador que lá havia e lá ficou...

— Exáto, exáto.

Mas o ilustre cabo do Presídio, o grande Ribeiro, com uma tambem grande bebedeira, entrou e intimou-me a saída imediáta:

—Quem lhe deu autorisação para cá vir abaixo?

—Foi o cavalheiro. Já se não lembra?

Fingiu que esgravetava na memória. Com um risinho borracho emendou:

— Está bem. Mas agora vamos embora que são horas. A'manhã tornará.

E despedimo-nos com um duvidoso *até ámanhã*.

XLI

Terça-feira, 17 de setembro.

Estava eu hoje dependurado na porta do meu quarto, palestrando com o ilustre Pereira e com um botocúdo soldado — quando assomaram á porta do corredôr duas lindas criaturas, duas esbeltas braguêsas que eu já conhecia de vista.

Freqùentes vezes as via á janela do corredôr central quando cá estava o Gonçalves, do Banco de Portugal — aquele Gonçalves que foi prêso e mandado para Sam Barnabé por ter estado a conversar com um soldado, que dias depois desertou!

Pois uma dessas jovens era afilhada da espôsa do amigo Gonçalves; e a outra, a menina Maricas de Lourdes, acompanhava freqùentes vezes aquela senhôra, nas visitas ao Presídio.

Maricas é o que se chama uma linda rapariga. Lévemente morena, rosada, olhos castanhos, cabêlo ondeado, caíndo em caracois — uma esplêndida plástica, uma viva escultura.

Independentemente do sensualismo, eu adóro as mulhéres belas, como admiro uma paisagem arrancada á mãe-Natureza, como me extasío ante a profundidade brilhante dum céu estrelado, no estio — como afinal me maravilha tudo o que é grandioso, tudo o que é Perfeito!

Por isso, como estéta, encantei ante a Maricas. E ela com o seu trato afável com a sua alegria expansiva de áve da sélva, sabe bem tornar-se insinuante.

Sá Pereira mudeceu! E o soldado, o botocúdo soldado, que palestrava com êle, ficaria perpetuamente de bôca aberta, fitando-a numa glutonaria sensual, se um cabo, com um bérro formidável soltado lá de baixo, do 2.º pavimento, o não chamasse á realidade, fazendo-lhe desviar a vista do fruto proíbido.

O pobre rapaz correu á chamada. Mas tempo depois lá me veiu dizer «que daquilo havia pouco!» E encareceu entusiasmado:

— Que linda mulhér! Que linda.

Conversei muito com elas. A afilhada do Gonçalves trazia-me os cumprimentos daquele ilustre amigo. E a gentil moreninha discreteou comigo sobre várias coisas. Desejou saber se nós demorariamos muito; se seriamos ou não julgados; se nos tratavam bem, etc.

Por último ofereceu-nos o seu préstimo.

Ora Sá Pereira aproveitou-se logo. Ou êle não fôsse Sá Pereira! — Sabedor de que ela exercia certa influência sobre a vontade do Graça Dias, pediu como um cégo:

— Então se a menina pudésse conseguir-nos uma coisita...

— Ora essa! Faz favor de dizer.

— Pouca coisa... A menina querendo...

E gaguejava deslumbrado ante a formosura da nossa linda interlocutôra:

— E' que... deste quarto para esse...

E apontava o meu quarto, e gaguejava mais um bocado, e punha-se vermelho como lácre...

Eu, percebendo-o, quís livrá-lo de dificuldades:

— Olhe: o que êle quer é a porta aberta!

— Ah! sim. E isso será com o Dias?

— E' com certeza.

— Então contem.

Sá Pereira com a alegria caíu dentro do quarto. Nós rimos muito. Êle andou para lá a concertar, a martelar... Explicou depois que a cadeira, «o raio da cadeira», partira... Era uma cadeira de seis vintêns que o João tinha comprado ha 15 dias... Mal empregados seis vintêns! Tinha talvez de dar agora outros vintêns para a concertar!

Maricas, a gentil Maricas, prometendo ir dali directamente falar ao Dias, partiu, deixando-nos sós.

Como o Sá Pereira ficou pesarôso! Aquela meia hora de palestra com uma mulhér formosa fôra de véras curta!

De noite, lá por altas horas, acordou-me para dizer que tinha sonhado toda a noite com ela...

Eu então, ciumento, inda extremunhado:

— Oh diábo! sonhou? Que sonhou?... Heim?

Por que a verdade é que eu tambem sonhei toda a noite com a beleza patrícia da encantadôra Maricas!

XLII

Quarta-feira, 18 de setembro.

Seguiram hoje para o Porto 36 prêsos politicos, já condenados a penas maiores.

Sete eram cá de Sam Barnabé; os vinte e nove restantes eram da cadeia.

Que destino os leva? A Penitenciária e o Degrêdo! Pobre gente! Como lhes foi fatal meterem-se em aventuras!...

O meu espírito começou a invectiva-los:—Para que conspirastes? Porque não deixastes correr a água pelo leito dório? Pobre-Zé! Toda a albarda te sérve. Demais que melhor fórma de governo queres tu? Olha que a República é o governo do povo, pelo povo. E' um regime de liberdade... E's tu o que governas, ó Povo! Deixa os padres e abandona a politiquice...

Lá de baixo, do páteo da prisão a alma, colectiva dessa leva de condenados respondeu altiva, veemente:

—«Óh! simplissimo visionário! Para que estás tu

a defender uma ideia que não deves seguir porque igualmente te foi fatal? Para que elogias tu um regime que o teu espírito defendeu com amôr e que te pagou essa dedicação com a prisão e com o mesmo labéu de conspirador que sobre nós pesa? Dizes que toda a albárda sérve ao Zé! Pois sérve. Mas a falar-te verdade, a albárda monárquica tinha uma cilha mais branda... Olha: o pobre Zé—tu sábe-lo—anda derreado com o pêso da cárga; porque, demais a mais, anda ha tres anos em cáta das liberdades e regalias que a República lhe prometeu na oposição, e inda as não encontrou. Calculámos que o pobre sossóbre antes de chegar ao seu destino. Fizemos mal em conspirar! Mas olha que os que hoje nos perseguem, tambem noutro tempo conspiraram, andaram pelas prisões e por fim venceram. Póde ser que tambem nós consigamos o nosso desiderátum. Dá tempo ao tempo. Mandas-nos abandonar os padres? Mas tu sabes que nós sômos religiosos. Adorámos uma divindade e por isso necessitámos de sacerdotes. A República perseguiu a Igreja Católica e os seus padres. E nós, o povo crente, levámos a mal que nos privassem daquilo a que já tinhamos direito: as igrejas que nós e os nossos ascendentes construímos, os passais e residências que, para sustento dos párocos, resolvemos oferecer-lhes. O padre revoltou-se contra a República, e nós, povo, auxiliamo-lo. Nós, de bom grado, aceitariamos uma República que fôsse tolerante, benéfica, popular. Actualmente parece que é a canalha, a arraia miúda de Lisboa, quem governa, quem prende, quem julga, quem explóra o povo, quem enche as algibeiras á bôca do tesouro... Tu bem o sabes. Não é esse bom republicano que admiras, Antonio José de Almeida, nem Arriaga, nem Afonso Costa, nem Camacho e tantos outros, quem dirige a nau do Estado. Isso sim! São uns sujeitos

muito patuscos chamados *carbonários* e uns outros que sáem á noite das sargetas para apedrejarem os proprios republicanos e sugar-nos o sangue. São êles, são.»

E por'í alêm, lá do fundo, desse páteo de Sam Barnabé, a alma colectiva da pobre leva de condenados onde seguiam dois esfarrapados, descalços, de barba hirsuta — disse, até se pôr em marcha, coisas extraordinarias, dando assim pública prova de que se não tinham arrependido do seu crime.

Pobre gente! Como essa arrogancia se perderá ao chegarem á Penitenciária, quando vos afivelárem na cára, uma máscara e vos infuarem na cabeça um capuz infamante — objectos estes que nem a assassinos e incendiários se deviam fazer envergar!

XLIII

Quinta-feira, 19 de setembro.

Trovejou muito hoje. De minuto a minuto, traços luminosos riscam o espaço.

Cáem grossas bátegas de água. Nuvens escuras correm de sul a norte.

Ribeiro, de manhã, com uma bôlha formidável cantou a *Toutinêgra do Moinho*. Tem realmente boa voz — mesmo aproveitável. Pena é não ter juízo!

A' tarde, diabólico, iracundo, um olhar injectado de sangrias — insultou-nos. Parece que os fluídos tempestuosos da atmosféra lhe avariaram a mioleira. Anda com um velho revólver carregado no bolso e ameaça a torto e a direito «furar um». — Toda a cautéla é pouca. Em verdade, eu tenho muito mêdo dum doido!

Sá Pereira por motivo tal não pôde beber a sua meia duzia de garrafas de vinho! O cabo, o zeloso Ribeiro, não consentia que êle matasse a sêde!

Vamos a vêr se á noite as duas tempestades amainam!

XLIV

Sexta-feira, 20 de setembro.

Como se passa o dia no Presídio?

Quando, ao dealbar os sinos de San-Vicente, aqui á beira, tocam ao *Angelus* e logo em seguida o carrilhão preludía as primeiras notas duma valsasita, ou duma canção em vóga — a gente acorda. Eu gosto muito de ouvir os sinos de San-Vicente. Em verdade o campanólogo é um sofrível artista. Depois, a musica dos sinos é a unica que podemos disfrutar!

Entretanto a gente não se levanta. Gosa-se por mais uma hora o tépido calôr das mantas e logo que as chaves começam a tilintar ao principio do corredor, levanto-me, faço a minha *toilette*, visto-me. Da janela espreito o que se passa, em baixo, no páteo da entrada.

Coisas banais, afinal. Meretrizes que gracejam com os soldados, em brincadeiras, não raro, bem pouco edificantes; gente que passa a sua vida; algum carro de bois que entra na cidade, caminho do mercado.

Depois, sol-nado, lá no quintal do João, daquele republicanissimo João, enxergo o taboleiro do café que a Sr.ª Rosinha, córada, risonha, trás á cabeça.

Aviso de pronto o Sá Pereira:

—Lá vem o meu mata-bicho, amigo!

Mas o meu inestimável vizinho o que logo deseja saber é se virá a garrafa da águardente ..

Repare eu se a vejo no taboleiro... E êle elucida, dá pormenores: é uma garrafita prêta, com um rotulo, destas da cerveja...

A's vezes, por pirraça, digo que não vejo nada. Êle, por momêntos, emmudéce. Forma-se-lhe logo uma dôr no estômago, um mal estar...

—Diábo! se não vem a águardente... Sinto-me mesmo mal, hoje... Dôi-me aqui...

—Isso seria por você ter bebido ontem 8 cálices da sobredita.

—E' um raio!

Em geral a garrafa nunca esquece. Ágora esquece! Eu tomo o meu café. Cada um dos outros faz o mesmo, com excepção do Sá Pereira, porque esse bebe o café e toma 6, 8 ou 10 cálices de águardente—conforme o tempo que o homem do taboleiro por cá demóra!

Duas fachinas fazem a limpêsa nos corredôres e nos quartos. Cada *barnabiano* faz os seus despejos, enche o seu cântaro, prepára a sua cama. E se o chaveiro de dia é o *Maia*, o excelente *Maiinha*, goza-se uma hora de palestra no corredor.

Depois fecham-se as portas á chave; e cada um neste isolamento, ou se entrega aos seus pensamentos íntimos, ou lê, ou palestra debruçado da bandeira com os que lhe ficam ao lado e em frente.

Quando, ás 11 horas, é rendida a guarda, é-nos tambem servido o almôço.

Os prêsos pobres tem rancho, fornecido pelo quar-

tel do 29. Os que tem meios fornecem-se dos hoteis ou de casa das famílias.

A princípio cada qual comia no seu quarto, á porta fechada, estatelado no meio do chão. E á maior parte deles ainda assim acontéce. Mas eu e o Sá Pereira vamos disfrutando umas regaliasitas. Uma delas é comermos as nossas refeições em comum. Serve de mêsa um caixóte que veio com fruta ou a cadeira; e nós sentamo-nos na enxerga. E o caso é que temos a ilusão de que nos encontramos refastelados em cadeiras, nalgum hotel de luxo!

Ribeiro agora é nosso comensal. Em paga deixa-nos a porta aberta até ao jantar.

Fala muito! Quando tem bebido a sua canadita de vinho, torna-se espansivo, canta, assobia... A Toutinêgra do Moínho é a sua canção predilecta:

Ai! eu sou a toutinêgra
Toutinêgra do Moínho
Que, em rompendo a madrugada,
Canta alegre em chilreada
Como canta o passarinho

Ah! ah! ah! ah! ah!
Landeriret
Landerirat
etc., etc.

Sá Pereira acompanha-os ás vezes. O duo então torna-se detestável!... E tenho de os aturar!

Se vém alguma vizita, o tempo passa-se regularmente.

A's 5 horas é-nos servido o jantar. A's vezes comemo-lo totalmente frio. Por várias razões. Primeiro: porque, por ordem expréssa do sr. Cabo do Presídio, ás 4 horas da tarde os jantares tem de estar, em baixo,

no páteo; segundo: porque ás 5 é que é dada a hora de entrada; e terceira — ordem particular!— nós, só ás 6, depois do ilustre *Bôlha* ter feito a distribuição pelos três pavimentos, é que podemos atacar o taboleiro.— Temos de aguardar a chegada de S. Ex.ª! .

Pois se o diábo do homem se instalou entre nós, assim á móda de carráça! — Temos de lhe dar de comer — o que é o menos, e de lhe aturar a maluquice e a bebedeira o que, realmente, não é pouco.

Sá Pereira compra todos os dias uma onça de tabaco holandês de que só o *nosso hospede* se utilisa.

De fórma que come, bebe e fuma á custa dos brancos...

Mas tambem em compensação quase que fazemos o que queremos!

XLV

Sabado, 21 de setembro.

Já desde ontem se sabia que hoje deviamos ter sueto. S. Ex.ª, o sr. General de Divisão, viria passar revista ao Presídio, tornando por isso necessário fazer uma limpeza geral desde o 1.º ao último pavimento. E era bem preciso, valha a verdade!

Por isso Ribeiro, logo de manhã cêdo, bocejando, sonolento, de cigarro espetado numa fumadeira nova, começou a dirigir os trabalhos. Como era de manhã, inda não estava bêbado!

As lavadeiras — uns estafermos horripilantes — lembravam pela côr e pelo aspecto cóptas dos oásis egipcianos.

Graça Dias — o chefe da casa, fiscalizava. Conversou muito comigo. Reconheci que era um rapaz inteligente. Gosta muito de falar sobre literatura e sciencias.

Ha que tempos eu não tinha tido um interlocutôr

com quem pudésse alargar-me em considerações, discutir literatura e divagar sobre arte. O que nós dissémos! Sei lá!

Êle tem excelente memória. E como todos os que presam as bôas letras é um grande admirador do inconfundivel Eça. Recitou-me trechos daquele precioso conto das *Prosas Bárbaras* — *Liser*. Evocáva as scenas sentimentais do cemitério, os acordes do violino, os monólogos espírituais do alucinado personagem — dizia tudo isto com tanto sentimento que quase se podia ter a ilusão de que era o próprio Eça quem nos fazia confidências de Arte!

A Graça Dias não são desconhecidos nenhuns dos nossos grandes romancistas. Camilo, Eça, Herculano, Garrett, Teixeira de Queirós, — méstres da prosa. João de Deus, o seu poéta predilecto, Junqueiro, Eugénio de Castro, Correia de Oliveira — representantes da poesia, tambem êle os conhece, tambem deles retem na memória alguma quadra harmoniosa, algum pensamento elevado.

Ora onde eu vim encontrar um homem de espírito! Entre soldados boçais, que lhe vêm pedir guias de rancho, ou solicitar providências por ter faltado uma *tóra* . . .

Como homem de pensamento, Graça Dias está deslocado neste meio. Êle reconhece-o. E o seu desejo é abandonar a farda e ir procurar o silêncio convidativo da aldeia, dedicar-se ao estudo, ás letras, escrever — talvez crear personagens novas! Depois esse contacto com a Natureza-virgem fará despontar nele efeitos novos, cheios de imprevisto — miragens grandiosas de perspectivas fantásticas.

Porque é assim que se inicía um novo sacerdóte no bélo culto do Panteísmo — religião da Arte!

*

A' meia tarde estava tudo lavado. Passou-se bem o dia. Jantamos em comum, no meu quarto — eu, Guerreiro, João Néto, Sá Pereira, etc.

As portas conservaram-se abertas até á noite.

XLVI

Domingo, 22 de setembro.

Talvez por me ter deitado no quarto ainda humido; talvez por ter golejado, ontem, um pouco mais que o costume; talvez por ter palrado e passeado muito, levantei-me com uma formidável dôr de cabeça. Isto ha de passar.

Ás 11 horas recebi a visita do meu ilustre amigo Isolino Caramalho — o poéta do *Elogio da Aldeia*, versos encantadôres que não resisto á tentação de aqui os transcrever:

«Abril. A natureza
Ébria de Luz e Graça e de Beleza
Por toda a parte cria frutos de oiro.
A terra canta uma canção d'Amôr
Emquanto o lavrador
Vai conquistando o seu porvir tesoiro...

*
* *

Oh! como tudo é lindo e como o sol vibrante,
Num gesto fecundante,
Enche de Vida e Côr as trémulas seáras!
As rosas dão perfume aos prados e canteiros
E o melro nos salgueiros
Retoca vivamente as melodias claras...
Mas quando o sol é posto e vem a lua cheia,
Purinha, a alumiar
As veigas e casais da minha linda aldeia,
Ouvem-se as raparigas
Que voltam para casa a rir e a cantar
As limpidas cantigas...

—Assim devia ser o Eden florido
Onde vegetava o fruto proíbido...
. . . . . .
Meu Amôr! Meu Amôr!
Anda a mais eu, sonhar um sonho de quiméra,
Vêr o mimoso Abril, a Primavera em flôr...
Meu amôr! meu a amôr!
Meu sol de Primavera!
Enchamos com o ar purissimo dos montes
Os lividos pulmões;
Busquemos no passado os grandes horizontes
Das nossas ilusões...

Se tu soubesses como eu penso no futuro
Do nosso afecto puro
Enorme, sem igual
Talvez que, ó meu Amôr! olhasses esta Vida
Como olha o lavrador a messe florida
Como olha o seu rebanho o vivido zagal...

Que linda, meu Amôr! que linda é esta Vida!

*
* *

O' canteiros em flôr da minha aldeia,
O' lua toda branca, ó lua cheia,
Dai-me perfumes e nevoas de luar!
O' meu amôr, ó minha boa amiga,
Canta-me aquela rustica cantiga
E deixa-me sonhar...

Olha, meu caro Isolino! Os teus versos são deliciósos e tu és realmente — um poéta.

Com este meu amigo veiu tambem o sr. Fernando Pais e sua espôsa. Esta senhôra, notando a pobrêsa da minha mobilia, ofereceu-me uma cama, mêsa, cadeiras, lavatório, roupas... Disse-lhe que me contentava com o leito. Ficou de m'o enviar. Aqui lhe testemunho desde já a minha gratidão.

XLVII

Segunda-feira, 23 de setembro.

Ontem ao escurecer o cabo do Presídio, a quem nós já chamamos—*O nosso pormeiro* (foi o Rodrigo Guerreiro quem lhe deu subida de posto)—apareceu cá no meu quarto, com cara de caso, ares misteriosos:

—Onde está Boaventura?

—Aqui, meu *pormeiro.*

E perfilei-me, fazendo a continencia militar.

—Tem de vir lá baixo.

—Aonde?—fiz eu intrigado.

—Lá baixo. Manda o nosso sargento.

—Bem: Vamos lá.

Quando passavamos em frente á céla do João Néto, chamou-o, deu-lhe iguais ordens. O Néto queria saber tudo:

—Mas então?... Novidade?

—Ande lá, homem! Talvez.

—Só nós os dois?

—Só os dois.

Ao fim de curta pausa:

—Vocês estão bem arranjados!

E deu assim ás palavras uma côr de terror. Néto, livido, começou a interrogar-me ao ouvido—«se seria por causa do namôro?

—Aquela de varanda, a que acena para cá, a tal...

Mas nós tinhamos descido já a escada e, com espanto nosso, em lugar de seguirmos para o fundo, fomos, guiados pelo nosso homem, parar ao quarto do *Queimado* onde, em volta duma mêsa estufada—era a cama—se premiam já uns poucos de comensais. Lá estavam: Giesteira, Anibal Néto, Eugénio Rego, Francisco Alves, e a creada do Hotel Aliança a infileirar garrafas ao longo da parede! Oh! tanta coisa!

Logo que chegamos, abancamos dois em cada cadeira. A servente começou a tirar dum enorme cesto as iguarias que foram devoradas em silêncio «para não dar escandalo.» Eu, como já tinha jantado, não pude comer: apenas tomei o meu cafézito. Mas com franquêsa—gostei. Até essas 11 horas ou meia noite foi uma santa pandega. Pois se quem mandava na casa era o *nosso pormeiro!*... O Graça Dias tinha saído para Vila Verde e deixára-o encarregado do Presídio. Não ha dúvida que ficou bem entregue!

*

Ora quem o havia de dizer! Guerreiro, o bom Rodrigo Guerreiro, que desde os fins de julho até hoje, deve ter chorado cinco almudes de *água*—o calculo é do João Domingues—saíu-nos um pandego de marca!

Entrou-me no quarto com uma cara muito cómica a perguntar se algum dos que lá estavam—eu, Néto, Sá Pereira ou Ribeiro—sabiamos toçar rabeção...

Ninguêm sabia.

— E piano? Òrgão? Violoncélo? Violino.?...

— Nada disso, amigo.

— Flauta? Trompa? Clarinête?...

Ribeiro, que estava refastelado na minha cama, ergueu-se, apressado, curioso:

— Sei eu, sei eu...

— O quê!

— Tóco flauta. Era da tuna, lá da minha terra. Foi meu méstre o Boticário... Talvez nós tivessemos ouvido falar no Boticário...

Mas nenhum de nós tinha ouvido falar nesse celebre Boticário-musico, duma ignorada aldeia da Figueira da Foz.

Guerreiro quís saber do instrumento. Não o tinha cá. Tambem ha muito que não fazia uso...

— Que pena! — fez o Guerreiro com uma cara muito cómica, provocando riso.

— Porquê? — perguntamos a *una voce*.

— E' que eu tocava o rabecão.

— O rabecão? Que é do rabecão?

— Está aqui!

E batia de rijo no peito:

— Está aqui! Querem ouvir?

Ora! Todos queriam ouvir:

— Vamos a isso!

Que dia de riso! Rodrigo Guerreiro imitava, com a boca, o som do rabecão, admiravelmente. Com que habilidade êle fazia isso! Primeiro era a afinação. A gente tinha a ilusão de que assistia do fundo duma capela-mór á afinação, no côro, dum autêntico rabecão... Depois um acompanhamento. Êle, como ventriloquo, tocava violino e rabecão simultâneamente. Que bem feito!

Imitou tambem Frei Manuel das Chagas, prégando

um sermão. Com que sotáque fradesco êle principiava:

— «Ah! irmãosinhos da minh'alma!...»

E aqueles ápartes á Frei Manuel?

— «O' mulhérzinha? deixe passar essa do lenço encarnado! Vamos, meu irmão! E esse homenzinho? Então? Tudo misturado, irmãos meus carissimos? Não póde ser: Saias abaixo e calças acima!»

Oh! o que a gente ria!

João Néto, dês que o *Frei Manuel-Guerreiro-Rabecão* saíu, disse-me ao ouvido:

— O homem adormeceu em Caminha e veiu acordar aqui!... Que grande pandego êle nos saíu.

*

Cá temos a porta de permeio aberta! A linda Maricas conseguiu-nos esta regalia. Já o Graça Dias no sábado me tinha dito:

— Então querem a porta aberta? Falaram-me nisso. Vou mandar abri-la.

Hoje a bela Maricas veiu cá saber se estavamos satisfeitos.

— Como dantes, minha gentil menina. A porta inda continùa fechada.

Ela foi abaixo, zangada. Meia hora depois, Sá Pereira e o Maia, martelavam fortemente até rebentar os prégos.

Que alegrão Sá Pereira teve hoje! Até perdeu a conta ás garrafadas!

XLVIII

Terça-feira, 24 de setembro.

Hoje veiu cá outra vez o Isolino.

E sabem? Presenteou-me!... Um petisito, que com êle vinha, trazia-me uma travessa de pasteis e uma garrafa de bom *Porto*.

Oh! este Isolino é um dôce poéta, e uma dôce visita!

Como estávamos reunidos uns poucos — Guerreiro, Néto, Sá Pereira, etc. — êle aventou a ideia de que para passar o tempo talvez não fôssem de desprezar umas *biscas!*

Já se vê que sim! Mas onde estavam essas desejadas biscas?

— Aqui! — disse o poéta, arremessando-as para cima da cama.

Todos se precipitaram sobre elas:

— Oh! cartas! Vamos a isto!

Sá Pereira queria que fôsse o sólo. Mas Guerreiro

não sabia; e para que todos jogassem propôs a suéca.

— A suéca ou a *lambida*.

Eu declarei que não jogava. Eles então emparceiraram: Néto e Guerreiro, Sá Pereira e Isolino. Quando tinham jogado a primeira partida, chegou o *Nosso pormeiro* — o Ribeiro:

— Olá! temos cartas. Tambem quero jogar!

E começou a fazer um escarceu medonho:

— Vamos! Quem dá lugar? — Quero jogar!

Néto suplicou que o deixasse jogar mais um *isco* — dois ou três jogos. Mas êle teimou: ou lhe davam lugar ou escangalhava tudo! De mais a mais era proíbido jogar lá dentro...

— Oh! Ribeiro! — interferi eu. Que diábo! Deixe lá os rapazes um bocado. Você vai jogar comigo!

— Qual! Ha de ser já. Se não, vai tudo c'um raio!

Mas nesta altura enxergou sobre a janela a garrafa ainda embrulhada:

— Oh! temos cá frade de capuz! Vou buscar o sacarrolhas!...

Viu tambem a travessinha dos pasteis do Marinho, coberta com um papel amarélo.

— Ah! E pasteis!... Vamos a isto!

De fórma que os homens puderam jogar enquanto duraram os pasteis e o vinho fino. Mas êle foi generôso: repartiu com a gente...

XLIX

Quarta-feira, 25 de setembro.

Ha dias que João Néto se queixa de falta d'ar e dôres no peito. Com a mão estendida sobre o esterno, garante que dura pouco tempo, que está quase tuberculoso.

— E's tôlo!

A gente diz-lhe isto, e ri-se porque êle di-lo a todos com uma sinceridade incrível. Depois tem um modo de tossir que provoca gargalhadas. Guerreiro já o imita perfeitamente!

Quando o carrilhão de San-Vicente melodiava uma modita qualquer, bateram-me de leve á porta. Levantei-me, cheguei a cadeira á porta, e debrucei-me á bandeira. Era êle.

Contou-me que alta noite, por horas mortas, tivéra um forte ataque de ásma que o sufocára. Chamára então aflito pela sentinéla que dormitava sentada na escadaria do mirante.

A sentinéla, esfregando os olhos, tinha vindo saber o «que lhe queriam áquelas horas». E como o bom rapaz elucidasse o homem da Mauser, com os necessários pormenores, êle aconselhou-o, fraternalmente, que descançasse um pouco, que tivesse paciência. Quando o viéssem render contaria ao cabo da guarda...

— Mas eu morro, homem! Preciso duma chávena de chá. Quero a porta aberta...

— Ah! Lá isso... não sei.

E João Néto, indignado, contou que o estúpido se fôra sentar outra vez, e outra vez dormir socegado, com a carabina encostada aos joelhos.

— De fórma que tive de berrar. O aspirante veiu de longada até ao meu quarto, mandou chamar o chaveiro, abriu-me a porta. Quís até mandar vir um médico. Eu declarei que me satisfazia uma chávena de chá. Quanto ao médico, viria de manhã.

Notei que o pobre rapaz estava pálido e respirava com dificuldade. Tomei para mim o papel de médico — um *cirurgião* de aldeia, muito bronco:

— Dize cá: tens falta de ar?

— Muita.

— E deves ter tambem sufocações momentâneas, uma irritação uma excitabilidade...

— Isso, isso!

— Depois pouco ar dentro do quarto...

— Tal qual.

E João tossilhava a miúde denotando um sofrimento indiscritivel. Quís explicar-lhe que aquilo era produzido pela excitabilidade anormal dos nervos que concorrem ao acto da inspiração. Talvez que tambem as emoções morais por que estava passando concorressem muito para isso. Enfim: aconselhei-o a requisitar um médico.

Falamos de pois da vida barnabiana que levávamos

em Braga. Êle contou-me que a céla que habitava era um horrôr, uma penitenciária. Naqueles dias de calôr, supuzera-se dentro dum fôrno. Suára muito, bebêra muita água...

—Mas esta água é insuportável!

—Já a bebi em peores circunstâncias. Creio que lhe contei...

—Não contaste. Dize lá!

Disse então que no dia 18 de agosto quando chegáramos ao Presídio lavára os pés numa gota de água que encontrára no cântaro.

Era opinião sua que o alféres Oliveira, quando o entregára ao Dias, recomendára para lhe darem uma céla pequena—um segrêdo, se fôsse possivel! E rigor sobre êle!

Em todo esse dia não lhe deram de comer. No dia seguinte acordou esfaimado—porque desde o sábado á noite que não introduzia no estômago uma migalha de pão. Quando se procedia á limpeza, disse ao chaveiro que precisava de comer.

—Tem muito tempo! Eu andei pela fronteira dois ou três dias com a barriga a dar horas!

—E água? Queria lavar-me.

Com modos bruscos, respondêra:

—Não ha água. Logo.

Enfim, ás 5 da tarde, quebrou o jejum de dois longos dias de agosto. Mas a comida era extremamente salgada. Teve sêde. Correu ao cântaro. Vasío, sêco, sem pinga!

Bateu á porta. De fóra uma sentinéla do 5, de voz aguardentada, inquiriu:

—Que temos, figurão?

—Não tenho água, e morro de sêde.

—Ah! sim!

—Por Deus chame cá o chaveiro.

— Por Deus? Que Deus? Mande Deus p'ró diábo!

E rindo soltou duas obscenidades, passou adiante. Minutos depois bateu-lhe á porta:

— Você era o que queria água?

O pobre rapaz, estendido na enxerga, com a voz estrangulada, mal podendo falar, respondeu:

— Sou, sim. Morro de sêde. Nunca experimentei sofrimento mais atroz.

— Você tem acolá um cântaro.

— Não tem nada.

— Mas o penico está cheio. Beba. Tudo mata a sêde!...

E enquanto fóra a estúpida sentinéla soltava gargalhadas diabólicas — o pobre João, chorando, desesperado foi encostar-se á janela de vidros caiados. Escurecia já. Entretanto êle ia recordando pedaços da sua vida passada para esquecer o sofrimento ugolino da ocasião. Impossivel. A sêde era cada vez mais ardente, mais intensa e insuportável. Lembrou-se então que no alguidar amarélo de Prado estava água. Mas que água?... Nela lavára os pés na véspera. Acendeu um fósforo. Notou que a imundice pousava no fundo e que á superficie ela estava clara, límpida...

Debruçou-se sobre o alguidar; cheirou-a. Sentiu uma repugnancia enorme. Pareceu-lhe que essa água cheirava tão mal como um cadáver em putrefação.

Foi deitar-se de novo na enxerga. Percebeu que rendiam a guarda. Bateu á porta. De fóra outra sentinéla igualmente estúpida e desumana imposera-lhe silêncio com terror.

— Pouco barulho! Olhe que lhe meto uma bala pela porta dentro.

Néto, então, chorando de desespero, correu ao alguidar, tapou o nariz, fechou os olhos — e bebeu toda a água dum trago!...

L

Quinta-feira, 26 de setembro.

Agora jogamos as cartas todos os dias. O Guerreiro e o Néto passam o tempo no meu quarto. A's vezes jogamos o sólo; mas quase sempre o jogo predilecto é a suéca.

Rodrigo Guerreiro *afina o rabecão* e joga:

— Bóte bisca! Trunfo! Uns pontinhos!...

Sá Pereira, de vez em vez, vai dentro, ao outro quarto — «beber dois goles»!

O excelente padre Rodrigo assevéra que êle só bebe vinho «á hora das comidas, das bebidas, e nos intervalos!»

Claro está que todos nós concordamos. Êle resmungou:

— Raios! Nem deixam viver um homem!

Depois, entusiasmado, porque comprára o séte:

— Bisca, bóte bisca, ó padre! Esta é nossa!... E estendeu a séte sobre uma bisca de 11. Mas João Néto salta-lhe com o áz e êle embatocou, amuado pela assurrada que lhe fizemos.

LI

Sexta-feira, 27 de setembro.

Giesteira pediu para vir até ao meu quarto.

Como por lá estavam vários e o chaveiro, estirado na cama ouvia tudo o que se dizia, fômos passear para o corredôr.

Combinamos a nossa defêsa. Era necessário nomear advogado. Era talvez conveniente elucidarmos o público acêrca das falsas acusações que nos faziam. Seria até de utilidade publicarmos um folhêto, onde retratariamos os nossos acusadores. Bastaria isso, em sua opinião, para toda a gente, toda a imprensa e as autoridades que tivessem de julgar-nos, se convencerem que nós eramos vítimas duma vingança torpíssima.

Eu fiquei de estudar o caso. Realmente a ideia deve dar resultado.

No meu quarto algazarreia-se muito. O cabo conta proêsas de valentia.

O Maiínha vem procurar Giesteira. São umas visitas que o procuram. Ora, precisamente nesta altura, ia êle contar-me como foi recebido em Sam Barnabé!

Ficará para ámanhã.

LII

Sabado, 28 de setembro.

Foi logo após o almôço que eu desci abaixo ao 2.º pavimento.

No corredor, junto á janela, Francisco Alves conversava com duas senhôras. Uma alta, elegante, muito viva; outra mais baixa, de olhos sonhadôres. Ambas muito simpáticas, denotando umas almas nobilissimas.

Alves apresenta-m'as:

—São as senhôras Lobo, minhas extremadas protectoras.

De mim, disse o meu amigo, que era o escritor, o crónista da casa...

Ah! elas já sabiam. Tinham-lhe dito isso. E então, muito loquazes, quizeram logo saber em que altura iam as minhas memórias — «as memórias do carcere», a história da prisão...

—Cincoenta capítulos escritos, minhas senhôras!

—Ah! Cincoenta capítulos! Crédo! que trabalheira!...

Mas o Alves declarou logo que não era trabalho fatigante para mim. Pois se eu escrevia com espantosa facilidade! Já se via que não era...

D. Justa, a mais alta, interferiu.

—Que diz? Então o senhôr é capaz de escrever tambem as suas memórias?

—Eu? Nem patavina...

—Ah! então não diga tolices!

O Alves, envergonhado, córou. E para disfarçar disse «para eu qualquer dia lêr uns trechositos do meu trabalho».

—Que? vale lá a pena? Você quer pagar a dedicação destas senhôras com a fatigante audição dumas banalidades escritas?

Mas elas, risonhas, interessadas:

—Não, senhor. Ha de lêr! Lê, sim?

Tive de ceder. A leitura ficaria para ámanhã, domingo, dia de visita. Despedi-me e fui palestrar com o Anibal e Giesteira que estavam ambos em cavaqueira no quarto deste último.

Eu tinha interesse em saber, circunstanciadamente, como tinham êles sido recebidos em Sam Barnabé. Naqueles primeiros dias ouvira falar vagamente «num padre que estivéra para apanhar um estouro».

Ontem, quando Ribeiro no meu quarto contava proêsas de forças, Giesteira disse-me:

—E' um bêbado! um doido, este cabo!

—Há-os com mais juizo em Rilhafóles...

—E' um tipo perigôso. Soubeste que este diábo, no dia em que eu cá dei entrada me meteu um revólver ao ouvido?

—Quê? Pois foi a você?... Soube qualquer coisa, muito pouco. Conte lá!

Êle então ia narrar o facto, quando o chamaram para ir receber as visitas.

Disse-me hoje o resto.

Tinham vindo do 29, já comunicáveis. Êle tinha no bolso papeis, algumas cartas, documentos, lapís, etc. Depois de feito o registo de entrada, o sargento ordenou que os conduzissem ao 2.º pavimento, quartos 9, 10, 11 e 12 etc. O chaveiro ao introduzil-os nos quartos tinha dito:

—Os srs. tem de ser revistados. Esqueceu lá em baixo...

—Nós já estamos comunicáveis.

—Quê? Aqui está tudo incomunicável...

—Ora essa. Foi-nos levantada a incomunicabilidade... Acredite, senhôr...

Mas o chaveiro, o tal do 8, que eu tinha já dado ao diábo, teimou e foi-os revistando um por um, á porta das célas.

Giesteira tinha escrito uma carta de insignificante importância—tão insignificante que o sargento depois de a reconstituir e lêr lha mandou entregar de novo—mas que todavia não desejava que fôsse lida por todo o bicho carêta. Pegou nela e rasgou-a! Horrorôso crime! O chaveiro foi logo dar parte ao cabo.

O doido entrou pelo quarto dentro de revólver em punho:

—Ah! seu malandro! Quem lhe deu ordem de rasgar a carta?

—Eu, senhor, rasguei-a porquê... porquê...

—Tu és padre, patife! Por isso has-de ser tão malandro como os outros! Ah! grande raio!

E, diabólico, com o olhar tigrino, o cabêlo estacado na cabêça, rugindo cóleras satánicas, meteu-lhe o revólver ao ouvido:

—Patife! Malandro! A minha vontade é descarregar-te duas ameixas nesses cornos!...

Giesteira tremia. Quem se não ha de assustar

diante dum doido furioso? — O meu pobre amigo viu a morte diante dos olhos, perdeu quase a noção da vida. Disse, por fim, como quem proferia as últimas:

— Vossa excelencia não me mate!....

Vossa excelencia! Oh! palavras mágicas! Era a primeira vez que Ribeiro recebia *excelencia*... Desde o momento que aquele padre o tratava tão delicadamente, era necessário mostrar-se tambem, «como quem era». Homem de importância, já se vê!

O revólver entrou no bolso, e êle saíu, já de rosto desanuveado, quase amigo. Tinha fechado a porta; tornou a abri-la, dizendo para dentro meio sério:

— Os srs. portando-se bem têm tudo que quizérem de nós. Se o ofendi, desculpe. Eu, ás vezes, irrito-me. Enfim tenha paciência. Isto aqui é militar, gente da tropa...

Se o tinha ofendido! Qual tinha! Antes pelo contrário...

Eu, indignado, perguntei a Giesteira:

— E agora? Esse diábo inda lhe entra no quarto?

— Se entra! Logo no dia seguinte lá bebeu um copo de vinho. Desde então para cá é todos os dias. Bebe e come.

Mas nisto chegou o bruta-montes — meio bêbedo, apenas. A paléstra tomou novo rumo. Anibal mostrou-me uns apontamentos que tinha escrito. Giesteira tirou tambem da mala de mão um masso de papeis e mostrou-mos.

— Que é isto? — perguntei.

Li. Ao alto da primeira pagina, dizia:

«*Ecos da minha prisão. Apontamentos*».

— Leva isso e lê — disse êle. Vê se estará em termos. Depois traze-mos. Foram escritos no quartel do 29.

Eram quase 4 horas quando subi para cima para o 3.º Vou lêr os apontamentos.

LIII

Domingo, 29 de setembro.

29 de setembro — dia de Sam-Miguel!

O dia de hoje é o dia alégre do lavrador que vai amontoando na eira a colheita do ano, para escrivar e guardar nas arcas do celeiro.

Como lá pelas aldeias da minha terra, os camponêses, na azáfama quotidiana, suarão para aproveitar o bom grão que a terra deu!

Mas a colheita este ano é diminuta, dizem-me que muito inferior á do ano passado. Estou quase a concordar com aquele agronomo que afirma não ter Portugal, condições climatéricas para país cerealífero. As estações alteradas, como se vê. Este verão passado não houve um dia de calma. Ventou como em dezembro, choveu como em janeiro e em algumas manhãs de maio disseram-me que caíra néve. Talvez tenhamos um inverno encalmado!

Entretanto a fóme alastra. A emigração para o

Brasil toma o aspecto dum exodo. Noventa mil portuguêses abandonam a pátria, onde não encontram bem-estar nem abundancia, e vão a essa linda Terra-Moça da América procurar a fortuna.

Muitos e muitos só lá encontram ilusões.

Visionários! Sonhavam encontrar ouro a rodos. Assaltou-os a adversidade. Vieram as fébres, e levou alguns para a vala comum. Veiu a crise do trabalho e arrastou muitos á miséria — maior miséria ainda que a que sofriam na sua aldeia. Cá ao menos tinham o abrigo dum tugurio de telha vã, a caridade do lavrador compassivo, e o trabalho no campo inda que pouco remunerado.

Lá ninguêm o conhéce. No cosmopolitismo do Rio, todos o deixam morrer ao abandono sem uma palavra de compaixão.

LIV

Segunda-feira, 30 de setembro.

Trinta dias tem novembro
Abril, junho e setembro . . .

Como aqui não tenho calendário fiz saltar da memória essa meia quadra aforistica, porque já nem sabia se setembro tinha 30 ou 31 dias! Frutos do isolamento!

E' pois o último dia do mês, este que vagarosamente vai decorrendo. Ha quarenta e cinco longos dias que estou prêso. Que duro cativeiro!

Sinto-me tristônho. No meu quarto os *habituès* jogam o sólo, galreiam, bébem vinho.

Eu estive da janela a contemplar a vinha do vizinho Carneiro, o excelente Carneiro, das Obras Públicas, onde dois homens vindimam. As uvas estão muito maduras e perfeitas.

Dizem-me que nas minhas propriedades, em Palmeira, os cachos do *vinhão* apodreciam por completo. Pois aqui parece que resistem mais.

Que saudade me faz vêr vindimar! Ora eu que podia andar agora na faina da colheita! Paciência.

LV

Terça-feira, 1 de outubro.

Li já todos os apontamentos que me deu o Giesteira. Êle escreve com certa graça, mesmo com um humorismo picante, muito dêle.

Nas primeiras paginas conta as peripécias que antecederam e se seguiram á sua prisão. E' quase a mesma coisa que aconteceu a todos nós.

A viagem entre carbonários de Barcélos para Esposende, ás 11 horas da noite. O encarceramento no quarto de nove palmos, que dava idêa dum tumulo, e onde êle quase asfixiára. Depois a viagem para Braga.

«Eram 3 horas da manhã — escreve êle. Chovia bem. Para evitar o incómodo e o aparato desolador da jornada a pé até á estação de Barcélos, ofereci-me para pagar os carros e lá seguimos os 4 prêsos com os 12 soldados. Da estação de Braga seguimos para o Quartel General, donde nos mandaram para o quartel do 29, instalado no palacête do antigo seminário. Eu fiquei

na céla n.º 134 e os meus companheiros nas imediatas. Os quartos são relativamente confortáveis. Aqui já ha ar e luz!...

«Durante o trajecto (da estação ao quartel), o povo corria ao nosso encontro mas ninguêm nos dirigiu o mais leve motejo. Havia até um ar de sentimento amigo, piedoso, despertado pela nossa situação.

«No quartel tanto soldados como sargentos nos trataram sempre bem. Ha o fisco da incomunicabilidade que é terrivel; mas dimana das ordens ou regulamentos da policia.

«A soldadesca nada se prende com a situação dos prêsos, salta, canta, toca, dança, etc.: Não nos deixam dormir. E um prêso a quem suspenderam todas as garantias contra nada póde reclamar!

«A principio deixavam-nos a porta aberta em quanto comiamos; mas passados alguns dias começou a fazer-se este serviço com ar guerreiro. Abre-se a porta, fórma a guarda defronte, um soldado méte para dentro a refeição e fecha-se imediatamente a porta. Até então chegava-nos a comida quente. Agora é quase sempre fria. A mulhér do cesto espéra muitas vezes uma hora e mais á espéra do chaveiro.

«No dia 7 de agosto pregaram-me a janela. Abria-a de vez em quando, sempre com cuidado para soltar um suspiro! Que enorme dôr experimentei!...

«Foi a compensação dos cumprimentos que me fez meu mano de casa do sr. abade da Sé, que ficava fronteira.

«No dia 9 mudaram-nos para o 1.º andar, fronteiro á cerca, do lado do sul.

«A's 4 da manhã somos logo despertados pelo toque berrante das cornêtas. E todo o dia cornêtas e mais cornêtas...»

Adiante, narrando o desprêso a que os lançavam no quartel do 29, escreve êle:

«Quando algum prêso se via apertado com as necessidades corporais e batia repetidas vezes á porta para lhe chamarem o homem das chaves, respondia a sentinéla, invariavelmente:

«— «Tenha paciência; já o mandei chamar três vezes.

E o plantão, lá de longe, acrescentava:

«— «Remedeie-se lá a um cantinho, como pudér.»

Conta êle com muita graça, que pela manhã o chaveiro passando ao longo dos corredôres, dizia num vozeirão:

— «Se alguêm precisa de ir ás sentinas, é agora. As chaves não tornam cá cima hoje.»

E, se é verdade que vinham ás horas das refeições, tambem é verdade que havia já uma resposta consagrada para os pobres prisioneiros que se atreviam a ter necessidades pelo dia adiante:

— «Não póde ser. A hora de ir á sentina já passou; espére para ámanhã.

Giesteira chama a isto «*Regulamento do olho do...*» Não digo o resto. Os srs. adivinham.

Ora vejam! Giesteira adiante diz que o conselho não foi desprezado. Muitos se aproveitaram e êle próprio foi um dêles,

E' noite. Já mal se vê. Ámanhã ou quando calhar direi mais qualquer coisa acêrca dos apontamentos do Giesteira.

LVI

Quarta-feira, 2 de outubro.

Vou continuar com a súmula dos *Apontamentos*, do Giesteira.

«... Ao abrir a porta para o almôço — escreve — formou a guarda. Com uma voz rispida e sevéra, o sargento increpa o cabo da guarda de não fazer o serviço com a rapidez que êle queria. Depois de introduzida a refeição fecha a porta e retira. Pelo buraco espioneiro perguntei, depois:

— «O' cabo? quem é esse sargento que traz uma mosca tão brava? O sr. que lhe fez?

— «Não é nada. E' o sargento Calixto que faz aquilo para arrotar importância. Está, porêm, muito enganado comigo! Se canta muito sou capaz de o acusar de conspirador! Meto-o num quarto, aí, ao seu lado, que o amólo...

«Era um rapaz alto, simpático. Mas já sabia que o meio de vingança era acusar qualquer como conspirador.»

«No dia 1 d'agosto apanho, devido á gentileza dum amigo, *O Jornal de Noticias*. Foi o unico durante a minha prisão, mas que me acarretou uma depressão moral inexplicável. Trazia os primeiros julgamentos de Chaves e Cabeceiras, com condenações sem testemunhas de defêsa. Mais de 8 dias andei numa prostração profunda, lembrando-me que me não admitiriam defêsa.»

E por'i alêm narra diversos episódios mais ou menos interessantes. O modo como os sargentos interpretavam os regulamentos. Umas cartas que apreenderam a um soldado para o P.e Pinto, de Escudeiros e que foram a causa duma rigorosa busca em casa deste padre.

Os descuidos do homem das chaves.—«Das 8 da tarde do dia 18, ás 8 da manhã do dia 19 d'agosto, não permitiu o sargento Roberto que qualquer prêso fôsse á sentina. Tive de me remediar a um cantinho. Pois não havia outra saída.»

Só no dia 20 foi chamado a perguntas. E ha vinte e cinco dias que tinha sido prêso. Tendo manifestado algumas dúvidas á cerca da maneira porque o alféres fazia o interrogatorio—era o celebre Oliveira do 5—pediu para consultar o advogado oficioso. Duas horas depois, em vez dele, apareceu outra vez o Oliveira, que o repreendeu fortemente *por querer defender-se e por ter o desplante de desejar mencionar testemunhas de defêsa*. E rematou por chamar-lhe «grande criminoso que devia ha muito estar na costa d'Africa.»

Só lhe foi feita, como aos outros, limpeza no quarto ao fim de 19 dias! Tece rasgados elogios ao sargento Pinto, ao 1.º sargento Castela, e ao excelente cabo, já veterano, o João, de Vilar do Monte. «Era um bom este João da Silva Gomes. Atendia-nos em tudo que podia.»

Castela é uma béla inteligência. E' um dos colaboradores do *Noticias do Norte*. Espírito muito culto, escreve admiravelmente, mesmo com estilo.

Só no dia 30 d'agosto lhe foi levantada a incomunicabilidade, — «essa terrivel tortura que ha 35 dias nos oprimia.» Nesse dia visitou-me o meu querido amigo Oliveira Torres que me relatou o facto do suicidio do Manuel Carvalho, de Barcélos: — «Impressionou-se tanto com a tua prisão — disse-me — que se suícidou» — Pobre amigo! Foi um dedicado amigo e um homem de bem.»

Os Apontamentos são bastante extensos. Resumindo-os, tirei-lhes o merecimento. Mas os acanhados limites desta obra nada mais permitem.

LVII

Quinta-feira, 3 de outubro.

No 3.º pavimento estavam apenas 8 prêsos.

Para poupar gente da guarda e trabalho resolveram mandar-nos, os 8 do 3.º para o 2.º onde ha quartos devolutos.

Ficamos assim todos juntos. Graça Dias deu-me a liberdade de escolher quarto. Como já estava habituado ao *segrêdo*, 1, do 3.º, escolhi o quarto que lhe ficava por baixo que era o segrêdo 1, do 2.º A janela estava pregada com um sarrafo de madeira. Eu, Sá Pereira e João Néto habitávamos os dois quartos. São 2 para 3. Com um impulso valente arrebentamos a travessa de pinho. E a janela abriu-se, afugentando as trevas que fazia no interior do *segrêdo*—que desde então deixou de ser segrêdo.

Estamos aqui instalados admiravelmente.

João Néto ficou com a gente, porque sérve-me de secretario. E é um bom secretario, vá de passagem. E' êle quem escreve. Eu dito.

LVIII

Sexta-feira, 4 de outubro.

Ora realmente estamos muito bem. No quarto interior dorme Sá Pereira e o secretario Néto. O da frente sérve de quarto para mim e de sala para os três. Conversamos, jogamos o sólo ou a suéca. A porta do quarto não se fechou. Néto por causa da ásma, tem direito a esta regalia. E eu não sei bem porquê tenho igual direito. Sá Pereira por sua vez disse ao Chaveiro, que morreria se lhe tornassem a fechar a porta.

—Fechando-me a porta, póde ir logo encomendar o caixão.

Aqui ha já outros parceiros para a jogatina. Um é o Barbeitos Tavares, estudante militar e poéta. Foi condenado a um ano de prisão por desertor. Quizeram-no apontar como tendo tido parte na incursão de Valença. Nada provaram. E' protegido pelo Governador Civil de Viana. Bom rapaz, não ha dúvida.

Guerreiro, Giesteira, Queimado, Anibal, Eugénio Rêgo e outros—cá aparecem de vez-em-vez.

LIX

Sabado, 5 de outubro.

Hoje realizaram-se em Braga brilhantes festejos comemorativos da implantação da República.

Vi o fogo do José de Castro. Em verdade era surpreendente.

Ha festas lá por fóra, para toda a gente. Para nós, imerecidos castigos!

*

Na cela do abade de Paçô, jogaram até alta noite o sólo, o Anibal, Sá Pereira e o *proprietário* do quarto.

O abade Magalhães já cá está, desde meados de julho. Morava nas *Covas de Cafarnaum*, — dois quartos no 1.º andar da casa, para os quais se descia por uma estreita escada, ao lado das sentinas.

Estava lá êle e um pobre rapaz beirão, o Antonio Miguel, contrabandista, da Rapa, Celorico da Beira.

Estavam totalmente isolados. Ali era completa a solidão. Só a sentinéla. O abade inda tinha a janela que dava para a entrada. Metia a cabeça por um vidro partido e via o que se passava em baixo. Ribeiro ameaçava-o muitas vezes de lhe esmigalhar os miolos com o revólver ferrujento, quando lá o via pacatamente a tomar ar.

O abade Magalhães usa a barba na cara toda. A primeira vez que o vi deu-me ideia de Julio Dinís, o grande romancista das *Pupilas do Sr. Reitor.*

Com êle foi também prêso o *Espreita,* um pobre jornaleiro, com 5 ou 6 filhos menores. Agarraram-no, diz êle, por ter encontrado uns homens que iam para casa do abade!

Piramidal! Então pobre Zé Coelho! prenderam-te por teres encontrado uns homens?

Meu amigo: para a outra vez não encontres ninguêm nos caminhos... Já sabes o que te póde acontecer.

E' muito tarde já. Meia noute e um quarto. São horas de recolher a caminha...

L

Domingo, 6 de outubro.

O domingo é o dia, por excelência, designado para a visita. Das 10 ao meio dia é permitida a entrada a qualquer pessoa que venha visitar a gente.

A princípio não entrava ninguêm. Estava tudo incomunicável. Se alguêm trazia roupas, frutas ou qualquer outra coisa, o cabo da guarda acompanhava até á porta, passava revista aos sácos e não permitia que se trocassem mais que as triviais palavras de saudação!... Agora já não é assim. Vem cá quem quer. Felizmente, apesar de estarmos na adversidade, não nos faltam amigos. E bons!

Uma das visitas que mais tem procurado com a sua presença minorar-nos estas intermináveis horas do cárcere, é o meu amigo Oliveira Torres, o Torres das Hidraulicas, que reside em Sam-Martinho de Dume.

Depois o Torres tem corrido Séca e Méca a vêr se consegue pôr-nos na rua. E' um propagandista tenaz

que lá fóra apregoa a nossa comprovada inocência, por toda a parte.

Outro é o Domingos Carvalho, de Barcélos, em casa de quem foi prêso o Martins Giesteira, no dia seguinte ao do casamento daquele seu amigo.

Foi devido á actividade de ambos, e de outros que bem merecem a nossa gratidão, que o ilustre republicano Dr. Justino Cruz, secretário geral do Governo Civil, para certificar-se conveniêntemente do que havia de verdade a nosso respeito, mandou três indivíduos do *Grupo Defêza da Republica*, sindicar, particularmente, a Esposende.

Estes três cidadãos que se transformaram em três dedicados amigos nossos, foram os srs. Vilhena, Cerqueira de Araujo e Abel Pinheiro.

Disfarçados em caçadores foram a Esposende. Por lá, como quem não tinha interesses, inquiriram o povo:

—Então o Giesteira está prêso...

—E' verdade. Uma patifaria.

—Como patifaria?

—Coisas... A gente não póde falar. Somos logo prêsos.

—Mas digam lá? Êle não é conspirador? Diz-se que lhe encontraram documentos, armas...

—Histórias! Não encontraram nada.

—Então porque está prêso?

—Por fazer sombra ao Fonseca Lima. Por ser inimigo figadal dum tal Duarte, um sujeito que faz agora um ano estava prêso na cadeia, ali á esquina...

—Prêso? porquê?

—Acusavam-no de ter morto a própria filha!

—Mas foi absolvido! Sinal de que era falsa a acusação.

—Isso...

Campos em fóra os três foram dar á igreja das Marinhas. A' margem da estrada, faceando com ela e com a pequena avenida do adro, ha um tasco. E' a taberna do Duarte. Foi lá que os caçadores encomendaram o jantar...

Depois de terem morto a sua meia duzia de codornizes, voltaram, caminho da casa do sinistro taberneiro — «terminar a caçada.»

Cerqueira de Araujo, com o seu olhar prescutador, mediu o homem. E não sei que estranhas siglas lhe leu na fisionomia. O certo é que, numa aberta, quando Duarte todo apressado, em mangas de camisa, foi dentro, á cozinha, êle pôde segredar aos outros, meio profético:

— Os homens estão inocentes! Este tipo tem cara de mau, mesmo de facínora. Acredito no que se diz a seu respeito. Que cára patibular!

Vilhena e Pinheiro, fizeram com a cabeça sinal afirmativo. Mas o homem veiu de dentro a declarar que o jantar estava pronto. Seguiram-no. Numa varanda envidraçada estava posta a mêsa. Talvez fôsse nela, nessa pobre mêsa de pinho que foi autopsiada a inditosa Tereza!...

Cerqueira, o nevrótico Cerqueira, teve a sensação hipnagógica de que lhe cheirava a sangue humano. Pouco pôde comer debaixo dessa emoção ilusória.

Para principiar, um dêles apontou a casa em frente:

— De quem é o tasco?

Arremangado, um sorriso de triunfo a brincar-lhe nos lábios belfos, o taberneiro respondeu:

— E' dum tal Anibal, um patife que está prêso por conspirador, com o padre cá da terra...

— Ah! tambem por cá houve conspiradores?

— E' verdade! Uns patifes... que me desgraça-

ram. Quere dizer: queriam desgraçar. Agora já está isto em sossêgo. Já tenho freguesia quase como dantes.

E o homem narrou, narrou... Os três, paravam de comer só para ouvi-lo. Mas a certa altura engasgou, suspeitou dos hospedes, arrependeu-se de ter falado tanto. Cerqueira compreendeu e para não fazer desconfiar o homem, disse, mostrando-lhe o seu cartão de identidade:

— Nós pertencemos ao «Grupo». Padres desejariamos vêl-os todos numa fogueira... Fale sem receio.

— Oh! Então sim. Parabens.

— «E foi contando, tudo, tudo, disse-me mais tarde Cerqueira. Só não confessou que matára a filha. A tal respeito disse contudo o bastante para se ajuízar da bêsta. Imagine que o carrasco declarou ter dado com um sovereiro na pobre rapariga até a prostrar! Mas não a matára. Fôra ela que se enforcára!»

*

De Esposende viéram os homens tão convencidos da verdade que se tornaram desde logo nossos amigos. E o dr. Justino Cruz, êsse bom republicano, e boa alma, fez-se o protector das vítimas dos pseudo-republicanos da foz do Cávado.

Cerqueira vém agora freqúentes vezes ao Presídio. Traz-nos noticias de fóra, quase sempre animadôras.

LXI

Segunda-feira, 7 de outubro.

Como tomou você conhecimento com essas bôas senhôras que o visitam tão freqüentes vezes?

Eu fiz esta pergunta ao *Queimado* quando êle subiu ao meu quarto a pedir para lhes vir lêr dois trechos das *minhas memórias*, lá baixo, á céla dêle.

— Muito simplesmente — respondeu. — E' interessante até saber-se o modo como elas se tornaram minhas protectoras. Minha mãe, dias depois de eu ter vindo para Braga, veiu aqui para me falar. Como lhe negaram autorização para isso, foi procurar umas senhôras com quem nos dávamos. Aconteceu elas estarem ausentes, parece que para a Suiça. Minha mãe, chorando, ía para retirar-se quando a mãe destas meninas, condoída das lágrimas da minha velhota, a chamou para preguntar-lhe a causa da sua aflição. Depois que minha mãe lhe contou tudo, elas disseram-lhe:

— Pois vá-se embora e não se aflija. Essas senhô-

ras que procurava não estão cá, mas nós faremos a diligência para as substituir. Mandaram-me roupas e ofereceram-me dinheiro. Desde que me levantaram a incomunicabilidade, vem cá todas as semanas, uma ou duas vezes.

Realmente, numa época de tanto egoismo como esta, causa espanto encontrar-se gente de tão nobres sentimentos.

A sr.ª D. Virginia Lôbo, mãe das duas senhôras que eu já apresentei, é tambem a mãe do dr. Florêncio Lôbo, um ilustre republicano de Cabeceiras — e creio até que é, nesta altura, o administrador do concelho.

E' o que se chama uma santa creatura, a D. Virginia! Pertence a uma família nóbre, de bons pergaminhos. *Queimado* tem sido tratado por ela e suas filhas, como se realmente fôsse filho e irmão.

Tambem foram elas as únicas que até hoje tem visitado os prêsos políticos. A filantropia e a caridade braguêsa, ou se atemorisou com o aspecto guerreiro das prisões, ou se esqueceu que pelos presídios politicos géme muita gente inocente.

Por isso eu, daqui, desta ignorada pagina, em meu nome e em nome dos meus companheiros de infortúnio, gratos aos favores recebidos, saùdo as bondosas senhôras.

*

Foi o Francisco Alves quem leu dois ou três capítulos deste livro. Um dêles o capítulo XVII foi muito apreciádo.

— Que sentimento! — disse D. Justa.

Eu declarei que «isto» era uma coisa banal, extremamente prosaica...

— Não, senhor. Muito lindo, muito bem escrito!

— Banalidades, minhas senhôras.

Mas elas teimaram «que não.» E eu, lisongeado, agradeci-lhes.

*

O sr. Antonio Vila Chã Pinheiro, um conterráneo nosso que a política forçou a ir residir em Ovar, depois de o ter passeado por Alfândega da Fé, visita Giesteira freqüêntes vezes. É uma bela alma muito dedicado ao seu amigo, capaz de grandes sacrificios. Foi uma das primeiras vítimas do sultão de Esposende. Ha dias esteve cá com o António Matos, de Barcélos, e encheu-nos de esperanças. Em sua opinião dentro dum mês estamos na rua.

António Vila Chã tem boas relações de amizade no Porto. Por intermédio dêle temos nós a protecção de varios cavalheiros que muito podem fazer em nosso beneficio.

LXII

Terça-feira, 8 de outubro.

Quando se fez a lavágem da casa, a estupidez do Chaveiro obrigou uns desgraçados a entrarem nos quartos inda molhados. O resultado foi alguns resentirem-se da saúde. Um dêstes é o Jerónimo, que mia de gato e por isso se chama o *Sr. Gato*.

Este desgraçado ha 15 dias que se não levanta da enxérga onde o reúmatismo o prostrou. Êle atribuí esta enfermidade ao facto de o obrigarem a entrar na céla, pouco depois de as mulheres a terem lavado.

Coitado! Passa todo o dia a gemer.

Hoje passamos o tempo no quarto do Giesteira. A'manhã ou alêm vamos principiar a escrever um folheto, elucidando o público e as auctoridades acêrca do nosso caso.

LXIII

Quarta-feira, 9 de outubro.

Resolvemos hoje começar a redigir o folheto.

A redacção foi feita no quarto de Giesteira. Um escrevia e outros ditavam. Todos colaboraram afinal. Até João Domingues, o homem que estava a vender repolhos na Povoa, quando o *viram* conspirar nas Marinhas, ditou o seu bocado!

João Néto, o meu secretário particular — assim á laia de grão-senhôr! — foi o secretário do grupo de prisioneiros.

A' hora do jantar estava quase tudo escrito.

Amanhã far-se-á uma cuidada revisão, assinaremos depois para ser entregue á «Imprensa Bracarense.»

LXIV

Quinta-feira, 10 de outubro.

Ora até que enfim está em condições de seguir o nosso folheto. O Manoel da Graça, o poéta das *Rosas dum dia,* foi o encarregado de levar o autógrafo á tipografia. Vai dedicado «A' Imprensa, ao público, aos ilustres ministros do Interior e Guerra e General da 8.ª Divisão». Tem por titulo:

"As vítimas dos pseudo-republicanos de Esposende"

Vou transcravê-lo aqui. O leitor desculpará a massada:

I

«E' d'um presidio militar que nós — pobres victimas da insania de politicos corruptos — nos dirigimos ao publico, e especialmente á imprensa, a esse fanal d'onde tanta vez tem sahido a luz, que, incidindo sobre escuros casos — tem libertado innocentes, que umas vezes a justiça, outras a maldade de inimigos, tinham encarcerado desde ha muito.

Foi um dia dos fins de julho, que nós demos entrada n'esta casa, acusados de conspirar contra as instituições.

Quem são os nossos accusadores?

Quem nos delatou?

E' necessario um pouco de historia.

Em tempos que não vão longe o administrador do concelho de Espozende dirigiu, com um dos signatarios, o partido progressista local.

Mas como o chefe supremo d'aquelle antigo partido o tinha em menos consideração, porque reconhecia que a sua influencia politica era nulla e os seus processos desastrados, resolveu abandonar a politica monarchica e filiar-se no partido republicano.

Dois annos depois, convencido de que a republica não poderia ser um facto concreto dentro de poucos annos, resolveu-se a adherir de novo á monarchia, fazendo-se partidario de Teixeira de Sousa.

Foi convocada, em principios d'agosto de 1910, uma reunião politica para tratar de assumptos eleitoraes.

O snr. Fonseca Lima compareceu lá e offereceu seis contos de reis para melhoramentos, caso concordassemos em ceder-lhe votação que désse a victoria ao sr. Teixeira de Sousa.

Foi regeitada a proposta. E escusado será dizer que o que aquelle cidadão então reputava de urgente necessidade passou á historia. E nunca mais se lembrou d'isso.

Presidiu a um comicio em que dizia ser necessario anniquilar um homem, cuja influencia abarcava um terço do concelho; e na mesma data propunha para presidente da camara um cidadão, aliás muito digno e muito honesto, o sr. Valentim Ribeiro, «*—por não ser republicano.*»

II

Mas dias depois raiou o 5 de outubro. A monarquia baqueou, Teixeira de Sousa exilou-se para Tras-os-Montes, e o snr. Fonseca Lima, em discursos retumbantes, affirmava ser republicano de principios, conhecedor do trama conspiratorio, etc., etc.

Póde-se dizer que, em Espozende, toda a gente recebeu bem a republica. Alguns dos signatarios assignaram mesmo o acto da posse do administrador e offereceram a sua collaboração.

Mas o snr. Fonseca Lima acreditando-se com forças para lu-

ctar sósinho, despresou os seus antigos correligionarios e commetteu a grosseria de os perseguir.

No 3.º domingo de maio de 1911, Fonseca Lima e Eduardo Motta, n'um comicio realisado nas Marinhas, depois de terem enchido o parocho de doestos e de o diffamarem, dirigiram-se ao publico que lhes fugia enojado, chamando-lhe «corja de carneiros», etc., etc.

Que bellos processos de propaganda.

Fez-se amigo de gente, que representa o rebotalho da sociedade.

Parece impossivel? Não se acredita?

Em Espozende, nove decimos da sua população o attestará.

Quem são então os nossos maldosos perseguidores? É tempo de principiarmos as suas biographias.

III

Fonseca Lima

E' um homem sombrio, cheio de vaidade, de olhar traiçoeiro, aváro como um semita. Morde-o a mais vil inveja. Não podia ver prosperar e ter valimento politico homens cujo caracter e desinteresse o supplantavam. Desligou-se d'elles por despeito. Quiz arvorar-se em chefe politico. Nas ultimas eleições da monarchia conseguiu 27 votos, ao mesmo tempo que os seus adversarios faziam contar 1:500 listas!

E' significativo!

Tal derrota melindrou-o.

Por isso, não podendo vencer-nos no campo da honra, serviu-se d'uma traição para nos perder.

Mas como cobarde, preparou-se primeiro para o ataque.

Couraçou-se com 40 praças de infantaria, distribuiu ao alferes Oliveira, de infantaria 5 — o papel de carrasco, e elle serviu de «ponto» n'este theatro nojento, onde se representou a farça.

Dera-se a incursão em 6 e 7 de julho; 15 dias depois. Fonseca Lima, declarava perante varios amigos «que estava muito contente pelo facto de no seu concelho se não ter alterado a ordem».

E tendo-lhe o administrador de Barcellos perguntado telegraphicamente se o P.e Giesteira estava implicado nos ultimos acontecimentos, elle, Fonseca Lima, declarou «que não», que nada havia contra elle. Mostrava-se até zangado, iracundo pelo Delegado

de Marinha ter ido, ás 23 horas da noite, de nove para dez, á residencia das Marinhas, e intimar o parocho a abandonar a terra, dentro de 24 horas, «sob pena de ser fusilado aonde quer que se encontrasse.»

O Delegado de Marinha, coitado, é um pobre diabo, que commetteu esta arbitrariedade, debaixo da pressão do vinho e da sugestão d'um tal Duarte — personagem sinistra que adeante biographaremos.

Aos amigos do parocho das Marinhas dizia que elle podia recolher tranquilamente a sua casa, porque nada havia contra si.

Entretanto, descobre-se agora que elle fazia, a occultas, por horas mortas da noite, uns interrogatorios, umas combinações machiavelicas em que se ensaiavam as testemunhas. Cada qual ficou com o seu papel distribuido. Principiava a farça. Nós fomos presos e mandados para Braga.

Giesteira, Annibal Netto, Eugenio Rego, Rodrignes Alves, deram entrada no quartel do 29 em 28 de julho. Rodrigo Guerreiro, João Netto, Sá Pereira e João Domingues, foram presos nos primeiros dias d'agosto, mas só foram enviados para Braga, em 18 do mesmo, conjunctamente com Manuel Boaventura, que tinha sido preso no dia 16 d'agosto.

Padre Rodrigo Guerreiro foi preso em Caminha, onde gosava a consideração de toda a gente, a principiar pelo administrador do concelho. Nunca se metteu em politica, como attestam, em documentos autenticos, os proprios republicanos locaes.

Mas o P.e Giesteira, tinha-lhe enviado uma importancia em dinheiro, para entregar a uma mulher dos arrebaldes de Caminha. O P.e Guerreiro, que mal conhecia Giesteira, escreveu um postal acusando a recepção d'essa importancia.

Foi o bastante para os desmiolados liberticidas de Espozende suppôrem logo, que aquella quantia passára para o bolso de Couceiro, por intermedio do P.e Guerreiro! Verificou-se, dias depois, de que lado estava a verdade. E no entanto, elle cá está entre nós... talvez accusado de ter vindo tambem assistir ao fantastico *complot*, na celebre noite de 7 para 8 de julho!

IV

Porque é que os *complotistas* das Marinhas foram presos em fins de julho e principios de agosto e Boaventura, accusado do mesmo crime, só foi preso 15 ou 18 dias depois?

Manuel Boaventura foi chamado para depôr, como testemu-

nha, perante o alferes Oliveira. Disse judiciosamente o que sabia. Mas este militar, muito creança ainda, pouco pratico d'estas coisas da vida e denotando uma ignorancia crassa sobre assumptos policiaes, deixou-se arrastar na onda avassaladora da vingança do administrador do concelho, e começou a servil-o, como um animal docil sérve o dono.

Patrão mandava, e o pobre inconsciente executava tudo.

No interrogatorio do Boaventura, merece especial menção o seguinte dialogo, que se realisou depois d'elle ter feito o seu depoimento:

— «Eu não escrevo hoje as suas declarações. Dou-lhe tempo de pensar. Vá para casa, escreva o que tem a dizer sobre o assumpto. Mas repare bem: Você não tente defender o Giesteira!... Quanto mais o defender, mais se enterra você. Quero dizer: informando-me de tudo o que sabe, de como se realisou o *complot*, o que foi elle fazer á Hespanha, etc., etc., fica em sua casa tranquillamente. De contrario ver-me-hei obrigado a detel-o tambem.»

— «Mas nada sei — declarou. — Eu nunca ouvi fallar de semelhantes coisas. Nunca tive conhecimento que na casa d'elle se fizessem reuniões politicas, nunca o ouvi criticar do regimen. Unicamente dizia certas verdades ácerca dos politicos indigenas, que se diziam republicanos, mas que elle não suppunha como taes.

Era até um ferrenho admirador d'um republicano illustre — o Dr. Antonio José d'Almeida.»

— Sim?! — replicou o instructor do processo — o snr. faz uma calorosa defeza do padre. Isso nada o defenderá e para si cada vez é peior.»

— «Mas então chamam-me para dizer a verdade, ou para accuzar individuos, que eu creio innocentes? O snr. de certo confunde-me com essas testemunhas a quem ensinaram o papel que tinham a desempenhar... Nada de confuzões, snr. Oliveira. Eu sómente direi a verdade.»

E o caso é que 8 dias depois elle era tambem prisioneiro.»

Mas isto não vai tudo hoje. A'manhã direi o resto. Uf! estou cançado de escrever.

LXV

Sexta-feira, 11 de outubro.

Continuamos com a doutrina do folheto:

«V

Sigâmos com as biographias:

Antonio Duarte

Depois de Fonseca Lima merece-nos um perfil o mercieiro Antonio Duarte. Mercieiro e camarista. E' um homem sinistro, vingativo, a quem accusaram de incendiario e que respondeu no tribunal de Espozende — é inacreditavel! — pelo crime de filicidio, em 31 de outubro de 1911!...

Para este não é necessario mais nada.

Outras testemunhas:

Um tal Magalhães

o «Cantoneiro», marceneiro, actualmente preso na cadeia de Espozende como indiciado no roubo de 17 de gallinhas e tentativa de assassinato. Foi com este *cavalheiro* e com o Duarte do filici-

dio que o alferes Oliveira atacou em acareação o Boaventura. Que contraste!

E' um alcoolico que, tendo sido testemunha de defeza no processo de filicidio, se zangou mezes depois com o official do registo civil — o brazileiro Eduardo Motta — declarando, em voz alta, na rua, em 18 de fevereiro ultimo, que o obrigaram a mentir. Rasgou em tiras a bandeira nacional e deu vivas a Paiva Couceiro...

O administrador do concelho mandou prendel-o; mas elle ameaçou-o de fazer revelações de tal ordem compromettedoras, que, horas depois, estava em liberdade.

Não é crime, esfarrapar o symbolo da patria e calcal-o aos pés?

Sim, é crime e grande. Porque não foi castigado este malandrim? Porque os caciques de Espozende tem o dom da previsão. O «Cantoneiro» era um instrumento magnifico, cujo engenho não convinha perder. De facto, o homem portou-se bem. Desempenhou o seu papel como um Talma barato, mas desempenhou-o.

O «Cantoneiro» na noite da fantastica reunião dormia tranquilamente na sua enxerga, mas... viu tudo... Em sonhos, já se vê. Onze homens, combinando derruir o Terreiro do Paço, degolar a Republica — pobre creança inocente! esquartejar ministros, e ressuscitar Lazaro! Que prodigio!

Mas o que é verdade, é que isto não passou d'um sonho falaz. Não eram onze homens. Era apenas, o Rodrigues Alves, o Reitor e a creada! Para os onze só faltam nove. Ilusão d'optica no caso.

VI

Das restantes testemunhas, merecem um *croquis* o **Brazileiro Dr. Motta** do registo civil, que cubiçava os livros do registo parochial das Marinhas. Os empregados das finanças com o respectivo secretario á frente, o celebre **Eugenio Ferreira** que não levaram a bem que o P.e Giesteira explicasse aos seus freguezes o espirito da lei de 24 de maio de 1911. Isso não daria margem a elles poderem applicar mais multas aos desprotegidos contribuintes.

Alexandre Gajo

E que gajão! creado do administrador do concelho e que se julga fidalgo! pobre maluco! Desempenhou admiravelmente o seu papel. Tambem este viu o *complot* nas Marinhas, apezar de

n'essa noite rondar a casa do P.e Gaiolas, em Gemezes. Foi expulso da Companhia dos phosphoros pela sua *provada* honestidade.

Falta-nos a vera-efigie do personagem, que na farça desempenhou o primeiro papel.

Antonio Martins Mano, o «Bello»

que figura como participante. Esteve já preso, varias vezes, pelo crime de furto. Ha tempos foi detido como implicado no roubo de uma junta de bois, e ha poucos mezes ainda seu proprio irmão deu queixa d'elle em juizo, accusando-o de o burlar em 150$000 réis. Já então era o regedor e ainda hoje o é.

Eis a camarilha do cidadão Fonseca Lima. São estes e outros de identica cathegoria os correligionarios, os amigos intimos do pequeno cidadão, que, por infelicidade da Republica, rege a politica de Espozende.

VII

Quasi todas as testemunhas que ora deposeram contra nós, já serviram de defeza no processo do filicidio.

Estas mesmas testemunhas teem deposto, como accusação, em todos os processos das Marinhas — 11, nada menos! — que desde o advento da republica o administrador do concelho e seus sequazes nos teem movido. São já profissionaes, — testemunhas encartadas, pau para toda a obra!

O Bello, por exemplo, que sociologicamente fallando é um vadio, porque nem tem eira, nem beira, nem modo de vida conhecido, mas tem para resarcir um largo cadastro policial, e no registo criminal uma folha cheia de nodoas, é, como já vimos, o regedor das Marinhas e amigo intimo do sr. Fonseca Lima.

Um tal **José Alves Pedra,** o «Bertolino», ferreiro, alcoolico, desordeiro, é tambem testemunha n'este processo. Já foi condemnado quatro ou cinco vezes por diversos crimes.

VIII

Agora é tempo de dizermos alguma coisa ácerca do modo como o alferes Oliveira organisou o processo, fez os interrogatorios e tratou os prisioneiros.

Mas primeiro devemos dizer que este epilético cidadão se foi hospedar em casa do administrador do concelho — o que é ex-

pressamente prohibido por lei, recebendo tambem os ordenados e emolumentos da administração do concelho.

Tinha tipo de rufia, era mal creado, grosseirão e traiçoeiro.

Ao interrogar João Martins Domingues apontou-lhe uma pistola á cabeça, e obrigou-o a assignar um depoimento, que se recusou a lêr-lhe. N'elle se dizia, que o depoente ouvira o P.e Giesteira dizer mal da Republica. Domingues tinha declarado exactamente o contrario. Que imparcialidade, snr. Oliveira! Que instructor de processos politicos tão original!...

O snr. deve recordar-se ainda de ter socado João Netto por elle se recusar a assignar o depoimento sem primeiro ser lido, e de o empurrar grosseiramente, como se fôsse algum assassino nojento.

Deve tambem recordar-se de, n'um dia á noite, talvez em 9 d'agosto, na administração do concelho ter acareado João Netto e João Domingues de pistola em punho, dizendo-lhes que ou elles diziam o que a si, ao seu amigo Duarte e ao seu hospedeiro Fonseca Lima — convinha, ou lhes arrebentaria «os cornos»!... Mas é natural que se esquecesse das obscenidades que soltou n'essa occasião. Porque a verdade é que o snr. está deslocado nas fileiras do exercito, que é posição nobre de mais para si. Ficava-lhe a matar o logar de moço de estrebaria, n'uma cocheira.

Lá, ao menos, podia soltar essa lingua de arrieiro. E Martins Giesteira escusaria de ouvir os porcos insultos que lhe dirigiu no quartel do 29.

A Boaventura, em 16 d'agosto, disse que o Duarte era um cidadão honesto — *honestissimo!?!* — que era victima de vinganças clericaes, um martyr, quasi santo!...

Fonseca Lima, um caracter impoluto e pelo menos tão serio como o Duarte, o Bello, o Cantoneiro, o Celestino, o Alexandre e o ferreiro Bertolino!...

Naturalmente Boaventura disse-lhe, que acreditava estas verdades! E realmente são de acreditar!

Não se convencia que o Duarte tivesse morto a filha — quasi que nem acreditava, que ella tivesse morrido!

Estupidez? Cegueira? Maldade?

Tudo ao mesmo tempo.

Ao Annibal Netto recusou-se a escrever-lhe as declarações que fez no quartel do 29; e accusou-o de elle ter montado o estabelecimento de mercearia para levar o Duarte á miseria.

Naturalmente suppunha o Annibal muito rico.

IX

Resumindo: O snr. Fonseca Lima & C.ª não podia viver sem que nós fossemos desterrados para longe. Fazia-lhe mal a nossa sombra.

Elle sabe tambem que nós não somos nem nunca fomos conspiradores; e vendo a inutilidade das provas que forjou e as flagrantes contradições em que a sua gente caíu, nos depoimentos que fez — até, muito apressado, mandou ao Porto encetar uma campanha jornalistica contra nós.

Felizmente parece que toda a gente conhece já o pequeno cidadão Fonseca Lima, e as patifarias, que elle e seus prosélitos phantasiaram para nos perder — porque todos se recusaram a essa cobardia sem nome, de atacar pobre victimas da maldade politica d'um vaidoso — e que ainda se acham debaixo da coacção da força legal.

X

Não é a Republiea a causadora dos nossos males.

Pelo menos directamente. O ideal republicano não nos repugna, temos por elle o maximo respeito, e alguns dos signatarios eram mesmo ferrenhos partidarios da Republica.

A Democracia é a suprema aspiração dos povos modernos.

Como tal, representa um principio nobre, justo, alevantado.

Deseja a Liberdade, a Fraternidade e a Igualdade. Protege os opprimidos, liberta os innocentes, castiga os criminosos.

Os falsos denunciantes, os delatores aleivosos, os perjuros malandrins, quer ella castiga-los com rigidez.

E' amante da Justiça. E o nobre Ministro da Guerra o fez saber ha dias n'uma pequena circular que tem mais valimento moral que toda uma lei.

Como os grandes republicanos, esses velhos democratas que tiveram sempre por ideal o bem do povo se distanciam d'esses pequenos histriões, que teem apparecido em todos os tablados politicos, vestidos de panno crú e chitas rôtas!?

Uns pedem Generosidade, Justiça, Paz para os vencidos, para os proprios conspiradores. São os republicanos historicos, aquelles que desejam uma Republica limpa, digna, para todos os portuguezes honestos. Apenas excluem do seu seio, por os reconhecer como entes fóra da lei, os criminosos de toda a ordem.

Os outros, os que teem corrido todo o cromatismo da escala politica, os que nem teem alma generosa, nem espirito dc paz e

de justiça cultivam a vingança mesquinha como genero de *sport*. São sapos sociaes, inimigos da Republica, os peiores conspiradores.

Pedimos Justiça. Dirigimo-nos, á Imprensa, ao Povo, ás auctoridades.

Fomos accusados de conspirar contra o regimen. Está descoberto o trama. Nós não só não conspiravamos, como até estavamos concertados a fundar um centro republicano em Espozende, com o concurso de algumas centenas de homens honestos.

Esta é a verdade.

Esperamos, porisso, que nos seja feita Justiça! E Justiça nos será feita, quando nos restituirem a liberdade e enclausurarem os delatores e perjuros.

Justiça! Justiça! Sómente Justiça!!!

P. S. Esquecia-nos dizer que o illustre Fonseca Lima assistiu á missa de suffragio, por alma do finado rei D. Carlos, e foi ao Porto á recepção do rei D. Manoel para beijar carinhosamente a sua regia mão.

Isto prova o espirito democratico do actual cacique de Espozende.

Braga, 7 de Outubro de 1912.

Manuel Martins Giesteira, Manuel Joaquim Boaventura, Francisco Rodrigues Alves, José Martins de Sá Pereira, Rodrigo Guerreiro, João Rego de Villas Boas Netto, Eugénio Boaventura Rêgo e João Martins Domingues.»

E' isto que nós vamos lançar á publicidade. Seria crime não denunciar ao Povo e á Imprensa e ás Autoridades a moralidade dos nossos patibulares acusadores!

LXVI

Sábado, 12 de outubro.

Nós fomos ha dias entrevistados pelo jornalista Teotónio Gonçalves, director dum jornal que vai saír brevemente chamado *Rotandade*. Este *Rotandade* é o sucessor dum outro *O Cinematógrafo*. E' o orgão dos *carbonários* de Braga.

Cerqueira de Araujo e Vilhêna tem feito tal propaganda da nossa inocência que méstre Teotónio resolveu vir procurar-nos e fazer-se tambem nosso defensor nas colunas do seu jornal.

Está plenamente informado de tudo. Já tem até um artigo escrito inspirado nas narrações dos nossos amigos — os bons e honrados republicanos de Braga.

Teotónio promete fazer saír o seu jornal ámanhã Vamos a vêr se trará qualquer coisa.

LXVII

Domingo, 13 de outubro.

A Rotandade ninguêm a viu! Teotónio intrujaria-nos? Paciência!

A' tarde esteve cá o Manuel Rôssas, o velho boémio, amigo do Giesteira. Trazia já as provas do folheto. Fui eu quem as revi. Rôssas prométe que, dentro de dois ou três dias, temos o livro pronto.

*

Hoje ao fim da tarde,—querem saber?—intrevistei uma personagem que já figura neste livro. Intrevistei ou, por outra, ofereceu-se-me em intrevista. Foi aquele sensato Gato da trapeira vizinha, o espirituoso filósofo que nascera em Paris e era descendente dum letrado gato que pertencêra a Vitor Hugo. Quem sabe se êle será descendente do indolente gato a quem o grande génio chamou *chanoine*, nas *cartas sobre o Reno?* ...

Ha muito tempo que o não via — um mês talvez!

Ai o que êle me disse! Zangado! Irritado, vinha ter comigo simplesmente para me dizer:

— «E's um ingrato; um egoista! Dês que te caçastes comunicavel não mais quizestes palestrar comigo. Despresaste-me. E's homem e basta!»

— Mas bom Gato — disse — tu tens sido tão culpado ou mais que eu. Sabes que estou prisioneiro, que não posso daqui saír. Tu, ao contrario, és um ser livre, que pódes percorrer todos os telhados e ruas de Braga. Porque não viéste até cá? Olha: aqui têm vindo muitos amigos visitar-nos.

D. Gato que estava pousado sobre um travesso de ferro da parreira do vizinho Carneiro, alapardou-se e respondeu secamente:

— Sou em politica um avançado. Não visitarei conspiradores. Resolvi apoiar a república... Bem sei que tu não és...

— Perdão: ha tempos disseste ser anarquista...

— Sim: anarquista em principio. Mas como a república está um pouco anarquizada, — tu compreendes...

— Oh! Isso é exagero, caro amigo. Nem a república quer anarquia, nem tu és republicano...

— Decerto que não. Acabo de repetir-te que sou em principio, anarquista. Mas ha muitos congéneres meus que são republicanos. Olha: lá em Esposende ha um. Talvez conheças. Chama-se *Gato Bravo*. Esse — foi êle que o declarou — já era republicano no ventre materno!

— Ouvi falar vagamente nisso.

— Pois é verdade! Êle não o disse bem assim. Mas eu sei que a verdade é esta. Num depoimento que fez ha pouco, como testemunha num processo, declarou que era republicano desde os bancos da escola,

isto é, desde a infancia. Mas eu sei perfeitamente que êle ao caír nos braços da parteira berrou ainda meio asfixiado pelo cordão umbilical:!—«Viva a República!»

—Diábo! Ignorava isso. Extranho fenomeno em verdade.

—Que quéres? *Gato Bravo* é um predestinado! Faz honra á minha raça. Mas D. Gato bocejou. Ergueu-se, espreitou alêm. Percebi que tinha pressa. Disse-me ter de ir dar umas lições a uns gatitos, filhos duma sua parenta. Mas ficou de vir até cá qualquer dia.

O cântaro tanta vez vai á fonte que um dia québra a aza.

O cabo Ribeiro tantas fez que se espetou.

A umas senhôras que visitaram o padre Magalhães dirigiu umas inconveniências de tal ordem que elas foram queixar-se ao quartel general.

Já ha dias êle se tinha recusado a abrir a porta a uns cavalheiros que visitavam o mesmo Magalhães fechando-lhes a porta á chave, contra o que ordenára o chefe da casa.

Por tudo isto foi êle chamado a capítulo.

A'manhã tem de se apresentar para seguir para Lisboa onde irá cumprir 15 dias de prisão por ser malcreado.

Gostava de vêr a cara que êle fazia quando os carcereiros do castelo de S. Jorge lhe fecharem a porta a sete chaves!

E' para saber o que custa!

Não deixa pena a ninguêm. Aqui passava por um doido perigoso. Davam-lhe uns verdadeiros ataques de loucura. Em tais ocasiões não conhecia ninguêm. Um dia chegou a bater o Sá Pereira e o João Néto...

Para o substituir foi chamado um do 8—o cabo Silva.

LXVIII

Segunda-feira, 14 de outubro.

Teotónio, o jornalista, foi homem de palavra. Ao fim da tarde cá apareceu o jornal com um artigo violento — mas cheio de sãs verdades.

Não posso resistir á tentação de o transcrever. Mas como é um pouco extenso vai em duas rações. A outra sairá no diário de amanhã:

"Faça-se justiça"

« Que no presidio de S. Barnabé estavam presos innocentes, veio pressuroso contar-nos amigo alanceado em mágua!

Que sim; que em S. Barnabé, jazia em apavorante attitude, desvairado por tantas injustiças, um cidadão portuguez para ali atirado ao gesto vingativo e odiento de quem, abusando de sagrados deveres a cumprir, aproveitou uma oportunidade facil para se vingar anniquillando um inimigo politico que lhe ensombrava o horisonte!

—Que sim; que o padre Giesteira, do concelho de Espozende, era uma victima sacrificada ao ódio d'um comité organisado para esse fim; e que por misericordia se lhe accudisse, pois que a Republica só quer a Justiça pura e simples, e não a prepotencia suggestionada por um bando de maldozos que a desvirtuam assim aos olhos dos que a não percebem ainda bem!

— E nós fomos lá, a S. Barnabé, inquirir do facto.

E do que apuramos, tanto aqui como em Espozende fallar vamos:

*

Mourejamos na imprensa republicana, é certo, mas batalhamos por um Ideal que é a personificação da Verdade e da Justiça!

Não é o açougue onde se pontôam reputações ou se trituram consciencias!... E' o vasto salão onde se acolhem os portuguezes que á Liberdade vem pedir o seu gasalhado *benefico!*...

Por isso, ao intentarmos esta campanha de Justiça não nos move odio algum contra esta ou aquella auctoridade, contra este ou aquelle individuo!...

Queremos o bem commum pela consolidação da Republica, e o castigo d'aquelles que a atacam ou atacaram no seu reducto!... Queremos o anniquillamento completo dos que conspiram contra ella; dos que tramam contra ella; dos que se insurgiram contra ella. Mas isso está muito longe de querermos a iniquidade, de querermos a injustiça!

Não. Queremos a Verdade nua e crua exposta ahi no pelourinho da Razão!...

E os inimigos que não tenham quartel; mas aos innocentes que se lhe faça Justiça!

—Porque é o caso de Espozende...

*

Ha muito já que nos pediram a nossa attenção para o celebre *complot* da foz do Cavado, impetrando o nosso auxilio no esclarecimento da Verdade!

Descuramol-o, porque todos se dizem innocentes na conjunctura. Mas desde que nos disseram que em S. Barnabé gemiam innocentes, que se contorciam innocentes, apavorados corremos ao encontro da verdade!

*

Trata-se realmente d'um caso de vingança pessoal e apadrinhado por infelicidade nossa por uma auctoridade inconsciente ou má; vingativa ou odienta!

Porque? perguntar-nos-hão!

Ora porque; porque se aproveitou este estado de cousas para se vexar um inimigo. E esse inimigo foi posto a dirigjr um *complot* em Espozende para satisfazer rancores pessoaes!

Simplesmente!...

—Mas o implicado é o Reitor das Marinhas; é um padre, objectar-nos-hão!...

Ora é um padre não ha duvida nenhuma, mas é um padre liberal como o Governador Civil de Vianna; mas é um padre liberal como o nosso Camillo de Oliveira!...

*

A coisa não é essa, senhores. A coisa já vem de traz!

A coisa partiu da guerra aberta que o vereador Duarte promoveu contra o Padre Giesteira e por este ter posto a descoberto o crime de que accusaram o vereador Duarte, de ter morto a propria filha d'elle Duarte vereador!...

A coisa partiu d'ahi!...

Sim; a coisa partiu d'ahi!...

E a coisa partiu mais do dito vereador Duarte ter *ordenado* como cacique revolucionario que deseja ser, que o Reitor das Marinhas despedisse da casa que habita o professor Annibal e que tem negocio a competir com o do vereador Duarte!... E o reitor das Marinhas não despediu o professor Annibal!... E o professor Annibal continuou na casa a exercer o seu mister commercial, e que era a sombra negra do illustre vereador Duarte, e que nas horas vagas tambem foi accusado de matador da propria filha!...

E o vereador Duarte, que retumbancia deu por causa da propria filha, foi a correr alarmar a auctoridade da villa proclamando a berros de villão que alli nas Marinhas estava uma quadrilha de povo que o não deixava fazer negocio na sua tenda, e que lhe não largava a porta lembrando-lhe a filha; perdão que estava alli nas Marinhas uma quadrilha de povo a conspirar, e

que o Reitor da sobredicta freguezia era o capitão-mór a cavallo n'um burro branco e d'espada tlim tlim!...

—A auctoridade cahiu no lôgro.

Ora, a auctoridade cahir no lôgro!...

Não; a auctoridade não cahiu no lôgro.

Anaipou.

Aquiesceu.

Gostou!...

LXIX

Terça-feira, 15 de outubro.

A Rotandade continúa n'esta ordem de ideias:

«E sabem porquê?

E' preciso que o saibam.

O Reitor das Marinhas, no antigo regimen, era um dos mais fortes esteios da politica progressista no cantão.

O actual administrador tambem era cacique progressista, mas voltou-se para a Republica em antes de 5 de outubro. Não ha duvida que assim foi.

Porém, vae muito fóra da Verdade quem entender que o foi por amor á Causa democratica, que não é certo.

Fonseca Lima virou-se para a Republica, porque lhe fugiu a auctoridade politica no campo que commandava então.

E como o Reitor das Marinhas era o Adamastor que o ensombrava, porque o Reitor das Marinhas tinha o concelho na sua mão — eis a razão da sua vingança agora, eis a razão do seu despeito por elle.

Mas ainda ha mais.

Ha o seguinte: O Reitor das Marinhas adheriu á Republica logo a seguir ao Cinco de Outubro. Filiou-se no agrupamento que muito bem entendeu.

E o Fonseca Lima, que tem presumpções a chefe local, com maus olhos, viu essa adhesão, porque representava uma destituição de *gente* politica ante a força inquebrantavel do padre Manuel Giesteira, em Espozende!...

Nem mais nem menos!...

O Fonseca Lima viu que o P.e Giesteira, dentro da Republica, lhe anniquilaria a importancia, e por isso usou de todos os processos para esbarrondar a importancia do padre.

Mas nada conseguirá, estamos certos d'isso.

*

E nada conseguirá, porque se acaba de verificar que em Espozende não houve *complot* nem conspiradores!...

Não se cortou alli um fio telegraphico, nem se impediu o transito nas estradas.

Procederam-se a buscas domiciliarias e não se encontrou armamento algum, ou documentos que podessem comprometter alguem!

Ah sim; encontrou-se uma *mercearia repleta de géneros* na casa do professor Annibal, que era o auto de corpo de delicto directo do maior agrado do ex-filicida Duarte!

E aquillo para elle é que constituiu o verdadeiro *complot!...*

Não appareceram bombas, mas costaes de bacalhau inglez!

Não appareceu dynamite, mas bellos cascos de rascante encorpado!

E esse é que era o caso!

*

E esse caso fez com que se prendessem nove cidadãos honestos, arranjando-se testemunhas de quartilho, e que aqui as iremos expôr em artigos subsequentes.

Imaginem que uma das testemunhas é uma alma patriotica d'esta força — Este anno pelo carnaval, depois de se ter zangado com o official do Registo Civil de Espozende, rasgou em tiras e calcou aos pés a propria bandeira nacional! ... Nas ricas barbas do Registo Civil entendam bem!...

A outra testemunha foi o tal do *filicidio;* o que queria que se retirasse a tenda que o molestava na algibeira, e que competencia lhe fazia á taberna, porque é taberneiro. E' taberneiro!...

E foi tambem testemunha o do Registo Civil, para pilhar mais célere o archivo das Marinhas anciado! ... E' rendoso.

E mais a empregadagem das finanças; e o Celestino a commandar a famulagem ...

O Celestino?

Sim; o Celestino!

Querem vêr o Celestino?

Fica para o fim o Celestino! ...

Porque o Celestino tambem foi testemunha como um outro que merece referencia especial aq i na gazeta.

E' o regedor das Marinhas, e que foi o participante do *complot.*

Primeiro que tudo queremos apresentar aos leitores este figurão arvorado em auctoridade local pela gente de Fonseca Lima.

Já esteve preso como ladrão, implicado n'um roubo d'uma junta de bois! ... Nem mais nem menos! ...

Já esteve preso como ladrão ... esta testemunha! ...

E burlou um irmão na importancia de 150$000 réis (já depois de regedor) pelo que apresentaram queixa em juizo; (e ainda é regedor).

*

Isto vae assim tumultuariamente, porque a pressa o indica e a Justiça precisa providenciar rapido.

Vae por tanto assim a modos de feixe de noticias que estamos certos petrificarão quem tenha alma.

*

Nas Marinhas, preciso é sanear a valer. O presidente da Junta, Bernardino Ferreira Neves, o regedor das ditas Antonio Martins Mano (o Bello) e o neto do João Brandão que é o Duarte, têm de sahir dos logares que assim o ordena a Republica!

Aquillo não é coito de bandidos! E' o logar onde deve presidir a honra, a dignidade e o Amor! ...

Aquelles fortes não são logradouro de ladrões, são o apanagio da gente de Bem.

Que saiam pois; e já! ... Aliás! ...

*

Geme em S. Barnabé um grupo de cidadãos bem mais honrados que vós ladrões de officio da honra e dignidade alheias!...

Haja um pouco de pudor mais!...

Mandem por misericordia a Espozende sindicar dos actos d'uns e d'outros, e verão que de infamias apparecerão á luz, que de vilanias á supuração de tudo isto!..

Mas mandem já e homens de brio; honrados republicanos extremes que vejam com olhos de vêr, pois não são precisos os olhos do coração, e ficarão apavorados ante a iniquidade posta em acção contra o Reitor das Marinhas e seus amigos!...

—Mandem; mandem já, mas homens de bem; funccionarios integros que se não prestem a insinuações; extranhos!...

E o Reitor das Marinhas será posto em liberdade já; immediatamente!...

(*Continúa*)»

Oh! oh! oh!...

Valente *Rotandade!* Que punhado de verdades Teotónio Gonçalves lançou a publico!

Promete continuar; Mas se aquelas *honestidades* de Esposende o caçam a geito... o pobre Teotónio é com certeza inforcado. Demais a mais já ha prática do ofício.

Cautéla, jornalista!

LXX

Quarta-feira, 16 de outubro.

Aquele pobre rapaz beirão, o António Miguel, de quem já falei, tem uma história que merece registo. Tem até um tanto ou quanto de romantico a sua vida pelas prisões do Estado.

E' de Celorico da Beira. E como a sua aldeia é nas proximidades da raia fez-se contrabandista.

E' um rapaz robusto, atarracado, boa creatura, mesmo muito humilde. Entretanto tem uma musculatura rija, como rija devia ser a daqueles afastados aborigenés do Herminio — os rudes lusitanos coévos de Viriato.

Conta êle que no seu processo se diz ter sido prêso no dia 4 de maio, por ser portador de umas cartas vindas de Espanha para as famílias duns emigrados — cartas que entregou no dia 6 do mesmo mês!...

Que diábo! Então foi prêso dois dias antes por entregar umas cartas dois dias depois?!

Fantástico, senhôres! Com certeza foi o Calino de Celorico quem organizou este processo.

Este pobre Miguel, depois de dormir pelas cadeias da Beira e pelos calabouços do governo civil da Guarda, foi parar ao Limoeiro. E sabem quem foram os companheiros dêle durante um mês? Tres gatunos e quatro assassinos!...

—Olá!—saudaram êles—Bifastes *parra?*

E como êle os olhasse espantado, sem perceber, um assassino andrajoso, de cara patibular, perguntou em igual giria:

—Abristes sangria a algum *méco?*

Do lado, um bonifrate qualquer, opinou:

—Naturalmente *sangradeira e limpadeira.*

Outos inquiriram, rodeando-o:

—Sabes dar o *golpe novo?*

Miguel aborrecido, respondeu:

—Um raio que vos parta.

Êles então retiraram, rindo alarvemente, caminho da grade enquanto que um restirado na tarimba rematava:

—Afinal o rapazóla fez um *serviço* bem pôrco.

Um que bebia água da bilha esborcinada, respondeu ao pousa-la no chão:

—Como tu e eu.

Mas Miguel, enfadigado, foi deitar-se sem mais delongas. Pousou a cabeça num pequeno saco que levara com roupas. Dali a pouco dormitava porque ha 40 horas que não dormia. Crendo-o adormecido um *profissional* apalpou-lhe os bolsos... para o aliviar! Mas o valente rapaz tal murro lhe assentou na tésta que o fez vêr as estrêlas. Os outros quizeram acudir pelo companheiro desfeiteado: mas recearam-lhe os murros!

Um mês depois sempre o levaram para cima, para

junto dos outros prêsos políticos. Foi um alivio para o honesto rapaz. Ao menos estava entre gente que nem roubava, nem matava, nem incendiava!

Quando em fins de julho se abriu o Presídio de Sam Barnabé, em Braga, mandaram-no para cá. Respondeu ha dias e foi condenado a 4 anos de degrêdo.

Não se conformando com tal sentença levou recurso e espéra ser ainda absolvido.

Pobre rapaz! Condenaram-no por ter sido portador dumas cartas . . . Mas sabia êle o conteúdo delas?

Não, porque é analfabéto. Depois tem apenas 18 ou 19 anos.

Era o vizinho de quarto do abade Magalhães nas *Covas de Cafarnaum*. O seu quarto tinha apenas uma frincha esguia que dava para o quintal do Carneiro, um excelênte homem que se tornou seu protector desvelado. Como essa frincha ficava quase rente ao jardim do seu protector, Miguel conversava com êles todo o dia. Foi assim que arranjou um namôro — a Tereza, criada do dono da casa, que todos os dias lhe vinha lá trazer o almôço e jantar, com vinho á discreção.

Ao menos nisto foi o Miguel feliz. O diábo foi mudarem-no cá para cima, para o 2.º!...

LXXI

Quinta-feira, 17 de outubro

Recebemos hoje os primeiros exemplares do folheto — *As vìtimas dos pseudo-republicanos de Esposende.* Dos 500 exemplares mais dêles foram dar á caixa do correio e outros distribuídos pela cidade.

A'manhã devem vir outros tantos.

Hoje, á noite, tudo trabalhou na sobrescritagem. Cada qual dirigia-os aos seus conhecidos. Depois todos esses pequenos folhetos iam passar pelas mãos do abade Magalhães que colava em cada um, um sêlo preto de meio centavo.

Manuel Rôças, na sua qualidade de poeta e de critico, garantiu que «o trabalho era obra asseada». «Um amigo que já o tinha lido era da mesma opinião».

O sexuagenário boémio jantou com a gente. Recitou versos, improvisou e discursou como um Demóstenes. Rimos a valer.

O Anibal perguntou-lhe se ainda se recordava da capa á espanhola . . .

Oh! se recordava! E a historia lá saiu:

Tinha Giesteira uma bôa capa pendurada dum cabide, no quarto dos hospedes, em sua casa. Um dia, á noite, Manuel Rôças apareceu nas Marinhas:

—Venho cá ficar hoje. A'manhã vou para Viana no carro da carreira.

Pela manhã ao passar do carro, caía néve. Rôças embrulhou-se regaladamente na capa e lá foi. Uma vez em Viana careceu de dinheiro para charutos.— Capa para o *Prégo* . . .

Dias depois Giesteira foi á cidade do Lima, onde se encontrou com um amigo que lhe perguntou pela capa.

—Tenho-a em casa.

—Diábo! Ia apostar que a vi no penhorista, ali á rua tal . . . Comprei lá uns objectos . . .

—Nada! A minha está em casa. Só se o Rôças... Vamos lá vêr . . .

E foram. E a capa era dêle. Tinha duas libras sobre ela. Giesteira abriu a carteira, pagou, e trouxe a capa consigo.

Tempos depois apareceu nas Marinhas o velho boémio com o eterno charuto réles na bôca, fumando.

Giesteira assaltou-o logo:

—A minha capa, ó Manuel?

—Está lá em Viana. Eu trago-t'a.

E nesse dia tornou a ficar nas Marinhas para no dia seguinte ir de longada té á cidade. Mas qual não foi o seu espanto quando ao entrar no quarto deu com os olhos na bela capa! . . .

—Olá? Já viéste! Excelente! Magnifico!

De manhã embrulhou-se outra vez néla, tomou o carro e lá foi direito á casa de penhôres . . .

—Por mentiroso não quero ficar. *Quod dixit, dixit.*

Disse que estava em Viana... tem de estar em Viana!

E o caso é que Giesteira se quís a capa teve de dar outras duas libras. E achou muita graça á partida...

Uma partida que ficára por 4 libras!

LXXII

Sexta-feira, 18 de outubro.

No primeiro pavimento estão 6 ou 8 prêsos políticos. Alguns são uns pobres diábos esfarrapados — uns conspiradores que custa a crêr que conspirassem! As janelas do rés-do-chão teem umas grades de ferro. Como se tudo fôsse pouco pregaram as vidraças e a alguns as proprias portadas da janela!...

Ora estava lá, tambem no primeiro pavimento, um comerciante dos Arcos, o sr. José Bernardino Pereira, uma béla criatura, um cavalheiro na rigorosa acepção do termo. Respondeu hoje e foi absolvido. Esteve prêso perto de 100 dias acusado de ser o chefe do *complot* monárquico, nos Arcos.

Mas que *complot* é este que tem um só membro? Chefe? Que é dos complotistas? Quem os lobrigou?

Entretanto este cidadão sofreu os horrôres do cárcere sem uma única prova em seu desabôno!...

LXXIII

Sábado, 19 de outubro.

O nosso abençoado folheto fez uma tremenda revolução. Braga, graças a êle e á *Rotandade*, está totalmente ao nosso lado. Muitos amigos nos teem vindo felicitar. Diz-se até á bôca pequena que talvez sejâmos despronunciados. Será fortuna de mais!...

Não obstante só nos faziam justiça.

*

Os prisioneiros politicos de Guimarães viéram cá parar. Ha de tudo. Padres, que usam a barba na cára toda, lavradores, operários, comerciantes. Entre estes últimos está o Vieira de Çastro, estabelecido na

velha cidade de Afonso Henriques e que esteve incomunicável a bagatéla de 105 dias!

E os códigos a dizer que em caso algum a incomunicabilidade póde ultrapassar 48 horas!

Que irrisão! (1)

---

(1) «O Primeiro de Janeiro» do dia 3 de julho do corrente ano numa correspondencia de Braga dizia o que segue a propósito do julgamento dos prêsos politicos de Guimarães:

«Terminou hontem de madrugada, no tribunal marcial, o julgamento dos reus implicados no *complot* monarchico de Guimarães.

Foram condemnados os seguintes: padre Antonio José de Carvalho, em 18 mezes de cadeia e 50 dias de multa a 100 réis; João Pinto, em 1 anno de prisão e 36 dias de multa a 100 reis; Francisco José Leite, o «Gaio», em egual pena e multa; Antonio Camillo Nunes Guimarães, em 2 annos de cadeia e 72 dias de multa a 100 reis; padre Julio Candido Cesar, em 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo ou na alternativa em 20 annos de degredo; José Joaquim Vieira de Castro, em 18 mezes de cadeia e 50 dias de multa a 100 reis; Luiz Soares Leite, em 2 annos de prisão e 72 dias de multa a 100 réis; Amadeu de Jesus Cesar, em 8 annos de prisão maior cellular seguidos de 12 de degredo em possessão de 1.ª classe; Antonio Joaquim d'Azevedo Machado, em 1 anno de cadeia e 36 dias de multa a 100 réis; João Ribeiro Antunes da Silva, em 2 annos de cadeia e 72 dias de multa a 100 réis; Manuel José Ferreira em 1 anno de cadeia e 72 dias de multa a 100 réis; e Francisco José Fernandes Alves, em 1 anno de cadeia e 72 dias de multa a 100 reis.

Ficaram absolvidos: José Martins Francisco Lucas, João Leite Guimarães, João Cunha, Joaquim Lopes, Baltazar da Silva, Manuel da Silva, José Pereira Vigario da Costa, Antonio Pinto e Fortunato José d'Almeida.»

LXXIV

Domingo, 20 de outubro.

Cá temos o n.º 2 da *Rotandade*. Teotónio, o corajoso Teotónio, não se amedrontou. Querem vêr o que êle diz?

Aí vai:

"Faça-se justiça,,

Este título está ao alto da pagina em letras gordas. Segue assim:

«Ainda continuam em S. Barnabé, presos, os nove desgraçados do celebre *complot* de Espozende!

E continua na administração do concelho d'aquella terra, a entidade que consciente ou inconsciente armou aquella salgalhada toda!...

Porque? Porque representa a destituição d'um, com prejuizo da Justiça de nove!... E esse um, preciza aguentar-se mesmo á custa do mais nefando crime!

Conservarem nove homens presos n'uma cadeia, sem prova

alguma que os crimine, significa a maior infamia que os tempos modernos foram buscar aos antigos!

E a Republica jámais quiz semelhante processo; jámais consentiu semelhante infamia; jámais tolerou semelhante arbitrio!...

A Justiça, a Verdade, a Razão, bases constituitivas d'uma bôa Republica como a nossa, córam de pejo ante tamanha iniquidade; ante tão grande atropello á lei, que manda quando não existam provas, integrar na Liberdade os que á Liberdade pertencem. E os presos do *complot* de Espozende só têm contra si o odio vingativo de meia duzia de rufiões d'aldeia, pois foi onde arrebanharam testemunhas para um corpo de delicto sem cabeça!...

— Vá quem quizer ellucidar-se alli abaixo á foz do rio Cavado, e verá que em todo o territorio Espozendense não apparece quem a sério leve o caso da célebre conjura das Marinhas: a não ser a tropa do **Physico, Pé Leve & Commandita,** que por causa das mataduras caseiras, tão pessimo accôrdo déram de si!... Só esses!...

*

Senhores: O reitor das Marinhas não entrou em *complot* nenhum. Nem tambem os seus companheiros presos.

Indica-o a bôa razão; a logica dos factos; a propria auctoridade.

Sim; a propria auctoridade, ouvida sobre a acção politica que podésse exercer nos movimentos de Julho o padre Giesteira, declarou *que nada havia contra elle; absolutamente nada. E que se regosijava immenso, por no seu concelho facto algum se ter dado de anormal!...*

E' uma vergonha repetimos. Em nome dos sagrados interesses da Justiça, façam Justiça!...

Mas Justiça inexoravel, inflexivel — esmagando os que trahiram o sagrado lêma da Republica, fazendo da Liberdade um cajado para aleijar a Razão!

Faça-se Justiça!...

Disseram-nos em S. Barnabé que no dia 25 de julho chegou a Espozende uma força de infanteria 5, commandada pelos alferes Publio d'Oliveira, força que tinha sido requisitada pelo administrador do concelho. Este facto devia ter intrigado muita gente porque o dr. Fonseca Lima havia affirmado dias antes, que no seu concelho não havia um conspirador, tudo estava em or-

dem. Isto era realmente verdade. Porque mudou então de opinião?

Porque requisitou uma força de 40 praças?

— Porque convocando uma reunião de magnates locaes (Duarte, o famigerado regedor das Marinhas, Celestino, etc.,) lembraram a conveniencia de aproveitarem da anormalidade para *limpar* o trigo do joio.

N'este caso devemos esclarecer que se inverteram os termos. O que elles consideravam como joio é que era realmente o bom grão. Não importava. Facilmente se pérde um homem, lançando-lhe em rosto o labeu de traidor ou accusando-o de conspirador. E se a questão era carencia de testemunhas, isso não seria de atemorisar porque havia gente para tudo.

O Duarte seria uma testemunha explendida contra o Annibal que lhe fazia uma concorrencia enorme com a mercearia, levando-o já a meio caminho da miseria; contra o filho João Rego que tendo sido o namorado da inditosa filha do miseravel, foi tambem uma testemunha tremenda no processo do filicidio; contra o padre Giesteira que fôra a causa do Annibal Netto ter montado o estabelecimento, porque, sabendo-o necessitado de angariar mais alguns meios de subsistencia, o auxiliou. E tambem porque o padre Giesteira declarando acatar a Republica, e alistar-se n'um dos partidos conservadores, conquistaria de novo toda a enorme preponderancia que tinha tido tempos antes. Isto já se vê anniquillaria o valimento do célebre Duarte — se elle o tivesse.

Mas o que convém frisar é o facto inaudito do administrador do concelho declarar em paz o seu concelho e n'esse mesmo dia (ou talvez o tivesse feito antes) ter requisitado uma força para prender *conspiradores!* . . .

Chama-se a isto em linguagem popular «atirar a pedra e esconder a mão,» e em vulgar — uma cobardia.

Este homem deshonra a Republica com tal procedimento. Porque não teve a coragem sufficiente para fazer as prisões e os interrogatorios?

Faltou-lhe a coragem — eis tudo.

Cheio de medo, mandou vir um estranho para representar a parte odiosa e 40 carabinas para lhe defender os costados ameaçados. Hospedou em sua casa o syndicante — o que é prohibido por lei — marcou-lhe o serviço como se faz a um jornaleiro e apontou-lhe a dedo os *criminosos politicos* que era necessario impôr para lhe não perturbar a paz que elle sonhava.

O sr. alferes mandou prender o padre Giesteira em Barcellos em casa d'um amigo, fez prender o professor Annibal Netto e Eugenio Rego por meio d'uma traição que lhes preparou o secretario de finanças — outro typo que merece um estudo especial em virtude do seu procedimento para com os contribuintes de Espozende.

Mandou prender tambem um pobre diabo — João Martins Domingues, porque n'uma festividade qualquer não gastou a cêra da casa do Duarte — que irrisão! e accusaram-no — que cegueira! — de ter assistido ao phantastico *complot* da noite de 7 para 8, quando a verdade é que o pobre Domingues estava n'essa noite na Povoa de Varzim! . . .

Resta-nos falar do Manuel Boaventura e do padre Guerreiro, de Caminha. Este, coitado, está preso por ter escripto um postal ao padre Giesteira em que dizia ter recebido uma importancia em dinheiro para entregar a uma mulherzita d'uma aldeia nos arrebaldes d'aquella villa minhota.

Boaventura é considerado por toda a gente como um avançado, partidario acerrimo das Ideias Novas, que tem defendido em numerosos artigos jornalisticos, alguns dos quaes foram já publicados nos tempos da monarchia, quando o administrador do concelho era um ferrenho subdito de sua Magestade!

Mas é que Boaventura, imparcial como todos os homens de bem, criticou o caso do filicidio Duarte nas columnas da imprensa, analisou o procedimento politico dos infer-homens, de cerebros avinhados, que representavam tão mal a Republica que elle admirava.

O sr. Alferes Oliveira (que elle teve margem de estudar convenientemente) dizem que lhe fez uma proposta quasi inacreditavel:

— «Você, querendo dizer que o padre Giesteira é conspirador e estava implicado no movimento, vae tranquillamente para sua casa; do contrario, vejo-me obrigado a retel-o sob prisão.»

Elle respondeu nobremente:

— «Não accusarei um innocente. Preso a minha honra mais ainda que a minha liberdade. Não quero que me confundam com esses miseraveis prejuros que disseram o que convinha a gente sem escrupulos.»

Para finalisar pergunta-se: «A Republica deseja Justiça ou Vingança?

— Justiça. Por consequencia aquelles que accusaram falsamente, que foram delatores e prejuros devem ser castigados severamente como ultimamente ordenou o Ex.mo Ministro da Guerra.»

*

Seguia-se um

"Á ultima hora,,

«Chega-nos agora de Espozende a noticia de que Manuel Dias de Magalhães, que é uma testemunha de accusação no processo politico de Espozende, e um dos maiores amigos do administrador do concelho! — acaba de ser preso como indiciado no roubo de 17 gallinhas e por tentar assassinar a dona da casa, onde praticou o roubo!

Sim, senhor! Que bem estão os inimigos do padre Giesteira ao lado d'este Magalhães que rouba gallinhas; do Bello que rouba juntas de bois; e do Duarte, que por causa da filha...

E' de prevêr que o administrador do concelho de Espozende deligencie pôr o gatuno em liberdade, como já fez da outra vez — quando em 18 de fevereiro ultimo o malandrim rasgou e calcou aos pés a bandeira nacional, deu vivas á monarquia e Paiva Couceiro.

Porque a prudencia aconselha isso. Imagine-se que o homem começava a revelar essas negras machinações, esses ensaios por horas mortas da noite — para inventar o *complot*, das Marinhas!...

Imaginem! Começariam a abrir-se as prisões publicas para recolher esse criminoso-mór que privou da liberdade nove cidadãos honestos e dignos; depois os parceiros do jogo: Duarte, que por causa da filha... — Bello, ladrão e desordeiro (?) — Magalhães, gatuno profissional (?) — Neves, participante e testemunha encartada de quantos processos o Fonseca Lima tem movido ao sr. abbade Giesteira e seus amigos; Celestino & C.ª exploradores de contribuintes papalvos; Alexandre Gajo, uma honestidade de tal jaez que foi expulso da fiscalisação da companhia dos phosphoros... sabe-se bem porque — etc., etc...

Estes individuos são tudo quanto ha menos republicano.

Nós na Republica não queremos malandros com um registo criminal tão porco, nem caracteres com consciencias tão negras!

Fóra com elles!...»

Pasmai gentes! Lêde e meditai.

*

O importante diario portuense *Jornal de Noticias* publicava hoje a seguinte noticia bibliográfica:

«As victimas dos pseudo-republicanos de Espozende»

«Com este titulo, acaba de se publicar em Braga um folheto, que é assignado pelos presos politicos d'aquelle concelho e em que se diz que a prisão de todos elles obedeceu a odios e vinganças de varias cavalheiros d'aquelle concelho que se intitulam republicanos.

Esse folheto está escripto com raro desassombro e energia, parecendo que aos signatarios assiste grande parte da razão nas affirmações que fazem.

Como as accusações no folheto contidas são graves, sobre ellas não deixará de incidir a vista perspicaz e desapaixonada dos illustres membros do tribunal marcial de Braga.

Terminam os signatarios, pedindo justiça, e certamente ella não deixará de ser feita a quem a merecer.»

LXXV

Segunda-feira, 21 de outubro.

Ontem passou-me despercebida a seguinte correspondencia inserta a paginas 6 da valente *Rotandade*:

"PELA PROVINCIA

(Do nosso correspondente especial)

Espozende, 16. — Causou retumbancia, n'este meio, artigo *Rotandade* intitulado: «Faça-se justiça».

São meia duzia de verdades á conta de muitos milhares d'ellas que, sobre a *nefanda conspirata* d'aqui, ha para publicar.

Fonseca Lima, antigo cacique progressista, transformado em republicano pouco antes da morte do rei Carlos quando tudo dava a entender que a Republica estava iminente e apoz o **regicidio,** *adherindo de novo á monarchia* por ella não ter cahido, perdeu o resto do pouco prestigio local que ainda tinha e hoje é geralmente detestado.

Não se atraiçoam assim impunemente os principios politicos simplesmente porque a sua incomensuravel *vaidade* filha legitima

da sua *nullidade*, deseja triumphar sobre aquelles — que tendo uma longa carreira politica sempre no mesmo posto militando, arcaram com toda a somma de sacrificios, prestando serviços aos povos da sua terra, que lh'os gratificam estimando-os como amigos. Não é com violencias que se criam adeptos, sr. Fonseca Lima; não é com essa *carranca* nem com esses rancores jesuiticos que se faz politica republicana.

Mas o sr. Fonseca Lima não pretende mesmo fazer politica republicana. O sr. Lima pretende chamar **a isto seu,** e eis tudo! Mas não chamará! Isto ha de deixar de ser de Marrocos e o sr. Lima, qual negregado Sultão, não terá mais ensejo de cevar os seus odios nas suas innocentes victimas. Não sr. Muley Hafid da Fonseca Lima!

Correspondente.»

«**N. R.** — Muito nos conta o nosso correspondente de Espozende! Então o sr. Fonseca Lima, depois de ter adherido á Republica, voltou de novo a accolher-se á cidadella monarchica, quando viu que a coisa... não estava para breve! Pois recorda-nos muito bem de, na noite de 7 d'outubro de 1910 — entrar o *sobredito cujo* em casa do nosso amigo Constantino Lopes acompanhado do dr. Martins Lima, o velho e honrado democrata de Barcellos e ali beber champagne posto á descripção de todos os amigos que alli entrassem. E mostrava-se radiante o *convicto* republicano d'aquella hora!»

Mulei Hafid! Oh diábo!... Bem apanhado, sim, senhôr...

LXXVI

Terça-feira, 22 de outubro.

O *Esposendense* de 17 apareceu cá hoje com um artigo muito lisongeiro para mim e que não transcrevo para que se não diga que desejo fazer o meu elogio.

Não senhôr! Para me elogiar lá está a *coterie* de Mulei Hafid, no sultanato de Esposende...

Mulei Hafid ou Abdul Hamid. Para o caso é o mesmo. Eunucos não faltam lá!

*

Foi hoje mandado em paz um rapazito, que foi corneteiro do 5, e agora exercia a profissão de engraxador. E' de Famalicão.

Porque estava êle prêso? Tinha dito que um regimento qualquer creio que o 29 de infantaria se vendêra ao Couceiro. Um cívico ouviu e engalfinhou-o. E' agora mandado pôr na rua porque nada justificou a sua prisão — quatro mêses de penitência na santa casa dos jesuitas — para ganhar o ceu!

LXXVII

Quarta-feira, 23 de outubro.

Já que falei em prisões arbitrárias devo tambem dizer qualquer coisa ácêrca dum empregado do Governo Civil — o sr. Soares Russel.

Este cavalheiro, esteve por cá obra de 70 dias — incomunicavel.

Depois um bélo dia sua filha resolveu-se ir pessoalmente ao Quartel General — nesse tempo já cá não estava o celebre 150, do 5! — saber tambem *á certa* quando seu pai responderia.

Remecheram por lá todos os escanos, todas as gavêtas, consultaram processos... Mas não aparecia nada contra Soares Russel... Talvez tivesse sido prêso por engano...

O caso é que nesse mesmo dia foi mandado em liberdade. Já não era sem tempo!

*

Por esse país fóra está presa muita gente: homens e mulhéres, fidalgos e plebeus, pobres e ricos, maiores e menores.

Em Lisboa, no Aljube, está presa uma dama aristocrática, a snr.ª D. Constança Teles da Gama. Esta senhôra é descendente de Vasco da Gama, o grande Almirante do mar das Indias, a figura primordial dos *Lusiadas*. O que arrastou essa bem-nada senhôra ao desconforto duma prisão? Natural é que a não encontrassem em algum laboratorio infernal a manipular bombas; nem na fronteira com armas na mão. Diz-se que por ela ter visitado os prêsos politicos, da primeira incursão, e da *setembrada* do Porto, lhe assaçam responsabilidades de entendimentos com os conspiradores. Creio que é disto que a acusam: visitar prêsos e distribuír-lhes dinheiro; confortá-los no infortúnio e levar-lhes a esperança duma absolvição desejada. Ora tenham paciência, mas isto não é crime nenhum. Será por eu ser tambem um prisioneiro do Estado que digo isto, mas a verdade é que a mim o que me parece crime, o que me parece violar um pouco a lei moral e o humanitarismo, o que se torna um facto repreensivel, a infração dum dever — é não visitar os encarcerados, é não os socorrer nas suas necessidades, é não procurar diminuir o mal-estar que os avassála.

D. Constança, visitando os prêsos politicos, confortando-os, socorrendo-os, mostrava toda a nobreza do seu generoso coração. E como quem pratica boas acções espera ou deve esperar uma recompensa material ou moral, de justiça era que D. Constança fôsse recompensada. O Estado, em premio do generoso procedimento da boa senhôra, hospedou-a *gratuitamente* no

Aljube, em Lisboa. Calculo, por mim, a dôr de alma que a deve ter alanceado nestes longos mêses de prisão!

Entanto, uma neta dos Gamas não póde deixar de ser uma mulhér forte, um espírito grande. Indubitavelmente encarará a privação da liberdade com ánimo resoluto, com altivez, como é proprio da sua estirpe e do nome que usa — esse nome conhecido em todo o mundo culto, e que os transatlanticos que sulcam o Oceano e o Mar das Indias encontram a balouçar-se no dorso verde das ondas, indicando ainda e sempre o rastro das caravelas manuelinas!

Ouço dizer que D. Constança será obsolvida (1) nos tribunais de guerra, pois que é, como nós, (os de Esposende), uma vítima de perseguições inqualificaveis. E' natural que ela seja afeiçoada á causa monárquica, que seja mesmo da intimidade da familia real exilada, que não tenha simpatias pelo regime actual; mas isto não é crime. Ter opiniões diferentes daqueles que nos governam, pensar da fórma diversa, ter gostos diferentes, é um direito que a Constituição garante aos cidadãos portuguêses. E' a liberdade política, a liberdade de acção, a liberdade de pensamento. Essa nobre neta dos Gamas podia ser tudo isso, podia ser íntima da casa de Bragança, e odiar a República, sem contudo

---

(1) A snr.ª D. Constança Teles da Gama foi julgada em principios de abril do corrente ano conjuntamente com Joaquim Gomes Leite, soldado, e José dos Santos Alves, criado de servir. Ela foi realmente absolvida; mas os seus companheiros foram condenados em 2 anos de prisão maior celular e na alternativa de 3 de degrêdo. D. Constança apresentou-se diante do Tribunal Marcial de Lisboa, com absoluta tranquílidade. As suas palavras medidas, mas enérgicas, deram ainda mais realce á sua personalidade moral. Antes de ser lida a sentença, esqueceu-se de si e pediu a absolvição para os seus dois companheiros. Via-se que falava ali uma neta do grande Almirante!

conspirar! Há tanta gente nessas condições por Portugal fóra!...

Entretanto nem eu mesmo me posso admirar disto. D. Constança, partidaria do realismo, foi presa, ainda que nada lhe possam assacar como conspiradora.

Eu, que sou democrata, que rejubilei com a implantação da República, estou prêso tambem como conspirador, num presídio militar! Quando os proprios republicanos são acusados de conspirar, que admira que o sejam os que sempre foram e serão monárquicos?

Não: decididamente D. Constança não tem muito de que se queixar. Eu, sim...

LXXVIII

Quinta-feira, 24 de outubro.

Eu passeava no amplo corredor do 2.º pavimento ao lado de Giesteira e de Eugénio Rêgo. Conversavamos, é claro: as nossas atenções iam através da cidade para o Tribunal de Guerra, onde um companheiro estava a ser julgado.

—O homem salva-se, não ha que vêr.

—Espero que sim!—E ficavamos, segundos, silenciosos. Depois outro rompia o silencio com outra pergunta:

—Porque diábo o desligaram de nós?

—Para caçar na rêde o reitor de Caminha, já se vê.

—Claro. Clarissimo.

E Giesteira, o optimista Giesteira, era de opinião que não poderiam condenar o Reitor Sá Pereira. «Que é das provas?»

—Sim. Que provas ha contra o páraco de Caminha? Inegavelmente nenhumas...

No rosto de Giesteira lia-se a anciedade. Êle calcu-

lava que do resultado do julgamento do nosso companheiro do cárcere dependeria o nosso futuro. «Se êle fôsse condenado, tambem nós seriamos...»

— Condenado porquê? Que ha contra êle?

Não havia nada. E agora, leitor, é tempo de dizer de quem se trata. — E' do excelente Rodrigo Guerreiro. Êle devia responder com a gente mas não aconteceu assim. Porque, no seu depoimento, ter dito que recebêra no cais de Caminha um embrulho que um barqueiro galego lhe déra, para entregar ao padre Pereira, logo se concluiu que êsse pequeno embrulho deveria conter contrabando de guerra. O quê?

— Pistólas automáticas?

— Dinamíte?

— Obúses?

— Não, senhôr: papeis!

Ah! Sá Pereira ha dois anos recebeu uns papeis vindos da Galiza? Pois vai responder como um homem. O processo de Guerreiro foi separado do nosso. Já ninguêm pensou mais no dinheiro recebido do padre Giesteira e o pobre Rodrigo ficou acusado de passador de manifestos couceiristas.

E lá foi hoje responder com o ausente Sá Pereira, irmão do nosso impagavel côxo, aqui bem presente.

E nós anciosos por saber o resultado do julgamento, quando o «Maiínha» nos veio comunicar alégre e vermelho como lacre, de ter corrido:

— Guerreiro absolvido!...

— Absolvido!? Viva o Guerreiro!

— E o páraco de Caminha? O irmão do Sá Pereira?...

— Êsse... vinte anos!

— Vinte anos! Porquê?

— Por estar ausente e por ter fugido da cadeia da Relação do Porto, o ano passado...

Oh! senhôres! isso é já caso julgado. O padre Pereira conseguiu evadir-se com meia duzia de companheiros do primeiro *complot* de Viana, entre os quais o doutor Espregueira. Foi uma fuga rocambolesca. Os evadidos passearam 8 dias as ruas do Porto nas ricas barbas da policia, lendo em magotes com desconhecidos o relato da *partida* na reportagem ultra-circunstanciada dos jornais. Como nessa altura era expressamente proíbido gabar as habilidades dos conspiradores, tiveram de fazer côro com as multidões:

—«Corja de patifes! Agarrem-nos e segurem-nos bem com uma grilheta!»

O padre Pereira, cofiando a longa bigodeira postiça, confirmou:

—«Queimá-los vivos, é o que é!»

Adiante, dois enxundiosos *talassas* comentavam o caso quase em segrêdo:

—«Finórios, heim?»

—«Homens duma cána!»

Mas a bigodeira espessa do padre fê-los mudar de opinião. Podia ser espia da policia! Nada de disparates! Tinha de se falar assim:

—«Ora os patifes! Diánho dos padres... O que devem é agarrá-los e Penitenciária com êles!...

Sá Pereira, arrastando uma dama pelo braço, com o *double* aspecto de Serlok Holmes e de burguês endinheirado, opinou, intrometendo-se:

—«Fôrca, senhôres! Menos de fôrca é pouco!»

Mas o que segue é que se raspou para a Espanha e no dia do julgamento foram absolvidos.

Ignóro as razões que teve hoje o Tribunal da Guerra para o condenar. Sem prova testemunhal nem *pró* nem *contra*, acho muito forte vinte anos de degrêdo.

O nosso Sá Pereira, irmão do condenado, largou as cartas com que jogava o sólo e a garrafa com cujo con-

teúdo «lavava a garganta» e correu ao corredor com os parceiros. «Que havia?» Postos ao corrente dos factos, o pobre rapaz ficou aflitissimo:

—Lá meu irmão, não tem dúvida! Está na Galiza e goza a liberdade! Mas se me fazem o mesmo a mim?...

Passeava no corredor, coxeando e soltava imprecações:

—Raio! Se me ferram com vinte anos para se vingarem de meu irmão!...

Veiu ter comigo saber da minha opinião. Condenariam-no? Eu que dissesse!...

—Isso é pela certa, ó amigo.

—Mato-me! Quero lá ir para a Penitenciária! E outra coisa: Se me condenarem, mato aqueles raios de Esposende todos... Não fica um...

—Oh! que carnificina amigo! Quê de sangue...

*

A' noite, Rodrigo Guerreiro apareceu cá, alégre como um tentilhão.

—Eh! rapazes! Viva a Pátria!

E soltou um berreiro formidavel que chegou lá baixo ao primeiro pavimento.

O oficial, o tenente Oliveira, do 8, veiu acudir. A sentinéla informou-o solícita:

—Nada, meu tenente. E' um dos de Esposende que lá se vai. Chegou um pouco alégre, meu tenente! Soltou vivas á Pátria, á Justiça e ao Exercito!

—Bem, bem!—E virou costas, escada abaixo.

Guerreiro andou ao cólo de todos nós. Abade Magalhães e Giesteira soltaram o seu estribilho barnabia-

no, de todos os instantes dum cantochão roufênho e num latim macarrónico do *Palito Métrico:*

—*Quilhátè frates! Quilhantibus illis...*

Rodrigo com um gesto comico retrucou:

—Agora amigos, *quilhátè vobis!* Eu cá me vou...

E saíu depois de muito abraçado, ventrilocando um *sólo* de rabecão.

LXXIX

Sexta-feira, 25 de outubro.

Hoje recebemos muitas vizitas. Os dedicados amigos de Barcélos, Domingos Carvalho e António Matos á frente, todos com um sorriso optimista, vinham preparados para se «resolver hoje a coisa».

Iriam dali ter com o dr. Justino Cruz, secretário do Governo Civil, afim de saberem se era, ou não, hoje que nós seriamos despronunciados.

Entretanto chegavam de Esposende, o filho do Anibal — o Anibal Junior — que freqùenta o 3.º ano de Medicina na Universidade do Porto e a espôsa do meu excelente amigo Lourenço Leitão, um velho republicano de Esposende, que como homem de bem, como caracter íntegro que é, se revoltou contra o procedimento mesquinho dos seus correligionarios locais.

D. Prazeres Leitão é muito proxima parenta do Anibal. Veiu já visitá-lo por duas vezes. Hoje viéram, por constar lá em Esposende que seriamos despronun-

ciados. Que grande festa, se nós saíssemos! Até haviamos de ter musica, foguetório, e milhares de pessoas a aclamar-nos. Milhares de pessoas! seria muito. Mas D. Prazeres declarou que, em Esposende como em Barcélos e Braga, tudo anciava pela nossa liberdade. E garantia-nos que seriamos festejados, como nunca ninguêm o foi, na nossa terra.

E eu, mentalmente, puz-me a pensar se os *senhôres* dessa apetecida foz do Cávado não escangalhariam essa festança com um draconiano decreto, *á ultima hora*.

Mas quando manifestei aos circunstantes este pensamento, uma voz autorizada respondeu — «que não receasse tal. Não era uma dezena de abencerragens ferrujentos, que continham a multidão. Êsses nossos perversos inimigos, bem o sabiamos, só se mostravam fortes quando tinham por casa um arrastando a espada, e fóra da porta, quarenta praças de infantaria, em pé de guerra».

Grande verdade, sem dúvida, concordei.

Ora precisamente nesta altura o cabo do Presídio vem intimar Sá Pereira a preparar-se para seguir para o Quartel General. Ficamos aterrados. Então Sá Pereira vai a perguntas?

O pobre rapaz chorou desesperado. Êle previra sempre isso. Sim: não tinha dito que nós íamos embora e êle que ficava? Aí estava a prova. E tudo para vingarem-se do irmão, que de longe, da terra hospitaleira de Espanha, se ria dêles. Nós saíriamos naquela tarde pela porta fóra a gozar a boa liberdade; e êle lá ficaria, naquele detestado quarto de prisão, a esmoer saudades.

Consolámo-lo. Olá, amigo! então quem vai embóra? Nós? Que se deixasse de pensar em tal. Êle era cha-

mado? Pois nós o seriamos tambem. Talvez que fôsse até mais venturoso. Nada mais natural que mandarem-no embora, na paz do Senhôr. E então eu, do meu canto, comecei a prevêr a meia ruína de João Alves que não teria de ora ávante a quem vender uma garrafa de águardente diária, nem os 6 ou 8 litros de vinho do estilo, que nos nossos quartos se bebiam diáriamente. Eu confessei que nunca bebi mais de 2 litros. Mas o amigo Sá Pereira, frisando o bigóde ao espêlho, alegou que tambem não bebia muito mais. Mal sabia o destino que levava tanto vinho. Mas como era coisa de se beber... Enfim, antes João Alves deixasse de vender do que êle ficar por ali.

E lá foi, portão fóra, entre dois soldados, caminho do Tribunal de Guerra.

D. Prazeres, impaciente, intreteu-se, lendo trechos destas insulsas memórias. Tinha tambem um raiosito de esperança que nós fossemos despronunciados, e ria-se da minha descrença. Que scéptico eu era!... Então não tinha esperanças? Eu ia dizer qualquer coisa, quando Domingos Carvalho entrou, enfiado, sem pinta de sangue, soltando um «Nada», desanimador:

— Nada... Teem de responder! Estas coisas da militança...

Mas nenhum de nós se mostrou sucumbido. Giesteira e Queimado alimentavam já, é verdade, uma dubia esperança. Todos, porém, se resignaram.

A' tardinha chegou o Sá Pereira.

Àmanhã, rapazes, ámanhã. Respondo de manhã. Vou mandar um telegrama. Vocês vão no dia 28!

Mas D. Prazeres prontificou-se a mandar parte á família do nosso camarada. Quando iamos para jantar, despediram-se de nós.

Sá Pereira, muito verboso, repetia já pela décima vez:

— No dia 28 vão vocês a perguntas, heim! Não respondem já, por ser necessario citar os ausentes — padres Gaiolas e Carquejó.

O Anibal, filho e a D. Prazêres levaram isso sabido para baixo.

Se não eramos despronunciados, ao menos já sabiamos quando iriamos a perguntas.

Meia noite. Até ámanhã. Não posso resistir mais ao sôno.

LXXX

Sabado, 26 de outubro.

Sá Pereira, ás 11 horas, tinha almoçado já, despreocupadamente, como qualquer nédio frade em refeitório de convento alheio.

E, se o seu espírito andava um pouco preocupado, o estômago não se atemorizava nada com o espectro do Tribunal de Guerra, onde ia ser julgado dali a momentos. Homem do século este Sá Pereira!

Dava já os ultimos retoques á sua *toilette*, quando a sentinéla bradou *ás armas*, numa voz rouquenha, cançada. Corremos todos á janela. Eram 14 praças de infantaria que vinham buscar o homem.

Êle lá desceu. O sargento indicou-lhe com o dêdo o meio da fôrça. Depois mandou carregar, ali á vista do *tremendo* conspirador.

Visse êle bem como as armas ficavam carregadas! Se tentasse fugir, era logo uma descarga cerrada... Cautéla! Nada de maluquices!... Sá Pereira até se ria! Então não sabiam que êle era dos de Esposende...

que ficava absolvido? Êle era o Sá Pereira, do vinho e da águardente. Aqueles rapazes conheciam-no bem. Pois se eram quase todos «impedidos» dêle! Só um dos 14 lhe tinha ido buscar a sua garrafita de verdasco —o sargento. Os outros... ora os outros até eram homens de o deixarem fugir, se êle quizesse. Mas para que, se ia ser absolvido?

E de facto assim aconteceu. Lá pelas 3 horas soube-se no Presídio que «Sá Pereira fizéra um figurão lendo a sua defeza e que ficára absolvido.»

Lá vai pois o segundo dos nossos camaradas. Nós tambem havemos de ir embora. Olá!

*

Hoje foi novamente prêso Francisco de Carvalho, de Sant'Ana de Vimeiro. Este indivíduo tinha sido detido em 3 de setembro. Em 21 do mesmo mês foi posto em liberdade. Agora fica incomunicável e tem de responder... talvez por se ter ido embora!...

*

A' noite, aquele pobre jornaleiro de Paçô—José Coelho—o *Espreita*, foi posto em liberdade.

A coisa passou-se assim: o abade Magalhães foi chamado ao Tribunal Marcial, mas estranhou que o seu conterráneo o não fôsse. Aludiu a isso, o juiz quís saber quem era esse indivíduo, e porque estava prêso.

—Por eu ter falado nêle, quando fiz declarações— respondeu Magalhães.

E esclareceu que o pobre diábo nem sabia porque estava prêso, mas calculava que «seria por ter encontrado uns padres que iam para casa do abade.»

Toda aquela gente do Quartel General começou en-

tão a procurar o processo do Zé Coelho por todos os escanos e por todos os cantos. Não aparecia... Por isso hoje á noite foi mandado em paz «tinha sido prêso por engano...»

103 dias de dura incomunicabilidade! 6 filhos menores a morrer de fome! E a pobre mulhér doente...

LXXXI

Domingo, 27 de outubro.

Coitado do meu filósofo! Hoje aconteceu-lhe bôa: —foi feito prisioneiro, no Presídio, como qualquer vulgar conspirador.

Ontem vi-o espreguiçar-se sobre a latada do vizinho, enquanto as meninas Ramos, do muro do seu quintal, ali perto, contemplavam a rua e ouviam os galanteios do excelente aspirante Flôres que desfazia o seu apelido em fragmentos para ornar de matizes multicolôres a sua palavra de enamorado!

Que bom rapaz o Flôres! E' o que se chama uma béla alma. Espírito muito culto, conhecedor das melhores literaturas—como apraz a sua conversa! Tenho-me deliciado algumas vezes discutindo com êle têmas literários, descobertas scientificas, ou ideias filosóficas modernas.

E' um militar recto mas homem de coração.

Enquanto, pois, Flôres e uma das meninas, a mais

gracil da trindade (são três as vergonteas de Narcizo Ramos) falavam porventura de amôr—o meu pobre Gato foi-me dizendo que «talvez ámanhã me visitasse». De mais a mais tinha-lhe constado que estava cá no Presídio um gato. Eu confirmei. Sim: nós tinhamos cá um gato. Era o Jerónimo, barbeiro, um gato que escanhoava, e que arrastava o seu reumatismo pelos corredores de Sam Barnabé. D. Gato mostrou-se interessado. «Não só desejava visitar-me como tambem cumprimentar esse seu congénere conspirador».

E hoje cá apareceu. Mas, oh pobre de Cristo! o que lhe estava reservado! Como o seu principal interesse era vêr e admirar o nosso Gato foi direito ao quarto dêle, cumprimenta-lo. O velho filósofo das trapeiras braguêsas, supôs que não necessitava de *cicerone* para visitar o Presídio. Por isso sem ter solicitado licença do comandante da guarda, nem sequer da sentinéla, formou um pulo do quintal para a janela e como ouvisse miar alêm, ao fim do corredor, correu lá, procurar a amizade do Gato conspirador.

Mas o Jerónimo logo que o caçou dentro—zás!—fechou a porta; porque desconhecia a causa da visita e porque talvez quizésse zombar um pouco do pobre velho.

D. Gato miou-lhe duas palavras de reconhecimento e o Jerónimo respondeu com outras duas de resposta. Mas não se compreenderam. O filósofo forcejava por se fazer perceber; mas o Gato conspirador, desconhecedor da lingua, começou a fazer-lhe pirraças. Primeiro prendeu-lhe um cordél ao pescoço, depois puxou-lhe a cauda. O filósofo começou a convencer-se de que estava fazendo uma ridícula figura. Com quatro longas miadélas suplicou-lhe que o deixasse pois que um sêr de tão elevadas concepções intelectuais e morais não devia ser sujeito a tratos de polé.

Por resposta pegou-lhe pela cauda e fê-lo dar uma piruéta no ar como um *clown* num salto mortal.

Ao *miau* desesperado do pobre bicho acudiram vários. O Anibal com o eterno cigarro pandilha na bôca, rindo estoicamente; o João Domingues, gaguejando e emitindo opiniões sobre o destino a dar ao infeliz; Eugénio, de mãos nos bolsos, e saltitando como um *dandy* de *boulevard*, sempre ás risadinhas; o cabo Silva, sucessor do maluco Ribeiro, (e quase sucessor em tudo, vámos). E todos êles, todos, foram de parecer que o meu infeliz amigo ia ser um magnifico intretenimento. E para principiar, logo um o ergueu pela cauda, depois outro, pegando pelo cordél, fê-lo oscilar como a pendula dum relógio; e um terceiro fê-lo descrever, com rapidez vertiginosa um movimento de rotação, o que lhe valeu dar com o fio do lombo no této. Os circunstantes formavam um côro de risos o que inda mais exasperava o génio concentrado e taciturno do meu filósofo.

Té que acudi eu ao estrépito causado, e traz de mim Sá Pereira, coxeando, e desejoso de saber o «que era aquilo».

Vencido pela curiosidade, enquanto eu respondia a duas perguntas do Magalhães, de Paçô, êle correu adiante, entrou no quarto, onde os barbaros gargalhavam como os romanos nos circos e logo, saíndo ao corredôr, a rir, bradou-me:

—E' o seu filósofo, homem! Cá o temos prêso!

Corri logo. Mas a scena mudára já. Jeronimo Gato ao ouvir falar no meu filósofo, estendêra-o na cama e passava-lhe a mão pelo dorso enquanto o pobre, esfalfado, arquejava, quase asfixiado, pela pressão do nó na garganta. Compreendi logo. Injuriei-os. Creio que lhes chamei animais estúpidos, trogloditas, vândalos, bárbaros, sanguinários—sei lá que mais!

Mas todos se desculparam «que não o tinham conhecido». E como eu lamentasse a sorte do pobre, também êles confirmaram com um «coitado» um «pobre bicho», contemporisante e banal.

Anibal ofereceu-se logo para o levar para o seu quarto, e, antes mesmo de eu ter acedido, pegou nêle ao cólo e levou-o, resmungando que não era conveniente «dois gatos» num só quarto, coabitando.

Lá esteve toda a tarde e foi lá que o entrevistei. Direi depois o que ouvi dêle.

LXXXII

Segunda-feira, 28 de outubro.

Eram onze horas quando nos viéram buscar. Descemos a rua de Sam Barnabé a dois-e-dois. A' frente João Domingues e João Neto; depois Eugénio e Anibal; eu e Francisco Alves; e Giesteira na rectaguarda de sobrecasaca e luvas, com ares de chefe do *complot*, do tal *complot* de Esposende que os srs. sabem...

Na arcada muita gente. Militares e civis ao passarmos cumprimentaram-nos, e eu ouviu um sujeito dizer:

—«São os de Esposende. Uns valentes que retalharam a chicote a cara dos falsos republicanos que os acusaram de conspirar...»

Adiante, num grupo, outro disse:

—«Estes é que não se deixaram morrer com as mãos atadas na cabeça. Aquele folheto vem tão cheio de verdades que, se houver justica, os acusadores desta gente, devem ser metidos desde já numa prisão a pão e água

Pressenti que alguns daqueles homens tiveram vontade de nos aclamar nas ruas de Braga.

Todos nos respeitaram muito. Não houve um apôdo, nem um gracejo. Braga é uma cidade respeitadôra da dôr alheia.

No Tribunal, o primeiro a ser chamado foi o Giesteira; demorou talvez meia hora. Findo o interrogatório uma praça acompanhou-o para outra sala. Depois foi o Anibal, o Néto, em seguida, Eugénio... E todos foram mandados para essa sala desconhecida acompanhados cada qual por uma praça.

Tocou-me a minha vez. Achei-me diante do juís auditor, o sr. Paixão Pereira. Não me inspirou grande confiança aquela austéra cara de juís. E no entanto verifiquei que era um bom sujeito. Interrogou-me com brandura e perguntou a que atribuía eu a minha prisão. Respondi-lhe que era uma vítima de perseguições odientas.

E narrei-lhe a origem, causas e motivos da minha detenção.

Na bancada dos advogados estava o dr. Ferreira Pedras, de Barcélos, meu patrono, que tinha vindo expressamente assistir aos interrogatórios.

O juís auditor finda a minha narração voltou-se para êle e, com um ar sério, disse:

— Parece incrivel que se aproveitassem duma ocasião destas para tomar desforras de tão mesquinhas vinganças. Ora veja como se prevarica á sombra da República. Parece impossivel.

E voltou a face enojado, como se daquele processo infame saíssem os gazes putridos duma sentina. Depois muito urbanamente mandou-me retirar e foi chamado o Francisco Alves, o ultimo. Um cabo servente abriu com uma enorme chave um portalhão de carvalho que dava para a escadaria principal. E logo uma praça de *Mauser*

ao hombro me guiou atravez de tortos corredores, e salas sombrias até ás trazeiras do velho paço dos arcebispos de Braga.

Que enorme casarão este! Ha aqui salões grandes como praças, salas espaçosas, salêtas repletas de mobiliário, corredores desertos e extensos, pátios e escadarias de fria pedra já corroída pelo tempo:—e tudo isto com um ar arqueológico, mediéval. E' tão espaçoso este palacio que nêle poderiam viver á vontade dezenas de famílias. Estando quase sempre cheio de militares, parece deserto.

Eu, depois de ter atravessado uma infinidade de grandes e pequenas salas desemboquei num corredor e lá fui passar a uma salêta onde já estavam os meus companheiros, sentados em bancos, palrando com os soldados.

Andei quase meio quilómetro!...

Meia hora depois atravessamos de novo Braga caminho de Sam Barnabé. O mesmo respeito da ida. Cumprimentavam-nos a miude e no rosto do bom povo de Braga parecia lêr-se a grande simpatia que nós inspiravamos, porque todos sabiam que não eramos criminosos, graças ao folheto «*As vítimas dos pseudo-republicanos de Esposende*» e graças á destemida *Rotandade*, do Teotónio.

LXXXIII

Terça-feira, 29 de outubro.

Respondeu hoje o padre Manuel de Jesus Araujo Magalhães, abade de Paçô, Arcos, e ficou absolvido.

Este era outro que, individualmente, servia de cabeça, tronco e membros dum *complot*, lá para os lados da fronteira!

Tem graça. Nos Arcos havia, pelos pontos, dois *complots*. E cada um com um só individuo! Do primeiro fazia parte, isoladamente, o José Bernardino Pereira. E deste o abade Magalhães e um pouco o José Coelho. Mas o José Coelho «foi conspirador por engano» durante cento e tantos dias e por fim mandado em paz, sem julgamento. De fórma que o Magalhães respondeu só, mesmo sem ausentes. Pelos modos Esposende tem nos Arcos representantes . . . Mau sintôma!

Contou-nos o absolvido Magalhães que tivéra preparados vinte anos de degrêdo.

—Então amigo? conte lá isso!

E' que um seu figadal inimigo residente aqui em Braga fizera saber a alguns membros do jurí que uma das suas testemunhas de defeza estivera prêsa no Alto do Duque como conspirador. Daí poderia concluir o venerando tribunal — todos os tribunais são venerandos, — que um homem que já esteve prêso por conspirar não podia, de futuro, fazer fé em juíso. E o caso é que se não tivesse lá o seu amigo padre Rodrigo, Carcereiro da cadeia civil, apanhava a sua conta.

Eu fiz um gesto de espanto e quís saber se de facto o homem tinha estado prêso. Qual tinha! A única ocasião em que entrára numa prisão fôra naquele momento: E apontou-me mu sujeito alto que tinha vindo com êle:

—E' este.

Eu, um pouco scéptico, segredei-lhe «se essa coisa não seria tramoia do padre Carcereiro para lhe ficar mais agradecido». E êle deu de ombros. Não sabia.

LXXXIV

Quarta-feira, 30 de outubro.

Por um lamentavel esquecimento — *lamentavel* é da praxe dizer-se — ainda não falei no *complot* monárquico de Barcélos. Pois é verdade: Barcélos tambem teve o seu *complot*. Ouvi falar dêle logo, no domingo, 7 de julho, quando em Vila Chã tive conhecimento do córte de fios telegráficos, na Figueiró.

Contaram-me então que, alta noite, por desóras, se reuniu na re-chã, proximo ao cruzamento das estradas, uma grande multidão de conjurados das aldeias limitrofes que aguardavam a chegada de tropas e oficiais revolucionarios de Viana e Barcélos e automoveis carregados de armamento e munições.

Um lavrador corpulento contou-me isto; e logo outro, um desconhecido, que viajava, magro, de olhos vivos, falou, com ares de mistério, de cavalgadas nocturnas, de tiros, de toques de buzina e corneta; de gente que corria, gente que fugia, gente que se escon-

dia; de sinais luminosos incidindo sobre o monte de San Gonçalo; de automoveis que passavam sem ruído... Comboios despenhados do alto do viaduto de Durrães; a ponte de Viana no fundo do rio; combates de madrugada para os lado do norte, onde os mortos e feridos se contavam por centenas. Navios misteriosos ao longo da costa. Dinamite explodindo por toda a parte! A guerra, enfim!

Eu olhava-o e ria-me por dentro. Aquilo podia lá ser! Mas o homem magro, de olhos vivos, advinhando a minha descrença, segredou-me:

— Estamos perdidos. Temos guerra para muitos mêses. Couceiro vem armado até aos dentes e tem milhares de homens ao seu lado. As tropas de Valença e Viana, e as de Traz-os-Montes passaram-se para os monárquicos. Vai ser o diábo! — E o homem seguiu seu caminho na direcção sul, porventura com a missão incendiária de espalhar boatos por essas terras fóra.

As revelações do homem aguçaram-me a curiosidade. Eu achava-me apenas a 300 metros da Figueiró e não tive mão em mim que lá não fôsse. Vi então os postes derrubados, os isoladores espatifados, fios cortados e estendidos na planura, por entre a torga rasteira. Intimamente revoltou-me o vandalismo. Sim: creio que os meus borgianos perseguidores não levarão a mal que eu tivesse tido êsse gesto sincero de revolta! Tenham paciência, caros inimigos. Então tive êsse gesto e tenho pena não poder dizer o contrario. Tende a certeza que não negaria. A sinceridade não fica mal a ninguêm. O certo é que eu era, incomparavelmente, mais republicano do que muitos de vocês. Em verdade a soma das vossas energias politicas de então, não era, nem por sombras, de coeficiente superior ás minhas. Sómente eu era tolerante e respeitador das opiniões contrarias; ao passo que vocês eram

fanaticos e intolerantes pela ultima encarnação política que adoptaram tanto ou pouco menos do que o fostes ha três ou quatro anos pela idêa que hoje *exteriormente* combateis. Dentro dêsses corpos há ainda umas almasitas que incensam o trono, ás escondidas. Fazem bem. O seguro morreu de velho! Prevenir é sempre bom! Não vá a *coisa* virar, heim!

Mas deixemos isto. Tornemos á nossa história.

A Figueiró é uma grande charneca de monte maninho, onde já ha, tambem, glebas repartidas pelos póvos das aldeias vizinhas. Pertence ás freguezias de Palme, Forjães, Vila Chã, Feitos e segue por San Gonçalo até ao Monte de Fragôso. E' enorme. Lá foram feitas em 1904 as manobras militares presididas pelo finado rei D. Carlos.

Foi pois aqui que, segundo se diz, se reuniram os conspiradores de Barcélos. Diz-se que o padre Sá Ferros, páraco de Vilar do Monte, trouxe consigo algumas dezenas de homens; de Abade do Neiva viéram outros, de Aldreu e Palme déram tambem sofrivel contingente.

Sabiam êsses homens ao que iam ou para onde iam a essa hora da noite? Diz-se que não. Para o conciliábulo da Figueiró os convites foram feitos um pouco enigmáticamente á moda das sociedades secrétas. Chegava-se á porta dum:

—Vamos lá?

—Onde?

—Nem sei. F. disse-me que viésse por aqui e que saíssemos para a Figueiró. Vem lá um homem para nos falar...

—Que homem?

—Não sei.

—Que nos quere?

—Lá o saberemos.

Noutro ponto davam-se ordens e faziam-se convites com alguns esclarecimentos:

—Preveniram-me para hoje, á meia noite em ponto, estar na Figueiró com alguns amigos. Pódes acompanhar-me?

—Para quê?

— Lá saberemos. Por'ora sei tanto como tu.

O interpelado, que se tinha levantado da cama, bocejava, coçava a cabeça, espreguiçava-se; estendia a vista para o meio das trevas a interrogar a noite e respondia, tomando uma resolução:

Diábo! A coisa será para hoje? Vamos lá, homem!

O da carta, em geral, já sabia, mas negaceava, sorria:

—Qual! Combinar apenas. O dia inda se não sabe.

E' de acreditar que na madrugada dêsse dia se reunissem na Figueiró uma centena de homens. Que fizeram êles? Alguns mais temerários meteram serras e machados aos postes; outros tesouras e torquêses aos fios. Depois do que foram dormir o resto da noite tranquilamente.

Nos principios de agosto as tropas de Barcélos, de Viana e as do 5, aquarteladas em Esposende, fizeram um cêrco estratégico ás freguezias de Palme, Aldreu, Fragoso e Vilar do Monte na ancia de apanhar os homens do conciliábulo da Figueiró.

As casas dos suspeitos foram assaltadas e prêsos alguns dos apontados. Muitos, prevenidos a tempo, puderam fugir. Outros caíram na rêde. O «quartel general provisório era no Souto de Palme. Para lá iam carrejando os prisioneiros que os soldados enchiam de insultos grosseiros.

Forneceram-me uma lista dos implicados. São os seguintes: Reitor de Palme, Justino Bernardino Pereira e José Maria Bernardino Pereira, que se ausentaram;

Antonio da Silva Gemêses, Manuel Sá Mouco, Manuel José de Sá Carôlo (prêsos). São todos de Palme.

De Aldreu deligenciaram apoderar-se do padre Manuel Joaquim de Queiroz, um padre liberal que abomina fanatismos e beatices rançosas, sendo por isso muito estimado; de seu irmão, o farmaceutico António Queiroz e de Manuel José de Sá. Mas estes avisados de que já tinham as casas cercadas, evadiram-se em trajes menóres, por sobre uma latada protegendo-os na fuga contra os olhares prescutadores dos soldados um campo de milho bem apendoado. O padre Manuel chegou a estar a dois passos duma sentinéla que vendo aquele fantasma branco perdeu a fala com o susto. Caramba! podia ser uma alma do outro mundo!

Vilar do Monte forneceu um contingente regular. Alêm do páraco António Sá Ferros que se ausentou para a Espanha e de lá para o Brasil, foram apontados: Daniel Alves Ferreira, Manuel Florindo Gomes, João Enes e um irmão e Manuel Joaquim Pimenta. Foram todos prêsos e conduzidos para Barcélos com os de Palme, um de Abade do Neiva chamado Manuel de Miranda e outro da Silva, o Domingos Pereira de Brito.

Como cabecilhas procuraram tambem o dr. Joaquim Pais e o tenente Alcoforado, residentes em Barcélos. Mas estes escusaram-se habilmente á hospedagem que o Estado lhes oferecia na negra torre de cantaria que ainda resta do mediévo paço dos duques.

Os que puderam fugir, andam a gosar pela Galiza e os outros estão prêsos na cadeia de Barcélos (1).

---

(1) Foram julgados a 28 de maio de 1913, sendo todos absolvidos com excepção do padre Sá Ferros e do tenente Alcoforado que foram condenados a pena maior celular.

Contaram-me que o prêso António Gemêses chegou a ter as faculdades mentais alteradas. E que a outros ameaçaram para mais facilmente conseguirem dêles confissões e denúncias. Uns foram metidos nas enxovias, num meio subterraneo onde faltava tudo a principiar pela enxerga. A essa masmôrra vinham caír os despejos dos andares superiores. Era uma especie do Poço dos Reptís das prisões dos Bórgias...

Quando foi o cêrco, efectuaram algumas prisões que não foram mantidas. Entre outros prenderam o abade de Aldreu, tio do padre Manuel Queiroz, um velhote muito simpático e homem de bom senso; Bernardo Espregueira, sobrinho do antigo ministro Manuel Espregueira; o abade de Fragôso, o padre Augusto José Vieira e o estudante de 2.º ano de direito, Neiva. Estes foram uns felizardos. Foram julgados sumariamente no Souto de Palme, absolvidos e mandados em paz.

LXXXV

Quinta-feira, 31 de outubro.

Outôno. Dia triste o de hoje. O ceu cinzento, toldado de nuvens espéssas que perpassam céleres e as ventanias agréstes que o sul sopra sobre a terra são prenúncio de tempestade.

Talvez contagiado pelo aspecto da natureza, eu sinto-me tambem imensamente triste.

Faz frio intenso. As vinhas deixam-se despir lentamente pelos vendavais rugidores. E aquela nogueirinha jovem, que ali, no quintal vizinho, ergue para o ceu um tronco espalmado como os dedos duma grande mão, está já completamente nua: perdeu a sua béla túnica de verdura. E não foi o sol escaldante do estio quem a despojou; nem a ela nem aos choupos esguios, amarelentos, que vejo alêm e que dobram o dorso em subserviências humilhantes, porque a ventania os sacóde com violência.

Não foi, não. Foi a velhice. Tinham já seis mêses de duração essas véstes vivas de verdura. Chegou o outôno. Ficaram velhas, desfizeram-se. As seivas paralizam-se, os organismos vegetais entram em catalepsia.

Não sentem o rigor das invernias, as nevadas cortantes, as violências dos ventos. Mas mal chega a primavera, o sol doirado solta-lhes a seiva e a verdura afloresce a todos os ramos. Como é linda a primavera, e como é triste este tempo pesado dos fins de outubro!

Na estrada, a folha sêca redemoinha, rodopia, ergue-se aos ares, e vai caír ao longe sobre um telhado, noutro quintal, noutra rua...

Agora mesmo eu vi uma folha sêca de vide elevar-se aos ares, erguer-se muito alto, redemoinhar, e de repente, desajudada do vento vário, caír desamparada no chão, logo pisada e desfeita...

Pobre folha! Como tu me fazes pensar nas contrariedades da Vida, e na variabilidade da Fortuna!

Oh! a Fortuna! Quantas vezes ela nos beneficia com os seus dons, nos guinda ás culminâncias do Poder, nos consegue tesouros e conduz até á nossa porta a felicidade? Depois, um dia, de repente, sem ser esperada chega a Adversidade. Perdemos tudo que usufruiamos nos tempos felizes. Desconhecem-nos os amigos que nos contemplaram boquiabertos, quando nos viram subir como subia essa folha de ha bocado. Mas voltaram-nos as costas, logo que caímos. Desampara-nos a felicidade e muitas vezes os proprios dons naturais, como a inteligência, desbotam-se, perdem-se na demência.

Oh! Como a Fortuna caminha de braço dado com a Adversidade!

A *Rotandade* traz, a propósito do julgamento de Sá Pereira, o seguinte:

Saudemos a Justiça!

Sim, saudemos a Justiça!... Ella acaba de ser feita a um dos desgraçados que jazia no presídio de S. Barnabé á espera da hora da redempção!...

E chegou hoje, porque a Justiça é sempre a Justiça e os povos de Espozende precisavam que se lhes fizesse Justiça!

Honra á Justiça!

O Tribunal Marcial de Braga honrou mais uma vez a sua nobre missão, pondo em liberdade uma das victimas dos dementados de Espozende! do celebre *complot* de Espozende!...

Que fazer agora o libertado, o perseguido Sá Pereira?

Cantar em casa hossanas á Razão, á Verdade e á Justiça?

Não! Por emquanto, não!... Perseguir agora, esmagar, desmascarar essa corja de Espozende que o atirou para o carcere junto com mais oito que ainda lá se conservam, á espera de redempção tambem!...

Castigar; responsabilizar pelo desmando, pela vilania, pela infamia havida para com elles, por parte d'um *complot* deshonesto, rancoroso e mau, como é essa malandragem que campêa infrene pelo concelho de Espozende, e que só teve em mira, vingar-se de aggravos pessoaes!...

*

Saudemos a Justiça, pois. A Justiça é sempre a Justiça; e, por felicidade nossa e do Regimen, mora ella sem contestação possivel nos tribunaes marciaes d'esta cidade!...

E adiante na 7.ª pagina a correspondencia que segue:

"PELA PROVINCIA

Espozende, 23. — Os conspiradores que conspiram aqui contra os que não são conspiradores e que estão na cadeia de Braga ficaram arreliados com a nossa attitude ante a canalhice de que os desgraçados têm sido victimas!

E arranjaram aqui quem os recommendasse para um jornal de Lisboa, denegrindo as intenções da «Rotandade» tentando salvar a integridade politica do sr. Fonseca Lima.

Mas é trabalho escusado! Aquillo nem com tres barris de sublimado fica bom.

A campanha, posta ao serviço do Odio, anniquilou a importancia do homem, porque a do politico morreu quando foi á missa do rei Carlos.

A Justiça ha de fazer-se, queira ou não queira a malandragem das Marinhas, ao assobio irritante da Torpeza e do Rancor!

A Justiça ha de fazer-se! . . .

«Os conspiradores que conspiram contra os que não são conspiradores . . .» Ora aqui está um jogo de palavras que faz efeito.

*

Graça Dias cada vez se me mostra mais dedicado. Hoje, com êle, fui passear ao jardim e á cêrca. Deleitou-me aquêle passeio ao ar livre. Como me tonificou os pulmões!

*

Um amigo meu trouxe-me cá hoje o *Mundo* do dia 22 em que o seu correspondente de Esposende diz o seguinte:

"AINDA MEXEM!

Conspiradores pedindo retranca

Recebemos o seguinte telegrama a que não faremos comentarios:

Esposende, 21.—Foi ultimamente distribuido nesta vila um panfleto assinado pelos presos conspiradores do concelho, insultando varios republicanos, entre os quais o ilustre administrador dr. Fonseca Lima. O papel vem cheio de falsidades e produziu uma pessima impressão no publico que conhece bem o caracter integro daquele nosso amigo. Protestamos contra o pasquim.»

O *Ainda mexem*! vem em letras gordas mas na 4.ª pagina do jornal e o telegrama em tipo miudinho, quase imperceptivel. O jornal diz que não lhe faz co-

mentaríos. E eu... apenas desejo saber quem é que pede retranca. São os conspiradores que conspiram contra os que não são conspiradores, não é verdade? Está certo, se assim é.

Mas o mesmo jornal logo a seguir sob a mesma epigrafe diz:

«Por Barcelos tambem os inimigos da Republica se mexem, reclamando a berros um aperto de retranca.»

Donde se concluí que o correspondente do *Mundo*, em Esposende, não foi quem pediu um «aperto de retranca». Nem êle precisava disso...

LXXXVI

Sexta-feira, 1 de novembro.

Quando, no domingo, 18 de agosto, dei entrada nesta casa presidiária ao lado de Sá Pereira e de dois soldados meio estropiados, doentes, com a cabeça atada, estive no corredor do 1.º pavimento boa meia hora á espera que me designassem uma céla que seria a minha habitação provisória — ou perpétua, vamos a vêr.

Sá Pereira, que foi sempre muito curioso, meteu um olho ao buraco da fechadura duma porta e disse-me que estava dentro daquele quarto um padre prêso. Espionei e reconheci-o:

— Olha! é o pobre Constantino — fiz eu admirado. Era na verdade um bom velho: o padre Constantino Alvarez y Alvarez.

Há 14 anos que o não via. Conheci-o em Peniche, vai isso já muito longe. Eu era garotóte e pedia-lhe a bênção, quando o encontrava na rua. Padre Constantino é espanhol, natural duma aldeóla de Orense. Eu

em Peniche sofria uma enorme nostalgia da minha terra minhota. Êle que conhecia bem isto falava-me dela. E eu convencia-me, ouvindo-o falar que da minha Vila-Chã, á Orense dêle, não ia mais que uma boa légua de caminhada.

Fiquei sempre com uma agradavel recordação desta santa creatura. Êle era hoje o mesmo homem de ha 14 anos. A mesma fisionomia franca, o mesmo tipo de homem. Sómente mais magro, e com uma face pergaminhada, fruto dos íntimos desgostos da ocasião. Tive pena dêle, imensa pena do pobre padre, que eu acreditava inocente. E no dia seguinte, já um pouco familiarisado com o chaveiro, perguntei quem era aquêle padre assim, assim...

—E' o padre Constantino. Coitado! apanhou 4 anos de Penitenciária, mas está inocente...

—Que barbaridade! Se está inocente, porque o condenaram?

—Sei lá. Acusam-no de mandar tocar os sinos... Mas êle recorreu da sentença, e com certeza é absolvido.

Em principios de setembro mudaram-no para cima, para o 2.º pavimento. Ficou em frente da cela do Giesteira. Um dia fui lá visitá-lo. Falamos muito do passado. Recordamos o viver étnico dos penicheiros, as nossas palestras sobre a minha remota aldeia, etc. Depois veio a talhe de foice falar-se das nossas prisões. Êle contou-me toda a sua vida. Paroquiava uma aldeia em Fafe — creio que Ardegão. Quatro verdugos que por lá havia, e que não gostavam dêle, mandaram-no prender, e fizeram-no condenar a pena maior. Coitado! êle resignava-se, mas dizia-me na sua voz melodiosa:

—«Eu sou cidadão português. Naturalizei-me. Tenho um grande amôr a esta linda terra portuguêsa. Entretanto o primeiro fruto que colhi de me ter feito português foi isto. O Estado diz-me: «Sim, tu pódes ser

cidadão português. Nós estimamos isso. Vamos até arranjar-te uma casa barata para viveres. Não pagarás décimas nem aluguel. Vais para a Penitenciária, ou para Angola, se o preferires. E tudo isto para premiar o teu gesto de teres há muitos anos optado pela nossa terra.»

Eu ouvia-o, deleitado. O Padre Constantino é uma béla inteligência. Jornalista de valor, ha perto de 15 anos que redige uma revista: *A Propaganda Católica*. Escreve o português com a máxima correcção. Escreve-o e fala-o. Ha ainda nêle aquela acentuação estrangeirada, é claro; mas muita gente que com êle conversa supõe-no português de origem. Pois não. E' português, mas naturalizado.

Pois bem: o Padre Constantino, o nosso excelente companheiro, lá foi para Coimbra entre uma força de cabo, — tornar a ser julgado.

Tornar a ser julgado! é verdade!

Por ordem do Quartel General, o snr. capitão Pádua está a fazer uma sindicância aos actos do alferes Oliveira, em virtude das acusações que lhe fazemos no panfleto «*As vitimas dos pseudo-republicanos de Esposende.*» Há dias veio cá, ao Presídio, o ilustre sindicante. E' um homem nutrido e denota ser um excelente cavalheiro. Entregou-nos, um *Questionário* a cada um, para responder a 8 quesitos, nêle formulados. Não o transcrevo por que tornaria isto demasiado extenso.

O sr. Pádua irá a Esposende ouvir várias pessoas sobre êste assunto. Da sua comprovada dignidade, há a esperar sómente justiça. Se sua excelencia tivesse ido a Esposende com uma força como foi o alferes Oliveira, tenho a certeza que nenhum de nós aqui estava.

As acusações rancorosas dos sobas de aldeia podiam, quando muito, tê-lo feito rir...

LXXXVII

Sábado, 2 de novembro.

Da Arte, da Beleza, da Perfeição eu sou devóto. Trilogia magnifica, suprema encarnação, espiritualisação da matéria — eu vos saúdo. Admiro as altas concepções espirituais e as grandiosas manifestações das Belas Artes. Seduzem-me os marmores que vivem, as télas que irradiam luz e revelam as harmonias das côres, em tonalidades suaves. Maravilham-me os conjuntos arquitectónicos que prendem pelo monumental, e as linhas firmes, as linhas naturais das esculturas magnificas que dão vida a blócos de mármore e a bronzes caros, inestimaveis. Tudo isso é o pão do meu espírito, as incarnações da divindade que a minha alma adóra, a perfeição imaterial divinisada! Salvè Arte! A Belêza! Começo por encontra-la na Naturêza-mãe — receptôra da Luz, manifestação da matéria, envólucro do Espírito.

Que bélo o sol! Majestade, impreando nos azuis

cerúleos — deus bom, deus grande, deus magnifico! Que béla a Lua!

Lágrima luminosa, deslisando na face do infinito — como ela é encantadôra! Como o seu rebanho de estrêlas se pequenísa a seu lado, para lhe dar realce e grandêsa e poesia.

Lâmpada longinqua! Lampada do Céu! tu és a generosa protectôra de Romeu, a casta amiga de Julieta.

Foi à suavidade espiritual da tua luz celeste que se principiaram amôres, se selaram noivados.

Lua! eu te bem-digo! Sol! eu te saúdo. Ceus: Estrêlas...—Sinto a minha alma a expandir-se pelas regiões misteriósas do Desconhecido!

Oh! o Panteísmo! o culto da Fecunda Natureza — religião sagrada dos Homens de Arte, dos grandes Génios, dos Namorados... Como as almas dêles se extasiam ante as maravilhas grandiosas da Vida, desde as profundidades da terra ás incomensuraveis regiões interestelares! Essas manhãs primaverais com doirado sol a refletir em joias de orvalho; muitas verduras a enfeitar paisagens; flôres de hálitos embriagantes a despontar dentre vergeis colorídos; e serranias nevadas, distantes, fazendo os longes espiritualisados ao quadro! Como êles vêem tudo isso religiosamente, adorando!

E inda depois do findar do dia, a adoração continua, perante o maravilhoso. E' a noite, calma, luarenta, com estrêlas vivas a scintilar, nas profundidades dum céu de anil; os rouxinois, trinando árias admiraveis nos salgueiros, e insectos, zumbindo pelas moitas, ao mesmo tempo que o mar se prateia pelos reflexos de Teh — a béla, a Artemisa egípcia, a esfinge que ininterruptamente segue no zodiaco a viagem que o Destino lhe marcou *ab initio* e *in perpetuum*.

Tudo parece espiritual, imponderável, divino. Sen-

tem-se arroubos de admiração, extases de misticismo que nos alheiam por momentos do materialismo da vida!

Natureza! bendigo-te! Bendigo-te, ó Beleza. E á tua suprêma incarnação:—a mulher!

Ah! a mulher... Eu vi já, rente a mim, essa mulher ideal que os poétas têem sonhado. Viu-a bem o meu espírito. Presentiu-a a minha alma!

Tinha uma face risonha como a das virgens de Ossian, tinha uns olhos prêtos, ternos, magnificos, como os da Beatriz do Dante e um cabêlo escuro, ondeado, caíndo em caracóis gracis ao longo da cinzelada fronte.

O seu busto era uma Escultura fidiêsca, todo o conjunto—uma perfeição plástica, completa. Como é béla a curva do seu seio. Como é dôce a ternura do seu olhar! Quando ri, descobre uma fiáda de pérolas de Ofir, muito iguais, brancas como o jaspe.

E, se um ar de tristeza passageira tolda a face rosada da camélia mística—ah! então prevêjo a palidez de Ofélia—a dôce palidez das virgens divinizadas, das Julietas que morreram de amôres, em tristes tardes de outôno.

. . . . . .

*

Foi nisto que deu a falta de assunto que vai subjugando a gente neste isolamento barnabiano.

Que diábo! Alguma coisa se ha de escrever num triste dia de outôno como o de hoje.

Faça-se então prósa—para passar o tempo!

LXXXVIII

Domingo, 3 de novembro.

Foram hoje julgados aquêles individuos de Vimieiro e Priscos—7 ao todo—que serviram de testemunhas no processo de Ferreiros. Um dêles era o *Gato* do Presídio, o Jerónimo Pereira, barbeiro; outro o *Fogueteiro;* e ainda outro aquele, Francisco de Carvalho.

Este *Fogueteiro* é um tipo interessante. Tem talvez 18 anos, e um aspecto boçal, mas engraçado.

O pai dêle está na Penitenciária de Coimbra com 20 anos, acusado de auxiliar a dinamitar as vias-férreas e pontes, conjuntamente com o abade de Sant'Ana de Vimieiro e o Morgado Francisco António, que foi denunciado por uma santa criaturinha: — o abade de Gemêses, o tal Cavaleiro da Triste Figura. Denunciou para «prestar relevantes serviços à República», já se vê. Pobre Francisco António! a quem foste confiar os teus segrêdos!... Não sabias que êle era o mais austero republicano sub-lunar?

O *Fogueteiro* e o Francisco Carvalho ficaram absolvidos. O Jerónimo apanhou 6 mêses e os outros foram condenados a pena correcional, desde 6 mêses a um ano. Foram felizes, ainda assim. Os homens tinham-se embriagado nêsse 6 de julho, e andaram de armas ás costas, ás ordens do abade, que era o comandante da tropa.

Lá o *Fogueteiro*, êsse tinha apenas ido, a pedido da mãe, na peúgáda do pai « vêr para onde êle ia. »

Quando cá deu entrada, em setembro, quís logo saber, de toda a gente, se seria condenado.

O Manuel Neves dos Santos indicou-lhe um advogado que morava no segrêdo 1, adiante, para o lado da cêrca. Era eu. Todas as vezes que me podia falar o pobre *Fogueteiro*, numa voz lamurienta, perguntava:

—Sr. doutor! serei condenado ou não?

—E's—dizia eu invariavelmente.

—Mas eu não fiz nada, senhôr doutor!

—Levaste o saco do dinamite.

—Foi meu pai; eu, não.

—Apanharás só um ano.

—Um ano? Não aguentarei os 20 como meu pai?

—Talvez não.

Mas nos ultimos dias o pobre rapaz andava numa aflição. Dizia a toda a gente que ia ser condenado, que estava inocente, que a mãe morreria de desgosto, etc., etc.

O Jerónimo Gato dizia-lhe:

—Sempre és muito burro! Porque has de ser condenado? Quem to garantiu?

—Foi o senhôr *doitor.*

—E's maluco! Êle diz isso para te ouvir.

—Êle já viu até no Código das leis, um livro muito grande que êle lá tem. Só os letrados tem daqueles livros. Demais o sr. doutor sabe tudo. E' um sábio.

—E's tôlo. Tu ficas absolvido. Eu é que não sei...

Dali a momentos o *Fogueteiro* chegou ao quarto de Giesteira e chamou-me:

—Sr. doutor! dá-me uma palavrinha?

Fui. Era só para me dizer que ia ser amanhã julgado. Ficaria condenado ou não? Eu que o desenganasse.

—Ficas absolvido, rapaz! Conta com isso. E ficou absolvido. O Jerónimo é que, mercê da maldição de D. Gato, ficou com 6 mêses. Tem até fins de fevereiro de 1913.

Em Guimarães, naqueles infernais dias de julho houve uma denúncia contra um certo Manuel da Silva, homem que, segundo a opinião dos defensores modernos do regime, devia ser perigosissimo para o bem-estar geral. Quem era este terrivel conspirador? Ninguêm sabia. Oh! senhôres! mas isto não podia ficar assim! Perguntasse-se aos regedores se havia por lá algum Manuel da Silva!—«Ha por'i algum Manuel da Silva? Prendam-no, senão estamos perdidos.»

E cada regedor na sua paróquia começou a procurar pelos casais um individuo com aquêle nome:

—Como se chama?

—Manuel da Silva.

—Em nome da República está prêso.

Noutra freguesia outro regedor igualmente zeloso pelos interesses de seu amo, indagou tambem:

—O amigo chama-se...

—Manuel da Silva.

—E'-me pedida a sua captura.

—O' senhôr! Mas eu...

—Em nome da Lei. São ordens.

E lá seguiu outro Manuel da Silva para o convento das Doroteias. E das Doroteias para o Presidio de Sam Barnabé, para o 3.º pavimento, lá para cima.

Pois senhôres! hoje o quartel general mandou para cá ordem para soltar um dos dois *Maneis das Silvas*, que cá estavam...

Qual dêles? Um à sorte! Guimarães fica tranquilamente em paz com um só Manuel da Silva prêso. O outro pode-se ir embora. Foi engano!

Belos processos estes. Estes pobres rapazes eram dois moços de lavoura, quase imberbes, que mal nenhum podiam ter feito. Enfim...

Deixa correr.

LXXXIX

Segunda-feira, 4 de novembro.

O padre José António da Silva Alvaro, foi ha dias prêso na fronteira da Beira e mandado para Braga, acusado de anarquista perigôso.

Que fez êle?—Dinamitou o túnel da Louzã, diz a queixa.—Padre Alvaro, que paroquiava uma aldeia da Beira, vendo-se perseguido fugiu para os montes, atravessou a fronteira e fez-se hóspede da Espanha. Mas ha coisa de 15 dias precisou de vir á terra tratar duns negócios. Como a sua barba *á guise* o transformava por completo aventurou-se a calcar sólo português. Uns guarda-fiscais, supondo-o contrabandista, prenderam-no. E uma vez na Guarda foi reconhecido como conspirador.

Deu aqui entrada hoje ao fim da tarde. Coitado. Tive imensa pena dêle. Declarou-me que era um perseguido. Para fugir ao horror das prisões abrigára-se na Espanha. Não tinha nada com a conspiração.

Depois confessou-me que era muito pobre. Por isso ia sujeitar-se ao rancho. Não tinha meios para se alimentar á sua custa. Eu disse que o rancho era bastante grosseiro e que talvez o seu estômago o não recebesse. Era invariávelmente feijão com macarrão, ou um caldo grosseiro de couves amarelentas.

— Paciência — disse êle tristemente.

E como hoje não tinha direito ao rancho reparti com êle do meu jantar.

Ao que este pobre homem chegou! Mal vestido, mal alimentado, mais parece um jornaleiro, um pobre operário, que um padre, um homem que consagrou anos ao estudo. Entanto é inteligente, culto, muito agradável.

Por pedido meu, o chaveiro conservou-lhe a porta abérta até de noite. Eu, Giesteira, Anibal e várias visitas nossas, intertivémo-lo durante muito tempo. Depois o chaveiro aferrolhou-o e nós ficamos a passear no corredôr até ás dez da noite.

Os *Ecos do Minho* semanário bracarense, um pouco conservador, trazía hoje o seguinte:

«O «COMPLOT» DE ESPOSENDE

Consta-nos que na proxima quinta-feira respondem no tribunal de guerra de Braga os presos politicos de Esposende.

A opinião pública e as auctoridades civis e militares estão intimamente convencidos da inocencia dessa gente que ha tres mêses aguarda em Sam Barnabé que se lhes faça justiça.

Ora para que se faça justiça rigorosa é necessário que se libertem os que gemem inocentes nas prisões e se inclausurem os delatores sem escrupulos, que puzeram as suas paixões e as suas vinganças pessoais acima do bem da Patría, acima do direito.

Conhecemos bem quanto é recta a justiça do tribunal de guerra, quanto é digno e honesto o caracter dos julgadores.

A opinião pública está do lado dos oprimidos. Que os opressores sofram o desprezo que merecem, que os delatores sejam castigados com rigor.

Dante-mão podemos afirmar que assim sucederá.

Dizem-nos que em Esposende *alguem*, que pelas suas asneiras presénte o terreno fugir-lhe debaixo dos pés, convoca reuniões de corporações administrativas para protestar contra as afirmações do folheto «*As victimas dos pseudo-republicanos de Esposende*» e do jornal «*A Rotandade*» e contra a protecção que os republicanos de Braga, díspensam ao sr. Martins Giesteira e seus amigos.

Isso não tem importancia moral, porque lá todos sabem de que lado está a verdade, e aqui todos conhecem já o cadastro e o caracter dos perseguidores.

Por isso é inutil tentarem defender-se.

Nos tribunais militares faz-se justiça, não se servem nulidades odientas. Para os dignos de justiça suplicamos justiça.»

Quase todos os jornais de Braga se teem referido a nós com palavras de amigos e pedindo justiça, muita justiça.

Alêm da *Rotandade*, e dos *Ecos do Minho* escreveram de nós: *O Comércio do Minho*, *O Amigo da Religião*, *Noticias do Norte*, etc.

Convém advertir que este último, por sinal um jornal muito bem feito, é Republicano Radical, órgão do partido Democrático, em Braga! Convem saber-se isto.

XC

Terça-feira, 5 de novembro.

E' hoje ocasião de relatar, mas muito resumidamente, a minha entrevista com aquêle pobre gato que no dia 22 foi vítima da ociosidade dos meus camaradas.

No quarto do Anibal, êle, coitado, procurou abrigo debaixo da cama. Julgava-se mal seguro em toda a parte, dentro do Presídio. Êle convencia-se que tinha entrado numa jaula de animais ferózes — chacais ou panteras.

Dês que entrei, reconheceu-me. Chamei-o. Saíu de lá desconfiado, olhando de soslaio e foi encostar-se ao vão da janela.

— Meu pobre amigo — disse-lhe — trataram-te muito mal. Esta gente não te conhecia. Desculpa.

Êle respondeu-me, lambendo as hispidas barbas com a lingua:

— Eu fiz sempre da humanidade um péssimo con-

ceito. Tu sabes já isso. Em parte essa ideia tinha-se-me desvanecido com o teu delicado procedimento para comigo. Eras amigo dos animais que vocês, os homens, consideram inferiores; e eu fui forçado a acreditar que talvez houvesse muitos homens como tu. Hoje, meu caro, tal ideia desvaneceu-se-me completamente. Um homem é uma féra. Eu tinha-o já classificado como a maior féra da terra. Hoje devo declarar-te que o considero como a maior féra dos mundos, do cosmos todo. Vê tu o que me fizéram! Ataram-me uma corda ao pescoço, como se eu fôsse um criminôso digno da fôrca. Depois balouçaram-me como pêndula de relógio e fizeram-me descrever um circulo tornando-se o meu corpo geratriz duma circunferência de dois metros de diámetro,

E o pobre parou cançado, arquejante. Depois lambeu o fio do magro lombo, onde se doría, e continuou:

—Sinto uma pressão enorme sobre a garganta. Falta-me o ar. Sinto que a vida me foge. Ah! Malditos sejam os selvagens que habitam esta casa e que tanto me maltrataram. Devo dizer-te que protesto contra a designação de *gato* que vocês dão áquêle figurão, em cujo quarto tam mal recebido fui. Um gato, um autêntico gato, não procederia para comigo tão estupidamente. Sei que êle vai ser brevemente julgado. Será condenado.

—Oh! compadece-te do pobre diábo. Êle não te conhecia. Não déves concorrer para que êle seja condenado. Lá o facto de êle te maltratar não deve influir nisso. Sempre são vinganças á...

—A' humana. Sim: vinganças á humana era o que tu querias dizer. Está bem. Mas vocês, os homens passsam por ser os indivíduos mais perfeitos do universo e vingam-se conforme podem. Eu farei o mesmo E fazendo o mesmo talvez tu queiras dizer que proce-

do como aquêles animalótes de Esposende que vos perseguiram infamemente. Mas não: os de lá, da beira-mar, procederam por inveja e eu é por justiça. Não me tens tu dito que o padre Giesteira está aqui prêso por valer muito mais que certo tiranête que ha lá pela vossa terra? E tu? E todos os teus companheiros?

—Nós outros estamos prêsos, em principio, por sermos amigos dum verdadeiro amigo.

—Bem. Vocês estão prêsos por terem caracter por serem amigos de quem lhes merece amizade... Como são maldosos os homens! Como êles se perseguem uns aos outros tão sanguináriamente! Que eu odeie a humanidade, pelos seus crimes, pela sua depravação — vá. Ainda ha pouco me déram motivos para isso. Mas que os teus semelhantes, só porque tu não elogias o procedimento duns e és amigo dos contrários, te encerrem numa prisão, custa a crêr. Olha! Eu tenho um dom profético. Vocês serão absolvidos! e os vossos perseguidores hão de, a pouco e pouco, ter o destino que leva o fumo. Ou hão de desaparecer da vossa terra, porque toda a gente os escorraçará como cães tinhósos, ou hão-de acabar seus dias numa prisão como prémio de seus crímes.

—Pois não lhes desejo isso, amigo!

—Homem singular és tu! Fazes-me lembrar um velho filósofo galileu chamado Ieschú que apresentava a face para ser esbofeteado. Boa moral, mas impraticável e nada humana. Recorda-te daquêle velho prasenteiro e gracejante que dizia—«Eu cá sou muito amigo do meu semelhante. Se êle me empresta cinco tostões, eu na primeira ocasião empresto-lhe dez; se êle me faz um favor, eu faço-lhe dois; se êle me dá um beijo, eu dou-lhe dois; e se êle me tira um olho, eu tiro-lhos ambos!...

. . . . . .

*

Muito mais me disse ainda o bom gato. Mas isso ficará para mais tarde. Mesmo por que chegou a hora do jantar. E êle logo que pressentiu o Anibal entrar no quarto com a mulher do cesto esgueirou-se, medorento, para debaixo da cama.

No fim de jantar, quando ia para o procurar de novo, não o encontrei. Disse-me então o Anibal que êle tinha reconhecido na velha creada do Hotel Aliança um antigo conhecimento. Saltou-lhe para o cesto e lá foi em cata da liberdade.

Eu fiquei pesarôso. Demais a mais invade-me o receio de que o aproveitem no hotel fazendo-o passar por boa lébre...

Pois é pena! Um gato tão sagaz!

XCI

Quarta-feira, 6 de novembro.

Ainda hoje, de manhã, não foi concedido rancho ao padre Alvaro. Eu e Giesteira fornecemos-lhe o almôço, ás 11 horas. A' noite deram-lhe uma lata para encher de rancho. O pobre, coitado, não o pôde comer.

Dizem-nos que no proximo dia 7 seremos julgados. Na nota da culpa que nos foi hoje distribuida, e que consta de 6 laudas de papel para cada um, ha uma nota a lapís que diz—*Dia 7.*—Assim fôsse. Mas no caso de o coronel Silva Dias, presidente do Tribunal de Guerra, demorar em Lisboa, onde foi chamado, ficará adiado o julgamento, lá para 12 ou 13.

De Viana do Castelo chegaram hoje 23 prisioneiros politicos, entre os quais duas senhoras. Sete ficaram em Sam Barnabé; os restantes foram para a cadeia. Entre os que aqui ficaram está o *chauffeur* do rico industrial João de Magalhães, mais conhecido vulgarmente por sr. *João do Cais.* È um sujeito obeso, já velhote: o

sr. Filipe, um capitalista de Caminha. Tambem aqui ficou um rapazito dos seus 14 anos—que tremendo conspirador o João do barreto de lã!—e um velhote dos seus setenta anos, creado duma das senhôras que está presa na cadeia, e, ao que parece, seu denunciador.

Este velhote é agora o meu vizinho. O seu quarto é o que ocupou o felizardo Sá Pereira, que a estas horas anda aos coelhos pelo Faro, ou pelas veigas de Fonteboa, ás ultimas codornizes.

Os senhôres sabem lá quem é este velhote?

Um valente conquistador. Ora vejam!

O tio José ha seis mêses teve a grande habilidade —que tratante!—de desflorar uma ladina creadinha da patrôa. Contou-me isto o *chauffeur*, relatando pormenores que provocavam o riso.

Achei graça á historia; por isso quís intrevistar o meu novo vizinho. Soube então do caso.

—Olhe senhor—disse-me êle—a rapariga botou-me a culpa mas a obra não era minha. Era lá dum barbeiro, um rapaz novo. Eu? isso sim... Depois a senhôra, lá a minha patrôa, queria que eu casasse com a môça, mas eu...

—Mas você, não quís não é assim!

—Pois bem entendido. Eu não tinha feito nada.

E o velho *D. Juan*, que faz a barba na cara toda e tem um aspecto boçal, riu-se, com um riso malicioso e acrescentou:

—Que... lá a rapariga bem geitosa é!

—Bonita, heim?

—Comum cravo. E deu pormenores: coradinha, alta, de seios tumidos...

—Ah! seu maganão. Você foi quinhoeiro...

—Na... na!... Eu, senhôr, sou já velho... Não podia...

—Qual não podia! E se a rapariga era assim apetitosa... Isso então.

Mas o desdentado conquistador quís saber como tivera eu conhecimento do caso. Foram os companheiros, decerto. Que más linguas!

—Pelos jornais—disse eu.

Quê? Pois as gazetas falaram dêle? Eu afirmei. E lancei-lhe em rosto a má acção que êle tinha praticado, denunciando a patrôa como conspiradora. Êle negou, e contou lá o caso a seu modo. Mas o facto é que os prisioneiros vianêses contam que o homem, para que a ama o não obrigasse a casar com a môça, a denunciára, relatando que havia lá em casa reuniões nocturnas a que assistiam oficiais do exercito.

Eis o estratagema de que se serviu êste velho e rude *D. Juan*, para fugir a um compromisso desta ordem!

Já de noite, na cama, disse-lhe pelo buraco da fechadura:

—Ti'José? Não sonhe com a rapariga!

—Ah! meu senhôr! O que eu queria era caçar-me solto. Estou bem inocente. Prenderam-me por dizer a verdade...

*

Falei eu já dos *complotistas* de Barcélos, mas não disse tudo. Faltou ainda narrar um episódio interessante no qual esteve envolvido um comerciante, e onde desempenhou papel burlêsco um oficial da administração do concelho.

Contaram-me o caso assim: o comerciante sr. Félix Joaquim Rodrigues foi chamado á administração do concelho afim de prestar informações acêrca do paradeiro dum Manuel de Souza Machado, «O Ventura», que se tinha ausentado para parte incerta, depois

duma refréga nocturna em fins de junho, nas ruas de Barcélos.

Não sei o que se passou com o administrador. O certo é que ao sr. Félix Rodrigues foi dada voz de prisão, com a clausula de seguir dali para Valença acompanhado pelo oficial em questão, um finório chamado Rodrigo Machado, irmão dum outro finório de Esposende «S. Senhoria», o carbonário Alexandre.

Chegados a Valença, o *Argus* policial ditou uma carta ao Félix para ser enviada para Tui ao «Ventura» chamando-o a Valença «para lhe dar um recado».

E' engenhoso, não é? Parece assim um capítulo dum romance de Ponson... E' impossivel que estes nossos «policias» não deem todos em fabricantes de novelas, na impossibilidade de poderem ser Sherlock Holmes!

Escrita a carta e mandada para Tui, não veiu resposta.

O homem da outra banda disse com os seus botões:

—«Aqui ha gato». E não apareceu. Passaram-se assim uns dias até que o sr. Félix, farto de esperar, propôs ir êle mesmo procurar o homem.

Isso é que não... O sr. saír-me das unhas? Hom'essa! Até o diábo se riria. E o «Sherlock fez-lhe talvez uma careta que quereria dizer: «Tu és fino, mas eu sou muito mais».

—Oh! senhôr! disse de lá o Félix, já com a pedra no sapáto: você pensa que eu que quero fugir? Se eu estivesse comprometido, vá; mas você bem sabe... eu... afinal...

—Sim, sim... —fazia o outro.

—E havemos de estar aqui eternamente? Isso não tem geito. Eu tenho lá a minha vida. Se você desconfia, aqui fica, sob penhor, a minha carteira que contém 200$000 réis. Eu vou e trago o homem.

O Rodrigo pensou um bocadóte: Diábo! Duzentos mil réis? Duzentos mil réis é alguma coisa... E aceitou o negócio.

— Bem: vá você lá buscar o homem.

A caminho de Tui, já livre das garras policiais, Félix Rodrigues, ria íntimamente. Estava salvo! Depois, na terra de Galiza, não lhe foi dificil encontrar quem procurava. E ambos, passeando, corriam as *cales* e falavam do incidente, da carta ditada no hotel Valenciano, da incursão couceirista que se tinha dado nêsse dia.

Estavam os dois em alegre cavaqueira, quando lhes apareceu o Rodrigo, todo diplomata, muito senhôr de si, com um convite amavel como se fôsse para um jantar de anos:

— Vamos lá, meus senhôres?

— Para onde?

— Para Barcélos. Que fazemos por aqui?

Então o Félix com um riso mordás e vingativo:

— Você está tôlo! Então não sabe que o Couceiro vai sobre Braga com 20:000 homens? Por Trás-os-Montes e Beira houve igualmente outras incursões... E' o que consta. Ouça o que dizem ali aquêles cavalheiros. — E indicou-lhe um grupo, a dois passos dêles.

Lá dizia isso. Rodrigo tremeu:

— Heim! Mas será verdade?

— Pois que dúvida! Veja o que êles dizem. Rodrigo aguçou o ouvido. Mudou de côr. Perdeu a fala.

E o velháco do Félix:

— Creia, sr. Rodrigo, que se não fôsse o estado anormal em que se encontra a nossa terra, de bom grado o acompanharia... Assim... Caramba! nada mais natural que uma bala perdida, uma descarga cerrada sobre o comboio, um descarrilamento... Creia que é só com mêdo disto. De resto...

— Sim, sim: diz bem. Tem razão.

Rodrigo meteu a mão ao bolso, tirou a carteira dos duzentos mil réis e entregou-a a seu dono:

— Aí tem. Se a monarquia triunfasse...

E raspou-se para Barcélos, sózinho. Tinha levado um com o engôdo, para trazer outro. Voltou sem nenhum e em risco de ir parar á cadeia substitui-los. Que susto pobre Rodrigo! que susto! Se fôsse o mano Alexandre, as coisas não corriam assim. Esse era homem de prender os dois trocistas em Tui, mesmo nas barbas da *guardia* civil!... Lá isso era.

*

Os sr. dr. Vieira Ramos e o sr. Visconde da Fervença foram tambem apontados como conspiradores. Ao primeiro, que é um dos cavalheiros mais respeitados de Barcélos e que foi em tempos idos varias vezes deputado, passaram nas casas da sua residencia e escritório minuciosas buscas que resultaram infrutíferas. Ao segundo, que é tambem muito respeitado e foi, como progressista, influente politico, de valor, alêm de lhe rebuscarem a casa, prenderam-no na praia da Apúlia, trazendo-o sob custódia para Barcélos, onde o conservaram detido. Foi posto em liberdade ao segundo dia, por nada se ter provado contra a sua pessoa.

*

E como falo de buscas ocorreu-me agora um pensamento: é que, ali, num quarto proximo, podia muito bem estar agora o sr. dr. Leal Sampaio, juís de Esposende.

Na casa da sua residencia, na Povoa de Varzim, foi, em meados de julho, passada uma rigorosa busca na

ancia de encontrarem algum caixote de *Browning*, ou um feixe de carabinas.

O sr. dr. Leal Sampaio é um cavalheiro muito respeitado que tem o bom senso necessário para não querer saber de politica. Entretanto isso ainda hoje é escudo pouco protector. Se os seus inimigos se lembram de o «ter visto conspirar» — não havia remédio — cá o tinhamos.

XCII

Quinta-feira, 7 de novembro.

Não respondemos hoje. O presidente do Tribunal ainda não regressou de Lisboa.

Por Esposende diz-se que, por influência de Fulano e Beltrano, não seremos julgados tão cedo.

A *Dezena dos Abencerragens* proclama vitória. Vitória, porque? Por já não sermos julgados no dia 7. E para se darem importância afirmam que o coronel Silva Dias foi chamado a Lisboa para receber instruções e nos condenar—«*ao menos no tempo de prisão já sofrida.*»

Ah! pobres diabos. Então já basta o tempo de prisão sofrida? A principio desejaveis 20 anos de degrêdo, agora contentais-vos com 3 mêses e tal de prisão! Creio que vos enganais. A nossa absolvição é exigida pela opinião geral, e pela consciência pùblica. Sabeis o que isto vale?

*

O que se tem passado por Esposende nestes últimos dias! Nem imaginam! A Camara de Esposende, da presidencia dum cidadão de côr, *em nome e em serviço da República*, expediu convites aos professores primários, regedores e comissões paroquiais, afim de comparecerem na vila para protestar contra o panfleto que nós publicamos. Já *O Mundo* de 5 de novembro sob o titulo *Em Esposende — Respondendo a vis calúnias*, trás o telegrama que a *camara* de Esposende dirigiu aos srs. ministros do interior, governador civil e presidente do tribunal militar de Braga.

É assim:

«A camara municipal de Esposende, pela primeira vez reunida em sessão depois de publicado o folhêto *As vítimas dos pseudo-republicanos de Esposende*, cuja autoria pertence aos conspiradores politicos dêste concelho, actualmente no Presidio de Sam Barnabé, em Braga, protesta em nome do povo (1) contra as calúnias e infâmias contidas no repelente pasquim no qual é visado especialmente o ilustre administrador dr. Fonseca Lima cujo caracter recto e profunda dedicação pelo actual regime são mal vistos e odiados por aqueles que mais clara ou mais encobertamente tentaram fazer baquear a nossa querida República. — Presidente (a) *Firmino Loureiro*.»

---

(1) «Em nome do povo»? De que povo? Acaso o povo foi quem vos elegeu? Acaso essa camara representa a sua soberana vontade? Não digais «em nome do povo» que blasfemais, faltais á verdade, mentís. Dizei antes: «em nome do nosso senhôr, do dono de tudo isto...» Para provar que não foi em nome do povo basta voltar os olhos para esse inolvidavel domingo de 17 de novembro.

Eis como o povo estava ao vosso lado.

A nossa querida república! Olha o Firmino a falar da querida senhôra! Pensei que só os europeus sabiam dizer essas coisas. Dantes para esta gentinha a querida senhôra era a outra, a que faleceu caquéctica... Que ingratões!

*

Ora o que a Camara fez está perfeitamente na ordem directa das coisas.

A creatura nunca se deve voltar contra o creador. O creador exige? manda? — A creatura dobra o dorso e executa.

Pois fez-se a reunião. Assistiram, segundo calculos dum transcendente correspondente do *Mundo*, 700 pessoas numa sala onde apenas cabem 200. E' quase um milagre como o da multiplicação dos pães...

O' sr. correspondente? Não seriam 700 braços e pernas o que o sr. contou na sala do tribunal? Devia ser isso.

175 homens, não sendo côxos ou mancos, devem ter, numeros redondos 700 braços e pernas. Nesse comício falaram o dr. Mota, João Vasconcelos que anda a fazer ensaios de oratória e o dr. Torres, escrivão de direito.

A'manhã direi mais alguma coisa a este respeito.

*

Tambem já cá tivemos conhecimento de que o administrador de Esposende escreveu e fez distribuir um folheto a defender-se!? Êle póde lá defender-se de nada? Quem acredita? Lá para a sua *dezena de abencerragens* nem era necessário escrever nada... Êles, coitados, acreditam no seu Messias...

XCIII

Sexta-feira, 8 de novembro.

Pro domo mea, heim! Cá está um latim que diz bem, como titulo, num livréco do sr. Fonseca Lima.

Pro domo mea é como quem diz «por minha casa» ou «pela minha péle». E' um «deixa varrer a testada a vêr se me acreditam.»

Acabo agora mesmo de lêr a insulsa prosa do nosso sultãosito! E' a sua primeira obra literária e com franqueza o trabalho material não é mau. Bem ímpresso e bem brochado. Tem uma capa amaréla — o amarélo é o símbolo do desespero — e diz dentro muita coisa, muita coisa, muita coisa...

Tem 20 paginas. Nas primeiras 19 o autor faz o seu elogio; e na vigéssima diz que o Giesteira e Aníbal são dois bebados. Data e assina.

Nada mais. Pensam os srs. que êle afirma ou confirma que nós sejamos conspiradores? Que alega mais alguma coisa para nos condenar? Qual? Apenas fala

nuns «dois anafados cavalheiros desta vila que tinham ido á Galiza nas vésperas da incursão.»

O' sr.? faz favor de me dizer por que razão não prendeu êsses dois anafados cavalheiros que de mais a mais «tinham dito que no dia havia de correr sangue a jôrros?»

Ora por que não prendeu! Porque não quís. Só foi prêso quem convinha naquela ocasião. E os dois anafados cavalheiros... Nada: o seguro morreu de velho...

Demais a mais no comício de Esposende, o sr. dr. Torres, que, diga-se a verdade, é um homem de juizo, mostrou mais uma vez que «em Esposende, graças á atitude do sr. administrador não tinha havido absolutamente nada, na ocasião da incursão de julho. Por isso, êle, orador, lembrava que seria conveniente ir dali tudo em romaria com o abade de Gemêses á frente, num andor, solicitar de sua ex.ª que não pedisse a demissão de administrador do concelho.» Isso, realmente, seria uma perda nacional. Creio que o sr. Torres não teve uma única palavra de afronta para os prisioneiros. Como amigo do homem, disse dêle o melhor que pôde.

O dr. Mota pintou a bréca. Disse-as amarélas, brancas, e côr de burro quando foge! Esmurrou a mêsa, blasfemou contra os grandes criminosos, especialmente contra Giesteira, etc.

João Vasconcélos é tambem um joven turco que anda a fazer tirocínio para orador. Mais tarde ou mais cedo temo-lo a ocupar uma cadeira de senador no parlamento português. Votos não lhe hão de faltar. Botas não sei.

Este tambem disse muita coisa. Mas ninguêm sabe contar o que o homem lá disse. Foi um verdadeiro embróglio. Entretanto lá por casa do orador acharam êsse discurso uma maravilha superior ás «banalidades» de Demóstenes...

Ah! senhôres! o pobre Rosalino está vingado. *O numero terrivel da Luz da Razão* saíu em 2.ª edição. A *princeps* esgotou-se.

*

Fomos hoje citados por um cabo de infantaria 8 que faz serviço no Tribunal de Guerra para respondermos na proxima terça-feira. Ora ainda bem.

A justiça não se verga.

XCIV

Sábado, 9 de novembro.

O *Pro domo mea* é uma comédia em 3 actos. Foi assim que o classificou um espirituoso amigo que no-lo trouxe, para vermos.

Hoje foi lido em família, para todos apreciarem! A gente riu-se muito, já se vê. Até o João Domingues, gaguejando, perguntou:

—Mas afinal o que diz êle?

—Isto que vistes, João.

—Mas êle só diz que o sr. Reitor é jogador e bebado e o sr. Anibal tambem. Veja lá se diz que nós que conspirámos!

—Se o pudesse dizer!... Mas felizmente não póde.

E continuamos durante algum tempo a fazer uma crítica jocosa. Depois, encarando as coisas por outra face, compreendemos a jesuítice do homem. O facto de publicar a sua catilinária nas vesperas do nosso julgamento, tinha por fim ver se influia no ânimo dos nos-

sos julgadores. Mas no Quartel General e no Tribunal de Guerra já, felizmente, conhecem os processos do sujeito. A um graduado militar que faz parte do Tribunal ouviu um nosso amigo dizer:

—Este folheto do administrador de Esposende é uma explêndida defeza para os acusados. Que temos nós que Giesteira seja bêbado ou jogador? Aqui não se julgam tricas. Esse sr. Lima teria lucrado se tivesse tido o bom senso de não escrever isto.

O nosso amigo aventára mais uma pergunta: «Se os colegas de Sua Ex.ª pensavam da mesma fórma.»

—Exactamente. Não há uma divergência. Estamos plenamente convencidos de que os homens tem razão. O panfleto dos acusados foi escrito talvez com um pouco de rancôr. Mas traz grandes verdades que o administrador não tentou sequer desfazer. Logo que os acusadores dêstes homens são assassinos e gatunos e até conspiradores êles, os acusados, hão de ser fatalmente homens de bem. Isto é lógico. E' sempre um patife quem acusa um homem honrado. E se é um homem honrado quem denuncia um patife fá-lo sempre a peito descoberto.»

Estamos, pois, tranqúilamente. O jesuíta não faz vingar os seus processos.

Resolvemos responder ao aranzel com uma folha solta para elucidar mais um pouco o povo e o Tribunal.

Hoje de manhã no quarto de Giesteira encontrei num quarto de papel as seguintes espirituosas quadras que merecem registo:

«O Dr. Fonseca Lima
Anda todo envaidecido
Por ter escrito um folheto
Que não merece ser lido.

Só o *Batata* (1) admira
Seu talento genial
E diz que sua ex.ª
E' um homem sem igual.

O Vasconcelos, (2) um tal
Que tem finura de rato
Pucha o chanfalho do pai
Para qualquer desacáto.

O Duarte, agradecido,
Com a lagrima, dorido
Saúda Fonseca Lima
Por ser pai do Filicidio.»

Não estavam assinadas estas quadras; mas eu suponho que conheço muito bem o autor. Que graça! que graça tem os versos do Graça.

---

(1) «Batáta» — Tubérculo pedagógico, desconhecido a Lineu, Notavel porque só médra á sombra benéfica das arvores frondosas. Dá graxa. Da rama fazem-se capachos. No campo livre não produz nada e origina uma moléstia infeciosa: — a *Retoriquite Pedante*, muito vulgar, infelizmente.

(2) Vasconcélos. Poliglota assás notavel. E' o único cidadão português que lê os jornais de todo o mundo... Desde os grandes diários da Laponia ás gazetas transcendentes de Kamskata — conhece tudo... Em todos os seus «ofuscantes» discursos há citações de jornais estranhos: «Li em *Le Matin...*» (Êle pronuncía á portuguesa). Vi no «*Times...*» O importante diário «*New York-Heraldo*» dizia ontem... «Num dos melhores jornais do Celeste Imperio o *Kin-Fo-Lu* trazia umas referências á minha pessôa... etc., etc. A gente até fica esmagada com a pesada erudição do homem dos comicios!

Mas mal eu tinha acabado de lêr estas quadras e já um amigo me apresentava noutro fragmento de papel o seguinte:

Eu li o *Pro domo mea*
Do Dr. Fonseca Lima;
E' uma obra de mão cheia,
Daquelas de costa acima.

Tem de espirito carradas
E de estilo arroba e meia
Mas tem tambem, desgarradas
Asneiras grossas...

Estava incompleto o último verso. Naturalmente o poeta encontrou dificuldade em achar rima adequada, porque a palavra que se seguia a *grossas* estava riscada e com um borrão em cima.

Quem teria sido o autor destas duas quadras?

—Não sei. A letra era-me desconhecida. Entretanto suspeito dum amigo meu que faz versos nas horas vagas...

*

Os professores primários de Barcelos convocados por Isolino Caramalho, e com o auxílio de Oliveira Passos, de S. Bento e Luiz Coelho, de Vila Cova realizaram no dia 31 de outubro em Barcelos uma reunião de protesto contra o facto de estarem prêsos em Sam-Barnabé dois professores primários. No dia 28 de outubro Isolino tinha endereçado a quase todos os professores do país uns cartões impressos onde se relatava o nosso caso. Aí se dizia que já tinha recebido adesões

de Bragança, Ribeira de Pena, Sinfães, Figueira de Castelo Rodrigo, Reguengos de Monsarás, etc., etc.

Grande número de professores de Barcélos, Famalicão, Viana do Castelo, Braga, Póvoa de Varzim e Ponte do Lima vieram assistir a essa reunião, sendo nela resolvido prestarem toda a solidariedade aos colegas prêsos e vir uma comissão a Braga entender-se com o presidente do júri, como de facto veio. Contavam tambem que compareceriam os professores de Esposende. Mas de Esposende apenas apareceu o professor Queiroz, da escola de Forjães. Os outros...

Ai! os outros teem uma historia interessante. O professor Alfredo Viana de Lima, da escola de Esposende a um primeiro convite feito por Isolino, em meados de outubro, compareceu em Barcélos. Ali, em frente daqueles bons amigos disse que de facto os professores «estavam inocentes e eram dois bons republicanos, o Anibal principalmente.» Ficou assente êle ir para Esposende convocar os seus colegas para se unirem aos de todo o circulo e aos de todo o país.

Mas, sabem? O Alfredo, este rico sr. Alfredinho, este lindo amigo de Peniche contou ao patrão o que se passou em Barcélos, segundo parece, e foi convenientemente amestrado no que havia a fazer; ou então manobrou de *voto proprio* e da seguinte fórma:—Dirigiu aos colegas um enigmático convite, para comparecerem tal dia «afim de se ocuparem dos professores prêsos.»

Vieram todos! Uns, a maior parte, com um grande desejo talvez de serem uteis aos pobres prisioneiros; alguns outros, muito poucos, proventura 3 ou 4, com vontade de nos mandar para as profundas dos infernos.

Aberta a sessão, em Esposende, o pedagógico sr. Alfredo, começou por elogiar «o talento genial de sua ex.ª que tinha produzido a joia literária «*Pro domo mea*» e de encher de apodos e de maldições «um panfleto

nojento cheio de falsidades que uns verdadeiros conspiradores assinaram contra o sr. doutor... e o sr. Duarte...»

E rematou num acesso doentio de *retoriquite pedante:* «Colegas, devemos protestar contra os prêsos, e pôrmo-nos ao lado de sua ex.ª. Aquilo não se assinava... com as mãos. Não os queremos mais cá na classe. Proponho que seja canonisado o santissimo administrador do concelho e excomungados os professores prêsos. Temos todos de seguir este caminho, senão...»

Senão levava-os seiscentos diábos, e iam todos parar ás masmorras de Sam Barnabé com um distico nas costas: «Conspiradores».

Heim! Tinham ouvido bem? Era necessário admirar o genial talento de sua ex.ª De contrario... Não se responsabilizava pelo que viesse a suceder.

Houve um silêncio gelado. Ninguêm aprovou nem reprovou. O *Rosalinissimo* Alfredo com o bucho cheio de retórica propôs que se lavrasse uma acta da coisa. Um estropiado pedagogo das bandas do sul começou a lavrar como um boi num campo. Mas como um animal só não leva o arádo, estragou tudo. O estrume ficou ao de cima das leivas. Cheirava mal. Uma ilustrada professora, que estava presente, mandou gradar de novo e fez-se então outra sementeira, outro trabalho mais limpo. E bastante mais decente, ao que consta.

Alguns, enojados, saíram sem vêr o fim da festa. Outros, coitados, assinaram por medo; e 3 ou 4, com gosto, lá escarrapacharam os nomes.—Em Barcélos, quando souberam do caso apenas disseram:

— Era de esperar. Dum asno, um coice.

XCV

Domingo, 10 de novembro.

Ontem, para responder ao panfleto do administrador de Esposende, escrevemos uma refutação em meia dúzia de linguados. Cá a gente não está com meias medidas.

Como nêste livro já estão registados os outros nossos escritos, e os alheios que a nós se referem, tambem êste cá tem de entrar.

Intitula-se *O complot de Esposende*. Depois é Voltaire quem enche duas linhas. E logo a seguir dizemos nós da nossa justiça.

Não o transcrevo na íntegra por ser extenso.

Dêle é o que vai lêr-se:

"O COMPLOT de Espozende,,

«Calumniae, calumniae, que da mentira alguma coisa fica.» — ***Voltaire.***

O Snr. Dr. Fonseca Lima desceu do alto do seu olympo espozendário para responder ao folheto «*As victimas dos pseudo-republicanos de Espozende*», que publicamos para orientar a opinião

publica do nosso paiz e os altos poderes do Estado, demonstrando, com toda a justiça e verdade, a infamia do monstruoso processo que nos atirou, sem a menor culpabilidade, ás negras masmorras do presídio militar de S. Barnabé.

O Snr. Dr. Fonseca Lima não escreveu o seu folheto «*Pro domo mea*» para o publico honesto e sensato de Espozende, porque esse conhece bem a infamia de que fomos victimas.

Sua Ex.ª teve unicamente em vista atirar poeira aos olhos do paiz, fazendo a sua propria apologia. Um santo que merece ser canonisado!...

Mas, felizmente, a opinião pensante do paiz e a sua imprensa está hoje convencida, pela leitura do nosso folheto, da nossa innocencia, e ao mesmo tempo ficou sabendo o quanto póde o odio e a vingança.

Nós bem sabemos que a publicação do referido folheto «*Pro domo mea*», dias antes de respondermos no Tribunal de Guerra, foi com a manha jesuitica de ver se assim podia influir no animo dos nossos honrados julgadores para sermos condemnados. Temos a plena certeza de que tal manha não surtirá o effeito desejado, porque o Tribunal Militar é composto, na sua totalidade, de officiaes dignos e illustrados e presidido por um illustre official que tem por norma a honra e o dever.

O que fica demonstrado com essa publicação, nas vesperas do nosso julgamento, são os sentimentos *generosos e humanitarios* do Snr. Dr. Fonseca Lima.

N'um periodo do seu folheto diz S. Ex.ª: «Defendo-me, embora não diga tudo que o que sei e tudo que é verdade.» Achamos isto risivel...

Com que então o Snr. Dr. Fonseca Lima não diz tudo o que sabe?

Isto não fica bem a um zeloso e *histórico* funccionario da Republica!

O que é fóra de duvida é que se o Snr. Dr. Fonseca Lima soubesse de qualquer coisa que nos podesse comprometter como conspiradores, dizia-o sem rebuço, porque S. Ex.ª é da escola d'aquelles que dizem que a vingança é o prazer dos deuses.

Não nos admira nada isso, porque S. Ex.ª tem dito cynicamente que, de fórma alguma, concorreu para a nossa prisão. Tem graça!...

Se Sua Ex.ª não fosse levado pelo odio que tem ao Reitor das Marinhas não consentiria, em nome da justiça, em tão escandaloso processo, que nos tem privado, ha quatro mezes, da nossa

liberdade. Este Snr. Doutor é como as creanças, para não dizermos outra coisa: atira a pedra e esconde a mão.

O folheto «*Pro domo mea*» visou a atacar cruelmente o Reitor das Marinhas, crivando-o de insultos, a que não respondemos, porque ha insultos, que nem aos tacões das botas chegam; mas não provou n'elle nada ácerca da nossa criminalidade.

Sua Ex.ª, que se diz um cavalheiro primoroso, recto e digno, nunca se deveria emparceirar com o Duarte do filicidio que foi absolvido d'esse horroroso crime, no tribunal de Espozende, por causa da sua escandalosa protecção. E, apezar d'isso, só o foi por um voto de maioria no jury...

Porque não demonstrou o Snr. Dr. Fonseca Lima no seu folheto que as testemunhas de accusação do processo não eram réus de policia e auctores de diversas *gentilezas* condemnaveis?

Não o demonstrou porque o não podia fazer.

Diz Sua Excellencia no seu folheto, que não se lembra de ir á missa resada pelo fallecimento do rei D. Carlos. (Pouca memoria!) E que, se foi ao Porto á recepção regia do ex-rei D. Manuel, foi simplesmente em cumprimento d'um dever. E com uma modestia extraordinaria tenta justificar-se d'essa falta democratica, emparceirando-se com dois grandes homens da republica, Latino Coelho e Elias Garcia.

Supremo arrojo!...

O illustre *democrata histórico* nega todas as affirmações politicas e combinações feitas na reunião da camara e comicio da Soledade, de Espozende, para mostrar a sua fé republicana. Mas o peor é que essas affirmações foram publicas e estão gravadas na memoria de todos.

Acêrca da prancha levantada para a passagem ao partido teixeirista, pergunte-o aos seus amigos, Manuel Augusto de Miranda e abbade de Gemezes, e outros, que proclamaram bem alto por toda a parte que o Snr. Dr. Fonseca Lima era o futuro chefe do teixeirismo em Espozende.

A grandiosa revolução de 5 de Outubro livrou-o d'essa mutação de scena e ficou sendo então para si proprio o homem de um só rosto e d'um só parecer, na phrase conceituosa de Sá Miranda.

Com uma grosseria extraordinaria, indigna de «*quem tomou chá em pequeno*» refere-se a uma carta que lhe dirigiu o Reitor

das Marinhas, suplicando-lhe que não o desgraçasse, e faz d'ella um grande cavallo de batalha.

O Reitor das Marinhas não nega isso; até pede para Sua Excellencia a publicar na integra, porque, pela sua leitura, se verá que elle protestára n'esta pela sua innocencia e dos seus companheiros de infortunio.

Se o Reitor das Marinhas lhe escreveu a referida carta, é porque, conhecedor dos processos jesuiticos do Dr. Fonseca Lima e sabendo que elle era quem mandava tudo appellou para uns restos do seu cavalheirismo e amisade para vêr se assim isto calava no seu espirito endurecido pelo odio, e não perseguisse, como tem perseguido, innocentes victimas d'uma phantastica conspiração...

. . . . . .

Se nós quizessemos descrever ao natural os retratos dos ridiculos figurões, que hoje cercam o carro do actual proconsul de Espozende, a opinião publica do paiz veria a incompetencia e a insignificancia d'esses caricatos histriões de feira. Isto fica para mais tarde, e nada perdem em esperar.

O Dr. Fonseca Lima n'um assômo de vaidade, que lhe fica a matar, diz que nunca foi aváro e conta para provar isso diversas historietas e algumas generosidades problematicas. Nós, com a mão na consciencia, não sabemos qual a generosidade particular ou publica praticada por Sua Ex.ª...

. . . . . .

Mas hoje o Snr. Dr. Fonseca Lima, esquecido da maneira cavalheirosa com que era sempre recebido em casa do Reitor das Marinhas, teve o descaramento inaudito de dizer que o «pobre Dionisio» era atraído á casa d'elle para ser comido á batota.

Dionisio é incapaz de affirmar que na casa do Reitor se jogasse. Elle não deixará, com certeza, de justificar-se e desmentir essa nojenta insidia, deixando a sangrar o calumniador.

. . . . . .

A acusação que Sua Ex.ª faz ao Reitor das Marinhas de receber uma multa de 40$000 réis duma letra em que era endossante o Bernardino Ferreira Neves, presidente da comissão paroquial, e testemunha da chancela administrativa em todos os processos de perseguição, é verdadeira. Mas o que Sua Ex.ª não disse, porque lhe não convinha, é que o referido Bernardino tinha multado, injustamente, a crédora dêsse dinheiro; e que o Reitor das Marinhas, sabendo disso, depositou a importancia da multa no cartorio do escrivão Luz Braga, onde correu o processo da letra, dizendo

de viva voz ao Neves que retirasse a queixa da multa e depois disso viesse levantar o dinheiro.

O snr. dr. Fonseca Lima sabe perfeitamente disso, porque foi quem forneceu o dinheiro para êsse pagamento e tanto que, por sua sugestão, o Bernardino não retirou a participação da multa, obrigando o Neves a dar uma queixa para a administração do concelho com o pretenso fundamento de que o protesto da letra foi feito com data posterior á contida na mesma. As testemunhas que juraram nêsse processo foram todos os empregados da administração fornecidos por Sua Ex.ª e com o *refuerso a Murillo* do regedor Belo e do camarista Duarte, seus dilectos amigos.

Felizmente as instancias superiores fizeram completa e inteira justiça, anulando pela base semelhante processo.

O que admira é que o snr. dr. Fonseca Lima, que ensinou ao seu querido amigo Manuel Augusto de Miranda, argentário de Curvos, a pôr em todas as suas letras, a condição de, quando protestadas, êle receber multas fabulosas, viesse agora, — que santa creatura! — criticar o Reitor das Marinhas por ter recebido a multa do Neves por êste não ter acedido em retirar a queixa, aliás injusta, contra a crédora da letra!

Afinal o dr. Lima sabe bem que o Neves por causa das generosidades que lhe ofereceu teve de vender todos os seus bens a uma pessôa com quem Sua Ex.ª se entende de perto: o procurador, sr. João Pereira.

Nós nunca andamos de braço dado com argentários e procuradores de causas perdidas, para explorar o concelho em proveito próprio.

. . . . . .

O dr. Fonseca Lima, que não quer dizer «*o que sabe*» apenas conta evangelicamente que em casa do Reitor das Marinhas foram encontradas balas de carabinas e revólveres pela guarda fiscal.

Sua Ex.ª não se lembra de certo, que foi quem lhe mandou assaltar a casa e a do Anibal pela mesma guarda fiscal, vindo á frente dela o *pobre* Duarte, como pitorescamente lhe chama, para êste assistir a êsse tamanho desacato.

As balas e os revólveres foram para o tribunal de Esposende, onde Sua Ex.ª as viu á vontade, conhecendo-se ali a inutilidade dos revólveres e das balas, que foram de novo mandados restituir ao assaltado pelo juiz da comarca e mandado arquivar o processo. Talvez que êsses petrechos de guerra servissem para matar a carriça, segundo o velho proverbio.

O dr. Fonseca Lima, que tomou muitas tijelas de caldo com

borôa em casa de seus honrados pais (1), perdão, chá em pequeno, no seu «*Pro domo mea*» — não manejou a espada de cavaleiro, mas sim a navalha do fadista da Mouraria para ferir traiçoeiramente as vitimas dos seus rancôres.

Não podemos, como desejavamos, responder a todos os pontos do seu insulso folhêto que dá a medida exacta do seu talento e caracter, por falta de tempo, o que faremos mais tarde.

Se o dr. Fonseca Lima tivesse umas largas vistas politicas, e vendo que no seu concelho não houve nem por sombra, qualquer conspiração contra as instituições vigentes, em logar de perseguir-nos, devia regosijar-se com a atitude pacifica e ordeira da população de Esposende.

A Republica, conforme a entendem todos os grandes pensadores, é um governo de ordem, tolerancia e progresso. As vinganças só se aninham em almas pequeninas e nas toupeiras que não podem encarar a luz brilhante do sol.

As vitimas do ódio do dr. Fonseca Lima vão responder na terça-feira com a consciencia tranquila, porque nunca conspiraram contra a Republica, e até algumas delas saudaram entusiasticamente o seu advento.

Nós bem sabemos que os nossos honrados julgadores hão-de pautar o seu veredictum pelos rigorosos principios da justiça. E é porisso que contamos com a nossa absolvição.

Braga, 9 de novembro de 1912.

Manuel Martins Giesteira
Manuel Joaquim Boaventura
Francisco Rodrigues Alves
João Rego de Vilas-Boas Neto
Anibal de Vilas Boas Neto
Eugenio Boaventura Rego
João Martins Domingues.»

---

(1) Honrados pais, sem dúvida. A mãe era uma santa mulher, muito caridosa, um generoso coração. E o pai, o sr. Joaquim Jacinto F. Lima é um dos homens mais dignos e austeros do nosso concelho. E seus filhos padre Carlos, Abilio e Severino, igualmente são dignos da consideração dos homens de bem. Creio que uns e outros estão, pelo menos em espirito, ao lado dos perseguidos, muito embora o perseguidor tenha nas veias sangue igual ao seu.

N. do A.

XCVI

Segunda-feira, 11 de novembro.

— Amanhã, heim!

— E' verdade, amanhã.

— Que diábo! Havia de chegar o dia . . .

— Pois temo-lo á porta.

— Hoje já deve andar por aí muita gente. Só das Marinhas vem mais de cem pessoas.

Este diálogo teve seu desenlace ao romper do dia, quando ali na torre de Sam Vicente se preludiavam umas valsasitas antigas, mas harmoniosas. Eu estava ainda na cama.

Foi o *Quico Queimado* quem me atirou com essa primeira saudação — «A'manhã, hein!» Foi êle. Logo atraz o João Néto, falou da multidão e o Eugénio muito penteado, sempre a rir, foi de opinião que p'ra'i quinhentas pessoas do concelho viriam cá assistir ao julgamento.

— Quinhentas, meu rapaz? — disse eu entre dois bocejos. — Sei lá!

E comecei a erguer-me com um gesto de preguiçoso, dorminhocando, muito a custo. Mas como estava frio—zás! outra vez debaixo dos cobertores.

Queimado, com uma bôlha sofrivel, pegou a trautear uma modilha popular ao mesmo tempo que auxiliado pelo Eugénio me tiraram toda a roupa da cama. Ah! os malditos até me queriam levar em charóla para o corredor!

—A pé, seu preguiçôso!... E' ámanhã o dia. A'manhã, homem!...

O Jerónimo Gato veiu tambem miar-me aos ouvidos duas *gatadas*, enquanto afiava a navalha, com que havia de nos escanhoar.

Não pude deixar de lhes rogar uma praga, á velha portuguêsa.

E sempre me levantei.

Dali a momentos havia no quarto do Giesteira e Anibal uma granzinada dos diábos. Era o Torres com um homem que vinha da Imprensa carregado de folhetos. Nós demos então ordens para que fôssem distribuidos cêrca de mil exemplares da folha solta, pela cidade.

João Alves, pesarôso, vendia-nos o penultimo café. A sr.ª Rósinha não veiu hoje. Ficou em casa a preparar aposentos para a gente que devia vir á noite. Talvez mais de cincoenta pessoas!... João poderia agasalhar dez ou quinze «pelo menos».

No quarto do Anibal o Jerónimo fazia barbas. Dava bem a ideia dum salão de barbear aquele pequeno quarto retangular do Presídio de Sam Barnabé. Galrava-se, discutia-se, murmurava-se!...

Por meia tarde apareceu o homem que vinha de distribuir a folha solta. Desejava mais alguns exemplares. Os mil que levára não chegaram para as en-

comendas. Tinham-lhe até oferecido dinheiro. Um homem gordo que encontrára agora na Arcada oferecera-lhe cinco tostões por 2 exemplares!... De resto tinha feito a distribuição com mestría: lojas de barbeiros, cafés, restaurantes, hoteis, casas de comércio onde havia reuniões, farmacias, repartições publicas, quarteis...—Torres, realmente, arranjou-nos um homem explendido para este serviço. Demos-lhe mais quinhentos numeros para acabar a distribuição. Lá foi.

A's 4 horas, quando se procedia á distribuição dos jantares, chegaram os primeiros visitantes. Gente que viéra nos primeiros comboios, mal desembarcou correu logo ao Presídio.

Mas ali ao escurecer é que foi o bom e o bonito. Braga viu passar atravez das suas ruas, caminho de Sam Barnabé, mais de duzentas pessoas num só grupo! Quando chegaram lá baixo ao patio a sentinéla assustou-se e esteve quase resolvida a bradar *ás armas*. Temeu uma cilada á Ponson! Podiam muito bem vir com o destino de dar fuga aos prêsos...— Mas eu tinha-me já entendido com o cabo Silva. E este, que não deseja perder a gorgêta final, prontificou-se logo a descer para favorecer a entrada dos visitantes, apesar de já ter passado a hora da visita.

O espaçôso corredor que tem mais de 30 metros de comprido, por bons quatro metros de largo, encheu-se literalmente! Então os abraços e os apertos de mão e as saudações de toda a ordem irromperam. Eu vi geitos que não me deixavam em paz os meus ossos! E ainda isto foi um cumprimento passageiro por ser já fóra de horas! De manhã cá teremos outra vez tudo isto, fóra o mais que inda virá. Até logo, que já passa de meia noite.

XCVII

Terça-feira, 12 de novembro.

Todos anciavam, é claro, pela chegada do 12 de novembro. E êle chegou alfim. Um bélo dia de sol quente, um dia doirado do verão de Sam Martinho.

Toda essa multidão que ontem á noite invadiu o Presídio cá deu hoje, logo de manhã cêdo, acrescida ainda de algumas dezenas de pessoas que vieram nos comboios da noite e nos da manhã de hoje. Gente de Esposende e concelho, gente de Barcelos, Póvoa, Vila Verde, etc.

Era uma balbùrdia medonha: todos queriam falar ao mesmo tempo, todos queriam ouvir das nossas bôcas as narrações do nosso viver na prisão.

Vinha um:

— Você está gôrdo, homem!

— E' verdade! Gôrdo, gôrdo — atalhava logo outro. E um terceiro:

— Homem! parece que lhe não faz mal esta vida recolhida... Valeu-lhe a pena vir aqui para engordar...

A gente respondia:

— Isto aqui, amigos, é vida de pôrco: comer e dormir. Tinhamos, fatalmente, de engordar...

Mas, mal a gente se precatava, lá vinha nova visita e como consequência um novo abraço, um novo cumprimento e meia duzia de respostas, a outras tantas perguntas.

Lá dentro, no corredor central, ha um *brouhaha* ensurdecedor. Uns entram, saem outros. Ha de tudo nessa quantidade de amigos que nos circundam: homens e mulheres; advogados, medicos, padres, comerciantes, proprietários, lavradores. E não vieram tambêm muitos funcionários públicos por que — ai do que viésse! Era logo demitido... Inda assim alguns mais destemidos e independentes mandaram para o diábo os seus espias e censores — e vieram.

Eram onze horas e meia quando uma força de sargento entrou o portão. Nós que já estavamos preparados, descemos logo. Fóra, na rua, havia muita gente á espéra. Atravessámos Braga ao abrigo de 14 *Mausers* e com mais de duzentos amigos a acompanhar-nos. A alguns causava uma impressão de pesar vêr-nos em meio dos soldados como se fôssemos criminosos. Outros conversavam com a gente e riam e encorajavam-nos. Devo dizer que todos nós caminhavamos de cabêça erguida e alegres, porque esperavamos uma absolvição.

A gente da rua saudava-nos. Das lojas os comerciantes acenavam-nos com as mãos:

— «Adeus, amigos. Vão-lhes, enfim, fazer justiça!» Gente que transitava parava, admirando o grande cortêjo. No largo do Paço, frente ao tribunal, já estava tambem muita gente.

Ao meio dia foi aberta a audiência, como se diz nos tribunais.

Presidia o coronel sr. Silva Dias, um velhote simpático, de fisionomia franca, muito agradável. Ao lado estava o juís auditor sr. Paixão Pereira, o promotôr de justiça, sr. capitão Zuquéli e o secretário, um alferes de quem ignoro o nome. Os jurados, 6 alferes e um tenente, estavam ao lado, sentados, em frente duma mesa comprida. Tudo rapazes novos, com cara de boa gente. Na bancada dos advogados estavam os srs. Major Mineiro de Almeida, e drs. Ferreira Pedras e Cruz Teixeira. O sr. Mineiro de Almeida era patrono do Francisco Rodrigues Alves, o *Queimado;* Cruz Teixeira defendia o Anibal e o filho João; Ferreira Pedras advogava a causa de Giesteira, Eugénio, João Domingues, a dos dois ausentes, padres Gaiolas e Carquejó, e a minha.

Nós estavamos sentados em dois bancos. No primeiro estava Giesteira, Anibal, Eugenio e João Néto. No outro estava eu, *Queimado* e João Domingues. Procedeu-se á chamada das testemunhas. Eram cinquênta pelos menos. Depois o presidente ordenou que se retirassem as testemunhas para outra sala e logo em seguida constatou a identidade dos acusados. Mandou, em seguida, conduzir-nos á ante-sala, ficando apenas o primeiro arguido que era o Giesteira, para prestar algumas declarações que julgasse convenientes. Fômos depois chamados um a um para o mesmo fim e por último procedeu-se ao interrogatorio das testemunhas.

As nossas testemunhas de defeza eram um flagrante contraste com as de acusação. Os leitores já conhecem o cadastro desses amigos e auxiliares do administrador de Esposende. Das de defeza apenas direi que eram advogados, médicos, farmaceuticos, comerciantes,

proprietários, lavradores, tudo que de mais limpo e independente havia em Esposende, Barcelos e Braga.

Não apontarei tudo que aqui se disse porque seria impossivel. Eu, no local, onde estava, não poderia fazer a reportagem; e mesmo isso pouco interessaria ao leitor. Apenas me referirei a um ou outro facto mais interessante para desopilar um pouco, ou que seja necessário para documentar a historia.

Num dos primeiros depoimentos, o advogado Pedras perguntou á testemunha:

—Que supõe o sr. que deu origem á prisão destes homens?

—A vingança e a inveja.

—Quem são os perseguidores do padre Giesteira?

—E' um tal Duarte, um Neves, o *Belo*, Cantoneiro, Celestino, Mota etc., auxiliados pelo administrador do concelho.

—Mas uma coisa: esse Duarte, Neves, Belo, etc., passam por ser uns homens sérios...

—Qual sérios, sr. Dr.—atalhou a testemunha. Tudo menos isso. São assassinos, gatunos, desordeiros...

—Que modo de vida tem o regedor Bélo?

—Não sei. Sou vizinho dêle, mas nunca o vi ocupado em qualquer género de trabalho. Anda ás vezes pelas feiras do gado a regatear para vêr se os negociantes lhe dão algum tostão. E dizem tambem que vive á custa das amigas.

—Então é um *souteneur?*

—Ah! isso...

A uma outra testemunha foi perguntado:

—Este Duarte? Que homem é êle? Donde veiu?

—Ninguêm sabe. Diz-se que é néto do João Brandão, aquêle matador de gente... Talvez seja, porque o ano passado matou uma filha...

—Veja o que diz? Olhe que isso é sério...

— Sr. Dr? Eu tenho de dizer o que sei, não é verdade?

— Decerto.

— Pois matou a filha, a Tereza, por ser a namorada do João, daquêle que ali está. Depois para dizer que ela se suicidou pendurou-a no cume do sótão. Eu vi-a lá, nesse estado.

— Mas o sr. não viu êle matá-la?

— Foi como se visse. Toda a gente o culpa.

Depois depoz um lavrador das Marinhas:

— Tem conhecimento que Giesteira se manifestasse abertamente contra o regime?

— Não, senhor. Êle é até um homem muito prudente. Acusam-no de maldizer as instituições. Na igreja das Marinhas eu presenceei algumas vezes que êle antes os aconselhava a respeitar as leis da Republica, porque, dizia êle, a Republica foi feita para toda a gente, menos para ladrões e assassinos. Ora alguns dos paroquianos achavam que a carapuça lhes servia admiravelmente e é por isso que o perseguiram.

Depoz depois um cavalheiro de Espozende:

— E o Boaventura?

— O Boaventura era talvez o unico republicano convicto que havia em Esposende.

— Mas perseguiram-no. Porquê?

— Por ter analisado, como jornalista, o caso Duarte nos diários do Pôrto, quando todos os outros correspondentes guardavam silêncio por oposição dos mandões. As auctoridades tinham em vista salvar o criminoso e receávam a «má lingua dos jornais.» Por isso subornaram.

Cruz Teixeira quís tambem saber do Anibal e filho o que havia.

— Nada. O Anibal é alheio a politicas. Se alguma

teve foi a republicana, já desde ha muitos anos. E o filho igualmente se não importa.

— Por que foram então presos?

— Anibal por ter um estabelecimento de mercearia em frente da do vereador Duarte. E o filho João por ter sido o namorado da filha do taberneiro e ter sido uma testemunha tremenda contra êle no tribunal de Esposende.

Falou-se depois do dr. Mota.

— Esse apenas queria o arquivo paroquial das Marinhas que é rendoso.

— Então foi movido...

— Pelo estômago.

— E que especie de homem é este brasileiro?

— Um pouco tal...—E levou a mão á altura da testa.

— Então, Rilhafoles com êle. E entregue-se o registo civil a um português.

Veiu outra testemunha:

— Este *Cantoneiro* afirma que viu uma reunião nas Marinhas na noite de 7 para 8 de julho. Que andaria a fazer este Magalhães, *Cantoneiro*, ás 2 horas da manhã, em volta da residência das Marinhas?

— O Cantoneiro, sr. dr., ainda o mês passado esteve prêso por ter roubado umas galinhas. Ha mêses roubaram ao sr. Reitor Giesteira perto de vinte galinhas. Cá eu, sr. dr., penso que o homem andava a vêr se ouvia cantar o galo...

— Para assaltar as capoeiras...

Gargalhada no auditório. O proprio presidente do tribunal, o promotor e jurados, riram deleitados.

Em verdade, se o homem não estava em casa a cozer alguma bebedeira, era natural que a sua digressão, a desóras, com os parceiros Duarte e Belo, fôsse a que apontou a humoristica testemunha.

Escurecia. Havia ainda um grande numero de testemunhas para depôr. O presidente declarou suspensa a audiência por duas horas, para jantar. Tudo se levantou. Eu relanceei a vista pela sala. Estava repleta- Alêm da grande quantidade de gente que viéra de Esposende, Barcélos, Póvoa, etc., havia muito povo de Braga, entre o qual predominavam estudantes, comerciantes, militares etc. Talvez mais de 800 pessoas se premiam na grande sala do Tribunal e nas ante-salas, sobre bancos, em frente da porta.

Na sala ficamos a sós com os nossos guardadores, uns bons soldados do 20.

Veiu-nos um farto jantar do Hotel Aliança, que devoramos com apetite. Pois se ninguêm ali estava com mêdo! Todo o tribunal a principiar no velho Presidente, um experimentado do mundo, até ao mais novo dos jurados, dirigiam-nos olhares de simpatia que deveriam querer dizer: «Estai descançados. Far-vos-emos justiça».

Eu propuz que se não consentisse em enfadigar o tribunal. Por isso opinava que se prescendisse das testemunhas que ainda faltavam para depôr.

Era o melhor meio de tudo acabar ainda hoje. Foi um disparate nomear tanta testemunha. De facto os jurados estavam bem inteirados do caso. Quando chegou o advogado, dissemos-lho. Êle mastigou que isso pouco adiantava, porque os debates levariam muito tempo e que só acabaria no dia seguinte. Em todo o caso prescendiria das que quizessemos. Ficou então assente ouvirem-se as principais, as de mais cotação e logo a seguír as dos ausentes Gaiólas e Carquejó que eram ainda 12 ou 15.

A's 8 horas da noite foi reaberta a audiência.

A uma das primeiras testemunhas que depoz veiu a talhe de fouce perguntar-se pelo abade de Gemêses.

Que homem era, que conceito merecia?

— Quanto ao conceito não meréce nenhum. E' um «passarão». Creio mesmo que o proprio administrador do concelho o tem em somenos importância, porque conhece a sua instabilidade moral. Que homem é? Não sei. Tenho aqui no bolso uma certidão duma escritura lavrada no cartório dum notário da Póvoa de Varzim em que se diz que a prova testemunhal dada por êle no Tribunal de Esposende, ha anos, num processo por liberdade de imprensa, era redondamente falsa.

— Quê? Falsa?

— Sim, senhôr. E' um emerito mentiroso, um grande trapalhão. Em juízo a prova dêle não deve, jámais, fazer fé. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento...

O advogado leu a certidão dessa escritura. O tribunal ficou abismado! Podia lá sêr? Então era um padre daqueles que se dizia republicano? Era a um trampolineiro de tal jaez que o Estado pagava uma mensalidade? Fóra com êle!

Esse homem que depunha falsamente contra um colega, talvez tivésse, tambem, falsamente deposto contra o Francisco António, de Ferreiros.

E então pareceu-me ler na fisionomia daqueles rectos militares um desejo enorme de verem ali, no banco que nós ocupavamos, o padre delator e perjuro. Manda-lo-iam, com muito prazer, para as celas duma Penitenciária. Talvez merecesse mais esse castigo que o pobre Francisco António que, por denúncia sua, lá estava. E a República livrava-se de um sofrivel tubarão.

Pobre *Triste Figura!* Para aparentar ardor na defêsa da *última Dulcinêa* e para ter jús á ração de *Rocinante* praticou actos indignos dum homem de bem. Entanto há coisas que ficam a matar a certos homens.

Toda a gente que enchia o tribunal devia ter ficado indignada. Toda a gente? Espera. Entre a multidão

estava também Sancho Pança em *travesti* de bacharel, fazendo a reportagem. Seu amo, provavelmente, mandára-o desmontar o jumento, e subir acima a vêr o que se dizia dêles». Ora Sancho é perspicaz e zeloso pelos interesses da casa. Enquanto as coisas eram simples jôgo de palavras, foi anotando, assim como quem diz: «Deixa estar que meu amo te falará! Vens para aqui dizer mal dêle? Vê se te lembras dos moínhos de vento e do rebanho de carneiros... Olha que assim que puder, mete-te a lança ao peito, e fura-te!» Mas o diábo foi a escritura! Diábos levem os documentos escritos que teem inda mais valor que voz de homem! Sempre seu amo se tinha espetado muito! Para que diabo jurara falso em Esposende? E muito envergonhado, Sancho Pança, meteu o lapís no bolso, rasgou o papel das notas e fugiu com as orelhas a arder e vermelho como lacre.

A' meia noite foi suspensa a audiência. O julgamento deve prosseguir amanhã ao meio dia.

Saímos em meio da força, caminho do Presídio. Estava uma noite fria. Muita gente acompanhou-nos até lá. Quando ia a entrar o portão reconheci que um dos que me dizia «adeus» era o Oliveira Passos, de Sam Bento, um belíssimo rapaz que ha oito dias, no meu quarto, juntamente com dois outros rapazes da *elite*— o Luiz Coelho e o Isolino, eu e o Anibal, auxiliou a esgotar um garrafão de vinho que mandára vir e pagára com o seu dinheiro.

XCVIII

Quarta-feira, 13 de novembro.

E' já da minha casa de Palmeira que escrevo isto Da minha casa de Palmeira! Quase não acredito que estou entre os meus, tal tem sido o número e qualidade das sensações por que ha 90 dias tenho passado para cá! 90 dias de prisão, tres mêses inteiros num Presídio, longe dos afagos da familia, do convívio dos amigos, para, afinal, o *veredictum* dum juri honesto nos dizer:—«Ide-vos. Fôstes vítimas da insánia duma córja. Durante mêses privaram-vos da Liberdade. Os culpados, os verdadeiros criminosos, são os *outros*, os que aqui vos fizeram vir.»

E nós viémos, contentes como tentilhões, é verdade, mas doridos ainda pela crueldade da infâmia.

Neste dia 13 de novembro fômos conduzidos ao Tribunal de Guerra aí por volta do meio dia. Os lugares oficiais foram ocupados como na vespera; e a sala regorgitava de povo.

O presidente, depois de aberta a audiência, deu a palavra ao promotor de Justiça que, pouco mais ou menos, falou assim:

«E' meu dever fazer a acusação destes homens. Duro dever o de acusar! Eu reconheço-o. Mas se é duro acusar criminosos, é crime acusar inocentes. Os srs. jurados sabem já de sobêjo de que lado está a justiça. Entretanto, para cumprir o meu dever, direi de que acusam os argúidos. Do réu Giesteira dizem...

E o sr. promotor de justiça leu 3 ou 4 tiras de papel em que enumerava todas as acusações feitas a Giesteira. «Dar reuniões secretas em sua casa; atacar o regime nas suas práticas á missa conventual, ter relações de amizade com conspiradores comprovados, como o pároco Sá Pereira». etc. e etc.

E rematou assim:

«Isto é, srs. jurados, a acusação que fazem ao réu Giesteira. Eu não acuso. A minha consciência revoltar-se-ia, se tal papel aqui tivésse a desempenhar. Contra o réu Giesteira ainda há isto. Contra os outros nem sequer acusação ha!»

«Contra os outros nem sequer acusação ha!...»

Estas palavras pronunciou-as o sr. Promotor de Justiça militar com um certo sublinhado, de fórma a que todos reparassem como a Justiça militar desejava ser recta, imparcial.

O auditório recebeu com alegria tão judiciosas palavras e nós, se já estavamos tranqúilizados, mais descançados ficamos.

Pareceu-me que o sr. coronel Silva Dias ao ouvir pronunciar aquelas palavras dissera intimamente:— «Muito bem». E da outra banda os jurados, um por todos e todos por um, igualmente, em silêncio, apenas

com uma inclinação de cabeça imperceptivel diziam tambem: «Já o sabiamos».

Coube depois a vez, de falar ao Dr. Pedras. Era uma estreia. Ferreira Pedras é um rapaz inteligente e muito estudioso. Que disse êle? Muita coisa. Falou bem. E' verdade que para o fim se foi tornando um pouco massador, repetindo duas e tres vezes um mesmo facto. Mas isso não empana por fórma alguma o valôr da sua oração. Era certo — disse — que nós não necessitavamos sequer de advogado; entretanto êle vinha ali defender-nos. E se soubesse que, por qualquer motivo estranho ou não á justiça, nós haviamos de ser condenados, não teria vindo.

Não mais vestiria aquela beca, não mais defenderia um réu num tribunal, se o juri concorresse para condenar-nos, não em face da justiça, que o não podiam fazer, mas por imposições «superiores»; o que por fórma alguma podia acontecer, pois que êle sabia bem que o jurí era composto de homens de caracter, consciências livres, que se não torciam. Rematou dizendo que pedia justiça que era o mesmo que pedir a plena absolvição de todos.

Em seguida usou da palavra o Dr. Cruz Teixeira. E' um velho advogado, muito sabedor. Fez a defeza do Anibal e do filho em meia dúzia de palavras, «porque — disse — o meu ilustre colega Ferreira Pedras disse já tudo quanto era necessário dizer-se».

O sr. Major Mineiro de Almeida, defensôr oficiôso, patrono do Francisco R. Alves, ou Francisco Queimado, reduziu tambem bastante o seu discurso. Lembra-me, porêm, que, referindo-se ao administrador de Esposende, disse:

— «Esse Lima, esse administrador que eu não conheço, nem desejo conhecer... não é, nem nunca poderá vir a ser um bom republicano. Foi cacique na

monarquia, quer ser tirano na república. E' um homem perdido no conceito popular... Naquele lugar deviam estar êles, esses acusadores perversos», etc.

Quando o sr. Major Mineiro de Almeida acabou de falar, o ilustre presidente do Tribunal de Guerra perguntou-nos — como é do estilo — se tinhâmos mais alguma coisa a alegar em nossa defesa. Giesteira levantou-se e, comovido e simultaneamente arrebatado, começou por dizer:

— «Sr. Presidente e srs. jurados: V. E.cias já tiveram ocasião de verificar que, em Esposende, um grupo de inimigos meus se coustituiu em *comité* para me perder, para me levar á desgraça e á pobrêsa. Entretanto eu nunca lhes fiz mal. O único que lhes podia ter feito era ter mais simpatias populares, melhores amigos em qualidade e quantidade — ensombrá-los um pouco, permitam-me v. ex.as a imodestia. Numa palavra: foi a negra inveja que operou...»

E Giesteira falava muito alto, como se dum púlpito de abadia fizesse um sermão ao povo. De pé, nervôso, gesticulando muito, a face convulsionada, cada vez mais arrebatado, continuou:

— «E tanto é verdade que essa má gente me quer desgraçar e reduzir á miséria que desde o advento da República me moveram já onze processos judiciais e administrativos que todos baquearam nas instâncias superiores por improcedentes. E desde que estou prêso, o secretário de finanças, que é uma das figuras de saliência neste processo, aplicou-me duas multas, acusando-me de ter burlado o Estado no pagamento duma ciza. Sim, esse homem, com alguns outros empregados de Finanças, aproveitaram-se da minha prisão para me extorquirem somas avultadas; porque muito bem sabiam que, estando eu em liberdade, lutaria como bicho!»

Giesteira tem o dom da palavra. Falava com extrema facilidade. Presidente, Promotôr, Juiz Auditor, jurados — todos o escutavam com atenção, mesmo talvez com admiração, pela maneira singela, mas convicta com que fazia a sua defesa! Mais disse êle ainda com a voz já tremente, mas sem titubeagens.

O juís auditor ditou depois os quesitos, dez para cada um, o que levou duas longas horas a escrever, findo o que o juri recolheu, e a audiência foi interrompida. Tudo se movimentava. Muita gente saía da sala. Fumavam uns, conversavam todos. O Dr. João Valério, advogado bracarense e um caricaturista de muito merecimento, quando passou rente a mim, acompanhado pelo Dr. Artur Lima, disse-me:

— Está a findar o ultimo capítulo do seu livro!

— Talvez não seja o último, meu caro doutor.

Então Artur Lima esclareceu:

— O último só poderá ser escrito depois de passar o próximo domingo.

Ainda a gente não tinha tempo de levar um cigarro em meio, quando um mensageiro, que veio de dentro, trouxe a boa nova:

Tudo absolvido e por unanimidade!

Dali a momentos o Tribunal constituia-se de novo.

— Vai lêr-se a sentença.

E logo o presidente, desembainhando a espada (exemplo que foi seguido por todos os militares presentes, promotor, jurados, secretário etc.,) de pé, na posição de perfilar armas, bradou com voz cheia:

— Em nome da Lei e da República, vai lêr-se a sentença.

E leu-se a sentença absolutória. Eramos outra vez cidadãos livres! Que alegrão! Os soldados saíram e nós começamos a andar pelos braços de dezenas de amigos. Foi um momento comovente aquêle. Em mui-

tos olhos havia lagrimas de alegria. O digno coronel Silva Dias tambêm cumprimentou Giesteira, dando-lhe os parabens. O bom homem estava quase tão contente como a gente. Quando chegamos fóra, no largo do Paço, havia uma grande multidão que nos ovacionou e deu vivas á Justiça, á Liberdade, ao Exército e á República e morras aos delatôres, aos falsos republicanos, á canálha latrinária e perseguidôra.

Quando seguiamos pela grande rua do Souto, caminho do Hotel Aliança, seguidos dessa multidão, talvez 700 pessôas, das portas das lojas enviavam-nos saudações e parabens.

Giesteira que é muito conhecido em Braga era apontado a dêdo:

—Lá vai êle! Heim! homem duma cana!

—Valente!

—Destemido.

Muita gente, quase toda, seguiu no comboio da noite para suas casas. Anibal e filho, Queimado, Eugénio e João Domingues seguiram tambem. Eu e Giesteira ficamos com uma dezena de bons amigos. Essa noite foi uma noite memorável. Não a esquecerei.

*

Seria imperdoável falta da minha parte não aludir aqui a alguns amigos que nos foram extremamente dedicados. Já não falo da Ex.ma Sr.a D. Virginia Lobo e fllhas, corações diamantinos; nem desse prestantissimo amigo Torres, que diáriamente nos vizitava; nem do Cerqueira de Araujo, esse bom republicano a quem muito devemos e que tambem nos vizitava vezes sem conta; nem mesmo do velho poeta Rôças, que bons serviços nos prestou—porque de todos estes já falei

Aqui merecem-me tambem, especial menção entre outros — o ex.mo sr. José de Magalhães Queiroz, abastado capitalista e proprietario, de Soutêlo. E' um homem inteligente e um espírito culto. Foi por diversas vezes ao Presídio vizitar-nos, acompanhado de sua espôsa e irmã.

Tambem o abastado capitalista de Sam Bartolomeu do Mar, sr. Manuel Ferreira Vaz Saleiro e sua espôsa D. Idalina Saleiro, corações cheios de bondade, nos vizitaram algumas vezes; bem como Monsenhor Domingos José de Souza, um virtuoso sacerdote que tam bem sabe distribuir a sua grande fortuna pelos que necessitam, como põe ao lado da humanidade que sofre todo o seu préstimo, que é muito.

Outro, a quem muito devemos — o ilustre fãozense sr. Antonio Joaquim Nunes, rico capitalista e português ás direitas. E' um primoroso caracter, um grande defensor da democracía e um protector desvelado dos que sofrem injustiças. A sua grande influência esteve sempre ao nosso lado, por intermédio de outra dedicação extrema: — o sr. Antonio Vila Chã Pinheiro.

A todos, a minha gratidão.

XCIX

Domingo, 17 de novembro.

Êste domingo de 17 de novembro trouxe-nos o epilogo da farçada, com uma apoteóse verdadeiramente extraordinària. Eu chamo-lhe apoteóse e nem outra coisa se póde chamar a essa grande manifestação que venho de presencear, e onde sete ou oito mil pessoas atroavam os ares com ovações entusiásticas.

A chegada do reitor das Marinhas a Esposende! Póde-se lá descrever o que foi essa imponentissima manifestação de simpatia, que foi simultâneamente um tremendo castigo para os que tam acintosamente nos perseguiram durante quatro longos meses?

Eu confésso-me muito pigmeu para tal tarefa. Entretanto resumirei por três ou quatro páginas, em reportagem superficial, tudo o que ví; isto para não enfastiar o leitor, por que este livro vai já tomando em extensão o caminho da «légua da Póvoa»!

Sinto ainda nos ouvidos o rebôo saído dessa massa

de povo que atulhava os tres quilómetros que medeiam de Esposende ao adro das Marinhas.

Nunca esquecerei esse *brouhaha* tumultuário que nos enchia de consolação! Nunca, nunca!

*

Comecemos pelo principio. Giesteira, na quinta-feira, veiu como eu, para Barcélos, demorando em casa do seu amigo Domingos Carvalho, na quinta de Gueral, até hôje. Saiu de lá de manhã, depois de almôço para seguir para Esposende.

Quando chegou a Barcélos, soube que um grupo de amigos o desejava acompanhar até á sua residência das Marinhas.

Eu estava já, como disse, na minha casa em Palmeira, mas recebi comunicação para comparecer no cruzamento das estradas, em Eiradána. Cheguei lá precisamente na ocasião em que chegavam os primeiros carros. Mais de duzentas pessoas de Palmeira, Gemêses, Gândara, etc,, estacionavam na estrada. No primeiro carro, á frente, um *landau* descoberto, vinham os meus companheiros do cárcere: Anibal e João Néto, João Domingues e Sá Pereira. Sá Pereira abancou ao lado do cocheiro e eu fui quase forçado a tomar o logar dêle. Atrás vinham dez carros com gente de Braga e Barcélos e no couce um magnifico automóvel de 80 H. P. de Monsenhor Domingos Souza, no qual o sorridente Giesteira, cercado de amigos, fizera o trajecto. O povo ovacionou-o freneticamente.

Deixamos passar os carros e ficamos para trás para junto do auto. Desfilaram por nós, na bifurcação de estradas, em Eiradána, 12 carros apinhados de gente; e, quando chegamos á distancia de um quilómetro de Esposende, os carros que tinham vindo de Barcélos,

com os que de Esposende e Fão, vieram ao nosso encontro, enchiam a estrada em toda aquela recta:—eram trinta e tantos. O povo de Esposende, Fão, Fonte-bôa, Gândara e Marinhas saudava-nos. Era um delírio. Tudo que há de limpo na víla e concelho no comércio, no funcionarismo; lavradores, proprietarios, pescadores; burguezes e povo, ricos e pobres, velhos e novos, —tudo ali estava ao nosso lado, ovacionando-nos. Os vivas ressoavam, cruzavam-se saudações; erguiam-se braços na ância de nos abraçar e estendiam-se mãos que nos era impossivel apertar. A's primeiras casas de Esposende começaram a caír sobre nós punhados de flôres lançadas das janelas, por mãos patricias das mais belas damas. Creio poder afirmar que o presidente da Republica, esse santo homem que se chama o Dr. Arriaga, não teria em Esposende maior manifestação do que a tivemos nós, uns inuteis, uns ignorados. Estavamos sendo quase uns personagens célebres, graças aos nossos inimigos, graças a êsses energúmenos cujo procedimento iníquo fez rebentar, por nós, na alma do bom povo, a simpatia mais sincera que se possa imaginar. Como aquela meia dúzia de carrascos, ao ouvir o trovejante sussurro das saudações dirígidas ás suas vítimas, havia estourar de raiva e de desespero! Alguns deviam ter dado saltos epilépticos e arrancado os cabêlos com fúria. Pobre gente! Não invêjo a sorte dos perseguidores. A lição da História diz-nos que ela não é invejavel . . .

*

Da igreja de Esposende á das Marinhas é uma recta de 3 quilómetros. Diante de nós iam trinta carros e alguns milhares de pessôas. Atrás do automovel outra massa imensa de povo que se acotovelava, no insatis-

feito desejo de nos enxergar de perto, de nos apalpar, porque para muitos dêles, nós eramos ainda uns sêres que vinhamos do outro mundo, dumas localidades tétricas, donde se não costuma voltar.

Eu ergui-me no carro para contemplar a scena movimentada que me precedia e seguia e tambem para sacudir uma avalanche de flôres que me cobria os joêlhos e que desciam das janelas em nuvens vaporosas. O nosso carro e o tejadilho do automóvel pareciam um rosal florído!

Entanto as saudações recrudesciam. De toda a parte se ouviam «vivas» ao reitor das Marinhas, á Justiça, á Liberdade, á Patria, etc. E o povo num entusiasmo crescente respondia, já ofegante e cançado, de correr para acompanhar os carros.

Ao fim do pinhal, junto á estrada dos banhos, os carros da frente foram forçados a parar. Ali o povo das Marinhas e das freguesias do norte formava uma móle compata, uma muralha viva e firme. Descêmos dos carros para os braços duma multidão de homens em cujo rôsto transparecia uma alegria imensa. Mulheres alegres, de trajes garridos, aclamavam-nos. Em muitos olhos havia lagrimas de contentamento. Giesteira foi erguido em triunfo, nos braços duns latagões fórtes como traves. Uma música atroava o ambiente de notas harmoniosas, que eram quase abafadas pelas ovações frenéticas da multidão. E o dinamite ribombava em foguêtes valentes, mesmo sem licença do administrador do concelho, que a essa hora talvez estivesse surdo de desespêro. E de certo foi essa a razão porque êle não mandou prendêr o fogueteiro Miguel! Enfim, chegamos ao adro. Ali o povo que vinha á frente tinha tomado todo o espaço e o cortejo viu-se em sérios embaraços para rasgar caminho até á igreja. Enquanto Giesteira, sempre rodeado de povo

entrava na igreja, eu e o inteligente jornalista bracarense, Lima Castela, entravamos na residencia paroquial em cujas salas e corredores havia tanta dificuldade de transitar como fóra, na avenida.

Breves minutos passados, e Giesteira subia as escadas exteriores da sua casa. Então, uma vez no pátio a multidão pôde bem contempla-lo. Romperam mais intensas as saudações, o entusiasmo recrudescia. O padre Anselmo de Boaventura Rêgo, leu-lhe então uma mensagem que estava encerrada numa rica pasta de veludo. Seria meu desejo transcrevê-la na íntegra, tanto mais que está bem escrita. Mas isto vai já tam longo... Dela é o que vai lêr-se:

Excelentissimo e Reverendissimo
Senhor Reitor das Marinhas:

É com a mais viva satisfação que eu, em humilde, mas justa mensagem, e em nome dos bons e queridos paroquianos de V. Ex.ª venho apresentar os parabens mais sinceros, os cumprimentos de boas-vindas ao páraco amigo e dedicado, ao pai e pastor desta boa gente. São justas as nossas homenagens, excelentissimo senhor, porque vão dirigidas a uma vítima que com a maior honra acaba de saír triunfante de ódios os mais baixos, de perseguições as mais rancorosas e estúpidas.

. . . . . .

«Mas ainda bem que a justiça é o lema sagrado dos bons portuguêses: souberam sacudir infámias, restituindo á Liberdade, o que, pela Liberdade, teve sempre o maior culto.

. . . . . .

«Esqueça, pois, excelentissimo, senhor a turba suja de seus inimigos porque estão com o vosso triunfo reduzidos á inutilidade que mereceram, ao justo desprêso da gente de bem, que jámais quís comunhão de espécie alguma com monstros tão repelentes e tam ferinos.

. . . . . .

«Bem-vindo pois, excelentissimo senhor, a esta terra que vos pertence ...

. . . . . .

«Depondo nas vossas mãos esta humilde mensagem e dando vivas á Justiça e á Liberdade, tenho interpretado o sentir da mole imensa de amigos que vos festeja e cumprimenta.

«Viva a Justiça! Viva a Liberdade!»

Seguidamente usou da palavra Lima Castela, esse bom rapaz de cuja inteligência muito ha a esperar. Que disse êle? Mal o posso aqui dizer porque estava colocado por fórma tal que pouco pude ouvir. Sei apenas que o seu improviso foi admiravel, segundo mo afirmou pessôa que ouviu o seu discurso mais de perto.

O padre Giesteira agradeceu, comovido, ao povo a magnifica recepção que lhe fizeram; e aos oradôres as boas palavras que tiveram para êle.

Quando acabou de falar, Lima Castela ergueu uns «vivas» ao reitor das Marinhas, á Patria, República etc. que foram correspondidos por seis ou séte mil bôcas! Foi uma verdadeira apoteóse esta festa, o que fez dizer a um meu espirituoso amigo:

—Vale a pena um homem estar prêso quatro mêses para no fim ter uma manifestação destas!

Eu sorri tristemente:

—Oh! a prisão! Sabe lá você o qùe é estar prêso três ou quatro mêses?

Felizmente êle não sabia. Apenas calculava.

Sobretarde já, o pôvo debandou. Na residência ficaram ainda muitas dezenas de pessoas a quem o padre Giesteira ofereceu um magnifico jantar, ao qual eu não pude assistír.

Sei que houve grande entusiasmo, brindes, discursos. Alguns daquêles bons republicanos de Braga que

nos acompanharam nesta última prova, ficaram nas Marinhas; outros seguiram nos carros.

*

A titulo de documentação transcrevo do *Noticias do Norte,* semanário republicano radical de Braga o seguinte:

"O epilogo dum "complot,, imaginario

No preterito domingo terminou estrondosamente a farçada vergonhosa em que quizeram comprometter o padre Giesteira das Marinhas e os seus amigos.

Foi uma decepção para os auctores da tratantada e uma compensação para os accusados d'hontem, e que a justiça libertou. Fomos a Espozende mais para nos certificarmos da sympathia de que o padre Giesteira gosa do que por mero passeio.

De Barcellos onde estava o padre Giesteira sahiu uma grande fila de carruagens, cheias de amigos dedicados. Já alli tivemos ocasião de ver a sua grande influencia e prestigio.

Perto de Esposende, pela estrada fóra, grupos de homens e mulheres do campo aclamavam com delirio a passagem do cortejo, ouvindo-se prolongados vivas á Republica, cheios do mais ardente enthusiasmo.

A entrada de Esposende foi verdadeiramente imponente. Viam-se alli representadas todas as classes sem distincção, aclamando delirantemente Giesteira e seus amigos e companheiros do carcere, Justino Cruz e Affonso Costa, a Patria, a Justiça, a Liberdade e a Republica. Nuvens de flôres eram arremessadas das janellas, onde a fina elite d'Esposende assistia ao desfilar do cortejo.

A entrada porem nas Marinhas ultrapassou o que nós imaginavamos, podendo dizer-se afoitamente uma entrada triumphal. As aclamações rompiam unánimes, viam-se lagrimas de alegria. E não eram só mulheres e creanças, eram homens, novos e velhos, que saudavam com delirio o seu parocho, que soube sempre ser um espirito rasgadamente liberal, acima de todos os pre-

conceitos. Desde o limite da freguezia até á egreja parochial o enthusiasmo augmentou e, n'um crescendo magnifico, victoriava indistinctamente a Republica e Affonso Costa, Justino Cruz e Giesteira. D'uma varanda da sua residencia o padre Giesteira fallou ao povo, agradecendo commovido aquella consolação d'alma que o compensava das agruras do carcere. Alguns amigos da Republica, falaram então ao povo, organisando-se um verdadeiro comicio de propaganda das ideas democraticas.

Pode dizer-se que a Republica fez mais uma viagem triumphal onde colheu novos louros! Giesteira deve estar satisfeito, e não podemos deixar de o felicitar, ao mesmo tempo que contamos n'elle mais um dedicado amigo e propagandista da nossa querida Republica».

Esta notícia foi publicada no n.º 539, de 24 de novembro de 1912, e no n.º 538 de 17 do mesmo mês e ano, a propósito do julgamento tinha sido inserto o seguinte:

"TRIBUNAL MARCIAL

O COMPLOT DE ESPOSENDE

Terminou na ultima quarta-feira o julgamento dos snrs. padre Manuel Martins Ciesteira, Manuel Joaquim Boaventura, Francisco Rodrigues Alves, João Rego de Villas Boas Netto, Annibal de Villas Boas Netto, Eugenio Boaventura Rego e João Martins Domingues, que foram absolvidos.

Este caso foi sem duvida um dos que mais viva curiosidade despertou tanto em Espozende como n'esta cidade, vendo-se durante os dois dias que durou o celebre julgamento a vasta sala que serve de tribunal constantemente repleta de gente que ficou bellamente impressionada com o *veredictum* do honrado jury, Nós que assistimos com magua ao triste desenrolar d'umas vinganças mesquinhas que em pamphletos vieram á publicidade, devemos confessar que agora, após a decisão do tribunal, ficámos inteiramente convencidos que o pretendido *complot* não fôra mais que o resultado de torpezas politicas e pessoaes, fazendo inclausurar durante quatro mezes n'um presídio creaturas innocentes.

A Republica não se identifica com processos semilhantes, nem este glorioso regimen serve de capa para perseguições do theor d'esta que acabamos de apontar que só o envergonham e desprestigiam.

Os julgadores firmados na honra e consequentemente nos mais rigorosos principios da justiça absolveram os pretendidos conspiradores, mas não evitaram nem o poderiam fazer, que innocentes sofressem as agruras da prisão a que foram lançados por odios e vinganças invocadas no bom nome da Republica.

Os reus foram defendidos pelo joven advogado dr. Antonio Ferreira Pedras, que fazendo um bello discurso póde afoitamente dizer-se que teve uma estreia devéras auspiciosa.»

Do *Jornal de Noticias*, do Porto, com data de 14 de novembro:

«Como dissemos no nosso telegrama foram absolvidos no tribunal militar desta cidade, as vítimas duma odiosa perseguição politica, os fantasticos conspiradores de Esposende.

. . . . . .

Depois de aberto o tribunal, fez uso da palavra o honrado promotor que pouco disse sobre acusação porque a sua consciência de homem de bem estava plenamente convencido da inocencia dos acusados.

Em seguida falou o defensor, o distinto e talentoso advogado de Barcelos dr. Pedras que fez a sua estreia juridica nesta defeza, produzindo um longo e brilhante discurso. Demonstrou com documentos que o abade de Gemêses testemunha de acusação deste processo era uma testemunha falsa.

. . . . . .

«O distinto oficial major Mineiro, defensor oficioso de Francisco Queimado, em poucas, mas eloqùentes palavras fez a autópsia desse monstruoso processo movido pela autoridade administrativa de Esposende...

. . . . . .

«A opinião publica rejubilou com a absolvição dos pretensos conspiradores do fantastico «complot» de Esposende, e teceu rasgados elogios á rectidão e justiça do nosso tribunal militar.»

Alêm destes jornais, outros se referiram a este julgamento com palavras assás lisongeiras, especialisando a

Republica e o *Seculo*, de Lisboa; *O Primeiro de Janeiro*, do Porto; *O Barcelense* e *Folha da Manhã*, de Barcelos; os *Ecos do Minho* e *Comércio do Minho*, de Braga; *A Propaganda*, da Póvoa de Varzim etc.

O Esposendense no seu numero de 17 e no de 22 de novembro, sob os dísticos «Justiça! «Julgamento», «Imponente Manifestação ao Reitor das Marinhas» etc. faz larga reportagem do caso e transcreve de outros jornais as noticias que se referem ao julgamento.

Por causa dum artigo publicado na *Folha da Manhã*, de Barcelos, e no qual se diziam verdades como punhos, um rechonchudo bacharel, dos da última fornada, sobrinho daquêle republicano histórico, quase fóssil já, que é o sr. abade de Gemêses, escouceou desastradamente em nome do tio e agrediu á bengalada o vigoroso jornalista sr. Albino Leite, talvez por, no jornal que dirige, se ter escrito isto:

. . . . . .

«E o pseudo cónego abade de Gemêses, o pensionista único do concelho de Esposende, o delator, continúa a receber as migalhas da pensão e continúa (oh escarneo!) a ser ministro da Igreja sem que o Bispo o deponha, sem que a Igreja o esmague!! Este abade é o retrato que serviu a todos os pintores de *alminhas*, colocando-o em vida nos infernos pela delação, pela falsa denúncia... No tribunal militar de Braga foi êle o verdadeiro réu: êle e o sr. Fonseca Lima. Lá o disse o defensor oficioso: — «Nesse lôgar (referindo-se aos réus) deviam estar êles...» etc., etc.

("Folha da Manhã,, de 16 de novembro de 1912).

Foi talvez por causa disto, por exteriorisar as verdades que amargam que o sr. Albino Leite recebeu uma bengalada, quando passeava no jardim público,

lendo os jornais. Em Barcélos, toda a gente de bem estranhou o procedimento. Entanto Sancho Pança está no seu papel.

Ao sr. Albino Leite os meus agradecimentos pelas palavras amigas com que me distingue; e o meu protesto pela covarde agressão de que foi vítima.

C

24 de Dezembro.

Eu já tive ocasião de dizer que comnosco foram julgados em Braga os padres Carquejó e Joaquim Gaiolas—dois finórios que se tinham ausentado para ignotas regiões a fim de pouparem ao Estado duas célas barnabianas. Favores, que o Estado, o sempre ingrato, afinal, não agradece!

Padre Carquejó apareceu-me logo em Barcélos, quando eu vinha de Braga. Saía do barbeiro, de cortar o bîgode, do qual me dizia que tinha imensa pena. Estava-lhe tam bem! Mas o Gaiolas não apareceu, porque tinha ainda de responder com o padre Leite, da Apúlia, no Tribunal de Coimbra.

Pois os dois, o padre Leite e o padre Gaiolas responderam no dia 18 de dezembro e foram absolvidos. E eu, desejoso de conhecer a vida de aventuras que o fugitivo padre Gaiolas levou pelos esconderijos, procurei-o e intrevistei-o. Eis o que me contou hoje, véspe-

ra de consoada, ali em casa da sua família, a dois passos do meu «cardenho.» Comecei por perguntar-lhe o motivo da sua fuga:

—Porque fugiu?

—Por ter sido procurado por agentes da policia do Porto, que com certeza me prenderiam e fariam arrastar pelas prisões do Estado—desejo que eu não tinha nem por sombras.

Depois inquiri se tinha desconfianças de que ia ser perseguido.

Sim: êle declarou-me que tinha essas desconfianças, porque um exemplar zoológico que dá pelo nome de *carbonário Machado*, tinha manifestado um grande desejo de o prender.

Eu pedi-lhe que me contasse bem essa história toda. Êle falou-me assim:

—O padre Nogueira foi assaltado no dia 14 de julho, no fim da missa da luz, em Esposende, e assaltaram-no na suposição de que se defrontavam comigo. No dia seguinte, o abade de Gemêses intimava-me, por intermédio do padre Nogueira, para eu comparecer na administração do concelho. Devo aqui dizer-lhe que o abade afirmou ao padre Nogueira que um tal Luís Meréces é quem tinha reclamado a minha entrevista com o administrador. Compareci. Respondi ás perguntas que me fizeram e declarei que não tinha aspirações politicas, que não era republicano, que não conspirava, que nada sabia. Entretanto que investigassem porque eu assumiria a responsabilidade de todos os meus actos. Se alguma coisa houvesse, bastaria um cartão do administrador para eu me apresentar. Pedi que não mandasse ninguêm prender-me, porque não fugiria.

—Mas, meu velho, você fugiu; faltou portanto á sua palavra.

—Não faltei tal. Quem faltou á palavra foi o admi-

nistrador. Para que me mandou a polícia com o Celestino a casa?

—Ah! tambem o Celestino?...

— E' verdade. Eu estava para Vila Cova, e o homem das multas veiu lá procurar-me. Ah! —vou contar-lhe um caso interessante que então sucedeu. —Celestino fez-se acompanhar da Barca por um rapaz para o elucidar do caminho. Chegado a Vila Cova, correu toda a igreja, meteu o narís em todos os confessionários, cheirou os recantos mais esconsos do templo, sempre barafustando, sempre praguejando:

—«Então onde raio se meteu o padre Gaiolas?»

O rapazito que o acompanhava supoz que o pobre homem era um devoto que procurava na confissão conforto para algum pecadinho maroto, e por isso perguntou-lhe ingénuamente:

—«O sr. quere confessar-se? —Confessar-se? Êle queria lá saber disso? E, na suposição de que o rapaz estava a troçar dêle, teve ganas de o prender como... conspirador! Ah! o ladrão do rapaz! Por pouco escapou...

Depois padre Gaiolas narra que tinha consigo uma moeda de níquel de 100 reis e que foi com essa quantia que êle começou a vida secreta a que as leis o forçaram. Na noite dêsse dia em que o Celestino das multas o procurou pelos confessionários de Vila Cova, padre Gaiolas veio conferenciar com o abade de Gemêses e com o regedor. O abade aconselhava-o na sua qualidade de «excelente amigo» a que não fugisse. Era melhor estar prêso alguns dias, porque depois vinha a amnistia. Mas padre Gaiolas agradeceu-lhe muito o conselho; todavia achava preferivel passar alguns mêses no estrangeiro, gosando, do que sujeitar-se ás váias sujas, aos apupos estúpidos, e aos couces cavalares duma multidão de sargetários que havia por Lisboa e Porto

sempre pronta para escarrar na cara dos prêsos políticos, para lhes salpicar as roupas de escrementos ou para lhes assentar bengaladas nas costas ou caneladas nas pernas. Agradecia, pois, a sua reverência o bom conselho, mas seguiria pela esteira adversa. Depois disto um amigo ofereceu-lhe cama para essa noite. Teve de entrar por uma janela. No dia 22, já fornecido de dinheiro, foi procurar outro refúgio.

— Em 23, ás 2 da madrugada — diz êle — dei entrada na casa dum outro amigo. Para que me pudessem receber eu tinha que fazer uma senha, que consistia em acender fósforos em espaços alternados, do meio dum campo de milho. No dia 24 tive notícia de que fôra cercada a casa da Barca por uma força de marinheiros, que não me encontrando, desceram a ponto de enxovalharem as pessoas da casa. Isto depois de lá terem tomado café e aguardente, como se fosse em praça conquistada.

— Mas como conseguia o meu amigo essas notícias? Alguem sabia do seu paradeiro.

— Com certeza. Tracei cá um plano. Eu tinha escrito uma carta que a marinhagem apreendeu e da qual fez grande escarceu. Resolvi por isso não escrever e desorientar mesmo minha família do local exacto onde me encontrava. Durante cinco mêses mudei-me nove vezes de hospedagem. Pois em geral as pessoas da casa onde saía ficavam ignorando o meu novo paradeiro.

Depois vai contando que cozinhára para si e outros companheiros durante algum tempo; que num dia á noite soube que na freguesia onde se encontrava, estava tropa para fazer prisões; — que o esconderam num falso e o cobriram com batatas, como qualquer vianda em mêsa farta, e que os soldados andaram próximo da sua tóca. Teve de dormír vestido.

No dia seguinte, ás 10 horas, chovia a cântaros,

quando se viu obrigado a ir bater, longe, a outra porta amiga. Iam dois. Um terceiro companheiro, o padre Nilo, não os pôde acompanhar por ter adoecido. Pois se êle tinha passado um rio a vau, com a agua por debaixo dos braços!... Que o Nilo atravesse o deserto líbico, vá. Mas um rio português!... é forte.

Depois de 5 horas de caminho chegaram a seu destino mas completamente encharcados. Ha quatro dias que tinha por companheiro êsse outro fugitivo que disfarçava os seus trinta e tantos anos com umas barbas patriarcais. Este que se via obrigado a esconder a sua individualidade suponho eu que era tambem um padre e natural de Esposende. Enganarei-me? Creio que não.

Estavam pois os dois a gozar as primeiras horas de descanço quando a dona da casa os veio advertir, assustada, de que a casa se achava cercada! Cercada? oh! horrôr! Sairam duma para se meterem noutra? —Mas logo a patrôa os socegou:

—Calem-se: é por causa do contrabando; não entram cá.

Foi ali que leu os primeiros jornais e por êles teve conhecimento da prisão do Giesteira e do suicidio do Manuel Carvalho.

O seu companheiro de exilio retirou no dia 28, embrenhando-se na Galiza; e no dia 30 padre Gaiolas mudou para outro local. No dia 6 de agosto o dono da casa onde se hospedou foi advertido que o prenderiam. Chovia bem. Mas um e outro não tiveram remédio senão marchar. Foram para o monte, algo retirado e abrigaram-se das cordas de agua debaixo da copa dum sovereiro, em plena charneca.

Tiveram ali conhecimento de manhã que a tropa não tinha cercado a casa donde tinham fugido. Mas padre Gaiolas julgou prudente não voltar para lá. Depois

de 3 horas de jornada, chegou, finalmente, a um paradeiro onde se julgou a salvo de todos os perigos.

—«Aqui me conservei 38 dias—diz êle—já podia ler jornais (com dois ou tres dias de atraso), e podia passear o meu bocado, de noite, pela calada. Escrevi ao abade de Gemêses uma longa carta...

—E êle respondeu-lhe?

—Não. Creio mesmo que a não recebeu. Entanto eu soube que sua reverência andava por cá a dizer, que eu o desejava matar para lhe ficar a paroquiar a freguesia e que só eu tinha sido o causador da gréve que o clero tinha feito contra êle. Enfim o homem com estas e muitas outras calúnias estava no seu papel de auxiliar dos seus correligionários de momento.

—Nunca falou com pessoa alguma cá do concelho?

—Não. Mas tive o «prazer» de ver o administrador Fonseca Lima. Vi tambem umas pessoas de Palmeira. O tal *carbonário* Machado chegou a estar numa freguesia onde eu me exilava. Olha se o finório soubesse! No dia 18 de setembro mudei para outro local depois de me terem comunicado que o tal alferes Oliveira me processava por eu «ter fugido»! Um deputado que se interessava por mim e que é homem de bom senso quando tal lhe disseram, exclamou: «Então fugir tambem é crime? No dia 6 de outubro levantei novo vôo. A viagem foi cheia de peripécias: molhei-me, perdi o caminho, atravessei campos de milho onde a cheia tinha minado o sólo, enterrei-me no lôdo até aos joelhos. Em 8 e 9 estive muito doente. Não me faltavam os carinhos das pessoas com quem convivia; tive mesmo a grata ilusão de que me cercavam estremosas pessoas de família. Então chorei. Eu era o inocente perseguido, o errante caminheiro sem destino e privado de família! Que triste vida a minha! A's pessoas da casa, no meio dum romântico desfalecimento fui dizendo

que se acaso eu morresse me atirassem para o monturo como acontece em geral aos párias sociais que, como eu, se viam desprotegidos pelas leis, e perseguidos pelos que tinham o poder. Afinal o *homo homini lupus* prevalece sempre.

Depois fala-me do panfleto que escrevemos em Braga, de como teve conhecimento dêle pelo *Jornal de Notícias* e maneira porque o conseguiu ler no dia 18 de outubro, bem como o primeiro numero da *Rotandade*.

Em 19 mudou outra vez de residência para passar procuração ao dr. Pedras e para celebrar a sua primeira missa, no exílio, em 20.

—Já então me cobria a cara uma forte e espessa barba preta que me desfigurava por completo—disse—razão porque me não reconheceriam facilmente. Nesta noite de 19 de outubro encontrei um gatuno que fugia com um saco de espigas. Eu por minha vez fugi tambem! Nada mais natural que o larápio pousar o saco, pôr-me a mão no ombro e dizer-me:—«Acompanhe-me amigo! Eu sou um cidadão que pertenço ao Grupo e desejo expurgar esta terra de conspiradores!» Com receio disso eu fugi. Mesmo porque actualmente os gatunos são bem mais protegidos pelas leis do que um homem que tem a ombridade de ter uma só fé e um só parecer.

Logo a seguir narra como teve conhecimento, no dia 14 de novembro, do resultado do julgamento. Ficou contentissimo! Se não quando lhe comunicaram que tinha de responder em Coimbra com o padre Leite. Que desconsôlo! E' sempre assim: quando a gente supõe que vai gosar uma longa época de prosperidades, vem de lá um contratempo que deita por terra tudo.

—De forma que tive de continuar enjaulado mais algum tempo...

—Engaiolado... Gaiolas, dentro de gaiola... Diga assim.

Em 30 de novembro soube êle que o dr. F. Lima tinha deposto como testemunha de defeza do padre Leite.

—Defeza: fiz eu espantado. Então êle é homem de defender alguêm?

—Sim: defendeu o padre Leite, mas com o único interesse de me condenar a mím. Já se vê que só assim êle iria defender «conspiradores.» Diz que «sabia ser eu um verdadeiro conspirador, reaccionário» etc., etc.

E padre Gaiolas deu-me a ler o depoimento dêle que trazia na carteira. Vi-o. Esvurmava ódio de palavra a palavra. Perguntei ao meu entrevistado:

—Se este homem sabia isto a seu respeito porque não o comunicou para o Tribunal Marcial de Braga?

—Naturalmente por temer que lá lhe não dessem crédito.

Depois falou-me ainda do abade de Gemêses, dum Luís Meréces, cacique regenerador como o abade de Gemêses ha tres anos e ambos republicanos pre-históricos agora, como sendo os seus delatores. Quís depois saber qual a atitude do abade de Gemêses para com êle.

—Em 20 de dezembro, quando cheguei, escrevi-lhe um cartão a dar-lhe parte do meu regresso...

—Isso foi excesso de delicadeza! Todos os excessos são prejudiciais. Eu, em seu logar, mandava-o á fava.

Mas padre Gaiolas respondeu que gostava de regrar o seu procedimento pelos princípios da boa educação e tambem:

—«Para não nos confundirmos com êles, homem!

Eis o que foi a vida deste perseguido. Uma especie de Ahasvero moderno, viajando ao acaso em obediência á vontade de régulos ferozes.

CI

Maio de 1913.

Vai ser entregue aos prélos este livro. Varias causas tem concorrido para que êle, desde ha muito não circulasse já por esse mundo fóra. Uma delas — a principal — foi a grande demora que teve numa oficina tipográfica. As outras... Mas para quê explicações? Vamos ao que importa.

Este capítulo escrito cinco mêses depois do meu regresso a casa é uma espécie de *balanço moral.*

Balanço? Sim: um balanço de liquidação final.

Em fins de julho e princípios de agosto, havia aqui uma malta de perseguidores, uma especie de hidra bicéfala cuja primeira cabêça era o administrador e a segunda o seu dedicado Duarte, de quem, feitas as contas, aquele era instrumento.

E circundando a hidra, como partes componentes do monstro, havia mais:

O secretário de finanças; o Celestino, dos impos-

tos; o carpinteiro Magalhães; o regedor Mano; o Delegado de Marinha; o advogado Mota; e poucos mais.

Segundo a profecía do Gato braguês esta corja tem por destino desaparecer sem deixar grandes vestígios, — «Êles terão o destino que leva o fumo» — disséra-o o filósofo.

Pois bem: assim vai acontecendo.

O Celestino, o terror dos pobres contribuintes, o homem cuja negra missão era multar, multar, muitar... foi daqui transferido nem sei bem se para Braga, se para as Caldeiras de Pêro Botelho... — O patibular Duarte, o braço direito do administrador, fugiu em princípios de janeiro para o Brasil e é lá servente de pedreiro. — O carpinteiro Magalhães, o único conspirador que aqui havia, o alcoólico incorregivel, desde janeiro que se achava prêso na cadeia desta vila acusado do roubo de galinhas e ter tentado coutra a vida da roubada. (Vid. pag. 313 dêste livro e Cf. pag. 13 do *Pro domo mea*, do sr. Fonseca Lima). Por isso respondeu e foi condenado a seis mêses de prisão. Tempos depois, de dentro das grades da cadeia, agrediu com um martélo um colega seu que passava, sendo de novo julgado e condenado. Fugiu no dia seguinte, conjuntamente com outros, depois de arrombar a cadeia. Anda a monte.

O delegado de Marinha foi mandado recolher a Lisboa. Pessoalmente eu não tenho razões de queixa contra o sr. Guilherme Augusto Pereira. Êle era até meu amigo e consta-me que viu com maus olhos o caso da minha prisão. Quando o sr. capitão Pádua esteve em Esposende a fazer a sindicância dos actos do alferes Oliveira, êle disse de mim, em resposta aos quesitos «que era um sincero democrata e que sabia perfeitamente que eu não estava comprometido em

coisa alguma.» Entanto acusou Giesteira ao qual tinha assaltado a casa três dias depois da incursão (1).

O secretário de finanças acaba de ser acusado em juízo de falsificador de vinhos! E o comerciante de Esposende, sr. José da Costa Terra, desde janeiro para cá tem publicado seis violentos panfletos cheios de duras palavras que suponho serem muito justas. Este funcionário é acusado de graves irregularidades. Entre outras, é acusado de negociar em azeites e vinhos, géneros estes que não pagavam direitos, sofrendo com isso o cofre do Estado.

Quem o denunciou como fabricante de mixórdia vinária, foram os auxiliares, creadas e jornaleiros. Garantiram êles que o homem mandava encher dornas e pipas de água; depois a sós, ou com o Celestino, seu cúmplice diluia nessa água uns pós brancos, macerava baga de sabugueiro, e quem sabe se anilina ou outros produtos químicos de efeitos perniciosos. De noite, esse «vinho», era levado para as tabernas por caminhos escusos afim de nem a fazenda nacional «nem os seus funcionários» terem conhecimento da candongagem.

---

(1) Giesteira processou-o ha tempos e o promotor de justiça do Tribunal de Marinha «não encontrando base jurídica para procedimento criminal... foi de opinião que se arquivasse o processo». *O Mundo* ao dar notícia disto disse «que êste processo ao delegado de marinha era movido pelo padre reaccionário Manuel M. Giesteira e seus companheiros alguns dos quais eram funcionários do Estado. Giesteira respondeu a isto com um panfleto que tomou o mesmo título que encimava a notícia do *Mundo* — *Um acto de Justiça!* Está muito bem escrito.

Nessas 12 páginas o reitor das Marinhas historía o caso e termina por perguntar se em vista do que expõe «não haveria base jurídica para proceder.»

Lamento não poder transcrever aqui alguns periodos. Mas isto é tam extenso já!...

Seis ou oito dêsses jornaleiros firmaram, num notário público, um «documento de verdade» garantindo isto! Quase todos os diários de Lisboa e Porto e sobre tudo o «Esposendense» trataram dêste caso. Há uma queixa em juizo contra o fraudulento Eugénio Ferreira.

Do regedor Mano direi que, este ano, na festa da pascoa, nas Marinhas, tentou provocar um conflito afim de conseguir lá uns certos fins que êle sabia. O digno Delegado do Procurador da República tomou conta do ocorrido e acusou o célebre regedor em juízo não só pela causa apontada como por ofensas á moral pública (1).

O Neves, presidente da commissão paroquial das Marinhas, teve de emigar para o Brasil auferir meios de subsistência. E dizem-me que o advogado Mota tenciona tambêm regressar á sua pátria, um pouco descontente com os seus amigos de ontem.

Resta um, o maior culpado, a cabeça magna da hidra, o administrador Fonseca Lima. Este, como o pôlvo, agarra-se ainda á rocha da administração, que continúa pingando. E todo o seu desejo seria açambarcar em proveito próprio todos os poderes: dar sentenças no tribunal, aplicar multas na fazenda, dar ordens na alfândega, etc., etc. Um sindicato de poderes que o fizesse senhôr de todas as coisas! E, em parte, quem sabe? Talvez haja muita coisa no escuro...

---

(1) *O Esposendense*, de 17 de julho, do corrente ano diz o seguinte a propósito deste caso. — «O meretissimo juiz de direito porem, tomando em consideração a eloquência dos factos e a *sucessão de crimes*, condenou o célebre regedor em um mês de cadeia e quatro de multa. A sentença foi bem recebida e aplaudida por toda a gente sensata de Esposende onde o réu é sobejamente conhecido por sua triste nomeada.»

Mas se os outros vão levando descaminho, natural é que o maior responsável sofra tambem maior castigo. Eu podia desejar-lhe uma temporada no Presídio como a que êle me conseguiu para mim. Mas não sou tam mau como isso. Peço apenas justiça para os que foram injustos.

FIM

NOTA

Os leitores devem ter ouvido falar duns sujeitos chamados tipógrafos, cuja missão é compôr o que a gente escreve. Ora sucede que alguns quando compõem palavras, descompõem o sentido. E assim, sucedeu que na pag. 158, em vez de *dispneias* compuzeram *dispepsias!...* Fizeram-me tantas por êsse livro fóra que eu nem me atrevo a apontal-as ao leitor.

Deligenciei escrevêr êste livro a rigôr em harmonía com a nova refórma ortográfica. Os srs. tipógrafos não consentiram! Peço benevolência para todos os culpádos.